



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

ANAIS DO I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

Organização

Victor Hugo Nedel Oliveira

Clarice Cassab

Mário Pires Simão

Nécio Turra Neto

Jorge Luiz Barbosa

2024





I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ANAIS DO I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

Organização

Victor Hugo Nedel Oliveira

Clarice Cassab

Mário Pires Simão

Nécio Turra Neto

Jorge Luiz Barbosa

2024





I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O48anais Oliveira, Victor Hugo Nedel et al (orgs.)

Anais do I Seminário Brasileiro de Pesquisa com Juventudes na Geografia / Victor Hugo Nedel Oliveira et al (orgs.). – Porto Alegre, RS: GEPJUVE, 2024.

236 f.

ISBN – 978-65-01-04404-0

1. Juventudes. 2. Geografia. 3. Anais. 4. Seminário. 5. Gepjuve
I. Oliveira, Victor Hugo Nedel et al (orgs.). II. Anais do I Seminário Brasileiro de Pesquisa com Juventudes na Geografia

UFRGS

CDU: 911.3

CDD: 900



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ÍNDICE

SOBRE O EVENTO.....	7
TRABALHOS APRESENTADOS – RESUMOS EXPANDIDOS	
1. A BATALHA DO TANQUE COMO FERRAMENTA PARA MUDANÇA DE VIDA E RECONHECIMENTO DOS JOVENS PERIFÉRICOS COMO SUJEITOS POLÍTICOS EM SÃO GONÇALO/RJ.....	10
2. A CIDADE EM PERSPECTIVA DO MOVIMENTO: A BATALHA DO VALE E OS TERRITÓRIOS DE HIP HOP.....	15
3. A DIMENSÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR NA REALIDADE DAS JUVENTUDES: A PERSPECTIVA DE UMA PESQUISADORA DA GEOGRAFIA.....	24
4. A JUVENTUDE OCUPA A CIDADE: O “ESPAÇO HIP HOP” E A PRODUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS PARA A CIDADE.....	31
5. A POLÍTICA DE COTAS TAMBÉM COMO DIREITO À JUVENTUDE: O DEBATE REALIZADO COM DISCENTES DA REDE PÚBLICA DE JUIZ DE FORA – MG.....	39
6. AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ PARA OS ESTUDOS DAS JUVENTUDES NA GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA DE PESQUISA.....	47
7. AS JUVENTUDES E OS SABERES GEOGRÁFICOS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA.....	57
8. AS PRAÇAS COMO ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA PARA OS JOVENS NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PB.....	65
9. BH É QUEM? BH É NÓIS – TERRITORIALIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO DAS ÁREAS CENTRAIS DE BELO HORIZONTE PELOS MALADOS DO FUNK.....	73
10. CONSTRUINDO CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES NEGRAS NA GRADUAÇÃO.....	80
11. CULTURAS JUVENIS E CIBERESPAÇO: UMA PROPOSTA PARA ESTUDAR OS MASSACRES ESCOLARES.....	86



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

12. DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA MEDIAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESTUDO EM SÃO GONÇALO/RJ.....	91
13. DESCORTINADO O PERFIL DAS JUVENTUDES NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO.....	98
14. DIÁLOGOS INTERCULTURALES SOBRE JUVENTUD Y MIGRACIÓN EN EL CONTEXTO EDUCATIVO DE SANTIAGO – CHILE.....	107
15. DINÂMICA DA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA.....	114
16. GEO(GRAFIAS) DA JUVENTUDE EM FORMOSA-GO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS.....	123
17. GEOGRAFIA DAS JUVENTUDES E IDENTIDADES INTERSECCIONAIS.....	129
18. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE EM ARTIGOS CIENTÍFICOS.....	140
19. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: ESTADO DA ARTE DE TRABALHOS NOS ENCONTROS NACIONAIS DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS (ENG).....	148
20. GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA NA PRIMEIRA TURMA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.....	155
21. INVENTÁRIO DOS GRAFITES: UMA PROPOSTA PARA O RECONHECIMENTO DAS GRAFIAS DAS JUVENTUDES EM JUIZ DE FORA – MG.....	164
22. JOVENS ESTUDANTES E O MUNDO DO TRABALHO: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS PARA A ESCOLARIZAÇÃO.....	173
23. JUVENTUDE E MODO DE VIDA NO CONTEXTO DO PEA PESCARTE.....	181
24. JUVENTUDES E UNIVERSIDADE: CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL.....	186
25. JUVENTUDES EM CIDADES PEQUENAS: PANORAMA DAS PESQUISAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PRODUZIDAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NO BRASIL..	196
26. JUVENTUDES VIAMONENSES: DEAMBULAÇÃO SOCIOLÓGICO-GEOGRÁFICA NA PRAÇA CENTRAL DA CIDADE DE VIAMÃO (RS).....	204
27. OS JOVENS, A POESIA E A CIDADE: UM DIA DE SLAM EM JUIZ DE FORA – MG.....	210



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

28. PRÁTICAS ESPACIAIS DE LAZER DE JOVENS NO BAIRRO NAVEGANTES:
UMA ANÁLISE QUALITATIVA NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE – RS.....219
29. REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O PROGRAMA JOVEM
APRENDIZ.....227



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

SOBRE O EVENTO

O I Seminário de Pesquisa com Juventudes na Geografia foi realizado integralmente de modo remoto, entre os dias 21 e 23 de maio de 2024.

O evento surgiu como desdobramento das reflexões e diálogos promovidos no âmbito do GT “Juventudes em suas Espacialidades: Diferenças, Diversidades e Desigualdades”, previamente constituído e que ativamente participou das duas edições anteriores do Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (2021 e 2023), consolidando-se como um espaço propício para aprofundar as análises acerca das trajetórias juvenis e das complexas espacialidades contemporâneas.

A intenção do Seminário foi promover debate sobre as trajetórias juvenis e espacialidades contemporâneas, refletindo o compromisso contínuo em compreender as experiências e desafios enfrentados pelas juventudes, bem como em explorar as dinâmicas espaciais que permeiam suas vidas. Ao ultrapassar fronteiras e construir conexões nas Geografias das Juventudes, se traduziu a intenção de promover um evento que ultrapasse barreiras, estimulasse a troca de conhecimentos e propiciasse a construção coletiva de saberes, consolidando-se como um espaço de referência para as discussões sobre Juventudes e Geografia no contexto brasileiro.

GRUPOS QUE PROMOVERAM O EVENTO

- GEPJUVE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação (UFRGS)
- NuGea - Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (UFJF)
- Grupos de Pesquisas Ensino de Geografia e Formação Docente (UERJ)
- GeoJuves – Geografias das Juventudes (UNESP)
- GECEL – Laboratório de Estudos de Cidade, Espaço e Lugar (UFF)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

COMISSÃO COORDENADORA, CIENTÍFICA E ORGANIZADORA DO EVENTO

Prof. Dr. Victor Nedel – UFRGS

Profa. Dra. Clarice Cassab – UFJF

Prof. Dr. Mário Pires Simão - UERJ

Prof. Dr. Nécio Turra Neto – UNESP

Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa – UFF

REGISTRO DO EVENTO

O I Seminário Brasileiro de Pesquisa com Juventudes na Geografia foi registrado junto à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROREXT – UFRGS) por meio do número 53066.

SITE DO EVENTO

O site do I Seminário Brasileiro de Pesquisa com Juventudes na Geografia foi: <https://www2.ufjf.br/nugea/eventos/i-sbpjg/>

SUBMISSÃO DE RESUMOS EXPANDIDOS

Estudantes de graduação e pós-graduação em Geografia puderam encaminhar resumos expandidos de suas pesquisas para apresentações nos GTs. Os resumos expandidos que foram aprovados e apresentados no evento encontram-se nesses anais.

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

21/05/2024 (terça-feira, das 19h às 21h): Mesa de Abertura

Título: Desafios e Caminhos da pesquisa com Juventudes na Geografia

Painelistas:

- Prof. Dr. Mário Pires Simão - UERJ

- Prof. Dr. Victor Nedel – UFRGS

- Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa – UFF

Mediação: Gabriela Borba Bispo dos Santos (Mestranda em Geografia/UFRGS)

Link para acesso no YouTube: <https://www.youtube.com/live/IqztbseulpQ?feature=shared>



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

22/05/2024 (quarta-feira das 14h às 17h): realização dos Grupos de Trabalho (GTs).

Foram realizados 5 grupos de trabalho, coordenados pelos seguintes professores: Prof. Dr. Victor Nedel; Profa. Dra. Clarice Cassab; Prof. Dr. Mário Pires Simão; Prof. Dr. Nécio Turra Neto e Prof. Dr. Jorge Luiz Barbosa.

23/05/2024 (quinta-feira, das 19h às 21h): Mesa de Encerramento

Título: Pesquisar Juventudes na Geografia: sujeitos, espaços e culturas

Painelistas:

- Profa. Dra. Clarice Cassab – UFJF
- Prof. Dr. Nécio Turra Neto – UNESP

Mediação: Célio José dos Santos (Professor do IFBAIANO)

Link para acesso no YouTube: https://www.youtube.com/live/Vi_LKEXhfOo?feature=shared



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A BATALHA DO TANQUE COMO FERRAMENTA PARA MUDANÇA DE VIDA E RECONHECIMENTO DOS JOVENS PERIFÉRICOS COMO SUJEITOS POLÍTICOS EM SÃO GONÇALO/ RJ

Luiz Eduardo de Oliveira Cardoso
Graduando no curso de Licenciatura em Geografia- UERJ/FFP
luizeduardo_2012@hotmail.com

Maria Eduarda Gomes
Graduanda no curso de Licenciatura em Geografia- UERJ/FFP
maryduda.meg@gmail.com

Resumo:

Este trabalho é parte da pesquisa intitulada “Cidade, escola e juventudes: espacialidades tecidas em territórios periféricos”, tem como recorte um processo de observação participante ao evento denominado Batalha do Tanque, que ocorre semanalmente na praça situada em frente a UERJ/FFP. Trata-se de uma proposta realizada no âmbito do Programa Prodocência da UERJ, uma iniciativa que visa fortalecer os vínculos acadêmicos-profissionais para os estudantes da graduação. No escopo da pesquisa temos formação teórica e metodológica com os temas relevantes que envolvem seu objeto principal, a articulação da rede e o levantamento em si para mapeamento das práticas. Neste trabalho específico apresentamos elementos que emergiram do processo de observação e de entrevistas com os jovens que frequentam batalhas de rima, com os MC’s e a organização, tendo como recorte o evento anteriormente mencionado. Diante dessa vivência, percebemos elementos como: a locomoção desses jovens até o local, marginalização do movimento, presença majoritária de homens e uma batalha baseada em informação e cultura, longe de ser de “sangue” como é conhecida.

Palavras-chave: batalha, cultura, juventude e MC’s

Introdução

A Batalha do Tanque é uma batalha de rima que ocorre semanalmente na Praça dos Ex-Combatentes, localizada no bairro do Patronato, no município de São Gonçalo/RJ. Há 11 anos a praça se transforma num espaço onde prolifera cultura, arte e militância a partir do movimento do hip- hop. Diversos MCs ganharam visibilidade a partir deste evento. Podemos pensar na Batalha como um palco para novos protagonistas ao observar como artistas emergentes, como Orochi e outros, ganham visibilidade e reconhecimento por meio de suas performances na batalha. Esses artistas estão redefinindo o espaço e construindo novas narrativas que refletem suas experiências e perspectivas.

A batalha se constitui num movimento cultural, que por 10 anos não teve nenhum apoio financeiro externo, sendo mobilizado por jovens artistas. Porém, ao final de 2023, a Main Sreet, produtora do MC Orochi, se tornou a principal patrocinadora da batalha,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

possibilitando estrutura e cachê para os participantes, o que fez com algumas dinâmicas se modificassem.

Convém destacar que o evento acontece em território que originalmente é utilizado para homenagear militares que participaram da segunda guerra mundial, a denominada Pç. dos Ex-Combatentes. Esse local mostra como os espaços podem evoluir ao longo do tempo e adquirir novos significados para a comunidade. A Praça dos Ex-Combatentes quando se transforma em um palco para a cultura hip hop demonstra a resiliência e a adaptabilidade da cultura urbana. Essa mudança nos atores reflete uma redefinição do espaço público, onde diferentes grupos - mesmo que díspares - e expressões culturais podem coexistir e se manifestar.

Objetivo

Essa pesquisa tem como objetivo mapear práticas socioculturais dos jovens periféricos da cidade de São Gonçalo a fim de dar visibilidade a narrativas e a espacialidades tecidas por estes sujeitos em seus contextos e condições de vida e suas atuações no espaço urbano. Além de examinar as percepções, experiências e significados atribuídos ao espaço onde as batalhas ocorrem, bem como como esses espaços são apropriados e transformados pelos participantes da cena do rap.

Metodologia

O trabalho está organizado em duas frentes, isto é, a formação nos eixos centrais do projeto, com reuniões quinzenais para discutir textos pré-selecionados que versam sobre cidade, escola e juventudes; paralelamente, os bolsistas desenvolvem o levantamento de práticas, através de observação participante no evento e questionários respondidos pelos participantes, organização e Mc's.

O ponto de partida da pesquisa foram alguns questionamentos ao longo desses quase dois anos vivenciando o tanque, como: Por onde nossos jovens circulam? Como chegam nos locais que se divertem? Como se locomovem: carro, ônibus ou andando? Quais opções de lazer possuem?



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A partir desses questionamentos, focamos nossos olhares na batalha do Tanque onde percebemos diversos recortes, como a segregação socioespacial e a periferização.

Desenvolvimento

São Gonçalo, como muitas outras cidades brasileiras, é caracterizada por uma forte segregação socioespacial. Localizada no leste da região metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade é uma expressão das contradições da produção do urbano brasileiro. Assim como aponta Carlos (2015), as metrópoles tornam visíveis usos e formas de apropriação do espaço sob a lógica do capital, que desequilibra a dialética do valor de uso/valor de troca em benefício do segundo. O resultado desta equação é que o déficit de investimentos públicos e privados transforma a cidade numa experiência desigual. Enquanto algumas áreas mais centrais são valorizadas e ocupadas pelo grupos de maior poder aquisitivo, outras recebem menos investimentos, para onde se dirigem os mais pobres. Essa segregação cria disparidades sociais, econômicas e de infraestrutura que contribuem para a marginalização de certos grupos da população.

Com isso, a Batalha do Tanque ocorre neste contexto de periferização e toma este conteúdo como repertório para sua existência. Os relatos colhidos demonstram que seus frequentadores são residentes das áreas marginalizadas de São Gonçalo, enfrentam condições precárias de vida, incluindo falta de infraestrutura básica, serviços públicos inadequados e altos índices de violência. Essa periferização é resultado de políticas habitacionais desiguais, falta de investimento em áreas periféricas e exclusão social.

Este contexto de disparidades que emerge nas batalhas são formas de afirmação de direitos acionadas pelos jovens mc's e pelos demais frequentadores. Muito embora a desigualdade esteja latente, observa-se que através da relação entre ocupação do território e de práticas culturais, os jovens experimentam modos de fazer, organizar e experimentar a cidade que contribui para superar as distâncias físicas e simbólicas que os afetam. (BARBOSA, 2020).

A Batalha do Tanque, portanto, representa um momento crucial na história de São Gonçalo, onde as questões de segregação socioespacial e periferização foram trazidas à tona de maneira dramática. Esse evento desencadeou um movimento de resistência e mobilização



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

social que demonstrou a capacidade das comunidades marginalizadas de se unirem em busca de mudanças significativas. Desde então, ativistas e movimentos sociais têm trabalhado incansavelmente para combater as injustiças estruturais que perpetuam a desigualdade e a exclusão em São Gonçalo e em todo o Brasil.

O público da batalha é majoritariamente formado por pretos e pardos, de origem periférica, característica semelhante aos dos MCs. A partir da vivência, pode-se constatar que a idade média do público fica entre 15 a 20 anos. Ao denunciar as condições de vida desses sujeitos, esse movimento cultural auxilia a difundir uma “consciência periférica” e sentimento de pertencimento desses jovens dentro de um contexto de marginalização e “periferização”

No atual cenário, após investimento e obtenção de estrutura como: palco, microfone sem fio, luzes, caixas de som de qualidade, tenda para os dias de chuva, área reservada para os MCs (e seus convidados, com bebidas e alimentos), remuneração para os MCs e para o campeão, possibilitou a presença de MC's de fora da cidade ou até de fora do Estado e também um público que não acompanhava as batalhas, como pais com seus filhos e mais mulheres, o que antes era muito reduzido devido à falta de estrutura.

Considerações finais

Considerando a dinâmica cultural urbana, o movimento hip hop e suas extensões, como a batalha do tanque, emergem como manifestações culturais vivas, assim como os jovens que a protagonizam. Nesse contexto, a presente pesquisa, ainda em curso, se vê frente a um horizonte aberto de investigações, a frente de uma diversidade de possibilidades. Os conceitos selecionados delineiam um caminho que reitera a relevância e o valor dessas manifestações para o contexto urbano de São Gonçalo

Referências bibliográficas

BARBOSA, J. L. *Territorialidades em redes digitais de culturas globais: juventudes de favelas e periferias em suas estéticas de atitude*. Revista Ar@cne, núm. 239, febrero de 2020

CARLOS, A.F.A. *Crise Urbana*. São Paulo: Contexto, 2015)

CORREA, Roberto Lobato. *A periferia urbana*. Pós-Graduação em Geografia da UFRJ e Pesquisador da F.I.B.G.E. GEOSUL - NP 2 - 2P, ser. 1986.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

D'ANDREA, Tiaraju. *Dossiê Subjetividades periféricas: contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.25091/S01013300202000010005>.

DE ASSIS Paula, Flavia Maria; CAVALCANTI, Lana de Souza; PIRES, Lucineide Mendes (organizadoras). *Os jovens e suas espacialidades*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

SOUZA E SILVA, Jailson; BARBOSA, Jorge Luiz; SIMÃO, Mário Pires. *A favela reinventa a cidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula: EdUniperiferias, 2020.

BARBOSA, J. L. *Dominação e apropriação na luta por um espaço Urbano* (Capítulo 9)

CASSAB Clarice, *Os jovens e suas espacialidades*. (Capítulo 2)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A CIDADE EM PERSPECTIVA DO MOVIMENTO: A BATALHA DO VALE E OS TERRITÓRIOS DE HIP HOP.

Bruno Fantin Salvi

Doutorando na Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente

bruno.salvi@unesp.br

Resumo

O presente resumo faz um panorama do trabalho de doutorado que se encontra em andamento, cujo objetivo principal é identificar meio as práticas espaciais das juventudes periféricas da cidade como acontecem as articulações e conexões entre os territórios e/ou “territórios-rede” do Hip Hop. Consideramos que as juventudes ao se apropriarem e ressignificarem espaços urbanos a partir da territorialização da Cultura Hip Hop estão articulando e produzindo novas escalas pautadas no protagonismo juvenil. Portanto buscaremos identificar meio a vivência junto aos coletivos juvenis, especialmente a Batalha do Vale, como acontecem as conexões entre diferentes territórios organizados a partir de valores da cultura Hip Hop e como estes territórios se inserem na escala da vida urbana. Para isso, será adotada a metodologia da observação participante, somadas à proposta de pesquisa em colaboração, na qual o pesquisador participará ativamente da manutenção dos coletivos juvenis de Hip Hop, produzindo dados e identificando fenômenos em parceria com membros dos coletivos, dividindo inquietações, as questões problema, bem como a interpretação dos resultados. Além disso, será necessário um diálogo formal com artistas que compõem as manifestações territoriais dos coletivos. Ao longo de todo a investigação, mas especialmente ao final, sintetizaremos os resultados de pesquisa e os discutiremos com os jovens sujeitos de pesquisa e construiremos coletivamente uma devolutiva e mídias de divulgação dos resultados, como fanzines, documentários e livros.

Palavras-chave: Geografia em Movimento; Juventudes; Hip Hop.

Introdução

O resumo que segue apresenta a ideia e um pouco sobre o andamento de pesquisa de doutorado a respeito das culturas juvenis, especialmente do Hip Hop¹, na qual buscamos através da atuação do Coletivo Batalha do Vale², analisar a maneira como as juventudes se

¹ Formada por jovens negros dos guetos de Nova York na década de 1970, o Hip Hop é uma cultura composta por quatro elementos artísticos: O Break (dança), o Mc (cantor), o Dj (discotecagem) e o Grafite (artes plásticas), além de seu quinto elemento e que estrutura todos os demais: o conhecimento (PIMENTEL, 1997).

² A Batalha do Vale é um coletivo cultural independente que desde 2015 realiza ações culturais em espaços públicos de Presidente Prudente – SP e também em cidades menores da região. Sua principal atuação é através da batalha de mcs que ocorre semanalmente na Praça do Vale, sendo este espaço o território afirmado e acionado pelo coletivo através dos valores pedagógicos e políticos do Hip Hop através dos anos de apropriação. (SALVI, 2023).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

territorializam pelo espaço urbano para promoverem ações que afirmem suas identidades culturais. Para isso adotamos a perspectiva da pesquisa em colaboração (RAPPAPORT, 2007) e da investigação militante (BARTHOLL, 2018), na qual é realizado um constante diálogo com os membros do coletivo estudado a respeito dos próprios procedimentos da pesquisa. Destacamos também que as motivações e inquietações para a pesquisa de doutorado dão continuidade aos trabalhos de monografia (SALVI, 2019) e de mestrado (SALVI, 2023) do pesquisador, na qual foi construída uma relação de colaboração mútua.

Neste contexto o nosso objetivo principal de pesquisa é identificar meio as práticas espaciais das juventudes periféricas da cidade como acontecem conexões entre os territórios e/ou “territórios-rede” (HAESBAERT, 2004) do Hip Hop e como são articuladas, superadas e produzidas as diferentes escalas nas vidas dos sujeitos que estão envolvidos neste processo. Por se tratar de uma proposta de pesquisa em colaboração, com base na experiência realizada em pesquisa de mestrado (SALVI, 2023) cuja inquietações estão refletivas agora no doutorado, buscamos delimitar recortes de pesquisa que, neste projeto, são jovens periféricos ligados a cultura Hip Hop de Presidente Prudente, especialmente com o Batalha do Vale, mas que não são consideramos objetos de estudo, justamente pela proposta de “pesquisa militante” (BARTHOLL, 2018) colocar os sujeitos estudados ativamente no processo de pesquisa.

Sendo assim esta pesquisa se trata de um estudo geográfico a respeito das juventudes. Segundo Helena Abramo (1997) as abordagens teóricas a respeito do tema nas ciências sociais, especialmente a Antropologia e Sociologia, ao longo do século XX orbitaram sobre temáticas ligadas ao desvio dos jovens do “caminho correto”, como criminalidade, tráfico de drogas, gangues, desemprego, analfabetismo, entre outras temáticas que em geral, foram formulando no imaginário social e acadêmico, um perfil de jovem a ser seguido, sendo abordados marginalmente os jovens que não estavam ou não se enquadravam neste perfil, especialmente os jovens negros e moradores de periferias empobrecidas das cidades (ABRAMO, 1997; FEIXA, 1999).

Nesta perspectiva Carrano e Dayrell (2014) nos mostram que o imaginário social trata os jovens, erroneamente, como algo que eles ainda não vieram a ser, ou seja, quem não pode falar por si por ainda não ter “idade” para isso, sendo que esta perspectiva é refletida nas políticas públicas e na produção dos espaços da cidade que são direcionados aos jovens e as juventudes, visto que são pessoas adultas que planejam e executam tais ações.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Atualmente, neste campo dos estudos de juventude, outras perspectivas mais pluralistas superaram a visão funcionalista e reconhecem tanto a pluralidade das experiências de juventude e de trajetórias de transição para a vida adulta, quanto a particularidade desta fase de vida na constituição de culturas distintivas (PAIS, 1993; TURRA NETO, 2008; CARRANO, 2011), como são as culturas juvenis que estudamos – o Hip Hop como um exemplo delas. Em vista disso, entendemos que a juventude não se reduz a uma passagem e que os jovens não podem ser descredibilizados enquanto sujeitos sociais por não serem adultos, compreendendo a juventude como um momento em que a pessoa se forma enquanto sujeito social e que muitos valores e identidades estabelecidas vão permear para o resto da vida deste jovem em questão.

Consideramos que embora seja inegável que a juventude abrange uma dimensão natural (corporal, psíquica) e que a legislação brasileira trate como jovem pessoas entre 15 e 29 anos (Estatuto da Juventude no Brasil/ Lei nº 12.852/2013), daremos luz principalmente as condições culturais, sociais e espaciais na quais as pessoas jovens estão inseridas, destacando que a juventude é vivida de acordo com os recursos disponíveis para essa experiência (TURRA NETO, 2008), sendo variável de acordo com o contexto geográfico do sujeito que a vivencia. Portanto, a experiência de juventude não é a mesma para todos os jovens, sendo que para os periféricos e empobrecidos, viver a juventude é uma trajetória dificultada pela necessidade de trabalhar, por não ter dinheiro para acessar espaços de lazer e cultura por exemplo.

Ao se diferenciarem culturalmente os jovens tendem a se apropriarem de espaços da cidade para praticarem elementos desta cultura através do encontro. Consideramos que estes encontros de trajetórias no espaço configuram a territorialização das culturas juvenis, que são justamente, o compartilhamento de referências estéticas, artísticas, políticas e de identidade pelos jovens de maneira coletiva (PAIS, 1993; FEIXA, 1998; TURRA NETO, 2008). Apesar da importância da participação de geógrafos nos debates a respeito das juventudes e o espaço sendo o agente que possibilita encontros de trajetórias (MASSEY, 2004) este não foi considerado nas análises ao longo da construção teórica sobre a temática pelas outras ciências.

A partir dos trabalhos de Carrano (2003) e Dayrel (2005), surgem novas abordagens a respeito das juventudes que dão ênfase em suas territorialidades (ainda que não conceituadas profundamente), aos estilos e as vivências dos jovens, agregando então uma perspectiva



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

espacial para o acontecimento das juventudes e culturas juvenis. Apesar da preocupação espacial destes autores ser imprecisa, muitas pesquisas a respeito das juventudes vêm reconhecendo abordagens espaciais como fundamentais (TURRA NETO, 2015) e é por isso que aparece como necessária a participação de geógrafos no debate sobre as juventudes, para que o entendimento das práticas dos jovens na cidade seja ampla e precisa, visto que estes jovens constroem territórios e produzem espaços.

Neste sentido pensamos que os jovens através das culturas juvenis, ao formarem grupos e necessitarem do encontro para materializarem a cultura, se apropriam de espaços da cidade, cuja relação de identidade configuram territórios a partir da dialética, da diferenciação entre o “nós” e “eles” (SOUZA, 2001; TURRA NETO, 2008). Ao partilharem de referências semelhantes e tendo a possibilidade de ocupar um lugar para o encontro, os jovens estabelecem políticas que se materializam no espaço, configurando seus próprios lugares e territórios na cidade, fazendo necessária para a compreensão do fenômeno abordagens em perspectivas geográficas.

Ao terem acesso as redes de sociabilidade que articulam estes territórios os jovens envolvidos tem acesso a escalas produzidas por jovens periféricos direcionadas especialmente para estas pessoas, diferente da escala produzida nas relações familiares e religiosas. Em relação as escalas, compreendemos que estas são socialmente produzidas e que múltiplas escalas se sobrepõem na vida cotidiana (SMITH, 2000), tendo origem em diferentes dinâmicas da sociedade sendo ferramenta política de exclusão, mas também, se articulada por agentes sociais, podem configurar “escalas de ação” (SOUZA, 2013, p. 181). Portanto as juventudes que estão agitando movimentos territoriais de Hip Hop em Presidente Prudente podem estar produzindo uma escala de ação que não é localizada, mas sim articulada em “territórios descontínuos” (SOUZA, 2001), uma rede de territórios que formam um circuito articulado por diferentes coletivos juvenis, de diferentes bairros e, por vezes, de diferentes cidades, mencionados também por Rogério Haesbaert (2004) como “territórios-rede”, sendo os próprios territórios nós de uma rede.

Com base nestas concepções e em resultados de pesquisa de mestrado (SALVI, 2023) nos deparamos com os seguintes questionamentos de pesquisa: os territórios de Hip Hop que estão sendo articulados em Presidente Prudente e em cidades menores da região, estabelecem



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

fluxos e conexões que configurem uma rede de territórios juvenis periféricos, ou seja, territórios-rede ou territórios descontínuos, podendo ser considerado cada um destes territórios nós de uma rede? Ao acessarem e comporem estes territórios, os jovens envolvidos são possibilitados de “saltarem escalas” (SMITH, 2000) da vida urbana, reorganizando suas práticas espaciais a partir de uma nova perspectiva escalar? Qual a intensidade e o conteúdo educacional dos fluxos de informação que circulam entre estes territórios juvenis, visto que a participação nestes territórios implica, muitas vezes, em reflexões a respeito da própria trajetória de vida dos jovens (SALVI, 2023)?

Ao executarmos este projeto acreditamos que estamos fomentando o debate a respeito da própria prática de pesquisa, sendo uma metodologia inovadora, principalmente na ciência geográfica, por compartilhar não só o conhecimento, mas todo o processo de produção do conhecimento. Além disso, acreditamos avançar com a pesquisa no debate geográfico a respeito das dinâmicas que produzem o espaço urbano, lançando luz a práticas espaciais insurgentes que, por vezes, parecem espontâneas e sem articulações estratégicas em debates acadêmicos. Através da própria prática de pesquisa entendemos que o trabalho tem relevância também para os próprios sujeitos estudados.

Metodologia de Pesquisa

A primeira atividade desta pesquisa, realizada mesmo antes de ser iniciado o curso de doutorado, foi e é o diálogo com os membros da Batalha do Vale a respeito da própria pesquisa e sua execução, a fim de construir junto aos jovens estudados a viabilidade do estudo. Junto a isso são iniciados os debates e estudos realizados em grupo de pesquisa. Com isso, se inicia um levantamento bibliográfico em diferentes temáticas e assuntos que agreguem no embasamento teórico do estudo, tais temas a serem levantados são, por exemplo: juventude e culturas juvenis; geografia, cultura e Movimento Hip Hop; Escalas e Redes; a cidade e as práticas espaciais dos jovens periféricos e produção o espaço urbano. Além destas, diversas outras temáticas podem emergir no decorrer desta etapa da pesquisa, que na verdade perdura por todo o processo investigativo.

Nossa proposta metodológica é, além de tudo, a referência operacional que percorrerá todas as etapas do processo de pesquisa, sendo ela baseada, principalmente, nas ideias de Pesquisa em Colaboração (RAPPAPORT, 2007) e Investigação Militante (BARTHOLL,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

2018). Esta orientação teórica e prática presume que o pesquisador e o grupo estudado realizem os procedimentos metodológicos de maneira conjunta, em constante diálogo, buscando atingir os objetivos da pesquisa através da perspectiva do coletivo, para que os resultados do estudo sejam, também, resultados das ações e discussões do coletivo estudado e não apenas do pesquisador. Desta maneira, buscamos nesta pesquisa construir um diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito da proposta de estudo e ampliar este debate até outros coletivos criando conexões longo do processo de pesquisa para que seja realizado um estudo “com” e “para” a Batalha do Vale e outros coletivos juvenis de Hip Hop, e não somente “sobre” estes coletivos.

Toda a relação entre o pesquisador e o coletivo estudado, relação esta que se desenvolve diariamente nas reuniões do coletivo, nas atividades culturais, nos encontros casuais ou com a menor formalidade possível, é que consideramos ser os trabalhos de campo (ZUSMAN, ???). Toda essa vivência é parte de nossa produção de dados orientada pela Observação Participante (TURRA NETO, 2008) e também pela Participação Observadora (BARTHOL, 2018), na qual por momentos o pesquisador busca entender dinâmicas de um universo em que não tem muita intimidade, como a realização, de fato, de uma batalha de mcs, mas que em outros momentos influencia e participa das ações como protagonista do coletivo, como em uma atividade educacional em uma escola, por exemplo.

Para a construção de um banco de dados formalizados, registrados de maneira mais sólida e objetivada realizaremos entrevistas com pessoas que tem diferentes níveis de envolvimento tanto com a Batalha do Vale como outros coletivos. Pretendemos dialogar através de entrevistas focalizadas e semi estruturadas (BRITTO JUNIOR; FERES JUNIOR, 2011) com os organizadores dos coletivos, ou seja, com os articuladores dos territórios, mas também com os artistas, podendo ser Mcs, grafiteiros, Djs, entre outras vertentes ligadas a cultura e aos territórios do Hip Hop. Já com o público dos eventos, pretendemos realizar enquetes a serem respondidas tanto nos eventos realizados pela Batalha do Vale e por outros coletivos como em formato online, através de formulários do Google Forms, com link divulgado pelas redes sociais do coletivo.

As entrevistas, após serem transcritas e armazenadas em nuvem, serão organizadas também em quadros analíticos, que evidenciarão trechos dos diálogos relacionados com temáticas que surgirão a partir das respostas dos próprios colaboradores. Estes quadros



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

facilitam o pesquisador a ter uma visão de totalidade de seus resultados de pesquisa, pois insere em um mesmo esquema informações que podem ser comparadas e analisadas com maior precisão. As enquetes aplicadas com as pessoas que transitam entre os territórios de Hip Hop serão organizadas em gráficos. Nossa intenção é evidenciar, tanto para a pesquisa quanto para os coletivos que articulam os territórios, os elementos dos espaços de Hip Hop que atraem as pessoas adeptas.

Considerações Finais

Até o momento, além de pesquisas bibliográficas, foram realizados diversos registros feitos em reuniões do coletivo Batalha do Vale e em outras situações que geraram alguma reflexão, por tanto ainda não foram organizados, sistematizados e analisados, sendo previsto ser feito isso ao longo do ano de 2025. Com essas vivências e reuniões já emergiram os possíveis nomes para as entrevistas, tanto os que se relacionam diretamente com a Batalha do Vale como de outros coletivos. Foram aplicadas enquetes em três ocasiões, duas delas em eventos da Batalha do Vale na Praça do Vale e também através de uma divulgação online. Em uma análise parcial das respostas das enquetes, notamos uma presença marcante de pessoas de diversas cidades pequenas da região de Presidente Prudente, nos indicando que, possivelmente, através dos eventos da Batalha do Vale, é agitada uma escala regional de Hip Hop em que os territórios se conectam.

Com a continuidade da pesquisa, esperamos produzir dados e reunir uma quantidade de informações suficientes para desenvolver as questões implicadas em projeto de pesquisa e também para fortalecer as ações da Batalha do Vale e dos coletivos que estão relacionados nesta possível rede de territórios.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. A tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 25-36. São Paulo, ANPED, 1997.

BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento**: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro. Consequência, 2018.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

BRITTO JUNIOR, A. F.; FERES JUNIOR, N. A Utilização de Entrevistas em Trabalhos Científicos. **Evidência**, Araxá, v.7, n.7, p. 237-250, 2011.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**, v.12, nº 26, p. 07-22. Set./Dez. 2011.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Juventude e ensino médio: Quem é este jovem que chega à escola. In: CARRANO, P; DAYRELL, J; MAIA, C.L. (org.). **Juventude e Ensino Médio**, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-134.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001. p. 136-161.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FRANCO, F. Poletto. **Geografia e Ensino: Elaboração de Fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PIMENTEL, Spency. **O Livro vermelho do Hip Hop**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. 1997.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de lá escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**. Vol.43, enero-diciembre, 2007, pp. 197-229. Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Bogotá, Colombia.

SALVI, Bruno Fantin. **A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente**. 2019. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2019.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

SALVI, Bruno Fantin; SILVA YABUKI, Danielle. Projeto "ZinesLiteratura": fanzines como proposta metodológica para o Ensino de Geografia. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 56, p. 246–278, 2022.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. In: **RA´E GA**, 2011. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. p. 340-375.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A DIMENSÃO DA INSEGURANÇA ALIMENTAR NA REALIDADE DAS JUVENTUDES: A PERSPECTIVA DE UMA PESQUISADORA DA GEOGRAFIA

José Inácio da Silva Júnior
Mestrando em Ensino de Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
joseinaciojunior88@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Professor Permanente no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

O presente trabalho surge a partir das inquietações diante das problemáticas sociais, como a fome, na qual configura-se como um fenômeno social. Cerca de 125 milhões de brasileiros estão inseridos em algum grau de insegurança alimentar, deste, 30 milhões são jovens. Dessa forma, objetiva-se verificar a percepção de uma pesquisadora do campo da Geografias das Juventudes que trabalha a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome. Foram estruturadas questões e aplicadas em uma entrevista com duração aproximada de uma hora. O relato permitiu que fossem abordadas questões relacionadas aos jovens suscetíveis a insegurança alimentar.

Palavras-chave: Geografias das Juventudes; Insegurança Alimentar e Nutricional; Periferia.

Introdução

Como pode o Brasil ser um dos maiores produtores em alimentos, mas tendo mais de 125 milhões¹ de pessoas situadas em algum grau de insegurança alimentar, entre eles, jovens?

A fome é um limitante social, cultural, político e econômico, sendo ela uma questão que perpassa diversos grupos etários, entre eles, o período da juventude. Para falar desta questão para jovens é necessário comentar sobre os conceitos pensados por Abramo (2005) de *condição e situação juvenil*. A Condição Juvenil refere-se a uma construção social referente a um determinado momento da vida, segundo Estatuto da Juventude - EJUVE², dos 15 aos 29 anos; enquanto a Situação Juvenil caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido os

¹ De acordo com o II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (II VIGISAN), são mais de 125 milhões de brasileiros situados em algum grau de insegurança alimentar. Destes, mais de 33 milhões estão passando fome.

² Aprovado por meio da Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. (Brasil, 2013).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

diferentes recortes - como gênero, classe, etnia, etc - que percorrem os diferentes grupos de jovens. Sendo assim, podemos encaixar a fome/insegurança alimentar grave, sendo um fenômeno social, como um recorte na vida de jovens inseridos neste contexto. Logo, analisar os impactos da insegurança alimentar para os jovens engloba discorrer sobre suas vivências e como são afetadas por estarem nesta condição.

Segundo Cavalcanti (2023) não se pode falar em juventude, no singular, como uma etapa de transição para a vida adulta, algo abstrato e difuso, nem se pode ficar preso à fase etária. Apoiado nisso, pode-se compreender Juventudes, no plural, porque os jovens, como outros grupos da sociedade e sujeitos sociais são diversos, diferentes e desiguais. Podemos assim, compreender Juventude como uma categoria social e historicamente construída, Cavalcanti (2023) acrescenta que juventude é um tipo de vida, de práticas inseridas em determinado contexto social e, que é uma identidade importante aos jovens, que deve ser observado pela sua multiplicidade. É múltiplo devido ao fato de que além de jovens, estes sujeitos, por vezes, são estudantes, trabalhadores, pais, entre outros. São características e vivências que lhes permitem vivenciar a juventude de diferentes modos, possuem pontos singulares e coletivos.

De acordo com Castro (2002, p. 32) fome define-se como “fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à ação nefasta”, fenômeno no qual não restringe somente a Geografia visto que existe uma complexidade para compreender tal fenômeno, abrange outras áreas como área de medicina, nutrição, psicologia, ecologia, educação, relações internacionais, entre outras, assim, podemos considerar como um fenômeno multifacetado (Nascimento, 2022). E além disso, um fenômeno social sendo possível interpretar diversos aspectos da sociedade quando relacionados a outros fenômenos sociais, apresentando comportamentos individuais e coletivos da sociedade. Retomando a ideia trazida por Abramo (2005) de Situação Juvenil que caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido os diferentes recortes - como gênero, classe, etnia, etc - que percorrem os diferentes grupos de jovens. Desta maneira, a fome deve ser vista como um fator determinante ao modo de um sujeito vivenciar a juventude.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Metodologia

Como a pesquisa tem por objetivo verificar a percepção de uma pesquisadora das juventudes que trabalha a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome, optou-se pela realização de uma entrevista estruturada. De acordo com Gil (2021, p. 128), a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas em que não apenas o enunciado e a ordem das perguntas, mas também as alternativas de resposta são definidas previamente.

Foram elaboradas questões a fim de compreender quem são os jovens situados no contexto de insegurança alimentar e, em parte, as vivências de tais sujeitos a partir do relato da entrevistada, o encontro teve duração aproximada de uma hora. A pesquisadora convidada foi a Prof^ª Dr^ª Nola Patrícia Gamalho (UNIPAMPA), que trabalha com conceitos como espaço geográfico, representações sociais, periferia, paisagem cultural, territorialidades, práticas espaciais, metodologias qualitativas, Juventudes e educação antirracista e Ensino de Geografia. A pesquisadora dispôs tempo e de sua significativa contribuição ao campo de Geografias das Juventudes para construção do debate sobre fome e juventudes. Em relação aos cuidados éticos, a participante da entrevista assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de conceder a entrevista.

Resultado e Discussão

Quando perguntado se seriam os jovens de periferia os sujeitos mais suscetíveis a insegurança alimentar, a professora comenta que:

“Eu penso que sim, pois de certa forma, a população mais vulnerável, tem uma alimentação que não é rica em nutrientes, ela é muito rica em carboidratos e gorduras saturadas, deste modo já vem a importância da merenda escolar, alimentação escolar equilibrada, com nutricionistas.” - Nola Gamalho

Podemos observar a importância da merenda escolar para jovens, como uma das formas de promoção à alimentação saudável. Embora a alimentação escolar seja uma medida crucial para solucionar a problemática da fome, salientamos que esta deve andar em conjuntos com políticas públicas e ações que visem garantir a segurança alimentar em curto e longo prazo e que coloque a realidade e os desafios enfrentados por segmentos sociais mais vulneráveis, neste caso, jovens periféricos, como centro da questão para remediar a realidade da insegurança alimentar. Demais medidas, em conjunto com as de âmbito escolar, devem ser



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

pensadas as condições de trabalho e saúde em vista que muito destes jovens abandonam a escola para trabalharem e contribuírem na complementação da renda familiar e, conseqüentemente, se afastarem da insegurança alimentar grave (fome), mas este movimento não significa que estes jovens não se encontrem em um estado de insegurança, neste caso, nutricional.

A fim de compreender se a fome interfere na socialização destes jovens, Nola menciona que:

“[...] acredito que sim ela interfere na sociabilidade [...] de uma forma ampla, se pensarmos o cotidiano escolar, o horário da refeição é de extrema sociabilidade dentro da escola” - Nola Gamalho

Esse excerto reforça a importância da escola na realidade dos jovens não somente como espaço de aprendizagem “tradicional”, mas conseguimos entender este como espaço de socialização. Nola coloca que alimentação não se refere somente ao ato de alimentar, além disso, é um momento de troca e de reconhecimento entre seus pares. A fim de perceber como se constitui a ação política de jovens inseridos em contexto de suscetibilidade alimentar, Nola, usa exemplo as ocupações das escolas de 2016 que teve grande participação de jovens.

“a gente tem antes da pandemia a ocupação nas escolas, foi um movimento bastante forte neste sentido, enquanto jovem periférico, eles tem essa relação com a escola, sabemos que a escola é um espaço extremamente disciplinador, de conter, então, existem manifestações, existem ações e reivindicações, eu entendo que elas ainda são insuficientes dado o contexto e a precariedade.” - Nola Gamalho

Analisando a fala da entrevistada podemos vislumbrar a dificuldade de jovens periféricos de terem figuras representativas e de se fazerem representados devido a enorme necessidade de gerirem os setores de seu cotidiano, são jovens que precisam lidar, em muitos casos, com estudo, trabalho, família, entre outras situações. E quando estão situados em insegurança alimentar este quadro tende a se agravar. Entretanto, a entrevistada coloca que nascem movimentos coletivos para suprir essa falta de representatividade, e que possuem grande participação juvenil, e que levam esses sujeitos a se posicionarem diante da insuficiência da ação do Estado. Insuficiência essa que está presente nas periferias e, principalmente, nas escolas periféricas. De acordo com Moreira, Santos e Gandin (2019, p. 2) as escolas de periferias são vistas como o “Estado dos pobres”, organizada como um posto do Estado para onde convergem ações de diversas áreas das políticas sociais, a escola sofre um processo de “desescolarização” (Peregrino, 2006), no sentido de a escola sendo menos escola.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A culminância de pautas e ações dentro de escolas de periferias, em muitos casos, deve-se pelo fato que em muitas dessas localidades a escola é um dos únicos serviços do Estado que chega até as periferias, sendo assim, a fragilidade que atinge as famílias é transportada às salas de aula por meio dos alunos (Andreolla *et al*, 1995).

E, por fim, como forma de entender possíveis caminhos de superar a insegurança alimentar e como trabalhar com jovens inseridos neste contexto, a Professora coloca que:

“[...] aprimorar as políticas públicas das merendas escolares, mas também políticas públicas de espaços de convivência de socialização destas juventudes em seus bairros e cidades, amplas para que eles tenham vários recursos ali.” - Nola Gamalho

Aparece como uma das medidas para contornar a situação é aprimoramento e ampliação de políticas públicas que tenham como foco a realidade de jovens, neste caso, periféricos, visto que são os em maior vulnerabilidade social e alimentar. Acredita-se que sejam necessários esforços voltados a políticas que visem três dimensões, como já mencionado, sendo elas, o trabalho, escola e saúde (alimentação).

As políticas voltadas à saúde e à escola devem ser analisadas e pensadas em conjunto, devido a compreensão que a questão da insegurança alimentar deve ser considerada com uma pauta de saúde. No que confere a legislação nacional, o Estatuto da Juventude, no Art. 19, O jovem tem direito à saúde e à qualidade de vida, considerando suas especificidades na dimensão da prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde de forma integral (Brasil, 2013), o que não confere garantia a todos jovens brasileiros, pensamos na realidade de grande maioria dos jovens de periferia, especificamente, os quais estão em vulnerabilidade social e alimentar, estes sujeitos não possuem garantias ao acesso alimentação ou refeições ricas em nutrientes, como forma medida de suprir essa necessidade aparece as escolas como espaço de possibilidade e ponte entre os jovens e ao acesso alimentação. Kroth *et al* (2020) consideram que a ingestão de uma dieta adequada possui um papel importante na promoção do crescimento físico e da manutenção da criança. [...] de extrema importância para as crianças garantirem boa saúde, além de apoiar o desenvolvimento escolar.

Entretanto, existe o desencontro entre o direito à saúde e o direito ao trabalho. Como vimos anteriormente, para que não se tenha a efetividade da insegurança alimentar em seu estado mais grave, os jovens de periferias se colocam em trabalhos informais nos quais não lhe garantem profissionalização, proteção e remuneração justa, além disso, colocam-os em



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

estado de insegurança alimentar nutricional. Dessa forma, ressalta a importância de políticas que pensem em estratégias para atenderem as demandas das periferias e que busquem o desenvolvimento saudável das juventudes.

Breve conclusão

Resumidamente, entendemos que são jovens periféricos suscetíveis a insegurança alimentar, e a precariedade e a falta de serviços nas periferias fazem com que esses sujeitos busquem apoio na escola. Os relatos da pesquisadora reforçam a importância da escola não somente para alimentação, mas também como espaço de socialização e de mobilização política diante da precariedade que cerca as periferias. Contudo, a escola (como instituição) sozinha não soluciona as problemáticas da fome, para tratar e superar a questão da insegurança alimentar é necessário o fomento de políticas públicas abrangentes, visando diferentes dimensões, como econômica, educacional, trabalhista e de saúde.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. (Org.). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n. 5, maio-agosto; n. 6, setembro-dezembro, p.25-36, 1997. Disponível em:http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_absrat. Acesso em: 13 de abr. 2024.

ANDREOLLA, Neusa; MARCO, Rosane de. **A escola de periferia no olhar do professor-pesquisador**. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 31- 62, dez 1995. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14485>. Acesso em: 13 de abr. de 2024 .

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 de abr. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 12.852**, de 05 de agosto de 2013. Dos Direitos e Das Políticas Públicas De Juventude. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em:



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 13 de abr. 2024.

CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs.). **Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro**. São Paulo: Elefante, 2022.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema do brasileiro: pão ou aço**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Josué de. **Fome: um tema proibido - últimos escritos de Josué de Castro** / Anna Maria Castro (org.). - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema do brasileiro: pão ou aço** / Josué de Castro. - Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1980.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas e Cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. Especial, n. 5, p. 74-86, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 13 de abr. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Juventudes, Ensino de Geografia e Formação/Atuação Cidadã. In: OLIVEIRA, Vitor Hugo Nedel (Org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 155-179.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2021.

KROTH, Darlan Christiano; GEREMIA, Daniela Savi; MUSSIO, Bruna Roniza. Programa Nacional de Alimentação Escolar: uma política saudável. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 4065-4076, out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/7VCwpwHHvPb8KxQYdqBb35M/abstract/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 14 de abr. 2024.

MOREIRA, Simone Costa; SANTOS, Graziella Souza dos; GANDIN, Luís Armando. Desescolarização do Ensino Fundamental nas periferias urbanas de Porto Alegre: entre o ensino e a gestão da pobreza. In: **39º Reunião Nacional da ANPEd**, 2019, Rio de Janeiro, p. 1-7. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_18_9. Acesso em: 13 de abr. 2024.

REDE PENSSAN. **II VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 13 de abr. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A JUVENTUDE OCUPA A CIDADE: O “ESPAÇO HIP HOP” E A PRODUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS PARA A CIDADE

Clarice Cassab
Doutora em Geografia - UFJF
clarice.cassab@ufjf.br

Isabel Langeani Ferreira
Graduanda no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFJF
isabel.langeani@estudante.ufjf.br

Camila Loise Ferreira
Graduanda em Geografia - UFJF
camilaloisef@gmail.com

Milene do Valle Daflon
Graduanda em Ciências Sociais - UFJF
milenedoalle@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo é apresentar o coletivo “Espaço Hip Hop”. Formado por jovens de Juiz de Fora, MG, o coletivo tem se tornado um impoente espaço de organização, socialização e difusão de parte das juventudes da cidade, em especial aquela ligada à cultura Hip Hop. Criado em 2021, o coletivo tem reivindicado à cidade por meio da ocupação do vão central de um viaduto do centro de Juiz de Fora, morfologia urbana destinada ao aumento do fluxo rodoviário da cidade, e não propriamente à reprodução de práticas culturais e/ou das juventudes. O trabalho desdobra-se de pesquisa ainda andamento, neste sentido, sendo uma aproximação à alguns elementos que irão contribuir para entender o Espaço Hip Hop e sua atual importância para a ampliação das espacialidades de jovens em Juiz de Fora.

Palavras-chave: *Territorialidades, Juventudes, Hip-Hop.*

Introdução

O trabalho pretende apresentar este que é, na atualidade, um importante coletivo e espaço de manifestação das práticas culturais da juventude de Juiz de Fora, o Espaço Hip Hop. A intenção é refletir como sua criação e consolidação contribuem para a resignificação de um fragmento central da cidade, para o avanço da cultura Hip Hop na cidade mineira e para a afirmação e anunciação dos jovens como sujeitos que produzem a cidade a partir de suas práticas cotidianas. O que apresentaremos são alguns aspectos tratados na pesquisa “Dos ‘espaços mortos’ à produção do lugar? Juventudes, planejamento urbano e outros usos da



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

cidade”¹, em especial uma caracterização do coletivo “Espaço Hip Hop” e sua presença na cidade.

Consideramos que as ações deste coletivo têm dado visibilidade aos jovens como sujeitos ativos no processo de produção da cidade, permitindo que a vivência de suas juventudes seja fortemente atravessada pela vivência da cidade. Para isso, apresentaremos, inicialmente, uma breve caracterização do “Espaço Hip Hop” para então situá-lo na cidade e no contexto do Hip Hop juiz-forano. Cabe dizer, contudo, que este ainda é um caminho aberto já que a pesquisa a qual este trabalho se vincula encontra-se em andamento.

1. O “Espaço Hip Hop” como ocupação e ressignificação da cidade pela juventude

Parte integrante de um grande projeto de circulação urbana, o viaduto Hélio Fadel foi inaugurado em dezembro de 2021, na região central de Juiz de Fora. Custeado com recursos provenientes de convênio firmado entre a Prefeitura de Juiz de Fora e o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), em parceria com a MRS Logística, também fazem parte do projeto mais três outros, totalizando quatro viadutos – 2 já inaugurados, 1 em construção e outro ainda não iniciado.

A construção do viaduto Hélio Fadel, assim como os demais, seguem a lógica hegemônica de fragmentação da cidade. Visando solucionar o “problema” da circulação, avenidas, ruas, rodovias e viadutos são tratados, na perspectiva do planejamento, como morfologias urbanas capazes de solucionarem os problemas de circulação, garantindo a funcionalidade e privilegiando a escala fragmentada da cidade, além de reforçarem seu não-uso, a não-presença nos espaços ou a ocupação por usos considerados indesejados. Assim, a despeito do esforço dos técnicos da prefeitura responsáveis pelo projeto de urbanização e integração deste fixo à cidade, o fato é que a inauguração de uma obra deste porte tende a produzir espaços vazios de usos, de dinamismo e de vida.

Contudo, o que se observou foi um rico movimento de ocupação do vão do viaduto por jovens oriundos de diversas localidades da cidade e que reivindicavam para si o direito ao uso

¹ Pesquisa realizada pelo Núcleo de Geografia, Espaço e Ação da UFJF, com apoio da FAPEMIG e coordenada pela profa. Clarice Cassab.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

e permanência naquele lugar, transformando-o, através de suas práticas artísticas e culturais num importante local da cena Hip Hop de Juiz de Fora.

Em dezembro de 2021, apenas alguns dias após a abertura do viaduto, um coletivo de jovens iniciou movimento no sentido de se apropriarem da cidade como espaço também da juventude e de realização de suas práticas e manifestações artísticas e culturais. De acordo com o Instagram “o ‘Espaço Hip Hop’ surge na intenção de ocupar e reivindicar um espaço urbano para manifestações artísticas diversas” (Instagram, 2021). Para isso, convida todas e todos a ocuparem o vão do viaduto defendendo que

Para a abertura dessa ocupação, nada melhor que um evento Hip Hop - uma cultura das ruas para as ruas, que por muitas vezes se apropria de locais underground, como o espaço encontrado abaixo do Viaduto Hélio Fadel, recém inaugurado no centro de Juiz de Fora! O "Coletivo Espaço Hip Hop" acredita que ocupando com responsabilidade, o viaduto tem grande potencial para abrigar para diversos eventos, não somente de Hip Hop, que hoje só não ocorrem por falta de um espaço! (Espaço Hip Hop, 2021).

Nas palavras de seus idealizadores, “o projeto ‘Espaço Hip Hop’ consiste em reivindicar e adaptar um espaço para a cultura Hip Hop Juiz-forana utilizando do espaço abaixo do Viaduto Helio Fádel Araujo, região central da cidade, de fácil localização”. Assim, o coletivo surge não apenas com a intenção de ocupar o vão, mas de transformá-lo em um espaço adaptado para a realização de suas intervenções artísticas. Menos de um ano após a primeira ocupação, os jovens conseguiram que o poder público realizasse algumas reformas que favoreceram as práticas do hip hop e participaram e venceram importantes editais do poder público.

De lá para cá ocorreram 13 eventos organizados pelo coletivo, reunindo intervenções artísticas, estéticas e políticas diversas, como batalhas de beat, *all style*, *tag*, *breaking*, MCs, mic aberto, *pocket shows*, rodas de conversa, skate, basquete, grafiteagem, colagem de lambe, slam, entre outros. A ocupação do vão rapidamente atraiu centenas de jovens, muitos dos quais oriundos de bairros distantes do centro, e provenientes de periferias da cidade indicando que o Espaço Hip Hop têm contribuído para o resgate da historicidade do hip hop nas vivências e no sentimento de pertença de sujeitos que, estruturalmente, subalternizados nas periferias urbanas, reivindicam um novo modo de fazer a cidade e tensionam a hostilidade urbana (OLIVEIRA, 2006).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Tal resgate também tem colaborado para o fortalecimento da própria cultura Hip Hop em Juiz de Fora, trazendo para a cena pública um conjunto de atores, ampliando a visibilidade de jovens e das juventudes que fazem do Hip Hop um modo de vida, uma forma de expressão e de anúncio de si na cidade. Através dele os jovens vão marcando a paisagem com suas grafias e trazendo para a dimensão pública sua presença, ações, desejos, projetos e existências como sujeitos produtores do urbano. E neste processo fortalecendo também o Hip Hop e adensando a sua própria juventude.

2. Fortalecendo a cultura Hip Hop e a presença da juventude

Para entender o contexto atual do *Hip Hop* em Juiz de Fora é necessário desenhar um rápido panorama de suas origens na cidade. De acordo com Nascimento (2010), o movimento teve início na década de 1980 com o *break* na antiga casa de dança *Rex Dancing*, no bairro Mariano Procópio. Outro marco importante, destacado pela autora, foi sua incursão no espaço público, em um movimento de encontro com os transeuntes do calçadão da rua Halfeld, no centro da cidade, através de apresentações de dança, *raps* e *DJs*.

Um hiato de cerca de 10 anos marca este momento de início do Hip Hop na cidade e a criação da rádio comunitária Mega FM, importante instrumento de organização política e difusão da cultura Hip Hop em Juiz de Fora. Funcionando entre 1997 e 2007 a rádio comunitária localizava-se no bairro Santa Cândida, periferia de Juiz de Fora. Ao longo de seus 10 anos de existência, impulsionou a participação de novos atores e coletivos associados ao Hip Hop, articulando a cena local com a cena nacional.

Em 2000, MCs (mestres de cerimônia) e outros integrantes do movimento hip-hop de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo estiveram em Juiz de Fora, para um encontro promovido pela Mega e pela Posse Missionário Antônio Conselheiro, que reuniu cerca de 50 pessoas. Além de entrevistas e raps na emissora, os participantes do hip-hop debateram o movimento. O evento se chamou Hip Hop Ataca. Em 2001, nos mesmos moldes, a Mega e a PZP promoveram o Hip Hop Contra-ataca (Lahni, 2001, p. 10).

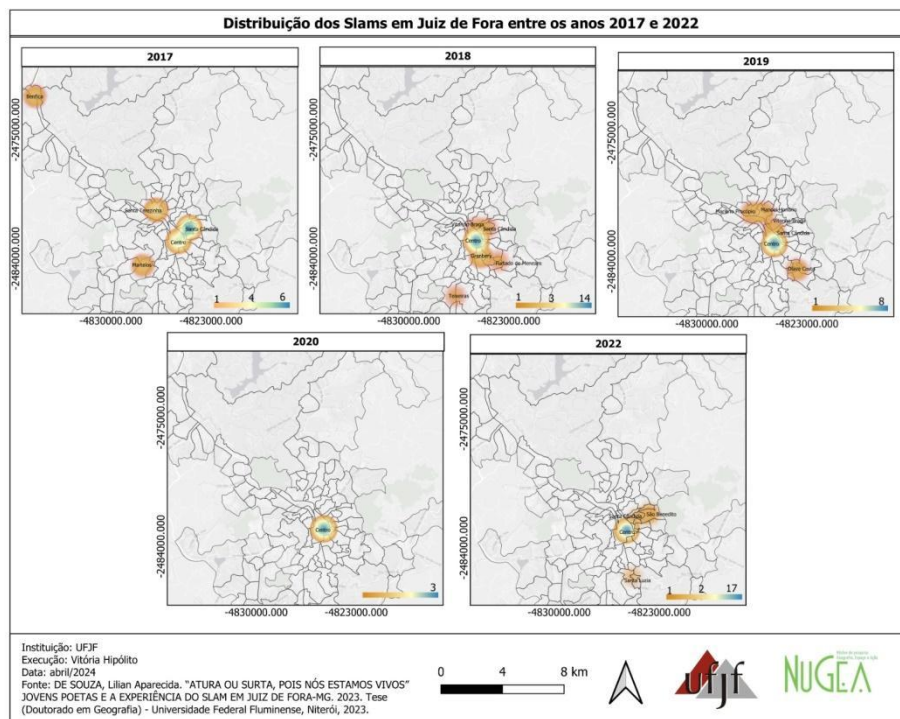
Através da Rádio e das ações e coletivos que se desdobraram da organização destes atores, rodas e batalhas se popularizaram nos anos seguintes, e contribuíram para a revitalização do movimento em Juiz de Fora, ocupando não apenas as periferias como o centro da cidade.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O que se tem notado, a partir de então, foi o fortalecimento do Hip Hop na cidade, que se expande para diversos bairros de periferias e centrais de Juiz de Fora. Em muitos deles são realizadas rodas de rimas, batalhas de Slam, intervenções ligadas à dança, discotecagem, grafitagem e muitas outras expressões que compõem a cultura Hip Hop. Em pesquisa recente Souza (2023), mapeou que entre fevereiro de 2017 e dezembro de 2022 ocorreram, pelo menos, 72 edições presenciais e 24 virtuais de slam na cidade. O mapa 1, confeccionado a partir de Souza (2023) permite visualizar o movimento de slam pela cidade e sua distribuição espacial.



Mapa 1 – Distribuição dos slam em Juiz de Fora entre 2017 e 2022

A espacialização dos slam ocorre pelo seu espraiamento em direção ao centro, onde aconteceram 46 dos 72 slam no período pesquisado por Souza (2023), sendo 10 deles organizados pelo “Espaço Hip Hop” e ocorridos no vão do viaduto Hélio Fádel em 2022.

O levantamento dos slam feitos pela pesquisadora permite inferir duas tendências. A primeira é o movimento de espacialização dos Slam que atravessa os marcos materiais e simbólicos que dividem Juiz de Fora em sua dimensão racial. Dimensão que se expressa em sua organização espacial na intensa presença de população negra ocupando, sobretudo, os



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

bairros da região Leste, localizados na margem esquerda da linha férrea que corta a cidade. Bairros, como Santa Cândida, um dos berços do Hip Hop em Juiz de Fora e celeiro de importantes artistas locais.

Lopes (2021, s/p) enfatiza como em Juiz de Fora, há

(...) uma forte hierarquização de memórias e que desde cedo é passada para as crianças. A Princesinha de Minas, a Manchester Mineira. Essas são as memórias valorizadas publicamente e que são naturalizadas no subconsciente coletivo como identidade local. E para ser uma pretensa identidade local não precisa necessariamente corresponder a grande maioria na cidade ou país.

Neste sentido, a presença no centro significa, para muitos destes jovens, a tomada da cidade. Implica a manifestação da existência de uma juventude que contorna as forças de contenção territorial e espalha-se em direção aos espaços tradicionalmente embranquecidos e considerados de visibilidade da cidade. Para Umbelino (2016), os jovens da periferia encontram na dança, grafite, e apresentações de DJs e MCs a chance de tomarem para si o espaço central das cidades antes a eles negados.

A segunda é o peso que o coletivo teve na organização dos slam, na sua retomada após a pandemia, e a relevância que o vão do viaduto, agora como equipamento cultural, adquire para a realização das manifestações artísticas que compõem o Hip Hop. Em face disso, os jovens organizados no “Espaço Hip Hop” vem se juntar a este movimento de apropriação, contornando e até subvertendo à lógica que produz uma cidade que não foi feita para as pessoas, para os encontros e para a festa e para as juventudes, em especial, para os jovens negros e periféricos. Os jovens que ocupam o viaduto estão realizando diálogos e conflitos em torno do ser na cidade, colocado em evidência as tensões e contradições presentes no tecido urbano e reivindicando para si a cidade e seu direito de viver a juventude também como experiência espacial.

Deste modo, a cidade, como espaço público, constitui a própria juventude ao mesmo passo que os jovens são também seus sujeitos produtores. O espaço público é essencial para a socialização, constituição de identidades e manifestações culturais das juventudes. Para Cassab (2019, p.3)

Tratada como espaço público, lugar de trocas e contatos, a cidade tem o potencial de promover relações concretas e simbólicas. O movimento pelas ruas, bairros e praças,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

olhando, vivendo, experimentando as múltiplas formas de relações que produzem, e coexistindo com os muitos sujeitos que produzem e disputam a cidade, possibilita a esses jovens a constituição de novos olhares e ressignificações, revelando não só os processos que produzem esse espaço, mas também iluminando as desigualdades, contradições, dificuldades e tensões existentes.

É nessa perspectiva que a ocupação do vão do viaduto vem transformando, através da arte e da cultura, a paisagem e as formas de uso da cidade, em especial de um fragmento central de Juiz de Fora. Neste movimento de ocupação, estes jovens também constroem identidades e significados com o território e compartilham suas experiências, ressignificam a juventude como experiência particular no processo de permanente constituição como sujeito social.

Considerações finais

O “Espaço Hip Hop” tem se transformado num importante coletivo da cidade. Formado, sobretudo por jovens, o Espaço tem conduzido um movimento de ocupação e reivindicação da cidade através de práticas e manifestações que se dão sob a lógica do uso, que tensiona e contorna aquelas que ordenam o território, impulsionadas pela circulação e troca. Desta maneira, a pesquisa indica que o viaduto Hélio Fadel, inicialmente concebido para facilitar o fluxo rodoviário transformou-se em um ponto de encontro e expressão cultural para jovens de diferentes partes da cidade.

A presença no coletivo ou nos eventos por eles organizados vem possibilitar outros usos da cidade marcados por práticas ligadas à sociabilidade, ao cotidiano, ao lúdico, a festa e a própria juventude. Nos momentos de preparação e realização dos eventos os jovens tornam-se sujeitos das ações que transformam aquele espaço em lugar de encontro, de coexistências, de negociações, de anúncio. Questionam a lógica da circulação, reivindicando a cidade como lugar da juventude e grafando sua presença na paisagem.

É neste sentido que o “Espaço Hip Hop” tem se tornado um rico campo para compreensão das espacialidades das juventudes e de como os jovens elaboram suas identidades e vivenciam suas juventudes a partir também de suas espacialidades na cidade. Evidenciando, com isto, o quanto que “(...) o espaço configura-se também como uma dimensão da própria experiência juvenil” (Cassab, 2023).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Referências bibliográficas

CASSAB, Clarice. Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **Geografia das Juventudes**. 1. ed. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023, v. 1, p.77-107.

CASSAB, Clarice. O jovem como sujeito e a cidade que ensina. In. XIII Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia. **Anais do XIII ENANPEGE**. São Paulo, 2019.

ESPAÇO HIP HOP. [Sem título]. Juiz de Fora. 18 dez. 2021. Instagram: @space_hiphop. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXn7JqKrpL9/?igsh=bzhlZWQzbXN5NXo2>. Acesso em: 15 de abril de 2024.

LAHNI, Claudia Regina. Mega FM: uma rádio comunitária autêntica. **Lumina**, Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Juiz de Fora, Vol.2, nº1, Julho 2008.

LOPES, Vanessa. Quais são as memórias menos valorizadas em Juiz de Fora. **Revista Casa D'Italia**, Juiz de Fora, Ano 2, n. 17, 2021.

NASCIMENTO, Ana. Paula da Silva. **Movimento Hip Hop em Juiz de Fora: Raps que comunicam educação**. Trabalho de conclusão de graduação (Comunicação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Hip Hop e Territorialidades urbanas: uma construção social de sujeitos das “periferias”. **Cadernos Penesb**, p. 73, 2009.

UMBELINO, Tamires Reis. **Rimando por reconhecimento: a trajetória do movimento Hip Hop em Juiz de Fora na construção de sua identidade**. Tese (doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFJF, 2016.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A POLÍTICA DE COTAS TAMBÉM COMO DIREITO À JUVENTUDE: O DEBATE REALIZADO COM DISCENTES DA REDE PÚBLICA DE JUIZ DE FORA – MG

Lorraine Alves Berg Barroso
Graduanda em Serviço Social - UFJF
Lorraine.berg@estudante.ufjf.br

Clarice Cassab
Doutora em Geografia - UFJF
clarice.cassab@ufjf.br

Resumo

O presente texto tem como objetivo ser um relato da ação de extensão realizada no âmbito do projeto “Se liga nas Cotas”¹. Nela, são realizadas visitas às escolas da rede básica de Juiz de Fora – MG com o intuito de promover debates e reflexões sobre a importância das cotas junto aqueles que são seus sujeitos de direito. Nossa hipótese é que a ampliação do conhecimento sobre às cotas e sua compreensão como direito tem o potencial de ampliar a juventude de parte do jovens que ocupam a rede pública da cidade, através da extensão de seu tempo de formação e qualificação. Neste aspecto, o ingresso na universidade, pela via das cotas, possibilitaria uma adensamento das oportunidades a muitos destes jovens.

Juventudes, cotas, direito

Introdução

O trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência extensionista junto a jovens educandos da rede básica de ensino de Juiz de Fora, MG. O projeto situa-se no bojo de uma reflexão quanto à importância da universidade na ampliação das trajetórias socioespaciais e na construção dos projetos de vida de parte das juventudes, aquelas que são os sujeitos prioritários das políticas de cotas.

Neste aspecto, o projeto de extensão “Se liga nas Cotas!” constitui-se como um desdobramento de pesquisa realizada entre 2019 e 2021 junto a jovens cotistas da UFJF. Seu objetivo foi compreender como, pelo ingresso na Universidade, através das cotas, estes jovens

¹ O projeto conta com o apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFJF e é desenvolvido pelo Núcleo de Geografia, Espaço e Ação (NuGea/UFJF).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ampliaram suas vivências na cidade, adensando sua própria experiência de juventude (CASSAB, 2023a e 2023b).

O desenvolvimento da pesquisa, somado a coordenação do subprojeto de Geografia do PIBID, gerou duas percepções importantes. É através das escolas que os jovens têm o primeiro, e muitas vezes, único contato sobre a política de cotas. Contudo, este é muitas vezes feito de maneira pontual a partir de iniciativas isoladas dos professores, a mercê, portanto, da vontade, interesse e possibilidade de cada docente na escola. A segunda percepção trata-se do amplo desconhecimento que docentes e estudantes da rede básica de ensino têm sobre o que efetivamente é a política de cotas. Desconhecimento que se manifesta, em muitos dos casos, como uma leitura de que a cota seria uma forma “mais fácil” de entrar na Universidade, ou que ela reconheceria os estudantes pardos, pretos e indígenas, ou das escolas públicas como menos capazes e inteligentes que os estudantes brancos, ou ainda que conduzisse a uma discriminação racial. Além de muitas outras narrativas que atravessam às críticas feitas às cotas. Ou seja, mesmo entre os que são os sujeitos da política, o desconhecimento e as falácias em torno das cotas, configuram-se como verdadeiros obstáculos para que jovens façam uso de seu direito.

É neste contexto que nasce o projeto de extensão. O que apresentaremos é uma das suas ações: o Se liga nas cotas vai às escolas. Cabe destacar que este é parte de um projeto maior que tem como foco a oferta de um curso de formação continuada para docentes da rede básica de ensino, visando promover e trazer o debate sobre a política de cotas para dentro das escolas, tendo os docentes como seus multiplicadores.

1. A importância das cotas para garantia do direito à juventude:

A premissa que sustenta essa ação é de que as cotas precisam ser encaradas como direito, o que implica a necessidade de desconstruir muitos dos argumentos falaciosos contrários à política de cotas. Para tanto, compreendemos que os jovens escolares que ocupam os bancos das escolas públicas são, sobretudo, os sujeitos da cota, e devem ser a eles direcionadas ações que possibilitem reconhecer a política de cotas como conquista resultante de lutas seculares, sobretudo da população preta, parda e indígena, que apenas em 2012



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

encontrou o contexto político favorável para a sua implementação. Sendo, posteriormente ampliada, pela lei de 2017 para a população PCD.

Entendemos que tais ações podem ampliar as oportunidades de acesso ao ensino superior por parte de um segmento da juventude que permanece tendo como horizonte distante a continuidade de sua formação em nível superior, especialmente em uma universidade pública. Falamos de jovens, sobretudo pretos e pardos e de menor renda, que ao longo de suas trajetórias escolares enfrentam inúmeros obstáculos, objetivos-subjetivos que dificultam ou impedem entrada e conclusão no ensino superior. Pires (2012, p. 68), assim sintetiza:

Entrar na universidade e concluir o curso pretendido é algo constituído por muitas dificuldades, tendo em vista os inúmeros fatores que contribuem nesse sentido, como: conciliar trabalho, estudo e vida pessoal; deslocar-se para outras cidades, em busca do Ensino Superior; baixa condição socioeconômica dos alunos; e ausência ou limitação de assistência estudantil a alunos de baixa renda, por meio da concessão de auxílio financeiro, em forma de bolsa de estudo.

Dados da PNAD Contínua da Educação de 2023 apontam que a taxa de frequência escolar no ensino médio é de 80,5% entre os estudantes brancos e 71,5% entre Pretos ou Pardos. E mesmo com os importantes avanços das cotas, brancos são 29,5% dos indivíduos entre 18 e 24 anos no ensino superior, enquanto os pretos ou pardos correspondem a 16,4%. Sendo que 6,5% dos brancos concluem a graduação e apenas 2,9% de pretos ou pardos.

Reforçar a dimensão de direito da política de cotas é, portanto, ampliar o horizonte possível destes jovens que, em muitos casos, já vivem um conjunto de restrições e impedimentos quanto ao exercício do seu direito à própria juventude. Para Souza e Cassab (2024, p. 272),

Dos setores de quem historicamente foi retirada a possibilidade do ensino superior, a Política de Cotas confere não apenas um diploma universitário que os colocará em melhor posição no mercado de trabalho, mas, também oferece meios para que os sujeitos oriundos das camadas populares possam experimentar de fato a suas juventudes. Essa experimentação parte da moratória social que os permite resguardar uma parcela significativa do seu tempo para os estudos, convívio com os pares, lazer, engajamento em movimentos sociais, atividades culturais e formativas. Dessa forma, ainda que sejam vários os percalços destinados aos caminhos dos jovens pobres por conta das tremendas desigualdades estruturantes da nossa sociedade, a Política de Cotas se desdobra num conjunto de direitos, dentre eles o direito de ser jovem.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A Lei de Cotas, portanto, tem uma ampla dimensão que vai além do simples ingresso no ensino superior público. Ela opera como mecanismo de compensação visando garantir as oportunidades mínimas para que milhares de pessoas possam completar sua trajetória formativa no ensino superior e ampliarem seus horizontes de oportunidades e ascensão social. Seus impactos, portanto, são múltiplos e transcendem ao simples aumento quantitativo de acesso de pessoas pretas, pardas, indígenas, PcD, de menor renda e, agora, quilombolas, na universidade.

Dentre os quais, destacamos a ampliação do capital cultural e do capital social dos ingressantes e seus familiares e conseqüentemente a oportunização de ascensão social a uma parcela historicamente obstaculizada de acessar as melhores oportunidades de emprego e renda; promovendo a ascensão social não apenas do cotista, mas também de sua família (ascendentes e descendentes). Assim como a aproximação da Universidade ao horizonte de vida de uma parcela expressiva da juventude brasileira (Cassab, 2023).

2. O Se liga nas Cotas vai às escolas: conhecer para se apropriar

A primeira edição do projeto Se liga nas cotas ocorreu em 2022. Naquele momento, nossas ações estavam centradas no curso de formação continuada destinado aos docentes e gestores da rede básica de ensino. Contudo, rapidamente percebemos que além da formação dos docentes como multiplicadores também era importante chegarmos diretamente até os jovens educandos. Já neste ano, iniciamos o movimento de ida às escolas. Inicialmente ainda de forma tímida e em resposta a convites feitos por algumas escolas. Cabe lembrar também que naquele momento saíamos de uma pandemia e medidas de proteção sanitária ainda eram necessárias.

É no ano seguinte que a ida às escolas se intensifica, agora como uma prática assumida no projeto. Neste momento, buscamos realizar uma busca ativa de escolas interessadas, divulgando o projeto por diferentes canais. O resultado foram 14 escolas atendidas. Em 2024 estamos na terceira edição do projeto e até o momento da escrita deste relato, 4 escolas receberam nossa equipe. As fotos da imagem 2 ilustram algumas destas idas.



Figura 1 – Registro da ida da equipe do projeto às escolas de Juiz de Fora - MG

Em pouco mais de dois anos de projeto atingimos 21 escolas da cidade. Destas 13 estadual, 5 municipal e uma o colégio aplicação da UFJF, localizadas em bairros e regiões distintas de Juiz de Fora, conforme apresentado na imagem 1.

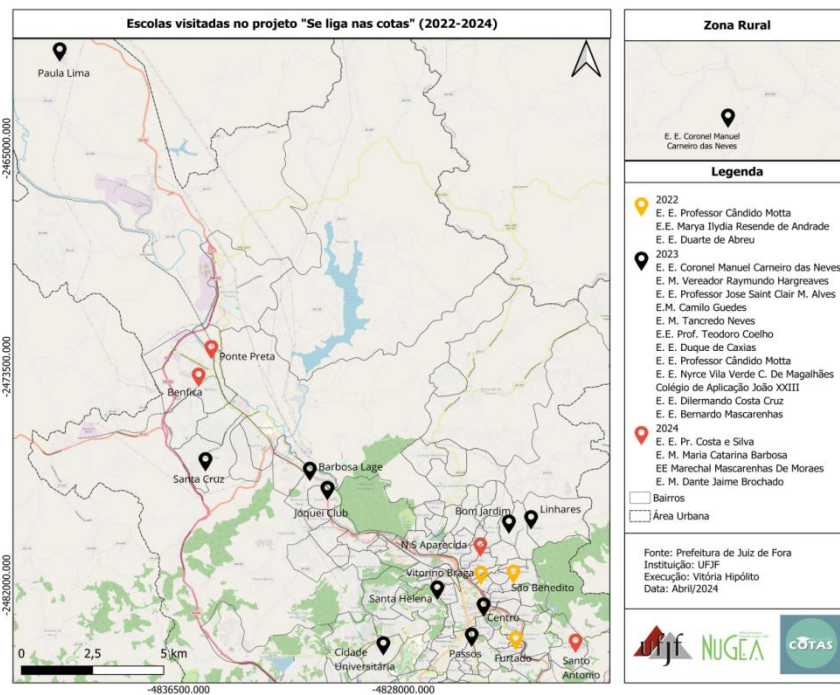


Imagem 1 – Localização das escolas visitadas pelo projeto de extensão Se liga nas Cotas! entre 2022 e abril de 2024

Inicialmente, às visitas foram restritas às turmas do ensino médio, posteriormente ampliada para os anos finais do ensino fundamental II. O quadro 1 indica os anos escolares trabalhados em cada escola visitada.

Escolas e segmentos entre 2022-2024	
2022	
Escola	Segmento
E. E. Professor Cândido Motta	EJA



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

E.E. Marya Ilydia Resende de Andrade	Ensino médio
E. E. Duarte de Abreu	Ensino médio
2023	
E. E. Coronel Manuel Carneiro das Neves (Área Rural)	Fundamental II e ensino médio
E. M. Vereador Raymundo Hargreaves	Ensino médio
E. E. Professor José Saint Clair M. Alves	Ensino médio
E.M. Camilo Guedes	Ensino médio
E.E. Prof. Teodoro Coelho	Ensino Médio
E.E Tancredo Neves	Reunião pedagógica com docentes
E. E. Duque de Caxias	Ensino Médio
E. E. Professor Cândido Motta	Ensino médio
E.E Teodoro Coelho	Ano final do Fundamental e Ensino Médio
E. E. Nyrce Villa Verde C. De Magalhães	Ensino médio
Colégio de Aplicação João XXIII	Ensino médio
E. E. Dilermando Costa Cruz	EJA
E. E. Bernardo Mascarenhas	Ensino médio
2024	
E. E. M ^a Catarina Barbosa	Fundamental II
E.E. Prof. Jose Freire	Ensino médio
E. E. Henrique Burnier	Ensino médio
E.E. Marechal Mascarenhas de Moraes	Ensino médio

Quadro 1 – Escolas visitadas por segmento e ano

A ampliação para o ensino fundamental se deu pois compreendemos que é já no final dele que os educando devem ter os primeiros contatos sobre a possibilidade do ensino superior como elemento de construção de seus projetos de vida. Neste caso, ao serem informados sobre as cotas já na fase de conclusão do ensino fundamental, amplia-se o tempo para a preparação e planejamento, e quem sabe até serem estimulados a darem continuidade aos estudos no ensino médio, ainda um gargalo enfrentado por muitos destes jovens.

Nos encontros abordamos o funcionamento da política de cotas, considerando sua historicidade, destacando o papel dos movimentos sociais, com destaque o Movimento Negro Unificado. Também tiramos dúvidas sobre as formas de ingresso e as políticas de permanência na Universidade, assim como fraude e banca de heteroidentificação, além de apresentar de forma sintética o funcionamento dos mecanismos que efetivam a política. A ideia é, a partir destas conversas, fomentar entre os jovens, o reconhecimento de si como sujeitos de direito da política de forma que a entendam como direito a ser acionado em seu esforço de ampliar sua trajetória formativa e sua própria juventude.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Considerações finais:

Durante os anos do projeto confirmamos a importância que a escola tem como espaço de diálogo sobre as cotas. Ao ser tratada de maneira aprofundada, como iniciativa da própria escola e não apenas individual de um docente, os estudantes tem maior compreensão da importância do sistema de cotas como política de compensação histórica. Ao entendê-la como conquista da luta de movimentos históricos, estes estudantes também se reconhecem como seus sujeitos de direito. Neste sentido, a cota abre a possibilidade de mudarem a maneira como enfrentam o processo seletivo de ingresso no ensino superior, bem como delimitem e planejem suas ambições para o acesso à universidade pública.

Sabemos, contudo, que o simples conhecimento das cotas não implica a necessária entrada na universidade, ou mesmo, a incorporação deste como um objetivo a ser alcançado pelos jovens. Temos a compreensão de que muitos são as barreiras enfrentadas que dificultam a continuidade de sua trajetória formativa. No entanto, acreditamos que, uma iniciativa como esta tem o potencial de ampliar as oportunidades postas a estes sujeitos e, de alguma forma, estender seu tempo-espço da juventude.

Assim, se é fato que ainda há muito a ser feito, também é certo que as ações afirmativas, e em especial as cotas, aumentaram significativamente o número de matrículas nas universidades brasileiras, abrindo a possibilidade para que milhares de jovens, pobres, pretos, pardos, indígenas e PcD, possam ocupar este espaço. Ao fazerem isso, eles também alargam suas redes sociais e experiências espaciais, estendendo, diversificando e adensando as experiências que conformam sua própria juventude.

Referências bibliográficas

CASSAB, Clarice. Imagens e narrativas: uma proposta de construção de metodologia para pesquisa sobre juventudes e cidade. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 95, p. 145–159, 2023a.

CASSAB, Clarice. Pensando Juventudes e Cidade a partir da experiência de jovens cotistas. In. OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org). **Geografia das juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023b.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

PIRES, Lucineide Mendes. **Culturas geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia.** 2013, 276 f. Tese (doutorado em Geografia). Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

SENKEVICS, Adriano Souza. **Contra o silêncio racial nos dados universitários: desafios e propostas acerca da Lei de Cotas.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, e182839, 2018.

SOUZA, Aline Vieira de e CASSAB, Clarice. Jovens cotistas e espaço: a juventude como direito. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 60, p. 237–276, 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ PARA OS ESTUDOS DAS JUVENTUDES NA GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

Célio José dos Santos

Doutor em Geografia, professor do Instituto Federal Baiano – IFBAIANO, Campus Catu
celio.santos@ifbaiano.edu.br

Resumo: O referido texto tem como objetivo apresentar a fenomenologia de Alfred Schutz como possibilidade teórica-metodológica para as pesquisas com as juventudes em Geografia. Consideramos que a teoria do mundo da vida cotidiana de Schutz é uma chave importante para a compreensão das práticas espaciais das juventudes, principalmente quando estas estão associadas a ações políticas e culturais.

Palavras-chave: Alfred Schutz; fenomenologia; juventudes; mundo da vida cotidiana.

1 Introdução

O texto que se segue é parte da nossa tese de doutoramento desenvolvida no seio do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA (SANTOS, 2022), e tem como objetivo trazer as possíveis contribuições teóricas e metodológicas da fenomenologia sociológica de Alfred Schutz para as pesquisas com as juventudes em Geografia.

A fenomenologia enquanto base epistemológica não é um assunto novo dentro da ciência geográfica, pelo contrário, a Geografia Humanista já vem pautando esse debate, no mínimo, há umas cinco décadas. Apesar de reconhecermos que a Geografia Humanista tem ganhado bastante terreno na Geografia brasileira nas últimas três décadas, notamos que a fenomenologia ainda tem uma baixa repercussão nos estudos com as juventudes, seja nas proposições teóricas ou metodológicas, mesmo levando em consideração que muitos desses estudos trazem o mundo da vida cotidiana das juventudes, suas experiências e vivências como eixos centrais das pesquisas.

Apoiados em Serpa (2019), entendemos que a fenomenologia pode contribuir de forma bastante profícua para diversificar o repertório teórico-metodológico das pesquisas com as juventudes na Geografia, bem como oferecer uma compreensão da vida cotidiana a partir de um outro prisma epistemológico:



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Mais que um método, uma doutrina ou uma filosofia, a Fenomenologia permite o retorno às experiências e práticas primeiras, sobre as quais construímos nossas referências de mundo e lugar. Essas referências se constroem através da elaboração científica, com a criação de representações conceituais (paisagem, região, território, entre outras), mas também na vida cotidiana, muitas vezes sem vestígio de elaboração conceitual ou mesmo de conscientização (SERPA, 2019, p. 9).

Adverte-se que o referido texto não tem a pretensão de fazer um debate mais extenso sobre a relação entre a fenomenologia e os estudos das juventudes na geografia, ou melhor, as fenomenologias, no plural, devido à sua diversidade teórica. Em vez disso, foca-se em uma fenomenologia específica, que é a fenomenologia sociológica de Alfred Schutz, a qual estabelecemos um diálogo ao longo da nossa jornada de pesquisa durante o doutoramento.

Procuraremos ao longo do texto, em um primeiro momento, apresentar a fenomenologia de Alfred Schutz e uma breve biografia do autor. Em um segundo momento, o mundo da vida cotidiana em Schutz, em especial o mundo dos consorciados. Por fim, nossa experiência de pesquisa com as juventudes e as contribuições de Schutz.

2 Alfred Schutz e sua fenomenologia sociológica

Banqueiro de dia e fenomenólogo à noite, segundo Correia (2004), foi assim que Edmund Husserl descreveu Schutz, devido ao seu caráter *sui generis*, pois diferentemente da maioria dos pensadores, Alfred Schutz compartilhava a sua vida acadêmica com o mundo dos negócios, atividade que ocupava a maior parte do seu tempo. Nascido em Viena na Áustria, de família judia, Alfred Schutz (1899-1959) migra para New York antes do início da II grande Guerra e é nos Estados Unidos que ele passa a se relacionar de forma mais intensa com a universidade, período qual elabora sua teoria sobre o mundo da vida cotidiana. O desenvolvimento teórico-conceitual em torno do mundo da vida cotidiana realizado por Schutz está alicerçado em uma estrutura epistemológica de uma sociologia pautada sobre as considerações fenomenológicas, cujo grande desafio foi relacionar a fenomenologia de Husserl com a sociologia compreensiva de Max Weber.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

De Husserl, Schutz vai buscar não só o repertório fenomenológico, mas também o seu entendimento do **mundo da vida cotidiana**, o que de certa maneira implicou em uma inovação no pensar sociológico, apresentando novos caminhos e olhares para a sociologia compreensiva. Assim, Schutz contribuiu para resolver o problema fenomenológico da intersubjetividade tão perseguido por Husserl. Para ele, a intersubjetividade é ontológica, algo que já é dado para todos os sujeitos que constituem o mundo da vida, como observa Creusa Capalbo:

Ele sugere que a intersubjetividade seja considerada "uma categoria ontológica fundamental da existência humana", ou seja, ela é inquestionável face a toda experiência humana imediata no mundo da vida. Ela não se constitui como um problema a ser resolvido. Ela é algo já dado para o sujeito que vive no mundo da vida, ou seja, a experiência imediata de outros sujeitos surge num ambiente de comunicação comum. Embora sejam vivenciados de pontos de vistas diferentes, levando em consideração as diferentes situações biográficas, esse ambiente nos põe face a objetos e eventos que são percebidos por mim e pelos outros. Cada um vivencia de acordo com a sua própria experiência da situação e vivencia o vivenciar da situação por outra pessoa. É o que Schutz chama de experiência "nós" ou "tese geral do álter ego" (CAPALBO, 2000, p. 293)

O mundo da vida cotidiana, uma construção intersubjetiva e produzida pelas **ações sociais**, fez com que Schutz se aproximasse da sociologia de Weber, uma vez que o mundo social é formado pela ação intersubjetiva, o que gera interação e comunicação - experiência - entre os diversos sujeitos, produzindo terreno para a construção de sociabilidades mais sólidas, como ocorre comumente na relação entre os diversos grupos juvenis.

O ponto de partida para compreender a elaboração desenvolvida por Schutz é entender que o mundo da vida está estruturado em uma tríade: temporal, social e espacial. Nesse sentido, para o autor, toda experiência é sempre uma experiência de algo. E todas essas experiências são acionadas no mundo da vida: "o mundo da vida constitui a esfera de todas as experiências, orientações e ações cotidianas, mediante as quais os indivíduos buscam realizar seus interesses [...]" (SCHUTZ, 2012, p. 24).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O “mundo da vida cotidiana” deve ser considerado como o mundo intersubjetivo que já existia muito antes de nosso nascimento, que já foi experimentado e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado. Toda interpretação sobre esse mundo é baseada sobre um estoque de experiências e aquelas transmitidas a nós por nossos pais e professores que, sob forma de um “conhecimento à mão”, opera como um esquema de referência (SCHUTZ, 2012, p. 84).

Schutz (2009) afirma que o mundo da vida é construído a partir da relação do eu com o outro, o nós, ou seja, nosso mundo subjetivo é sedimentado a partir da intersubjetividade. Serpa (2019, p.80) nos lembra também que “a noção de intersubjetividade não exclui nem o conflito, nem a contradição, ao contrário, os revela em ato, em interação [...]”. Para o primeiro, o tempo é algo primordial para a sedimentação da experiência do indivíduo, e o mesmo deve ser entendido tanto como um tempo cronológico como um tempo subjetivo - duração. Este é considerado como fluxo de experiência, com uma duração que irá variar de indivíduo para indivíduo. No entanto, é preciso ponderar também que existe uma estrutura temporal que é impositiva e independente da ação humana.

3 Juventudes, cotidiano e o mundo dos consorciados de Schutz

Uma das grandes contribuições de Schutz para as pesquisas com as juventudes na Geografia é a possibilidade de problematizar e operacionalizar o cotidiano, que muitas vezes aparece como algo dado nas pesquisas, com pouca ou nenhuma reflexão conceitual da categoria cotidiano, nas poucas vezes que aparece tem o Henry Lefebvre como principal referencial teórico.

Schutz (2018) nos oferece a possibilidade de operacionalização do cotidiano, ao entender que o mundo social em que nos encontramos tem a heterogeneidade como premissa básica e que é estruturado em diversas camadas. Assim, propõe dividir, a partir de sua condição de observador, o mundo social em três “submundos”, de acordo com a experiência partilhada de tempo e espaço entre os indivíduos: mundo dos consorciados, mundo dos contemporâneos e mundo dos antecessores (predecessores). Em Schutz passado, presente e futuro se cruzam no mundo da vida cotidiana.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Mundos dos consorciados: é o mundo em que compartilhamos experiências no/ao mesmo tempo e no/mesmo espaço com os outros, “a imediação espacial e temporal é essencial à situação que caracteriza o mundo dos consorciados” (SCHUTZ, 2018, p. 251). A relação entre os consorciados é baseada na relação nós, relação “face a face”. O mundo do nós não é um mundo privado de cada um, é um mundo intersubjetivo comum a todos que fazem parte da relação-do-nós:

Eu falo que uma pessoa está ao alcance da minha experiência direta quando ela compartilha comigo uma **comunidade espacial e temporal**. Ela **compartilha comigo uma comunidade espacial** quando está presente pessoalmente e eu tenho consciência disso e, mais do que isso, quando eu tenho consciência dessa própria pessoa, desse indivíduo em particular e do seu próprio corpo como o campo na qual se revela os sintomas de sua consciência interna. **Ela compartilha a mesma comunidade temporal** quando a experiência está fluindo ao mesmo tempo em que a minha quando eu posso olhar para ele a qualquer momento e ver seus pensamentos surgirem, em outros termos, quando estamos envelhecendo juntos. Portanto, pessoas que estão ao alcance da experiência uma das outras estão naquilo a que chamo de uma situação “face a face” (SCHUTZ, 2012, p. 202, grifo nosso).

Podemos utilizar a própria juventude, dentro da abordagem em foco, como exemplo empírico para compreender melhor o mundo dos consorciados em Schutz. Afinal, o que é a juventude senão justamente essa procura do Eu pelo Nós, senão é o desejo do público juvenil de estar em/fazer parte de um grupo, de compartilhar experiência em um tempo-espaço específico? Tomamos como exemplo os saraus literários que pesquisamos durante a fase de doutoramento. O sarau representa para muitos jovens das periferias de Salvador uma possibilidade de construção de um mundo dos consorciados, um encontro do eu com o nós, pois o sarau possibilita uma relação face a face. A hora em que o sarau acontece é o momento que a experiência do nós flui ao mesmo tempo, na mesma duração, segundo os termos propostos por Schutz: as pessoas que ali estão têm consciência uma das outras, compartilham linguagens, gestos, desejos, medos, anseios e, até mesmo, uma estética.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Aqui, como adendo, vale destacar que Schutz em momento algum direcionou as suas observações especificamente para a juventude. Essa análise é a consequência de uma interpretação nossa. Na verdade, ao longo de sua obra, Schutz nunca se dedicou a um exemplo empírico específico para explicar sua teoria.

Mundo dos contemporâneos: é o mundo onde as pessoas não compartilham as experiências, é voltado para a orientação do “eles”, é onde todos somos anônimos e nos relacionamos com os outros através das generalizações e tipificações para tentar entender os nossos semelhantes. Não é a simples presença corpórea que vai distinguir o mundo dos consorciados do mundo dos contemporâneos. O que distingue esses dois mundos é o compartilhamento da experiência. Podemos utilizar como exemplo o uso do transporte coletivo público (ônibus, metrô, trem ou qualquer outro). Posso estar sentado ao lado de uma pessoa sem saber nada de sua vida, muito menos o seu nome. Apenas posso, através do meu sistema de tipificações e generalizações, baseado em minha experiência sedimentada e no meu acervo de conhecimento, imaginar alguma coisa a respeito dela com base, por exemplo, em seu vestuário. Assim, caso esteja utilizando uma farda de escola, um estudante, ou, uma farda de uma empresa, um trabalhador. Porém, isso será uma análise meramente genérica, o que é própria do mundo dos contemporâneos, pois o uso de uma simples farda, seja de uma escola ou de uma empresa, não determina que aquela pessoa seja um/a estudante ou um/a trabalhador/a. O mundo dos contemporâneos é o mundo dos presentes, que podem estar próximos ou distantes, mas que não compartilham um cotidiano eivado por uma experiência comum.

O mundo dos predecessores (sucessores): “é, por princípio e essencialmente, invariante, acabado e desvaído” (SCHUTZ, 2018, p. 325). Na condição de observador/a, as experiências vividas no passado ficam no passado. Por mais que conheçamos algumas experiências vividas pelos nossos ancestrais através das narrativas, dos registros fotográficos ou documentais, de alguns monumentos ou objetos históricos, jamais conseguiremos emulá-las, afinal, a situação passada já foi determinada. Todavia, é graças ao mundo dos predecessores que temos a chamada **reserva de experiência**. Seria algo como um repertório de conhecimentos sociais (teóricos e práticos) que foram sedimentados no decorrer do processo histórico.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Essa reserva de experiência é socialmente transmitida, uma herança histórica dos nossos antepassados. Não obstante, essas experiências não estão "congeladas" no tempo-espaço. Elas (as experiências) estão sendo a todo momento elaboradas, reelaboradas e desfeitas ao longo do processo histórico-social-espacial.

Nesse sentido, o cotidiano é entendido por nós como um acúmulo do vivido, de ações e práticas espaciais - conscientes e inconscientes - que se convertem em experiências e vivências que vão sendo sedimentadas no decorrer do tempo e no espaço. O mundo da vida cotidiana não revela apenas o presente, mas também reproduz o passado e aponta para inúmeros futuros.

4 O Sarau e o mundo dos consorciados – operacionalizando o cotidiano

Como sinalizado anteriormente, as contribuições de Schutz foram centrais para o desenvolvimento da tese, principalmente, para refletimos sobre o mundo da vida cotidiana dos jovens, negros e periféricos de Salvador que se organizam em coletivos para realizar os saraus literários, como uma forma de ser, viver e experienciar a juventude ao seu modo. O que nos possibilitou compreender o sarau como o mundo dos consorciados, construído e compartilhado pelos jovens como espaço da produção da autonomia, da autogestão, da construção de sociabilidades e da troca de afetos, ver Santos (2022).

É importante salientar que o mundo dos consorciados não se trata de um “mundo fechado”. É o mundo da vida cotidiana onde as relações sociais são tecidas com mais proximidade, uma relação de reciprocidade - eu tenho consciência da existência do outro, o que constitui uma relação face a face. Inclusive, esse tipo de relação não exige uma duração temporal pré-determinada. O mundo dos consorciados é o que podemos também chamar de lugar na perspectiva da Geografia Humanista. Entretanto, apesar de não se tratar de um “mundo fechado”, em algumas situações faz-se necessário pedir permissão para adentrar o mundo dos consorciados e a condição de pesquisador/a é um exemplo dessa situação. Para que possamos adentrar o mundo da vida cotidiana dos nossos sujeitos de pesquisa, nesse caso as junventudes, é necessário que estabeleçamos alguns vínculos que sejam pautados pela relação de confiança.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Eles, nossos interlocutores de pesquisa, precisam saber o que estamos fazendo ou o que queremos fazer ali, nossas intenções e os objetivos de nossa pesquisa, pois, fazer pesquisa de dentro e de perto não é só estar alicerçado em um referencial teórico, é necessário a práxis, é preciso colocarmos o nosso corpo na pesquisa, o que exige esforço por parte do pesquisador, já que pesquisar o cotidiano é fazer uma imersão no mundo dos consorciados do outro.

Segundo Schutz (2012; 2018), no mundo dos consorciados tempo e espaço assumem espacialidades e temporalidades que serão produzidos pelo fluxo de experiência dos envolvidos e das relações de sociabilidade, intermediadas pela intersubjetividade dos sujeitos envolvidos. Essa construção de Schutz foi primordial para que pudéssemos elaborar a ideia de que o sarau, evento que se materializava em um determinado tempo e espaço uma vez por mês, assumia outras durações/temporalidades e outras espacialidades. Tal situação foi explicada a partir do **antes, durante e depois**, momentos que não são necessariamente conduzidos por uma sequência cronológica, são síncronos, ou seja, reconhecemos a existência de uma simultaneidade na construção e na execução do sarau. Isso pensando o mesmo como um fazer do mundo da vida cotidiana dos jovens negros, pobres e moradores da periferia de Salvador, o que conduz para uma situação que é atravessada por conjunturas e estruturas que interferem diretamente na condição juvenil.

O antes se inicia no momento que a data do sarau é definida pelo coletivo, de preferência com o mínimo de uma semana de antecedência, para então poder definir o formato e os/as convidados/as (artistas, bandas e/ou palestrantes), que fazem parte da densa rede de relacionamentos existentes entre os coletivos e grupos culturais da cidade. O passo seguinte é entrar em contato com os convidados para viabilizar/confirmar a ida deles ao evento.

O durante passa a se realizar não exatamente no horário marcado para o início do sarau, geralmente às 18h, porque os organizadores, membros do coletivo que estão presentes no dia, adotam a estratégia de esperar a formação de um *quórum* “mínimo” para iniciar os trabalhos. Como o público provém dos diferentes bairros da cidade e depende do transporte público e do horário de saída do trabalho, o atraso é bastante comum.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Para alguns participantes do sarau, o evento, melhor dizendo, **o durante**, inicia bem antes de sua chegada ao sarau, pois alguns poetas adotam a estratégia de já ir recitando poesias no ônibus durante o itinerário, fazendo o famoso corre, como constatou Marcos Paulo Silva (2020) em sua dissertação de mestrado. Estratégia que possibilita, por exemplo, que esse ou essa poeta se desloque na cidade sem precisar pagar a passagem e, de quebra, ainda consiga juntar uma grana, pois, muitas vezes, são agraciados/as pelos/as passageiros com algum trocado. Vale destacar que essa prática só é acionada nos ônibus que circulam pela cidade, uma vez que é vedada no metrô.

O **depois**, a hora de voltar para casa, é possível perceber que essa apropriação da cidade pelo jovens poetas acontece em um ambiente tenso e contraditório, pois a lógica de produção da cidade, que, por sua vez, obedece às leis de mercado, é para conter a circulação dos corpos negros juvenis que estão querendo se apropriar da cidade de uma outra forma, que não é necessariamente a do trabalho. A volta para casa faz com que a cidade se torne um ambiente mais hostil e vulnerável, seja pela violência, tanto do tráfico de drogas como dos agentes de segurança pública, ou pela escassez do transporte público que, na maior cidade da região nordeste, só opera de forma regular até às 00:30, a depender do bairro.

O sarau propicia que passado, presente e futuro se encontrem, fazendo com que o durante, seja também o antes e o depois, desconstruindo a noção de tempo a partir de uma lógica meramente cronológica. Na verdade, o sarau não se encerra com o término do evento, cria-se um ciclo, a produção de um novo **antes**, pois as redes de sociabilidade que foram tecidas durante o sarau continuarão em constante atividade, seja articulando a participação de alguma atividade cultural ou política, no desenvolvimento de oficinas em escolas e projetos sociais ou na articulação para visitar o sarau de um outro bairro.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Considerações finais

A fenomenologia sociológica de Alfred Schutz apresenta-se como um caminho bastante profícuo para que possamos compreender a partir de outros prismas epistemológicos nossos sujeitos, as juventudes, e suas ações no mundo da vida cotidiana, haja vista que o método proposto pelo autor passa pela ideia de fazer do conhecimento do senso comum objeto de análises científicas, cabendo a nós, cientistas sociais, a tarefa descobrir o modo com que os/as jovens constroem sua realidade, o modo com que vivenciam e interpretam esse mundo e quais táticas e estratégias cotidianos aplicam.

Referências

- CAPALDO, C. **A subjetividade em Alfred Schutz**. Veritas, Porto Alegre, n. 2, vol. 45, p. 289-298, 2000.
- CORREIA, J. C. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa, Livros Horizonte, 2004.
- PAIS, J. M. Paradigmas na análise da vida cotidiana. **Análise Social**, n. 1, vol XXII, p. 7-57, 1986.
- SANTOS, Célio José dos. **Geografias Insurgentes: práticas espaciais e a luta pela autonomia da juventude negra e periférica em Salvador – BA**. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, 2022.
- SCHUTZ, A. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2012.
- _____. **A construção significativa do mundo Social: uma introdução a sociologia compreensiva**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2018.
- SCHUTZ, A; LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu: 2009.
- SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- SILVA, M. P. de O. **Grupo de poesia resistência poética: os corres de poesia como ofensiva cultural**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2020.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

AS JUVENTUDES E OS SABERES GEOGRÁFICOS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA URBANA

Julia Crovador Carvalhaes
Licenciada e Bacharela em Geografia- FCT/UNESP.
julia.c.carvalhaes@unesp.br

Resumo

A geografia escolar deve promover uma aprendizagem alinhada com as necessidades estudantis, permitindo-lhes compreender as dinâmicas do mundo em que vivem. Articulando, assim, o contexto da escola, as práticas socioespaciais juvenis que ocorrem no espaço urbano com o conteúdo curricular. Logo, o trabalho apresentará os limites e potencialidades que os saberes geográficos, construídos nas redes de sociabilidade, possuem para o ensino de geografia urbana no Ensino Médio, especialmente para o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Os resultados serão apresentados por meio de um percurso didático para a 1ª Série da Escola Estadual Professor Arlindo Fantini, em Presidente Prudente, Sp.

Palavras chave: Juventudes, Ensino de Geografia, Cidade.

1. Introdução

O trabalho a seguir é resultado de uma pesquisa de monografia realizada pela autora em 2023 para conclusão do curso de bacharelado em Geografia da FCT/UNESP. A pesquisa foi executada na Escola estadual Professor Arlindo Fantini, em Presidente Prudente- SP e articulou os saberes que os jovens trazem para dentro do ambiente escolar, frutos de suas vivências urbanas e das redes de sociabilidade, com o ensino de geografia urbana no Ensino Médio. Os resultados reiteram a compreensão de que a educação é um processo amplo e complexo que ocorre para além da escola, por isso, a cidade também se apresenta como um elemento formador e educativo para com as juventudes.

Ao final foi elaborado um percurso didático sobre o ensino de geografia urbana contemplando os seus resultados teóricos e práticos e unificando os três pilares da pesquisa: o conteúdo proposto no currículo, os saberes geográficos produzidos nas experiências de sociabilidade e o contexto escolar. Assim, este trabalho tem o objetivo de apresentar a construção do percurso didático como uma ferramenta de estímulo e desenvolvimento do raciocínio geográfico por meio das análises espaciais que considerem o estudante como parte ativa no processo de produção do espaço urbano.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

2. Metodologia

A metodologia utilizada foi principalmente qualitativa e teve início com uma busca por referenciais bibliográficos sobre juventudes, espaço urbano e ensino de geografia. O principal método de produção de dados foi a observação participante do cotidiano escolar das juventudes nos meses de Agosto a Outubro de 2023. Associado a isso também foi realizado uma entrevista semi-estruturadas com a professora de geografia e um grupo focal com oito estudantes do Ensino Médio: Souza, Mariano, Alencar, Roberta, Ana, Bruno, Vitória e Rayane, todos com nomes fictícios para preservar as suas identificadas físicas e psíquicas. Como método quantitativo foi aplicado um questionário para todos os estudantes da escola, a fim de conhecer o perfil deles e compreender suas práticas espaciais.

3. As juventudes e a Escola

A geografia escolar é um dos elementos contribuintes para a formação intelectual, crítica e subjetiva dos estudantes. Os debates e preocupações desenvolvidos por ela conversam com as temáticas juvenis, porque quando os professores abordam sobre os fenômenos espaciais e históricos e os sujeitos que os configuraram, de alguma maneira, também estão discorrendo sobre os próprios estudantes e suas trajetórias pessoais e coletivas (Cavalcanti, 2013). É isso que caracteriza os jovens como sujeitos socioculturais: sujeitos posicionados no mundo -histórica e espacialmente- com uma bagagem que lhes permite construir uma visão própria da realidade e dos fenômenos que a compõe. Desse modo, a relação da juventude com a escola não se explica em si mesma, não há apenas um “responsável” nesse relacionamento e, por isso, é fundamental compreender o contexto em que esses (as) jovens vivem para que se construa diálogos e pontes com essa realidade. (Carrano; Dayrell, 2014).

A própria ideia de juventude não deve ser naturalizada ou restrita às questões biológicas e, por isso, para Dayrell (2007), o melhor é falar com condições juvenis, porque deste modo é possível contemplar tanto a forma como a sociedade enxerga esses sujeitos, quanto considerar os fundamentos de diferenças sociais como gênero, raça, classe e sexualidades que interferem nas vivências e percursos de cada indivíduo. Em consequência, Pais (2003) afirma que a relação entre as juventudes e o corpo social ocorre por meio de dois



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

processos: o de socialização, que diz refere-se ao fato da sociedade produzir a juventude em diferentes contextos, e o de juvenilização, que, em contrapartida, aborda os impactos que os jovens também exercem sobre a sociedade.

Segundo Libâneo (2017), as políticas educacionais devem ser compreendidas dentro de um cenário econômico global, para além das demandas e interesses internos dos países. A reforma do Novo Ensino Médio é um exemplo direto da interferência de do neoliberalismo na vida dos jovens e, sobretudo, no modo como a educação está sendo gerida e organizada atualmente em diversas escalas geográficas. De maneira geral, a reforme preconiza a retirada de disciplinas consideradas tradicionais e acrescenta na grade escolar os itinerários formativos, que deverão ser organizados através de diversos arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto social local e a possibilidade de cada sistema de ensino, afirma o artigo 4º da Lei 13.415 de 2017 que alterou a Lei de diretrizes e bases da Educação. Logo, não há nenhuma garantia de quais arranjos serão ofertados aos estudantes, além de que há um esvaziamento substancial das disciplinas que promovem o senso crítico e influenciam na formação cidadã e subjetiva dos jovens.

Na Escola Estadual Professor Alrindo Fantini a percepção não foi diferente. Em 2023 a unidade já havia aderido ao Novo Ensino Médio e também ao Programa de Escola em Tempo Integral-PEI. O horário de entrada era às 14h30 e de saída as 21h30 e, frequentemente os jovens relatavam que era um problema passar tanto tempo no mesmo ambiente, sobretudo quando muitos precisavam trabalhar ou não enxergavam sentido nas disciplinas ofertadas, sobretudo nas aulas de itinerários. Segundo os dados produzidos após a aplicação do questionário, 73,2% dos estudantes não aprovavam o ensino de tempo integral e durante o grupo focal houve um consenso de que os itinerários, na forma como estavam sendo aplicados, não contribuíam para o futuro dos jovens, principalmente daqueles que já demonstravam uma preocupação com o trabalho ou com uma formação profissional. Somado a isso, a docente de geografia também apresentou argumentos e preocupações quanto ao impacto da reforma do Ensino Médio na vida dos estudantes. Nas falas dela:

[...] Esse novo ensino médio, ele tirou as aulas da base, colocou um monte de itinerário. Itinerário que não tem nada a ver. Ou seja, não tem relação com conteúdo nenhum. São projetinhos, bem assim, que a gente trabalha, que você vê que não tem começo, meio e fim nenhum. Não tem uma sequência para você trabalhar. E que esses itinerários não estão levando o aluno a lugar nenhum[...].



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Essas problemáticas precisam ser analisadas em conjunto com o perfil dos jovens que frequentam o Fantini: a maioria são meninos, cisgêneros, heterossexuais, que se autodeclararam como pessoas brancas e pardas, sendo que quase metade compõe a população negra- somando as pessoas pretas e pardas. (Carvalhaes, 2023). De forma geral, pertencem às classes populares e residem em localizadas próximas à escola, em áreas marcada por algum nível de vulnerabilidade social, ainda que não possam ser consideradas áreas periféricas, do ponto de vista geométrico (Carvalhaes, 2023).

3.1 As juventudes do Fantini e o Ensino de Geografia Urbana

A relação das juventudes com a cidade se dá ao passo em que elas também fazem parte ativamente da (re)construção do espaço urbano, afirma Cavalcanti (2013). Greco (2000, p. 86) segue na mesma perspectiva e já afirmava que “os jovens adolescentes estabelecem relações com os espaços e meios de socialização através do corpo, dos sentidos e da memória, vivenciando as práticas e experimentando o movimento desses espaços”. Desse modo, os espaços da cidade ganham vida, movimentos e novas percepções por meio dos saberes e experiências juvenis e são esses saberes que denominamos saberes geográficos.

Os saberes geográficos simbolizam essa amálgama entre o que acontece dentro e fora dos muros escolares, é uma combinação, não exata, das vivências estudantis com as vivências juvenis no espaço urbano e todos os elementos que envolvem sua (re)produção. A sociabilidade fomenta e constrói saberes geográficos distintos, os quais não podem ser confundidos com saberes científicos, já que muitas vezes os saberes geográficos podem expressar uma visão conservadora e imutável da realidade alimentada pelo senso comum. Logo, conhecer e identificar essas práticas é um fator fundamental e agregador para o ensino de geografia, pois concordamos com Melucci (2001 e 2004), citado por Carrano (2011), que esse entendimento sobre as juventudes pode ser a ponta do iceberg para entender processos mais profundos e estruturais da sociedade.

Contudo, essas potencialidades só podem se efetivar se estiverem inseridas no contexto pedagógico e sociocultural que envolve a escola e o ensino propriamente dito. Desde os elementos sociais, econômicos políticos- como a reforma do Ensino Médio e o sistema de PEI- quanto os recursos pedagógicos disponíveis devem ser levados em conta no planejamento e execução do ensino geográfico. Assim, o percurso didático foi uma forma de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

materializar tanto os limites quanto as possibilidades de ação e invenção- dos professores e estudantes- para a geografia escolar e para estimular o raciocínio geográfico.

O tema escolhido considerou as demandas que eles trouxeram durante a observação participante: as relações de trabalho e busca pelo primeiro emprego. Logo, a proposta intitulou-se como: A Rede Urbana de Presidente Prudente: o mercado de trabalho como reflexo das dinâmicas interurbanas. Com essa temática é possível incentivar e trabalhar vários princípios necessários para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, um modo de pensar espacialmente característico da ciência geográfica que compreende princípios específicos.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), os princípios são: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, ordem, extensão e localização. Assim, a proposta é que ao desenvolver conteúdos sobre o que é a rede urbana, sobre o papel que cada cidade ocupa dentro dessas conexões, seja possível evidenciar conceitos que costumam ser muito abstratos para a juventude estudantil, utilizando-se dos princípios listados acima. Associado a isso, não tem como compreender o processo de formação de uma cidade isoladamente, é preciso articular fatores econômicos, socioespaciais, culturais e políticos que ocorrem em diversas escalas para entender a produção do espaço urbano nos moldes do sistema capitalista atualmente. Para Sposito (2010, p. 57)

Tanto as relações entre cidade e região, como as articulações entre o rural e ou urbano colocam em aberto o estudo da centralidade interurbana. No que concerne às cidades pequenas e médias, esse tema é importante porque a força da cidade média tem relação direta com o número de cidades pequenas que lhes são tributárias e com a qualidade dos papéis econômicos que elas desempenham, sendo essa relação tanto de ordem direta como inversa

Em vista disso, entender a produção desigual das cidades e as suas interações em redes exige a mobilização dos princípios do raciocínio geográfico junto com uma capacidade de abstração que precisa ser desenvolvida, pois ela não é inata. Logo a aliança entre a temática da rede urbana com o mercado de trabalho é uma forma de articular a convergência de processos econômicos e socioculturais que acontecem em diferentes escalas com os fenômenos locais da produção do espaço urbano. Portanto, concordamos com Whitaker e Miyazaki (2012) sobre ir além dos estudos e análises sobre a morfologia urbana, da forma pela forma e, explorar as origens e motivações e os agentes que formulam essas formas



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

urbanas. Acrescentamos ainda que, ao adotar essa postura, também valorizamos e estudamos os processos de sociabilização e juvenlização descritos acima.

A sequência dividiu-se em três aulas programadas para a 1ª série do Ensino Médio e abordou os conteúdos nesta ordem: o conceito de rede urbana, elementos constituintes da rede urbana de Presidente Prudente, diferenciações entre cidades médias e cidades de porte médio, atividades econômicas, produtivas e educacionais que contemplam o mercado de trabalho da cidade e, por último, outras formas de geração de renda tais como o cooperativismo, o economia solidária e produções coletivas. A ideia é que os conteúdos e conceitos geográficos sirvam como um meio para construir novos saberes e percepções baseados no pensamento científico.

Durante o grupo focal, os estudantes apresentaram diferentes percepções sobre a cidade. Alencar afirmou que a cidade não é rural, mas sim caipira, já Mariano disse que seria um espaço rural mesmo e Souza considerou Prudente como uma “mini São Paulo” em decorrência das oportunidades de trabalho e por estar em constante desenvolvimento. Do ponto de vista ciência geográfica, Presidente Prudente apresenta uma configuração espacial, territorial e socioeconômica muito diferente da capital estadual e não deve ser considerada uma “mini São Paulo” e nem um espaço rural. Porém, conhecer essas percepções é importante para os professores entenderem para quem estão ensinando. Ademais, Claval (2010), afirma que antes da geografia e do raciocínio geográfico se tornarem saberes sistematizados e cientificamente aceitos, eles estão aterrados nos saberes relacionados com à vida dos sujeitos e as suas distintas interações sociais em diferentes tempos e espaços.

As metodologias e estratégias didáticas para a construção desse percurso também devem ser conectadas com essa compreensão teórica. Castellar (2014) considera como metodologias inovadoras as propostas pedagógicas que suscitem o interesse dos jovens e que propiciem uma nova ordem de conexão para relação entre professor e estudante, passando pelo lado teórico-crítico, social, cultural e afetivo. Por isso, o projeto mescla aulas teóricas e expositivas, com a participação ativa dos estudantes na elaboração de materiais visuais, realização de pesquisas, construção de mapas mentais sobre o assunto. A sugestão é que o docente sempre pergunte aos estudantes o que eles já sabem sobre o assunto e construa um “chão comum” entre a teoria e a prática, entre os saberes de dentro e os de fora.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Isso representa uma aprendizagem significativa e ativa para o estudante, quando o conhecimento vai avançando pouca a pouca em espiral, de níveis mais simples para os mais complexos e que abrangem todas as dimensões da vida (Moran, 2018). A proposta é que esse percurso coloque os estudantes para pensar, refletir e desenvolver habilidades como: trabalhar em equipe, escuta ativa, organização, colaboração, criatividade, entre outras. Por isso, sugerimos que os estudantes debatam e alinhem os seus conhecimentos prévios em pequenos grupos e que junto com dados e informações trazidos pelo docente possam construir uma compreensão própria sobre o mercado de trabalho e a rede interurbana na cidade.

A sugestão seja realizada uma pesquisa conjunta entre professor e estudantes sobre as atividades econômicas e produtivas da cidade. Esse processo incentiva os jovens a procurar bases de dados confiáveis e a selecionar informações, para depois analisa-las criticamente e chegar às próprias conclusões. Propõe-se o uso da base de da CNAE (classificação nacional de atividades econômicas) do município disponibilizados pela fundação Seade do Estado de São Paulo, de uma planta da cidade para visualização e localização dos estabelecimentos comerciais da cidade. Como atividade final, o percurso sugere a construção de materiais visuais tais como murais, apresentações artísticas e/ou literárias feitas em grupos e que possam ser expostos para a turma toda e para a escola de modo geral, evidenciando que a construção de conhecimento necessita de trabalho em conjunto e de tempo de maturação e reflexão das ideias.

4. Considerações Finais

A relação do ensino de geografia no Ensino Médio envolve desafios que conversam diretamente com a realidade juvenil e o entendimento dos seus processos de formação sociais e subjetivos Segundo Carrano (2011, p.17), “o desafio é o de estabelecer relações entre processos coletivos e histórias singulares”, considerando que existem campos de possibilidades que estruturam as diversas condições juvenis, mas que também existe espaço para agência desses sujeitos. Portanto, nem os saberes geográficos, o percurso didático e nem as metodologias apresentadas pretendem responder à todas as problemáticas que englobam o ensino de geografia urbana no contexto do Novo Ensino Médio, mas se apresentam como uma possibilidade de ação e invenção dentro deste cenário em prol do desenvolvimento do raciocínio geográfico crítico e necessário para a formação cidadã das juventudes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

5. Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei n. 13.415, de fevereiro de 2017. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em nov.2023.
- CARVALHAES, J.C. Sociabilidade Juvenil e Saberes Geográficos: o Ensino de Geografia Urbana no Ensino Médio. Monografia de Bacharelado em Geografia. UNESP. 2023.
- CARRANO, P. Jovens, escolas e cidades: Desafios à autonomia e à convivência. Revista Teias v. 12 • n. 26 • 07-22 • set./dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas
- CARRANO, P; DAYRELL, J. Juventude e ensino médio: Quem é este jovem que chega à escola. In: CARRANO, P; DAYRELL, J; MAIA, C.L. (org.). Juventude e Ensino Médio, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-134
- CASTELLAR, S.V. A Cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. Os novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo. 2014. Cap. 3. p. 121 -134.
- CAVALCANTI, L. Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas Cotidianas. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013
- CLAVAL, p. Geografia: Terra dos Homens. São Paulo. Contexto, 2010.
- DAYRELL, J. A escola faz a juventude? Reflexões em orno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007
- GRECCO, F. A.S. Geografia(s), saberes, práticas e vivências culturais de jovens adolescentes. Dissertação de Mestrado em Educação. UFU. 2000.
- LIBÂNEO, J.C. Políticas educacionais neoliberais e escola: uma qualidade restrita e restritiva In: LIBÂNEO, J.C; FREITAS, R. A. M (org.) .Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar. 2018. Cap 2. p. 44-88.
- MORAN, L.B.J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 2018.
- SÃO PAULO. Fundação Seade. Seade Municípios. 2023. Disponível em:<https://municipios.seade.gov.br>. Acesso em Nov. 2023.
- SPOSITO, M. E.B. Novas Redes Urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. Geografia, Rio Claro. v. 35, n. 1, p. 51-62, jan./abr. 2010
- WHITACKER, A.; MIYAZAKI, V. (2012). O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, Pág. 307 a 332.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

AS PRAÇAS COMO ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA PARA OS JOVENS NO MUNICÍPIO DE BELÉM-PB

Francisco José Silva Vasconcelos
Mestrando em ensino de Geografia pela
Universidade Federal de Campina Grande – PB
franciscojosesilvasvasconcelos@gmail.com

Guilherme Amisterdan Correia Lima
Mestrando em Formação de Professores pela
Universidade Estadual da Paraíba – PB
amisterdan87@gmail.com

Jackson Leandro da Silva Bezerra
Graduado em Geografia pela Universidade
Estadual da Paraíba – PB
jackson.geo.bezerra@gmail.com

Josecarla da Costa Sousa
Graduada em Geografia pela Universidade
Estadual da Paraíba – PB
josycarla.prof@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a compreensão dos jovens do município de Belém-PB a respeito da importância das praças para o processo de socialização e construção do cidadão cidadão. A pesquisa é de carácter qualitativo, com a utilização de entrevistas realizadas com um quantitativo de jovens. Para argumentar a discussão, foram realizadas revisões bibliográficas, tomando como base alguns autores que já pesquisaram sobre a temática. Dessa forma, buscamos conscientizar a juventude a respeito da utilização e vivência desses espaços, para sua própria formação enquanto agente criador, transformador e modelador do espaço geográfico.

Juventudes; Espaço Geográfico; Socialização.

Introdução

Para pensarmos o espaço urbano é preciso levar em consideração que os seres humanos se apropriam dos diversos ambientes que o compõem, para assim atenderem suas necessidades, sejam elas, particulares ou coletivas. O objeto de estudo da Geografia é analisar e compreender a complexidade e a dinamicidade que o espaço geográfico possui e principalmente das influências que ele exerce sobre as populações que estão ao seu entorno.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

De acordo com Carlos (2008 *apud* Silva, 2023, p.13), o espaço, não é apenas palco de atividades humanas, onde o ser humano apenas reproduz o seu trabalho e constrói sua vida, mas é também entendê-lo como resultado das interações das atividades humanas com o meio em que ele está inserido. Sendo assim, quando um indivíduo produz seus bens materiais e imateriais, estabelece suas relações sociais, políticas e econômicas sobre o meio e ao mesmo tempo com o ambiente a sua volta, concebendo o espaço.

As experiências a partir desses espaços ocorrem de maneira muito subjetiva e particular, dependendo de diversos aspectos, dentre eles, destacamos, a classe social que o indivíduo está inserido. Isto diz muito sobre a forma de viver e de se socializar nos espaços e até mesmo de enxergá-los, não no sentido da visão em si, mas em termos de vivência e experimentação que os lugares podem oferecer em termos de lazer e socialização.

Os grupos que compõem os espaços urbanos, em todas as suas dimensões, são diversos. Nesse trabalho, destacamos os jovens, como um grupo que constrói e reconstrói, cotidianamente, o meio em que vivem. Assim, temos como objetivo, analisar a concepção desses jovens a respeito das praças públicas do município de Belém-PB. Por meio de entrevistas, buscamos entender como esses locais se transformam em espaços de socialização e convivências, estabelecendo múltiplos diálogos e contribuindo para a formação das identidades de cidadãos participativos.

A Origem das Praças

Ao analisarmos a história das praças, podemos observar que elas já possuíram diversos significados e atuações dentro do espaço urbano, a depender do contexto em que estão inseridas. Elas surgem antes mesmo da idade antiga, como forma de socialização, trocas comerciais, celebrações e tomadas de decisões à vida cidadina (Goettems; Bueno, 2018).

Durante muito tempo, esses locais foram considerados como lugar de encontro, um espaço em que as pessoas poderiam conversar à vontade, compartilhar a vida, celebrar conquistas, falar de problemas, etc. Também com o advento da urbanização, onde as pessoas migraram em massa para as cidades, em busca de trabalho e qualidade de vida, esses locais assumem formas, mas não formas engessadas, pelo contrário, poderiam ser em formato de parques, largos ou em formas lineares e zonas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Em meados do século XX, quando os arquitetos e urbanistas trazem a necessidade da retomada do espaço público, enquanto meio de interação e socialização das pessoas, as praças assumem outras dimensões. Porque nesse período da modernidade a lógica que se expandia na sociedade era o individualismo, que acabava induzindo a população a um modo de vida inseguro.

No período moderno, o papel desses lugares parecia estar condenado a uma escala monumental, desempenhando apenas a função de grande vazio urbano, segundo Caldeira (2007 *apud* Goettems; Bueno, 2018, p. 97). E só então no final do século XX e início do século XXI, que começa uma política de intervenção urbana, que chama para a retomada dos espaços públicos como locais de socialização e encontros.

As Praças da cidade de Belém-PB

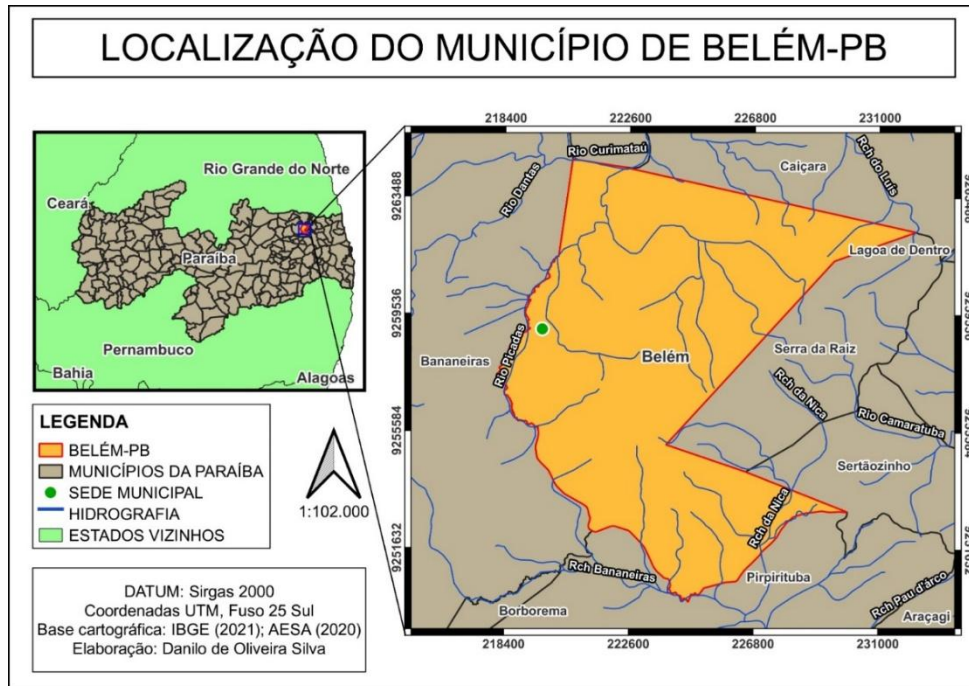
O presente trabalho tem como objetivo principal, analisar as praças distribuídas dentro da malha urbana do município de Belém-PB, a partir da visão dos jovens, que usam esses espaços e dão sentidos e dinâmicas a esses lugares. O município encontra-se localizado no Estado da Paraíba, mais precisamente na região do agreste e possui uma população estimada de 16.401 pessoas, conforme o último censo do IBGE (2023), além disso, faz parte da região intermediária de João Pessoa-PB e região imediata de Guarabira-PB.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Localização do Município de Belém-PB



Elaboração: Silva (2023)

Atualmente o município possui quatro praças distribuídas dentro do espaço urbano e cada uma delas possuem peculiaridades, de acordo com as condições socioeconômicas das populações que residem em seu entorno. Esses ambientes possuem significados para as pessoas, mesmo que seja apenas para uma parcela da sociedade, devido à relação de afetividade que muitos possuem ao relembrar momentos vividos nestes espaços de convivência e interações.

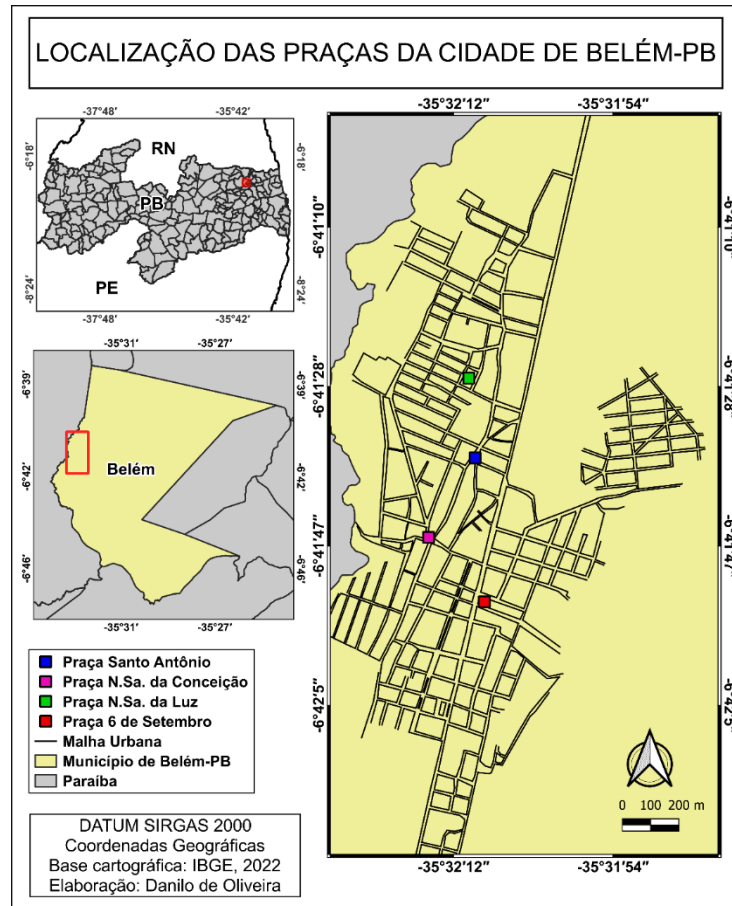
Muitas pessoas possuem uma visão distorcida a respeito desses lugares, sendo vista como espaços abandonados, pontos de drogas, espaços de prostituição; restando apenas uma parcela da população, que concebe as praças como espaços de lazer, socialização e meditação (CarboneraYokoo; Chies, 2009).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Distribuição das praças na cidade de Belém-PB



Elaboração: Silva (2024)

A análise do trabalho se dará a partir da visão dos jovens sobre a Praça 6 de Setembro (localizada no ponto vermelho do mapa) pois ela é a principal referência do município. Por ter sua localização no centro da malha urbana, ela compreende o uso da maior parte da população, como também os turistas que por ali passam, visto que a cidade é via de acesso para o Estado do Rio Grande do Norte – RN e para outras localidades do Estado da Paraíba.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Praça 6 de Setembro (Centro da Cidade)



Fonte: Acervo dos autores

As praças na cidade de Belém-PB estão organizadas por setores, nesse trabalho iremos destacar a praça que fica localizada no centro da cidade, que é também a praça principal, que é denominada de Praça 6 de Setembro e recentemente recebeu uma grande reforma, que mudou sua estrutura, organização e estética.

A percepção dos jovens a respeito da praça:

Conforme já mencionado, este trabalho é de caráter qualitativo, no qual fomos as ruas do município, para realizarmos entrevistas com os jovens a respeito do que eles concebem em relação a importância da Praça 6 de Setembro, como espaço de vivência e socialização. Ressaltando a importância dessa pesquisa, Paula (2019, p. 3044) descreve: “É nesse contexto que a compreensão de juventude adquire um viés espacial, cabendo à Geografia dar maiores contribuições acerca dessa temática, estudando as espacialidades das práticas juvenis, seus lugares e territórios produzidos na cidade”.

Assim, quando indagados sobre a forma como utilizam e frequentam esses espaços, os jovens afirmaram:



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

- É um espaço legal, mas dificilmente frequento (entrevista de campo, Belém-PB, 2024).
- Não costumo ir, prefiro ficar em casa, mexendo no meu celular (entrevista de campo, Belém-PB, 2024).
- Gostei muito da reforma que foi realizada, colocaram mais bancos para as pessoas sentarem, mas eu não gosto de ir, porque meus amigos nunca querem ir também (entrevista de campo, Belém-PB, 2024).
- Queria muito que meus pais deixassem eu ir, mas eles têm medo, por conta da criminalidade, etc. (entrevista de campo, Belém PB, 2024).
- Sempre que passo pela praça, nunca encontro amigos meus para ficar conversando, por isso não costumo ficar lá. Só passo mesmo (entrevista de campo, Belém-PB, 2024).

Esses foram os dados obtidos em entrevistas aos jovens, sobre a participação e presença deles nesses espaços. De acordo com os relatos, podemos afirmar que a praça está aos poucos perdendo espaço, não no sentido físico, mas no seu significado para as pessoas que compõem esses ambientes.

Conclusão

Diante do exposto, podemos perceber que as praças assumiram diferentes formas e funções ao longo do tempo, bem como, diferentes significados, seja a serviço do capital, com as trocas comerciais, ou a partir das suas subjetividades enquanto elemento de agregação e vivências.

Apesar das mudanças estruturais ocorridas nas praças de Belém – PB, com vista a tornar esses espaços locais de encontros, socialização e convivências, podemos perceber por meio das entrevistas, que a Praça 6 de Setembro, não tem funcionamento como elemento de agregação e não possui afeição para os jovens, que demonstram considerável desinteresse pelo local, seja pela influência das tecnologias e o constante uso das redes sociais, que impede o contato presencial entre os grupos ou pela insegurança mediante as ondas de violência que ocorrem na cidade, elementos citados pelos jovens, participantes da pesquisa.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Destarte, torna-se necessário aprofundar as análises, problematizar e desenvolver um conjunto de atividades que estimule a participação dos jovens nos locais em questão, mediante a importância que esses espaços possuem para a construção das múltiplas identidades, produções de memórias e a convivência humana.

Referências

PAULA, Flavia Maria de Assis. GEOGRAFIA, CIDADE E JUVENTUDE (S): UMA ANÁLISE DA ESPACIALIDADE DO LAZER JUVENIL NA METRÓPOLE DE GOIÂNIA. *Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB*, v. 1, p. 3043-3059, 2019.

GOETTEMS, Renata Franceschet; BUENO, Ayrton Portilho. Mapeamento e análise dos espaços de praça da cidade de Joinville-SC. *arq. urb*, n. 22, p. 93-109, 2018.

SANDRA CARBONERAYOKOO, P. G.; GEOGRAFIA, U. E. M.; CLÁUDIA CHIES, P. G. O PAPEL DAS PRAÇAS PÚBLICAS: ESTUDO DE CASO DA PRAÇA RAPOSO TAVARES NA CIDADE DE MARINGÁ. *SILVA*, p. 13, 1991.

SILVA, Fernando Miranda da. **Juventude e espaços públicos de lazer e cultura: estudo sobre os processos de uso e apropriação do espaço urbano em São Miguel do Gostoso-RN**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino; DE OLIVEIRA FERREIRA, Katia; REZENDE, Rayssa Pinto. **JUVENTUDES E LAZER NA CIDADE DE JUIZ DE FORA**.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

BH É QUEM? BH É NÓIS – TERRITORIALIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO DAS ÁREAS CENTRAIS DE BELO HORIZONTE PELOS MALADOS DO FUNK

Crislaine Custódia Rosa
Doutoranda em Geografia
Universidade Federal de Minas Gerais
crislainecustodiarosa@gmail.com

Resumo

Este trabalho é um resumo da dissertação da autora. Consideramos o funk como umas das manifestações do Atlântico Negro (Gilroy, 2001), e nas dinâmicas dos bailes e dos encontros realizados por seus ouvintes e praticantes, nascem suas formas de expressão. Assumimos o espaço como socialmente produzido, uma dimensão da sociedade, uma instância social e, produto e produtor de relações sociais. Nessa perspectiva os símbolos, as práticas e as socializações dos sujeitos jovens funkeiros compõem o espaço. O movimento desses jovens na sua relação com outros sujeitos/atores muda a dinâmica dos espaços que frequentam ou percorrem, que podem ser cíclicos abarcando diversas territorialidades.

Palavras-chave: Territorialidades - Juventudes - Funk

Introdução

O presente trabalho versa como um resumo expandido da dissertação da autora. Traremos aqui, um pouco da discussão base da pesquisa completa. Neste trabalho consideramos o funk como umas das muitas manifestações do Atlântico Negro (Gilroy, 2001), e nas dinâmicas dos bailes e dos encontros realizados por seus ouvintes e praticantes, nascem suas formas de expressão. Do ritmo funk, em todo seu processo intercultural de desenvolvimento, surgem expressões e manifestações corporais diversas, tais como o “rebolar o bumbum” até os famosos passinhos, os estilos de vida, as identidades e as linguagens próprias. Segundo Facina (2009, p. 02), “não se trata, portanto, de uma importação de um ritmo estrangeiro, mas sim de uma leitura de um tipo de música ligada à diáspora africana”. O passinho mais dançado em Belo Horizonte ficou conhecido como “passinho malado de BH”, sendo que “malado” significa “muito bom, legal demais, da hora”, gíria criada pelos jovens da capital.

A partir do movimento desses jovens pela cidade, ganha espaço os grupos de funkeiros que tomam conta das cidades, desde o morro até o asfalto. Seja na quadra da



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Vilarinho, baile da Serra ou no embaixo do Viaduto Santa Tereza, o funk sempre está tocando pelas ruas e praças de Belo Horizonte, nos sons automotivos ou caixinhas, estimulando a juventude funkeira a movimentar-se na cidade.

Sendo assim, a pesquisa pretende observar de que modo suas práticas produzem e compõem o espaço e como se territorializam pelo centro da cidade. Como objetivo geral buscamos: compreender o processo de territorialização dos jovens dançarinos do passinho malado de BH em seu trajeto até o baixo Centro e Savassi. Nossos objetivos específicos são: 1. discutir a comunicação e identificação da juventude funkeira com o território e como estes interagem na cidade; 2. identificar quem são estes sujeitos funkeiros que fazem parte do cenário do funk belorizontino e que ocupam a região central da cidade; 3. investigar as relações socioespaciais da juventude funkeira na cidade de Belo Horizonte.

Em nossa pesquisa assumimos o espaço como socialmente produzido, uma dimensão da sociedade, uma instância social e, portanto, produto e produtor de relações sociais. Nessa perspectiva, os símbolos, as práticas e as socializações dos sujeitos jovens funkeiros compõem o espaço. O movimento desses jovens na sua relação com outros sujeitos/atores muda a dinâmica dos espaços que estes frequentam ou percorrem, que podem ser cíclicos abarcando diversas territorialidades. Nossa problemática se baseia na seguinte pergunta: seria o funk, como manifestação cultural, um elemento definidor da territorialização dos jovens negros e periféricos nas áreas centrais de Belo Horizonte? Para respondê-la trabalharemos com as duas áreas ocupadas pelos jovens funkeiros no Centro: as regiões do Baixo Centro de Belo Horizonte e a região da Savassi.

1. Da divisão dos capítulos

As Geografias Negras¹ é nosso principal referencial teórico. A partir dela procuramos compreender as relações raciais no espaço, sendo crucial essa perspectiva para observarmos a relação da juventude negra e periférica no espaço urbano, apontando-se

¹ Escritas Geográficas Enegrecidas: enegrecer esta ciência com teóricos negros por meio de: (a) repensar a historiografia da Geografia a partir de rasuras e construções geográficas negras e (b) preocupar-se com uma bibliografia e com um conteúdo epistemológico, metódico e de metodologias negras; 2. Fazer Geográfico Enegrecido: com pesquisas cujos objetos de estudos sejam negros e sobre relações étnico-raciais. (Guimarães, 2018, p.45)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

todos os impasses que essa juventude enfrenta na sociedade e a marginalização de suas ações e manifestações, em especial através do funk. Em nosso primeiro capítulo apresentamos a forma com que o funk foi conquistando seu espaço na cena cultural brasileira e como vem se ressignificando ao longo do tempo, desde sua criação, à relação com seus sujeitos e com a sociedade. Como essa manifestação cultural e os sujeitos que a compõem lidam com os processos de uma sociedade colonialista que ainda vive os reflexos de uma colonização fundamentada no racismo será discorrido durante o capítulo. Para o segundo capítulo, trazemos a juventude funkeira como sujeito.

Trabalhamos nossos dados apontando como é a Belo Horizonte dos sujeitos da pesquisa. De onde saem, como convivem e sua realidade na capital, referenciando seus bairros de saída e sua chegada no centro de forma a contextualizarmos empírica e teoricamente suas sociabilidades. A dança e a música são os recortes que usamos para trabalhar com esses jovens e, nesse sentido, a dimensão do corpo é uma importante escala na construção da pesquisa. Neste ponto, entendemos que o corpo também é um território e que o corpo negro é limitado em relação ao branco. Como o funk atua na vida desses jovens é um importante marcador para construirmos o perfil dessa juventude funkeira belorizontina que dança o passinho malado pelas ruas de BH, para então sinalizarmos a dimensão dessa sociabilidade e o quanto essa cultura aparece na vida dos jovens que são protagonistas da cena funk da capital de Minas Gerais.

Propomos no terceiro capítulo indicar suas trajetórias espaciais e de territorialidades na cidade de Belo Horizonte, buscando demonstrar como se territorializam sendo o funk seu elemento de territorialização. Apresentaremos, em nossa proposta, essas territorialidades, suas contradições, seus conflitos, os estranhamentos, a vigilância sobre seus corpos, suas práticas e suas dificuldades para se territorializarem. Apontando se suas formas e locais de socialização, refletiremos sobre como se dá a construção da identidade funkeira, compreendendo o funk como uma cultura juvenil que molda essa juventude de acordo com a condição que lhe foi colocada no processo de socialização pelo funk. Tendo os espaços da Praça da Liberdade, o embaixo do Viaduto Santa Tereza e o Centro de Referência da Juventude – CRJ – como os espaços de territorialização, também nos interessa saber quais as formas de apropriação usada por essa juventude e conceituá-las



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

como processo formador e sociabilizador.

2. Das considerações e discussões finais

Mas a gente vamos ganhar essa luta aí. Estamos ganhando essa luta aí, porque uma coisa que eu falei para c*****. Eu chorei demais abraçando os meninos e falei, véi. Marielle morreu e quem é o culpado? Cadê? Por que não acha? Vale roubar, mas rouba pipoca e sai correndo, se não sai três viaturas atrás do cê, entendeu? Mas tirar a vida da pessoa é fácil. O nosso tá aqui dançando, a gente vai quebrar esse bagulho, vamos quebrar o Play, em nome do senhor Jesus! Porque esse preconceito tá alto, mas na melhor hora eles vão ver o pretão reinando, relaxa (Jovem VS).

Para a construção deste trabalho traçamos nossa narrativa a partir das contribuições de Paul Gilroy, afirmando que o funk é uma manifestação do Atlântico Negro. Nesse sentido, é uma manifestação do movimento diaspórico no corpo negro ancestral. A partir disso, o Passinho cria uma identificação entre os jovens que compõem os grupos que dançam. Além da identificação pelo funk, há também a identificação regional reafirmando que são mineiros, de Belo Horizonte, que dançam músicas de DJ's e MCs de Belo Horizonte.

O nome que atribuem à esta dança, “passinho malado de BH”, já nos indica essa identificação e identidade de “malvadeza”, belo-horizontina e funkeira. Sansone (2003) afirma que no Rio de Janeiro e na Bahia, o funk é uma música comum, mas que não é caracterizado como subgrupo ou estilo musical. Sua afirmação é a de que ele claramente concorre com diversos outros estilos musicais. Em Belo Horizonte, a cena funk não é diferente. Dentre os DJs mais conhecidos está o DJ WS da Igrejinha, citado por um dos jovens da tropa como sinônimo de alguém que se tornou bem sucedido com o funk e até mesmo um dos rappers mais conhecidos da cena atual do rap nacional, o Djonga, gravou um funk com o MC Saci, sendo os dois crias de BH.

No primeiro capítulo, buscamos trabalhar o funk como uma expressão cultural e territorial corpórea, sendo o corpo a nossa principal escala. Assim, toda história das



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

pessoas negras até o presente, perpassa a escala do corpo, não sendo possível dissociar a raça e a cor do sujeito negro.

Dessa forma, trabalhamos com alguns dos principais teóricos sobre o funk brasileiro para apontar os percursos desses sujeitos no espaço e na cidade, e como este se apresentou a partir da dinâmica do corpo da juventude negra e funkeira em Belo Horizonte. Nesse capítulo trouxemos nossa teoria base para ao analisar do funk, mobilizando-se a proposta de Paul Gilroy sobre o “Atlântico Negro”, sendo o funk uma manifestação afro-diaspórica.

Para o segundo capítulo, buscamos apresentar de forma mais específica os sujeitos que nos ajudaram a escrever essa pesquisa e apontar suas sociabilidades na cidade. Então, reconhecemos e conversamos com eles, buscamos apontar seus locais de saída e vivência para, 103 assim, descrevemos suas subjetividades a partir de uma construção também teórica da juventude e suas práticas.

Para o terceiro capítulo, apontamos, então, baseadas no discurso dos jovens e nos fatos ocorridos, para além do racismo institucional viabilizado pelo Estado, os pontos de discriminação e violência sofridos por esses jovens e qual a possível finalidade e interesse do Estado nessas disputas territoriais.

O funk e o Passinho caminham juntos na formação dessa juventude funkeira e, assim, o funk de BH também expressa sua mineiridade na cena nacional. Belo Horizonte e sua Região Central já foram cenários de manifestações culturais e religiosas negras no passado e, hoje, continua sendo: a partir da resistência da juventude que se recria e reconfigura, e a partir da identidade funkeira que se constitui através do passinho e da territorialização desses jovens nesses locais que antes não os incluía.

A forma que esses jovens encontraram de ser e estar no mundo, é um estilo de existência, de resistência e re-existência. As vivências da juventude, o enfrentamento ao racismo, suas formas e lutas, não seriam necessárias se não fosse a violência orquestrada pelo estado e a música, como sempre foi para as pessoas negras, é uma forma de driblar essa imposição de negação da liberdade e do direito a festa e a cidade. Nesse sentido, seguindo Paul Gilroy, em um contexto global, a música é para a negritude um símbolo da afro-diáspora, que não se prende a barreiras, apesar de tentarem impor limites.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A juventude não é estática. A negritude não é estática. Ela se movimenta e resiste. Esse trabalho muitas vezes se reconfigurou e caminhou entre as Geografias Negras, geografia cultural, geografia das juventudes, geografia urbana, pois foram os caminhos aos quais fomos levadas para construir as narrativas possíveis de apresentar e descrever a territorialização da juventude funkeira de Belo Horizonte desde o baixo Centro à Savassi e vice-versa.

Todo histórico de luta da região, mesmo antes dos funkeiros no centro de Belo Horizonte, deu espaço e força para que hoje continue a cena funk com muita força de vontade. Acompanhando de perto esse cenário, foi possível perceber que mesmo sem apoio algum, esses jovens permanecem fazendo o que gostam e resistindo pelas ruas. A construção do funk, a corporalidade e a marca negra na cidade possuem uma conotação que chega a ser pessoal.

Em um primeiro momento, a identificação da juventude funkeira na cidade mostrou que, mesmo que algumas pessoas e instituições queiram acabar com a força dos atores e dos sujeitos sociais, a união destes se faz mais forte. O histórico de lutas dos coletivos urbanos na cidade e suas práticas culturais diversas e já existentes são frutos de reivindicações que perpassam todos os movimentos. As diversas tentativas de gentrificação ocorridas naqueles espaços ainda possuem muitas nuances que mereçam, em trabalhos futuros, olhares mais precisos e mais de perto, para marcar seus desdobramentos que são incertos.

A apropriação da juventude funkeira no CRJ imprimiu um importante fator para nossos questionamentos iniciais, que é a ideia de um espaço seguro para seus corpos, tendo em vista que não foi narrado nenhum tipo de agressão verbal, física ou velada por meio dos jovens enquanto estavam neste espaço, ao contrário dos demais pontos que ocupam, como a Praça da Estação, o embaixo do Viaduto Santa Tereza e a Praça da Liberdade.

Todas as nuances que envolvem as disputas pelo espaço urbano fazem parte das disposições do território, e evidenciam a potência das juventudes e seus movimentos de apropriação. Por outro lado, também explicitam a gestão racista do espaço urbano, que promove políticas de embranquecimento tanto da paisagem quanto do território, e que por essa via favorece a violência contra corpos negros e o necropoder, que encabeça a necropolítica e culpa o oprimido pela violência sofrida.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A classe e a raça ditam quem recebe a segurança, a atenção e o direito de estar ocupando esses espaços pelo Estado. Porém, os sujeitos funkeiros fazem-se subversivos em suas práticas, construindo territorialidades e apropriações da cidade para compartilharem suas existências. A pluralidade e a força de sua estética, dança e música demonstram a diversidade e identidade desses sujeitos. A potência que esses corpos expressam a partir da prática do passinho transforma os signos, os símbolos e as limitações impostas pelo Estado e pelo capital. “Não param, só dão um tempim”

Referências bibliográficas

FACINA, Adriana. Não me bate doutor. Funk e criminalização da pobreza. V ENECULT Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador, 2009.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. A Geografia desde dentro nas relações étnico-raciais. Geografia e Ensino: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente. Salvador: EDUNEB, p. 67-94, 2018.

ROSA, Crislaine Custódia. BH É QUEM? BH É NÓIS : territorialização e apropriação das áreas centrais da cidade de Belo Horizonte pelos malados do funk / Crislaine Custódia Rosa. - - 2023. 115 p. Dissertação. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora.

SANSONE, Lívio. Negritude sem etnicidade - O local e o global nas relações raciais, culturas e identidades negras do Brasil. Tradução Vera Ribeiro. Salvador/ Rio de Janeiro. Edufba; Pallas, 2003. 335p.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

CONSTRUINDO CAMINHOS: TRAJETÓRIAS DE JOVENS MULHERES NEGRAS NA GRADUAÇÃO

Gabriela Borba Bispo dos Santos
Mestranda em Geografia - UFRGS
gabrielasantos1996@hotmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRGS
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

As investigações sobre juventudes, gênero e raça são muito relevantes para compreendermos como as jovens mulheres negras se manifestam socialmente. Para tanto, este estudo buscou pesquisar os impactos das condições de ser jovem, mulher e negra através da perspectiva de duas estudantes de uma universidade pública da região sul. Como instrumento metodológico, foram feitas entrevistas estruturadas, com aproximadamente 1 hora de duração. Os resultados nos indicam que ser jovem além de ser um período da vida, também é um momento em que se faz descobertas num sentido global. Sendo assim, a pesquisa contribuiu significativamente para as três temáticas estudadas.

Palavras-chave: Juventudes; Gênero; Raça.

Introdução

As pesquisas sobre as juventudes contemporâneas visam entender as vivências desses sujeitos na sociedade. Esse entendimento é essencial para percebermos como os jovens se expressam e se manifestam de maneira singular, bem como formam laços de afetos com as pessoas e com os lugares que apreciam, concordando com o que Carrano (2003) versou sobre a maneira como os jovens se apropriam e modificam a cidade diariamente a partir das suas preferências. Ser jovem negro no Brasil, por sua vez, é um desafio na medida em que estamos inseridos em um sistema racista e excludente que traça limites na vida dessas populações.

O movimento feminista amplia os debates acerca das questões gênero, uma vez que ambos lutam pela igualdade gênero na sociedade e contra a opressão patriarcal, assim como proporcionam a sororidade entre as mulheres e empoderamento delas. Posteriormente, foi estabelecido o feminismo negro para atender as demandas das mulheres negras, pois no início



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

do movimento as questões raciais foram negligenciadas na medida que a visão racista da época julgava que a maior característica delas era a raça e não o fato de serem mulheres. Sendo assim, Souza *et al* (2021) coloca que o racismo e o sexismo estão interligados e afetam diretamente na vida das mulheres negras, proporcionando as desigualdades em diferentes setores.

Compreender as questões raciais é muito relevante, visto que nos permite reconhecer como o racismo estrutural e as desigualdades sociais afetam substancialmente as populações negras de todas as formas; por isso, é importante o entendimento de que o combate ao racismo é ordem coletiva. Sob outra perspectiva, a representatividade de pessoas negras em diferentes posições profissionais e espaços é muito significativa, pois inspira outras pessoas que são negras a ocuparem essas profissões e lugares também.

A pesquisa teve como objetivo central analisar os impactos das condições de ser jovem, mulher e negra a partir do ponto de vista de duas discentes negras de uma universidade federal da região Sul do país com a intenção de compreender os desafios que surgem desta intersecção.

Referencial Teórico

As juventudes contemporâneas apresentam diferentes modos de ser, de estar e de viver na sociedade, uma vez que suas manifestações, redes de sociabilidades e as marcas que deixam pelos espaços das cidades é um compilado heterogêneo (Vieira, 2022). Corroborando com o debate, Pais (2003, p. 98) afirma que “[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há “um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados”. Sendo assim, mais uma vez é evidenciado que a heterogeneidade por parte dos jovens apresenta um universo de características diferentes que é impossível padronizá-los.

Os preconceitos de ordem sexista e racial são indissociáveis e emergiram a partir das diferenças biológicas entre os sujeitos (cor da pele e demais traços étnicos), resultando em uma poderosa ideologia de dominação que proporcionou a opressão e a desigualdade de mulheres e homens negros (Carneiro, 2019). No início do movimento feminista não era debatido as questões acerca de raça, pois o eurocentrismo prolongou a desigualdade política,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

econômica e social das mulheres negras, bem como colaborou para o silenciar suas vozes e seu protagonismo (Davis, 2016).

No Brasil, o racismo é uma questão estrutural que permeia todas as esferas sociais, não podendo ser reduzido a perspectivas limitadas ou tratado como uma questão individualizada. Segundo Almeida (2018), o racismo é uma consequência da estrutura social, sendo normalizado e reproduzido nas relações políticas, econômicas e familiares. Hooks (2019) alerta que o racismo generalizado não pode justificar os atos racistas, pois as pessoas negras são as mais prejudicadas pela estrutura racista da sociedade. Assim, embora o racismo seja culturalmente reproduzido, ele não deve ser tolerado ou ignorado.

Metodologia

A investigação foi produzida em uma universidade federal localizada na região Sul do Brasil e as participantes foram duas jovens mulheres negras que são alunas da referida instituição. O instrumento metodológico se deu a partir de entrevistas estruturadas, tendo aproximadamente 1h de duração com as sujeitas da pesquisa. Para análise dos dados, foi aplicada a análise de conteúdo (Bardin, 1977), com isso foi organizado as entrevistas e posteriormente foi feita a codificação e categorização delas. Uma vez realizadas as entrevistas, foram feitas suas transcrições e a análise dos dados.

Em relação aos cuidados éticos, foi cumprido todos os requisitos que atende à resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), assim como a instituição assinou o Termo de Anuência (TA) para a realização desta pesquisa e as participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) antes da entrevista. Para garantir a privacidade das participantes, foi alterado seus nomes verdadeiros para o de duas mulheres negras que foram importantes nos desdobramentos da história do Brasil.

Resultados

Ao final das entrevistas, foi apresentada uma folha na qual as jovens alunas puderam escolher qual mulher negra seria sua representação neste trabalho. A primeira entrevistada escolheu a Aqualtune e a segunda decidiu ser representada pela Tereza de Benguela. Quanto a caracterização delas, respectivamente, as jovens participantes têm 26 e 27 anos, ambas



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

residem no mesmo município e não trabalham fora do ambiente universitário por serem bolsistas de dedicação exclusiva na universidade em que realizam seus estudos.

A partir do questionamento “para você, o que é ser jovem?”, as participantes apontaram que é um período da vida no qual se faz muitas descobertas de modo geral, seja sobre de si mesmo ou nos relacionamentos amorosos, nas amizades estabelecidas e com os seus familiares também. As alunas destacaram também a importância do aprendizado, pois a maior parte do seu dia se dá nas instituições de ensino e ele motiva os jovens a estarem abertos para explorar novas experiências, assim como se tem o entendimento de que não sabemos tudo, pois o aprendizado é contínuo e dinâmico.

Quando perguntadas “quais são os desafios de ser uma estudante mulher no seu curso (segundo dados da Universidade, apenas 35% dos estudantes desse curso são mulheres)?”, as jovens participantes colocaram que a reprodução do machismo coloca as mulheres num lugar de inferioridade, assim como elas não detém os mesmos privilégios que os homens. Outro ponto abordado por elas é a falta de voz e de representatividade feminina no ambiente acadêmico e em posições de liderança, fazendo que as mulheres sejam vítimas, infelizmente, de ações de *manterrupting* e *mansplaining* (Oliveira, 2023).

Através da pergunta “você acredita que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras? Por quê?”, as jovens participantes apontaram a ausência das discussões sobre essa temática no ensino básico e, posteriormente, confirmaram que o movimento teve uma influência positiva ao longo suas trajetórias no ambiente acadêmico, visto que o acesso a universidade lhes permitiu aprender e debater sobre o movimento feminista e ao feminismo negro, além de conhecerem e consumirem obras de mulheres negras importantes.

Através da indagação “há alguma referência de mulher negra para você? Se sim, qual e por quê?”, ambas as participantes trouxeram o exemplo de mulheres negras que elas admiram e que são ou foram do seu convívio. Para Alquatune, a figura de uma professora negra em uma etapa da sua trajetória escolar foi extremamente importante, pois sentiu-se representada e ao mesmo tempo aumentou sua vontade de ser professora, justamente pelo impacto de ver uma mulher negra nesta posição, por isso a relevância da representatividade de pessoas negras em diferentes espaços e posições profissionais. Para Tereza de Benguela, sua



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

mãe é a referência de mulher negra, pois a história de vida dela é uma fonte de inspiração e força para a participante, assim como é importante ressaltar o quanto a mãe dela valorizava a educação e sempre deixou claro que queria que a filha valorizasse e usufrísse desse acesso.

Considerações Finais

O campo de pesquisa das juventudes é muito importante, visto que é possível compreendermos como os jovens se manifestam na sociedade contemporânea e as heterogeneidades que os envolvem. No contexto brasileiro, ser um jovem negro é um desafio em função do racismo estrutural que limita os acessos desses indivíduos em diferentes setores.

Outro ponto relevante de se pensar nesta investigação foi o feminismo, o qual é um movimento político e social que amplia as discussões de gênero, visto que a luta contra a opressão patriarcal promove a igualdade na sociedade, além de viabilizar a sororidade e o empoderamento entre as mulheres. O feminismo negro, por sua vez, foi criado pela necessidade de incluir as pautas das questões raciais que por muito tempo não foram discutidas dentro do movimento feminista.

Quanto as questões raciais, é importantíssimo percebermos o quanto o racismo ainda é uma triste realidade na vida das populações negras no Brasil e no mundo. Por outra lado, a representatividade de pessoas negras em diferentes profissões de prestígio social é muito significativa, uma vez que inspira outras pessoas negras a ocuparem essas posições também.

Ser jovem, para as entrevistadas, além de ser um período de descobertas sobre si mesmo e das relações que são estabelecidas amorosamente, nas suas amizades e familiares, também é um momento em que o aprendizado está muito presente, pois a maior parte de seu dia se dá nas escolas e universidades. Dentre os desafios que envolvem ser uma estudante mulher foi apontado a reprodução do machismo em várias frentes, além da falta de voz e representatividade feminina no ambiente acadêmico e em posições de liderança. Do viés da contribuição do feminismo negro para o empoderamento das mulheres negras, foi elencando que o consumo de obras produzidos por essas mulheres foi muito importante para suas compreensões pessoais e interpessoais. Como referências de mulheres negras, foram colocadas as figuras de professora e de mãe, sendo estas mulheres exemplos de representatividade, força e empoderamento para as jovens participantes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Esta pesquisa abre caminho para explorar novas perspectivas, permitindo uma investigação mais aprofundada nos três eixos temáticos abordados, tanto de maneira conjunta quanto em estudos focados em apenas um eixo. Considerando que o estudo foi realizado no contexto universitário, mais precisamente durante a graduação, seria possível investigar as trajetórias das jovens mulheres negras em programas de pós-graduação ou no pós-doutorado, com foco em um estado específico ou em região brasileira.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, 1977.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. *In: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

OLIVEIRA, Raquel Pompeia Teixeira de Melo. **Violências contra mulher no contexto profissional de professoras de línguas: crenças e emoções**. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras), Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2023.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

SOUZA, Ana Lucia Nunes de *et al.* Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre racismo estrutural e a feminização do cuidado. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 1, p. 13-26, 2021.

VIEIRA, Cristina Pereira. Prefácio – falas sobre as juventudes, em tempos de pandemia: introdução ao discurso. *In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). Dialogando sobre juventudes*. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2022.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

CULTURAS JUVENIS E CIBERESPAÇO: UMA PROPOSTA PARA ESTUDAR OS MASSACRES ESCOLARES

Naomi André Cambará Barbosa
Mestranda em Geografia Universidade Federal de São Carlos
nan.barbosa01@gmail.com

Resumo

A emergência tecnológica através da criação de novos mecanismos trouxe múltiplos benefícios para as relações no espaço geográfico e nas sociabilidades, trazendo novas possibilidades de espacialidade, principalmente com a juventude. Entretanto, com a ascensão das redes sociais e a visibilidade que as mesmas dão para a questão da repercussão de massacres escolares, cria-se uma nova discussão acerca da potencialidade das redes sociais nos massacres escolares. Este trabalho então tem como objetivo trazer uma proposta de estudo que investigue a relação entre os massacres escolares e as sociabilidades juvenis de alunos do Ensino Médio no Ciberespaço.

Palavras-Chave: Ciberespaço; Juventudes; Massacres Escolares

Introdução

É notório que, com o aumento de casos de ataques em escolas, torna-se necessário que haja estudos que se proponham a estudar acerca dos processos de violência no ambiente escolar e como eles interferem no cotidiano das escolas e dos estudantes. É importante identificar de maneira prática como esses ataques violentos ocorrem, quais suas motivações e como o espaço escolar torna-se o cenário desses atos violentos e quais são as intencionalidades do sujeito que comete tais atos. Uma das discussões neste âmbito é se efetivamente há uma relação direta entre os massacres escolares e as Redes Sociais.

Dentre as perguntas que nós podemos fazer: a cultura juvenil e a cibercultura estão diretamente relacionadas com os massacres? É notório que há uma discussão que ganha cada vez mais força nas redes sociais, neste caso, alegando que há uma relação direta entre os massacres escolares e a organização dos mesmos, assim como ameaças realizadas através das redes sociais virtuais. As sociabilidades virtuais existem e perpassam por entre várias comunidades. São grupos que se organizam em comunidades virtuais e organizam diversas atividades com variadas finalidades. Não devemos ignorar que os jovens constroem suas subjetividades no espaço geográfico, o que coloca dois desafios para os estudos acerca dos massacres escolares: entender se há uma relação direta entre as sociabilidades juvenis desses



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

estudantes e o ciberespaço. Cavalcanti (2013) cita que a juventude pode ser compreendida como uma categoria social que diz respeito a uma fase da vida conhecida como fase juvenil.

A autora cita acerca de como podemos interpretar a juventude de múltiplas formas, não nos restringindo somente à uma percepção de idade, mas sim, um conjunto de atributos. As espacialidades juvenis estão interligadas diretamente com a ocupação do espaço, pois é nele que o jovem irá produzir suas espacialidades e construir simbolismos possíveis de acarretar simbolismos para o espaço. A percepção do espaço geográfico dependerá da subjetividade de cada sujeito e como ela vivencia o mesmo.

As juventudes no ciberespaço e sua relação com os massacres escolares: uma proposta de estudo

Com o advento das novas tecnologias, surge uma nova concepção do espaço geográfico, não apenas como um ambiente físico, mas também como parte integrante do ciberespaço, onde todas as interações sociais ocorrem, mesmo quando referimos a um espaço em que as interações sociais e o senso de comunidade se manifestam.

No que se refere à interseção entre Geografia, Cibercultura e estudos sobre juventude, é possível alinhar-se aos estudos sobre cibercultura (LÉVY, 1996) e ciberespaço (BERNARDES, 2012), os quais podem enriquecer e complexificar as análises sobre juventude e produção do espaço, uma vez que os jovens estão imersos nas redes sociais virtuais, dinamizando suas vidas e suas relações espaciais por meio da Internet, entre outros recursos.

O espaço virtual não existe sem o próprio ciberespaço ou o espaço geográfico, pois ambos estão interligados de forma indissociável. A percepção geográfica do espaço é o que nos permite interpretá-lo, gerando assim novas perspectivas sobre sua constituição e configuração, na qual as sociabilidades perpassam. As relações sociais irão se moldar não somente através do espaço físico, mas igualmente no espaço virtual.

Além de ser um campo de possibilidades, o espaço virtual é onde novas abordagens para compreender a disseminação das dinâmicas espaciais emergem, com as virtualidades espaciais cada vez mais presentes na experiência desses sujeitos. Hoje, o espaço virtual, por meio da internet, é onde esses sujeitos estão inseridos, trocando informações e interagindo



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

socialmente por meio das redes sociais virtuais. Essas comunidades online trazem sentimentos de pertencimento e simbolismos que fazem parte da constituição do sujeito.

Ao mencionarmos a Ciência Geográfica como referência, autores como Turra Neto, De Sousa Cavalcanti e Oliveira têm se dedicado a pensar a juventude tanto como categoria social quanto como comunidade para a qual o ensino de Geografia deve ser direcionado. Segundo Nedel (2024, p. 102):

é importante destacar que, enquanto a categoria "juventude" abarca as inquietações e conflitos próprios desse período de vida, aos quais muitos adultos se identificam, por outro lado, observamos manifestações na sociedade que tendem a encarar as juventudes com desconfiança, retratando-as como uma fase negativa e perigosa, que, por vezes, demanda uma intervenção massiva e até mesmo regulamentação por parte das autoridades públicas.

Diante disso, Cavalcanti (2013, p. 86) alerta que "não se pode referir a essa categoria como uma unidade, cujas características classificadoras podem ser elencadas a priori e generalizadas". Dessa forma, surge a questão sobre a necessidade de pensar a juventude levando em consideração suas particularidades enquanto sujeitos que habitam o espaço geográfico. O tema dos estudos sobre juventude no Brasil tem ganhado cada vez mais visibilidade, não apenas na Geografia, mas também em outras áreas do conhecimento.

Considerando isso, estamos desenvolvendo um projeto que aborda as sociabilidades juvenis no ciberespaço e sua relação com o ambiente escolar, buscando compreender se há uma correlação entre essas sociabilidades e os ataques em massa às escolas. As culturas escolares estão fundamentadas em diversos valores historicamente construídos. O espaço escolar, além de ser um dos primeiros locais de contato com a diversidade, é um ambiente onde é possível estabelecer uma série de relações sociais, culturais e políticas. Isso ocorre devido aos diversos movimentos que ocorrem na escola, resultantes da interação de diferentes culturas, especialmente as culturas juvenis (Cavalcanti, 2013).

Existem escolas no Brasil que foram palco de massacres e ataques violentos perpetrados por alunos. Os ataques violentos em escolas podem ter múltiplos fatores e intenções. Diante dessa afirmativa, é imprescindível realizar um estudo sobre o fenômeno da violência escolar nas comunidades escolares brasileiras. Os casos recentes de ataques em



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

escolas evidenciam um aumento em sua recorrência, revelando que o ambiente escolar tem sido alvo frequente não apenas de alunos, mas também de indivíduos externos.

Uma proposta metodológica

Considerando os apontamentos anteriores, propõe-se a análise da distribuição dos adolescentes em escolas específicas, investigando seus relatos sobre massacres escolares nas redes sociais. Inicialmente, será realizada uma análise por meio de metodologias como Etnografia Virtual ou Netnografia para identificar relatos dos estudantes sobre o tema.

Em um segundo momento, as escolas serão identificadas a partir dos relatos dos sujeitos nas redes sociais. Esta abordagem visa estudar as relações sociais virtuais juvenis, especialmente relacionadas ao bullying e cyberbullying nos espaços escolares. Diversas plataformas de redes sociais, como "X", Instagram ou TikTok, serão investigadas para compreender a presença desses jovens.

Para alcançar esses objetivos, o primeiro procedimento metodológico será uma pesquisa bibliográfica para revisão de trabalhos anteriores sobre massacres escolares, espaços escolares e juventudes. A identificação das postagens relevantes será realizada com o auxílio de software, buscando por hashtags e palavras-chave relacionadas ao tema, com foco principal na Rede "X". A coleta de dados das publicações, comentários, curtidas e compartilhamentos será feita com o software *Apify*.

A análise das sociabilidades virtuais será conduzida por meio da netnografia, examinando o conteúdo das redes sociais virtuais. Para compreender como essas interações virtuais influenciam o comportamento dos jovens na escola, será necessária a imersão da pesquisadora nos espaços escolares, investigando a organização espacial dos alunos e como as redes sociais podem afetar a dinâmica escolar, inclusive fomentando atos de exclusão.

Através da interação dos jovens no ciberespaço, busca-se compreender como as comunidades online impactam a vivência escolar dos alunos. A etnografia virtual será empregada para transcender as relações das redes sociais virtuais para o ambiente escolar, explorando a hipótese de que as interações virtuais influenciam o comportamento dos jovens nos espaços escolares, com foco nos relatos nas postagens das redes sociais e suas repercussões na escola.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

As sociabilidades juvenis se expressam de forma significativa no ciberespaço, tornando-se um aspecto relevante a ser analisado, estudado e debatido, especialmente considerando a concentração da juventude nesse meio e o impacto das novas tecnologias na formação cultural.

Referências bibliográficas

BERGMANN, H. **Ciberespaço e cibercultura**: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. *Revista Iberoamericana de Educación*. Nº 43/7, 10 de setembro de 2007.

BERNARDES, A. H. Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta: contribuição à epistemologia em Geografia. 2012. 264 f. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101438>

BERNARDES, A. **COMO PESQUISAR AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS EM GEOGRAFIA?**. *Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia*, v. 18, n. 2, p. 22-34, 2020.

CAVALCANTI, L. de Souza. **Jovens escolares e a cidade**: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 35, p. 74-86, 2013.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 200p

GOMES, P. B. (2011). Bullying: um desafio para nossas escolas. **Revista Querubim**, (14), 1-11.

LÉVY, Pierre. **As estruturas antropológicas do ciberespaço**. Salvador: UFB, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

OLIVEIRA, V. H. N. (2024). **Análise das pesquisas sobre juventudes na pós-graduação da Geografia brasileira**. *Revista De Geografia*, 40(3), 100–118. <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2023.259381>

NETO, N. Turra. **Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis**. *Formação (Online)*, v. 1, n. 20, 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, G. Carvalho da. O ciberespaço como categoria geográfica. 2013. 178 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA MEDIAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: ESTUDO EM SÃO GONÇALO/RJ

Rafaela da Silva Fernandes
Aluna. FFP/UERJ
rafaelafernandesbk@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir o fenômeno da violência na escola atravessado pelas representações usuais sobre o universo juvenil. Ele faz parte de uma pesquisa intitulada "Juventudes, educação e periferias urbanas: espaços de conflitos e mediação", que vem sendo desenvolvida como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UERJ e, atualmente como parte do Prodocência, Programa de Incentivo à Docência na Graduação. A pesquisa consiste num processo de diagnóstico das situações de violência em duas escolas localizadas no município de São Gonçalo/RJ e de estratégias de mediação cultural com jovens estudantes secundaristas para discutir suas perspectivas a respeito da sociabilidade na escola e das relações disso com as dimensões de raça e gênero.

Palavras-chave: violência escolar; sociabilidade juvenil, mediação,

Introdução

O tema da violência nas escolas está intimamente ligado à juventude. Embora muitos jovens e seus responsáveis vejam a escola como um lugar de conhecimento e pautada no acolhimento com os demais dos alunos, a realidade mostra um aumento preocupante da violência nesse ambiente. A autora Miriam Abramovay, em seu recente estudo sobre a juventude, "Juventudes, Vivências e Resistências" da escritora Flaco realizou uma pesquisa para entender "O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e Rio Grande do Sul", em que a autora relata as contradições e cobranças de ser jovem, reflete os efeitos do fenômeno do "adultocentrismo". Neste estudo a autora demonstra o impacto do racismo, gênero, dentre outras questões que atravessam os alunos entrevistados e que também está presente neste trabalho.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Notícias de brigas entre alunos, agressões a professores e outras manifestações violentas são frequentes nos meios de comunicação e nas redes sociais.

Não há dúvidas de que a violência escolar amplifica as desigualdades socioespaciais enfrentadas pelos jovens estudantes, especialmente os que residem em espaços periféricos, jovens pobres enfrentam não apenas os desafios escolares. Assim, os jovens pobres enfrentam não apenas os desafios escolares, mas lidam com a distinção territorial de direitos.

Estamos diante de uma perversa combinação de distâncias físicas e sociais que se acumulam como desigualdades de acesso às oportunidades de trabalho, de bens culturais de serviços de saúde e educacionais, e aos mercados de consumo. Decisivamente, vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela distinção territorial de direitos, reproduzida sem cessar nas condições atuais de circulação urbana. (BARBOSA, 2013, p. 6). Isso pode resultar em dificuldades de concentração, ansiedade e até mesmo evasão escolar, perpetuando o ciclo de desvantagem social.

Por outro lado, ainda, pesquisas sobre as situações de conflito e violência na escola salientam para o conjunto de fatores internos e externos que contribuem para este cotidiano. De modo que as desigualdades mencionadas ganham complexidade nos ambientes escolares quando corpo docente, gestores e demais funcionários adotam uma postura discricionária, preconceituosa e refratária às práticas e estéticas juvenis.

Objetivo

Este artigo tem como objetivo analisar a percepção dessa violência nas relações dentro da escola, incluindo professores, direção e alunos, não apenas para combater a violência em si, mas também para compreender suas diversas formas de manifestação. Isso porque entendo que o fenômeno da violência está ligado às relações humanas, sendo equivocado, e até mesmo ingênuo, querer dar fim a manifestação da violência. No entanto, é preciso que a escola esteja preparada para lidar com as manifestações de violência quando ela ocorrer e que tenha consciência das mais diversas formas de violência que são produzidas pela própria instituição escolar.

Hannah Arendt, em sua obra emblemática *Sobre a Violência*, desafia a visão convencional da violência como um desvio social isolado, apresentando-a como uma força



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

intrínseca e complexa nas relações humanas. Para ela, a violência não é apenas um fenômeno destrutivo, mas também um meio de ação e poder que molda as dinâmicas sociais e políticas.

Os objetivos centrais deste estudo são identificar e analisar as diversas manifestações de violência que ocorrem no ambiente escolar, compreender o impacto da violência sobre gestores, professores e alunos, e explorar as contradições e tensões presentes nesse contexto. Além disso, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda dos contextos de vida juvenis, considerando suas particularidades, e promover uma maior aceitação e entendimento desses contextos, visando à construção de ambientes escolares mais inclusivos e seguros.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com questionários aplicados aos alunos da escola no bairro Porto Novo, devido à maior abertura da escola com o grupo de pesquisa, já que enfrentava manifestações de violência diariamente. Além disso, foram realizados encontros com os alunos para discutir não apenas a violência escolar, mas também as violências enfrentadas no ambiente familiar.

Desenvolvimento

Os resultados evidenciam a complexidade das estratégias de inclusão e exclusão social reproduzidas pela escola, bem como a dinâmica dos agentes escolares, que muitas vezes não percebem que contribuem para a reprodução da violência. A escola enfrenta ameaças internas como falta de infraestrutura, recursos limitados e desvalorização dos professores.

É notável que, apesar de reconhecida como uma questão problemática nessas instituições, conforme relatado pelos próprios professores, alguns demonstraram significativa relutância em participar da pesquisa, refletida em respostas negativas nos questionários. De acordo com dados do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), que analisou 9.530 chamados, foram constatadas 50.186 violações, marcando um aumento de 143,5% em comparação ao período anterior. Durante o intervalo de janeiro a setembro de 2022, foram registradas 20.605 ocorrências, sendo que as regiões mais afetadas foram São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Notavelmente, das 9.530 denúncias, mais de 1,2 mil referiram-se a casos envolvendo professores como vítimas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Daniel Cara em 2022 confeccionou um relatório intitulado “O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para ação governamental” e neste trabalho o autor aponta o perfil dos agressores, sendo majoritariamente adolescentes brancos e heterossexuais, tendo como alvo frequentes as mulheres. Isso se deve ao fato de *“frustração sexual e raiva do mundo, dentre outros processos típicos da adolescência, são mobilizados em espaços de discussão online onde muitos desses jovens se reúnem para desabafar ditas frustrações”* (CARA, 2022).

Arendt argumenta que a violência não surge apenas de indivíduos desequilibrados ou de grupos marginais, mas está enraizada nas estruturas de poder e nas relações entre governantes e governados. Ela observa que o uso da violência como ferramenta de controle e coerção é uma característica recorrente ao longo da história, desde os tempos antigos até as formas mais modernas de autoritarismo. A autora explora a relação entre violência e poder, sugerindo que o uso da violência muitas vezes reflete uma falha no exercício legítimo do poder, levando à sua substituição por métodos coercitivos. Essa análise nos convida a repensar não apenas como lidamos com a violência em nível individual, mas também como enfrentamos suas raízes estruturais e suas manifestações sistêmicas nas esferas política e social, estando esse tipo de violência presente nas instituições escolares.

Foram constatadas transgressões em domínios que abarcam desde direitos civis, políticos e sociais até questões de discriminação, injúrias raciais, racismo, liberdade, integridade física e mental, e o direito à vida.

Neste sentido, como a escola prepara para uma vida adulta num contexto de sociedade que ainda há manifestações explícitas de racismo e de noções heteropatriarcais? Quando fala dos interesses dos alunos, na verdade está falando de suas práticas socioculturais, de suas tentativas de afirmação de suas diferenças que se dá por meio de novas linguagens, de outros arranjos de organização, mas tudo isso parece ser invisível para as escolas. Ao mesmo tempo, como não reconhecer que a demanda de inserção no mercado de trabalho se relaciona com a forma como se representa jovens pobres, negros para o mercado.

Os jovens são especialmente afetados por esse contexto, muitas vezes reproduzindo a violência sem compreender suas consequências. Jovens pobres são particularmente vulneráveis a violações de direitos, e gestores e professores muitas vezes interpretam suas



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

expressões e manifestações de forma pejorativa e crítica, contribuindo para a perpetuação do ciclo de violência.

Abordar o tema da violência nas escolas significa lidar com uma interseção de diversos elementos, constituindo um fenômeno singular que envolve práticas sociais intrincadas e compreender essa realidade requer uma análise que vá além da mera observação das manifestações práticas e violentas. (Abramovay, 2002).

Durante o levantamento realizado entre os estudantes das duas escolas, tornou-se evidente uma disparidade entre as ambições individuais dos alunos e a orientação educacional oferecida pelas escolas. Uma preocupação central é a ocorrência de redirecionamentos baseados em raça e gênero, como por exemplo situações em que membros do corpo docente sugeriram escolhas acadêmicas específicas aos alunos.

Por exemplo, houve relatos de um aluno (homem) que foi incentivado a mudar para o turno da noite para participar de um curso técnico durante o turno do dia, enquanto outra aluna foi encorajada por uma professora a considerar um curso de enfermagem. Essas orientações, principalmente direcionadas a estudantes de escolas públicas, que frequentemente são associadas a profissões menos valorizadas, refletem uma visão limitada e reducionista por parte da instituição de ensino em relação às possibilidades dos alunos. Essa abordagem restrita não apenas restringe suas escolhas, mas também falha em apresentar a diversidade de oportunidades disponíveis.

A percepção estereotipada que associa jovens negros a trabalhos manuais e limita suas perspectivas educacionais tem um impacto significativo na forma como esses indivíduos enxergam o mundo e suas próprias possibilidades. Esse estigma não apenas reflete preconceitos arraigados na sociedade, mas também influencia diretamente as oportunidades e expectativas impostas a esses jovens.

O impacto psicológico desse estigma é profundo. Muitos jovens negros internalizam essa percepção limitada de si mesmos, o que pode resultar em uma autoimagem depreciada e uma visão de mundo restrita. Eles podem sentir-se desencorajados a buscar educação superior ou profissões mais exigentes, acreditando que não têm capacidade ou oportunidade de acessar essas esferas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Uma das escolas estudadas fica a menos de 1(km) da Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ e muitos deles mal sabiam que aquele prédio era uma universidade, tampouco sabiam qual era o processo para que eles pudessem ingressar.

Nesta pesquisa tomamos como referência os autores Clarice Cassab, Mário Pires Simão, Miriam Abramovay, dentre outros para discutir o fenômeno da violência na escola, além dos autores Pierre Bourdieu para pensar as sociabilidades juvenis. A pesquisa destaca a necessidade de estratégias proativas, que considerem não apenas as agressões físicas, mas também as dinâmicas sociais e emocionais envolvidas.

Considerações Finais

Por fim, nesta breve consideração, cabe destacar que a pesquisa está na sua fase final, que inclui a mediação com os gestores das escolas, a fim de que seja instalado o diálogo entre todos os sujeitos envolvidos na dinâmica escolar. Além desse diálogo, como resultado, foi estabelecido o Laboratório de Estudos das Relações Étnico-raciais e de Gênero na escola, um espaço permanente em uma das escolas investigadas, destinado ao diálogo sobre questões relacionadas ao racismo, sexismo, machismo e outras formas de manifestações presentes infelizmente no ambiente escolar. Os próximos passos da pesquisa envolvem a continuidade desse laboratório, visando impactar um maior número de alunos e promover discussões mais amplas sobre o tema.

Referências bibliográficas

A multiplicação da internet nas favelas e a visibilidade social dos jovens. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos. Fev/2013. <http://www.posgeo.uff.br/multiplicacao-da-internet-nas-favelas-e-visibilidade-social-dos-jovens-entrevista-com-jorge-luiz>

Abramovay, Miriam. Violência nas escolas/Miriam Abramovay et alli - Brasília - UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

Abramovay, Miriam & Figueiredo, Eleonora & Silva, Ana Paula da. Juventudes, educação e violências: articulações e controvérsias / organização Miriam Abramovay ... [et al.]. -- 1. ed. - Brasília, DF : Flacso, 2021.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Aitken, S. C. (2019b). *Jovens, direitos e território: apagamento, política neoliberal e ética pós-infância*. Brasília: Universidade de Brasília.

Arendt, H. (1970). *Sobre a Violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/Diel, 1989.

Cara, D. (2022). *O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para ação governamental*. Relatório.

Cassab, Clarice. *Os jovens e suas mediações espaço-temporal: a cidade e os projetos de vida*. In: Paula, Flávia Maria de Assis, Cavalcanti, Lana de Souza, Pires, Lucineide Mendes (orgs). *Os jovens e suas espacialidades*. Goiânia:/Editora Espaço Acadêmico.2016.

Cassab, M. A. T. *Jovens pobres e futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.

Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Brasil). (2023, novembro). *Disque 100: 2023 registra aumento de cerca de 50% para violência nas escolas em comparação a 2022*. Acesso em 20/04/2024 <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/disque-100-2023-registra-aumento-de-cerca-de-50-para-violencia-nas-escolas-em-comparacao-a-2022>>



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

DESCORTINADO O PERFIL DAS JUVENTUDES NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE GO

Franciane Prado Gonçalves
Doutoranda Universidade Federal Jatai
francianeprado@hotmail.com

Resumo

A questão da juventude tornou-se um tema de grande importância em diversas áreas, este estudo tem como foco as juventudes no campo é necessário compreender o papel desse sujeito que está diretamente envolvido na reconfiguração da estrutura do campo. optou-se por realizar a pesquisa no município de Rio Verde, tornando-se destaque em Goiás e no Brasil devido a pujança do agronegócio. tem como objetivo analisar a demografia das juventudes no campo em Rio Verde. A metodologia utilizada são os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para destacar aspectos importantes das juventudes no campo.

Juventudes no campo, dinâmicas demográficas, agronegócio.

Introdução

Discutir as juventudes no contexto do campo brasileiro representa um desafio complexo e multifacetado, especialmente em um período caracterizado por rápidas transformações socioeconômicas e culturais. Nesse cenário, a influência crescente dos meios de comunicação e a dinâmica das expectativas dos jovens em relação ao futuro frequentemente divergem das realidades enfrentadas nas áreas rurais. Embora essas generalizações devam ser cuidadosamente ponderadas, é inegável que compreender o papel e as perspectivas dos jovens no campo demanda uma análise criteriosa das oportunidades de desenvolvimento que esses ambientes oferecem.

Com o objetivo de lançar luz sobre a realidade das juventudes rurais, este estudo concentra-se em investigar o contexto específico do município de Rio Verde, localizado no estado de Goiás. Inicialmente, busca-se situar essa análise no contexto nacional, explorando dados demográficos que destacam a representatividade dos jovens nas diferentes regiões do Brasil, tanto em termos gerais quanto no contexto rural.

Ao destacar o município de Rio Verde como objeto de estudo, pretende-se não apenas compreender as características específicas das juventudes no campo nesse contexto, mas também investigar as dinâmicas locais que moldam suas experiências e perspectivas. Por



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

meio de uma abordagem interdisciplinar, este estudo visa contribuir para uma compreensão mais profunda dos desafios e potencialidades das juventudes no campo.

Resultados e discussão

Discutir as juventudes no campo não é uma tarefa fácil, pois vivemos em um período de constante transformações, principalmente no aspecto midiático, no qual o campo nem sempre conseguirá atender às expectativas dos jovens a respeito do futuro, claro que isso não é uma regra e não pode em momento algum ser generalizado. Todavia o desafio maior ao se analisar o jovem nesse contexto são as reais oportunidades de “crescimento”, afinal qual a real importância do campo para esse jovem?

Para desvelar a juventude que vive no campo em Rio Verde (GO), em um primeiro momento, faz-se necessário conhecer esse universo a nível de Brasil. A seguir, apresentamos os dados referentes à representatividade de jovens em geral e no rural por região (Tabela 1), com o intuito de possibilitar a análise da representatividade dessa categoria social nos dados demográficos brasileiros.

Tabela 1- Representatividade da população brasileira dentre a população por Região 1

	POPULAÇÃO EM GERAL	JOVENS EM GERAL	% JOVENS EM GERAL	JOVENS RURALS	% JOVENS RURALS
NORTE	17.254.000	4.601.000	26,3%	1.062.000	23,1%
NORDESTE	56.641.000	14.022.00	24,8%	3.698.000	26,4%
SUDESTE	85.916.000	19.502.932	22,7%	1.246.000	6,4%
SUL	29.290.000	6.527.000	22,3%	800.000	12,3%
CENTRO- OESTE	15.489.000	3.717.000	24,0%	311.000	8,4%
BRASIL	204.860.00	48.346.000	23,6%	7.117.000	14,7%

Fonte: IBGE- (PNAD 2015).

Quando analisamos a Tabela 1, a região que possui maior percentual de jovens que vivem no campo é a região Nordeste, seguida pela região Norte, ambas, de maneira geral, também possuem o maior percentual de população rural no Brasil. De acordo com Lassance (2011), há uma tendência demográfica que indica uma maior proporção de jovens em regiões com menor Produto Interno Bruto (PIB) e renda per capita, assim como um maior



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

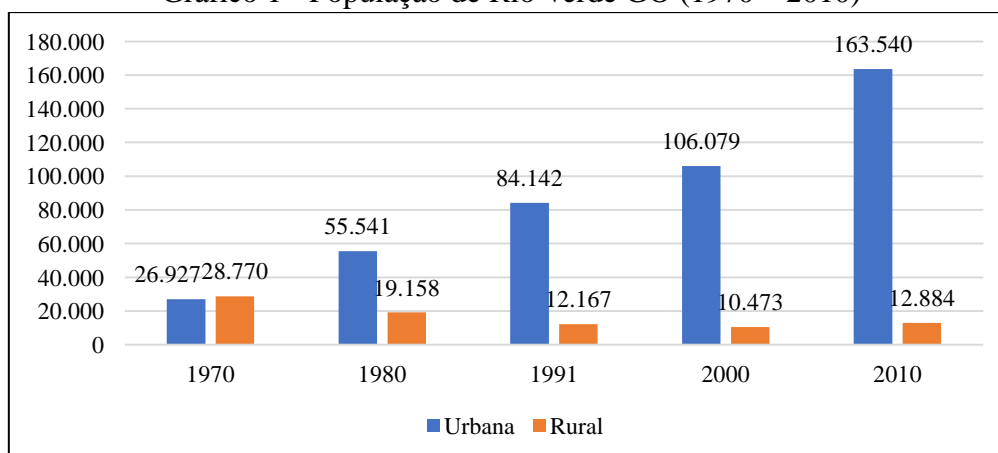
21 a 23 de maio de 2024

crescimento populacional. No entanto, essas tendências são moderadas pelos fluxos migratórios, os quais são influenciados pela disparidade na evolução do mercado de trabalho. As regiões com maior grau de desenvolvimento econômico exigem uma quantidade maior de mão de obra e, conseqüentemente, atraem principalmente trabalhadores jovens. Quando a análise é feita considerando a região Centro-Oeste, o número de jovens que vivem no campo é de 8,4%, o segundo menor percentual do Brasil, estando atrás apenas da região Sudeste.

Entre os municípios goianos com considerável população vivendo no campo, Rio Verde se destaca como o segundo colocado, de acordo com informações do IBGE, com um total de 12.884 moradores no campo desempenhando um papel essencial na economia agropecuária local. Esse número significativo espelha a importância econômica e cultural das atividades agrícolas em Rio Verde.

A população de Rio Verde, em 2020, é 225.696 habitantes, com a densidade demográfica de 26,95 habitantes por quilômetro quadrado. Com uma taxa anual de crescimento de 2,07 % habitantes, segundo o IBGE, o que representa um aumento de 37,98% em comparação ao Censo de 2010, destacando-se na 4ª posição na colocação das maiores cidades no estado de Goiás; e 10ª colocação entre as maiores cidades na região Centro-Oeste. Em relação à taxa geométrica de crescimento, que considera a população total, no ano de 2000 a taxa de crescimento foi de 2,14%, no ano de 2010 a taxa correspondia a 4,23%, ou seja, esse período teve uma das maiores alterações na taxa de crescimento, sendo que a população dobrou, conforme dados apresentados na Gráfico 1.

Gráfico 1 - População de Rio Verde GO (1970 – 2010)



Fonte: IBGE Censo Demográfico (2010).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Observamos um aumento expressivo da população urbana, conforme demonstrado pelos dados, enquanto a população rural experimentou um declínio significativo. Em 1970, a população rural era a maioria, com 51,65% do total, enquanto a urbana representava 48,35%. Já em 2010, segundo o Censo Demográfico do IBGE, a população total da cidade era de 176.424 habitantes, dos quais 163.540 (93,2%) viviam na área urbana e apenas 12.884 (7,3%) na área rural. Essa mudança drástica na distribuição populacional demonstra a crescente urbanização da cidade e, em contrapartida, o declínio da população rural.

Esse fator é uma realidade na maioria das regiões brasileiras, com a chamada “modernização do campo”, proporcionando grande avanço da tecnificação e aumento significativo da produção, além de programas governamentais para investimento do médio e grande produtor, assim há, sem dúvidas, uma diminuição da população do campo, e em contrapartida ao fortalecimento da industrialização brasileira esses moradores do campo também se sentem atraídos pela vida nas cidades. Soares (2017) destaca que o grande marco da alavancada para o desenvolvimento do município de Rio Verde aconteceu em 1970 com a abertura dos Cerrados. O processo de urbanização é impulsionado pelo agronegócio e pela busca por melhores condições de vida, com aumento da produtividade a cidade se torna *lóccus* do que se faz no campo (Peixinho, 2006). A agricultura rioverdense e dos municípios próximos se tornou atrativa para outras regiões do país, principalmente a região Sudeste (São Paulo) e a região Sul, que trouxeram maquinários, tecnologias, recursos e experiências que transformaram o município no maior produtor de grãos de Goiás e com grande relevância no país, quiçá no mundo (Soares, 2017).

Na atualidade, Rio Verde é um dos principais destaques do agronegócio do Brasil, sendo considerada, de acordo com Elias (2011), “cidade do agronegócio”; a autora afirma que “é possível identificar várias cidades, em diferentes partes do país, cuja existência, crescimento econômico e aumento da urbanização se devem diretamente à consecução do agronegócio globalizado” (Elias, 2011, p.162).

No Brasil, quando observamos a posição de Rio Verde no contexto nacional em relação à população residente no campo, o município ocupa a 492ª posição em todo o país, de acordo com os dados do IBGE. Essa classificação destacou Rio Verde em relação a outras localidades do país, demonstrando o papel singular que desempenha no cenário agropecuário e socioeconômico. Apesar de sua posição no *ranking*, a presença considerável de 12.884



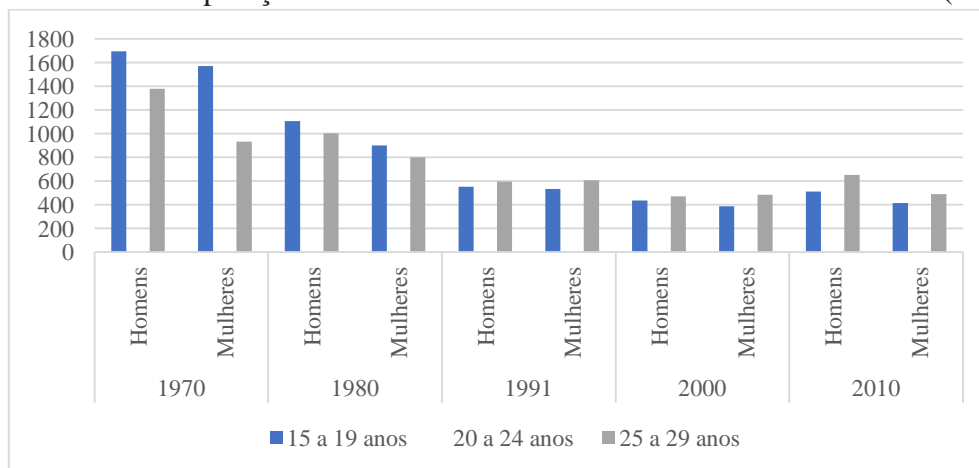
I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

habitantes na área rural mostra a contribuição significativa dessa população para o desenvolvimento local e regional, por meio do cultivo da terra, da produção agropecuária e da manutenção das tradições rurais,

Esse cenário também apresenta desafios para as juventudes no campo. O êxodo rural, a falta de oportunidades de trabalho, as transformações estruturais no campo, a continuação dos estudos e a dificuldade de acesso a serviços básicos são alguns dos principais problemas enfrentados pelos jovens que vivem nas áreas rurais do município.

Gráfico 2- "Perfil da População Residente área rural de Jovem em Rio Verde GO (1970-2010)



Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010).

Dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE revelam que a população jovem (15 a 29 anos) na área rural de Rio Verde representava apenas 18,2% do total da população rural, o que corresponde em número absolutos a 2.353 jovens, enquanto na área urbana esse percentual era de 28,4%. A cada 100 habitantes da área urbana 28 eram jovens. Havia 10% a mais de jovens na área urbana em relação à área rural, o que correspondia em números a 24.140 jovens a mais na área urbana do que na área rural, considerando a faixa etária (15 a 29 anos). Essa diferença indica que a migração das juventudes para as áreas urbanas é uma realidade preocupante em Rio Verde. Segundo Ramos (2020), o êxodo rural causou e ainda ocasiona a diminuição da população rural em várias regiões do planeta, incluindo o Brasil. Diversos são os motivos que levam as pessoas a abandonarem o campo, e estão relacionados às incertezas e às crises enfrentadas nas atividades rurais, à modernização e à competição desigual no setor agrícola, à promessa de melhor qualidade de vida nas cidades, entre outros



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

aspectos. Outros fatores que também podem ser elencados seria a própria falta de incentivo dos pais, falta de recursos, tamanho da propriedade, ou até mesmo, falta de opções de lazer no campo e facilidades da cidade, ou para cursar um ensino superior

Isso nos leva a um outro fator preocupante que são as consequências da ausência da continuidade desses jovens no campo, principalmente no quesito sucessão familiar, em especial, na agricultura familiar camponesa, considerando que há um envelhecimento desse grupo, que luta tanto pela reprodução social e para isso um jovem da família interessados seria de grande valia. Ramos (2022) afirma que o principal segmento afetado pelo processo de êxodo rural é a agricultura familiar.

No Gráfico 2 observamos os habitantes da aérea rural de Rio Verde em três grupos de idades distintos: entre 15 e 29 anos, 20 a 24 e 25 a 29 anos, divididos entre mulheres e homens, de 1970 a 2010. Quanto ao grupo de idade de 15 a 19 anos, podemos notar que na década de 1970 a proporção entre homens e mulheres era relativamente equilibrada. Por outro lado, nas décadas de 1980 a 2000, a presença feminina diminuiu gradualmente, com uma queda acentuada em 2010, as mulheres passaram de 47,7% para 43,3%, enquanto a taxa de homens aumentou de 52,3% para 56,3%. Em relação à faixa etária de 20 a 24 anos, em 1970 a proporção favorecia os homens, com 55,8%, e 44,2% de mulheres. Entre 1980 e 2010, houve uma intensificação da masculinização, com 53,3% de homens e 46,7% de mulheres. Já para o grupo etário de 25 a 29 anos, em 1970 a proporção era predominantemente masculina, com 60,2% de homens e 39,8% de mulheres, enquanto entre 1980 e 2010 a masculinização se estabilizou, apresentando 56,7% de homens e 43,3% de mulheres. Corroborando com tais dados, Abramovay (1999) afirma que “os migrantes rurais brasileiros são cada vez mais jovens e, entre eles, é crescente a proporção de moças”.

Outro fator que pode ser elencado ao analisar Gráfico 2 é masculinização das juventudes no campo de Rio Verde. Esta tendência, que é maior no grupo etário dos 15 aos 29 anos, indica um possível êxodo feminino do campo, em que as mulheres jovens migram para áreas urbanas em busca de melhores oportunidades. A diminuição da proporção de mulheres no campo em todas as faixas etárias entre 1970 e 2020 mostra que a masculinização é um problema persistente e constante que requer atenção e medidas eficazes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Alguns fatores que contribuem para essa masculinização¹ incluem: disparidades salariais, em que os homens geralmente ganham salários mais altos que mulheres; e falta de oportunidades de trabalho para as mulheres no campo, uma vez que o mercado de trabalho rural oferece menos oportunidades para mulheres do que para homens. Os estereótipos de gênero já impregnados na estrutura rural machista atribuem aos homens o papel de “ir à lida em busca do ganha-pão”, enquanto geralmente as mulheres assumem papéis domésticos e cuidados no “terreiro”. Além disso, fatores como dificuldades de acesso à educação e a serviços básicos relacionados à saúde contribuem para a não permanência do público feminino entre as jovens no campo.

Ramos (2022) enfatiza que a masculinização e o envelhecimento no campo como uma realidade que vem sendo constatada para a população que optou por ficar no campo e enfrentou as consequências do êxodo rural. A primeira delas é a masculinização do campo, pois a maioria dos que permaneceram na agricultura é do sexo masculino. Devido às características da propriedade rural familiar, coube aos homens a responsabilidade de manter a atividade agrícola, enquanto muitas jovens mulheres migraram para os centros urbanos. O segundo problema é o envelhecimento da população rural, como salienta Ramos (2022), em muitos casos todos os membros jovens da família migraram para a cidade para estudar ou para trabalhar. Assim, em muitas propriedades rurais familiares permaneceu somente o casal progenitor. Esses acabam por envelhecer sozinhos no meio rural e sem perspectivas de continuidade dos negócios pelos membros mais jovens da família, uma vez que esses últimos estão em profissões não ligadas ao campo. Por fim, casais de idosos no meio rural acabam optando por vender ou arrendar as terras. Em muitos casos permanecem na vida rural mesmo não desenvolvendo atividades agrícolas. Mas, em muitos casos, a população idosa migra para a cidade também, principalmente para viver próxima aos seus filhos e ter maior facilidade de acesso a serviços de saúde.

Ao analisar a pirâmide etária do município de Rio Verde, os dados do Censo Demográfico de 2020 do IBGE (Figura 1) mostram que a base da pirâmide é larga, indicando um alto índice de natalidade e a população jovem é significativa, o que pode ser explicado por

1 Segundo Camarero *et al.* (2009a, p. 50), “Cuando hablamos de masculinización rural nos referimos a un desequilibrio demográfico que se concreta en un déficit de mujeres respecto a la proporción que naturalmente debiera existir entre los dos sexos o razón biológica”

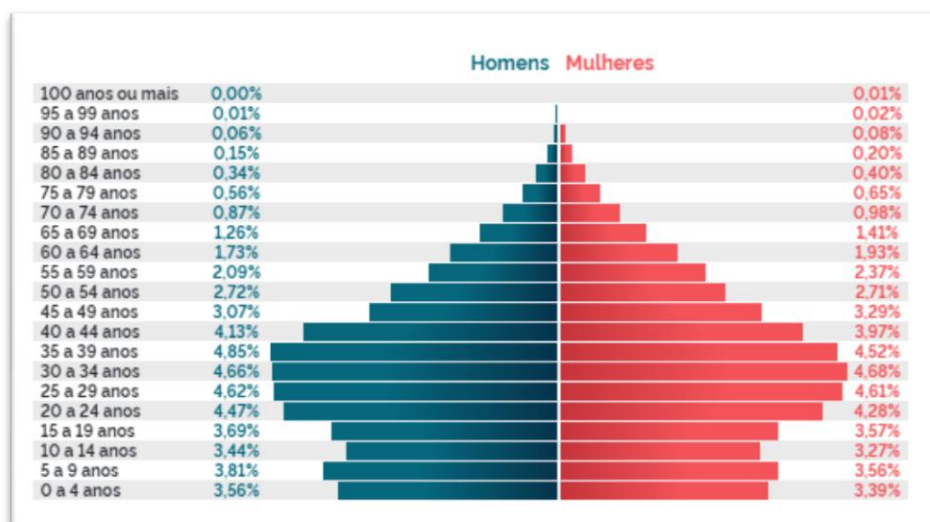


I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

fatores relacionados à alta taxa de fecundidade no município pela imigração de jovens para o município. O corpo da pirâmide é simétrico, indicando uma distribuição equilibrada da população por idade. Fatores como uma boa qualidade de vida no município, baixos índices de mortalidade infantil e juvenil e acesso à saúde e à educação podem contribuir para essa simetria. O topo da pirâmide é estreito, indicando uma população idosa menor, todavia se considerarmos acima de 60 anos para homens, esse grupo representa 4,98% da população e mulheres, no mesmo grupo, equivalem a 5,68%. Os demais dados podem ser analisados na pirâmide Etária de Rio Verde disposta Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Rio Verde GO Pirâmide etária do município



Fonte: IBGE/2020.

De acordo com a Figura 2, a pirâmide etária de Rio Verde indica que o município está passando por uma transição demográfica e que a população está envelhecendo. Essa questão poderia ser abordada em alguns pontos, tais como diminuição da taxa de fecundidade e aumento da expectativa de vida, acarretando também alguns desafios como o envelhecimento da população, que pode trazer consequências para o município, como aumento da demanda por serviços de saúde e previdência social.

Considerações finais

A análise das juventudes no campo, especialmente em Rio Verde (GO), revela não apenas os desafios enfrentados por essa população, mas também o papel crucial que os jovens desempenham no desenvolvimento econômico, social e cultural das áreas rurais. Embora o



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

êxodo rural e a masculinização sejam realidades preocupantes, é importante reconhecer que os jovens que optam por permanecer no campo contribuem significativamente para a continuidade das atividades agrícolas, a preservação das tradições e a sustentabilidade dessas comunidades.

Portanto, ao refletirmos sobre as juventudes no campo, é fundamental valorizar e apoiar o papel dos jovens como agentes de mudança e desenvolvimento. Investir em educação, capacitação profissional, acesso a crédito e infraestrutura adequada são medidas essenciais para incentivar o empreendedorismo rural e garantir que os jovens tenham oportunidades reais de crescimento e realização em seus contextos locais.

Referências bibliográficas

CAMARERO, L. *et al.* **¿Por qué hay menos mujeres en las áreas rurales?** Agricultura familiar en España. [S.l], 2009b, p. 86-90.

ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. v.13, n. 2. **Revista Estudos Urbanos e Regionais**, novembro de 2011.

PEIXINHO, D. M. **Onças vermelhas e amarelas:** a ocupação dos cerrados e a dinâmica socioespacial em Rondonópolis-MT. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia), USP, São Paulo-SP, 1998

RAMOS, R. F. **Êxodo rural:** quais as suas causas? Disponível em: <https://elevagro.com/materiais-didaticos/exodo-rural/>. Acesso em: 01/04/2024.

RAMOS, R. F. **O êxodo rural:** a agricultura familiar e a masculinização e envelhecimento do campo. Disponível em elevagro.com/blog/o-exodo-rural-a-agricultura-familiar-e-a-masculinizacao-e-envelhecimento-do-campo/. Acesso em 01/04/2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

DIÁLOGOS INTERCULTURALES SOBRE JUVENTUD Y MIGRACIÓN EN EL CONTEXTO EDUCATIVO DE SANTIAGO - CHILE¹

Raquel Almeida Mendes
Doutoranda em Geografia/ IG - Unicamp
almeidamendesraquel@gmail.com

Resumen

El objetivo central de este trabajo es discutir el espacio escolar y la implementación de prácticas pedagógicas interculturales, con foco en la recepción de jóvenes migrantes en un colegio de Santiago. Se buscó reconocer la cotidianeidad de los estudiantes migrantes y las implicancias de ésta en la formación de las subjetividades juveniles. Se trata de un estudio cualitativo exploratorio basado en datos de observación participante y entrevistas semiestructuradas. El contacto con jóvenes estudiantes migrantes arroja luz sobre la naturalización de medidas institucionales que descuidan la construcción de prácticas interculturales.

Palavras-chave: juventude, migração, educação e interculturalidade.

Introducción

El presente artículo tiene como objetivo central discutir el espacio escolar y la actuación de prácticas pedagógicas inclusivas e interculturales, con enfoque en la acogida de los/as jóvenes migrantes, sobre todo aquellos provenientes de los flujos migratorios Sur-Sur, blanco de un conjunto de estigmas provenientes de las intersecciones entre clase, raza y nacionalidad. A través de este objetivo, se trazaron caminos para encontrarse con las acciones vigentes en la escuela, en lo que respecta al reconocimiento y procesamiento de los trayectos y cotidianos de los estudiantes migrantes y las implicaciones de ello en la formación de las subjetividades juveniles.

La escuela con la que establecemos diálogos se encuentra en la región metropolitana de Santiago y es un liceo técnico-profesional fuertemente marcado por la recepción de migrantes. Al ser una escuela de tiempo completo que abarca desde la educación infantil hasta la enseñanza media, se considera una prioridad para las familias migrantes que pueden concentrar las matrículas de sus hijos en una sola escuela. Por lo tanto, destacamos que se trata de un perfil de inmigración caracterizado por trabajadores/as provenientes de una ola migratoria más reciente (en su mayoría de Venezuela, Haití y Ecuador) y que pasan a vivir en

¹ Este trabajo se refiere a las actividades de pasantía doctoral en el Departamento de Estudios Pedagógicos de la Universidad de Chile (DEP - UChile), financiada por una asociación entre Santander Universidades y el Departamento de Relaciones Internacionales de la Universidad Estatal de Campinas (DERI-UNICAMP).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

las regiones más periféricas de Santiago, debido a los altos costos exigidos en vivienda, alimentación, entre otros gastos, en la parte central de la metrópoli santiaguina.

En cuanto a la metodología del trabajo, se trata de una investigación cualitativa de carácter exploratorio basada en datos provenientes de revisión de la literatura, observación participante y entrevista semiestructurada.

La observación participante y la entrevista semiestructurada forman parte de la etapa empírica de aproximación e intervención en el liceo. A través de la observación, buscamos estrechar la percepción del/a investigador/a hacia el fenómeno investigado (Ludke; André, 1986), teniendo en cuenta las potencialidades de la inserción y el análisis del cotidiano escolar para comprender la praxis pedagógica relacionada con la acogida de los jóvenes migrantes y la reverberación (o no) de estas en las relaciones establecidas entre los sujetos escolares, especialmente estudiantes migrantes, estudiantes chilenos, docentes y gestores/as en el espacio escolar. Además, la realización de entrevistas semiestructuradas con la coordinadora pedagógica y el docente de Historia y Geografía, permitieron la sofisticación del análisis sobre los procesos e hipótesis observados en las etapas previas.

Para llevar a cabo esta discusión, en la siguiente sección de resultados y discusiones, analizamos y reflexionamos sobre la juventud, la migración y las cuestiones étnico-raciales en el contexto escolar, destacando las observaciones de la vida escolar cotidiana y el análisis de las narrativas recogidas en las entrevistas.

Resultados y discusiones

El propósito de acercarse a una escuela secundaria en Santiago tiene que ver con los objetivos de pensar en caminos más fructíferos hacia la interculturalidad, la diversidad étnico-racial y, por lo tanto, la inclusión y acogida de jóvenes estudiantes percibidos como el sujeto 'otro' encarnado como inmigrante, ya no como el europeo anteriormente recibido. Estamos abordando un flujo migratorio contemporáneo que involucra el contexto histórico-geográfico latinoamericano, impregnado de elementos raciales y étnicos que diferencian a los grupos extranjeros y las vulnerabilidades asociadas a los procesos migratorios y al color de piel (Mercado-Órdenes; Figueiredo, 2023), generando también implicaciones en la experiencia juvenil escolar.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

La escuela secundaria que seguimos en nuestras observaciones en el aula y los diálogos con el equipo directivo y docentes de Historia y Geografía ha estado en funcionamiento desde la década de 1966, con el objetivo de satisfacer la necesidad de educación en la comuna formada mayoritariamente por trabajadores de la industria. Alrededor de una década y media después de su inicio de actividades, se transformó de una modalidad básica a una institución de educación media técnica profesional, con jornada completa desde el pre kínder hasta cuarto medio, según la información del Proyecto Educativo Institucional (PEI) de la escuela.

En diálogo con la coordinadora pedagógica y el docente de Historia y Geografía, nos centramos en comprender el manejo de los debates sobre migración y el día a día experimentado por ellos en sus condiciones de profesionales de la educación. La coordinadora entrevistada actúa como el primer vínculo correspondiente a la llegada del estudiante inmigrante y sus responsables, dialogando con todas las etapas educativas, por lo tanto, todas las edades, en lo que respecta al seguimiento pedagógico y la regularización de la condición migrante, de acuerdo con los presupuestos legislativos vigentes en el país. Por otro lado, entendemos que el profesor de Historia y Geografía representa el contacto más cercano con la juventud inmigrante, ya que es un docente que enseña exclusivamente en la etapa de enseñanza media y, por lo tanto, convive en el aula con un panorama más evidente de las relaciones e interacciones de los grupos juveniles.

Nuestro objetivo no es calificar quién está o no excluido de las cuestiones inherentes a la juventud inmigrante, sino establecer los lugares enunciativos distintos que interpelan a estos interlocutores y que tomamos como base discursiva para el alcance y la comprensión de los objetivos de la investigación. En nuestra perspectiva, las entrevistas denotan especificidades, ya que mientras la coordinadora dialoga de manera más general, abarcando elementos de orden administrativo/burocrático de su campo de actuación profesional, sin las peculiaridades de las cuestiones juveniles y los aspectos que involucran la socialización de los estudiantes, se pueden percibir otros señalamientos provenientes del docente, más minuciosos y alineados con la socialización de los jóvenes migrantes y no migrantes.

Además, es importante destacar las observaciones y consideraciones de ambos sobre los estudiantes migrantes y sus interfaces con los debates interculturales, anti-xenófobos y



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

antirracistas, como figuras importantes en la percepción y manejo diario de estas temáticas en el contexto escolar, a través de las peculiaridades de sus roles profesionales.

La premisa de integración/inclusión adoptada por la escuela debe considerar, sobre todo, la realidad multicultural que implica las trayectorias y vivencias ligadas a la experiencia juvenil migrante. Estos jóvenes no representan solo al país de origen, ni siquiera al país establecido en el momento, y las circunstancias involucradas en esto. Son agentes activos que recrean e reinterpretan la complejidad de sus identidades sociales. La escuela, en este sentido, es un contexto que favorece la observación de este fenómeno.

Por lo tanto, conscientes de la importancia de la escuela en la aproximación y acompañamiento de la experiencia juvenil inmigrante, preguntamos a la coordinadora pedagógica sobre las acciones realizadas en la escuela en lo que respecta al procesamiento de la cuestión migratoria más allá de la matrícula, es decir, después del ingreso.

[...]creo que el año pasado trabajamos con el grupo intercultural interno, que tiene que ver con nuestros pueblos indígenas, pero creo que estamos en deuda con la programación y ramificaciones con los inmigrantes desde el año pasado [...] no tenemos una acción institucionalizada en este sentido en la escuela (Coordinación pedagógica, 2023)

La ausencia de una agenda institucionalizada, continuamente planificada y revisada para debatir sobre los flujos migratorios que atraviesan la escuela, plantea dudas sobre el tratamiento dado en relación con la inclusión y la interculturalidad de los jóvenes migrantes, cuyas experiencias e historias de vida de alguna manera también atraviesan y recaen en nexos sobre las trayectorias educativas de estos y sus familias. Por lo tanto, lo que tenemos son acciones puntuales desencadenadas por la actuación también puntual y contingente de los grupos que están al frente de la parte administrativa-pedagógica de las escuelas. Estos grupos muestran cierto grado de reconfiguración a lo largo de los años, lo que significa que puede haber un conjunto de profesionales más alineados con el debate presentado aquí y otros menos comprometidos, mientras que el perfil estudiantil de migrantes tiende a mantenerse (Mercado-Órdenes; Figueiredo, 2023).

El diálogo con la coordinación pedagógica reveló que las actividades y acciones derivadas del año anterior se establecieron con el objetivo de mitigar prácticas conflictivas entre estudiantes venezolanos y colombianos, es decir, actuando en situaciones específicas que surgen de la propia relación entre los estudiantes inmigrantes y que llegan a la



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

coordinación a medida que evolucionan hacia un mayor grado de complejidad. Este panorama, en diálogo con la narrativa del docente de Historia y Geografía, se reconoce en la expresión "apagar incendios", siguiendo la lógica de actuar a posteriori, frente a problemáticas que surgen en el aula y deben ser atendidas rápidamente, como se destaca en los siguientes fragmentos:

Cuando nos encontramos con casos de xenofobia actuamos rápidamente para que vean que no está permitido y que no hablamos de xenofobia, racismo, homofobia, transfobia, que aquí es un espacio limpio de eso (Coordinación pedagógica, 2023)

Recuerdo que comentaba la dificultad que había con los estudiantes haitianos que hablan creole, francés pero no español y la única instrucción era que tratara de traducir las cosas, pero era difícil hacerlo, pero no había tiempo para traducir con otros treinta estudiantes en clase. Así que era como una emergencia, apagar fuegos, no había mucho que hacer [...] (Docente de Historia y Geografía, 2023)

En el discurso del docente también se destaca que las acciones posibles dentro de su desempeño profesional casi siempre están limitadas a la traducción al español de los contenidos presentados en PowerPoint, las pruebas y otras actividades. También se busca información histórica que sea relevante para el contexto histórico-geográfico chileno en los países representados en la clase, con el objetivo de establecer relaciones de proximidad con los conocimientos previos de los estudiantes.

A pesar de que el docente reconoce la importancia y la carga laboral generada por estas actividades, admite que son poco eficientes para una inserción efectiva de los jóvenes migrantes en las clases de Historia y Educación Ciudadana. No obstante, destaca que la restricción es el resultado de jornadas intensas marcadas por una cantidad significativa de demandas específicas asignadas a los docentes frente a clases numerosas y diversas. La logística del aula, con la presencia de decenas de otros estudiantes, cada uno con sus propias características pedagógicas, dificulta una atención adecuada a las necesidades de los jóvenes migrantes. Además, se señalan las numerosas brechas en el campo de la formación inicial y continua de los docentes.

Las aulas que yo enseño aquí son siempre muy multiculturales, hay estudiantes que vienen de China, Venezuela, Ecuador, Colombia, también están los que vienen de Brasil, Perú y en particular, cuando llegué recientemente a esta escuela para las prácticas, había varios estudiantes haitianos, y recuerdo que siempre comentaba a mis profesores de práctica lo desafiante que era porque no había en ese minuto



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ninguna preparación sobre cómo abordar esto (Docente de Historia y Geografía, 2023)

Una cosa que siempre he hecho, desde que era practicante, es plantear algunas preguntas desafiantes. Por ejemplo, mientras hablaba de algún fenómeno político social en Chile, les preguntaba qué podría haber pasado en el mismo período en sus países y entonces los animaba a que investigaran en internet sobre eso y lo trajeran a la próxima clase para entender si el mismo escenario ocurrió en Chile o en otra parte y comentarlo con todos (Docente de Historia y Geografía, 2023)

En este sentido, como investigadores, reconocemos la existencia de prácticas y perspectivas sobre la cuestión migratoria. Hasta ahora, nuestro objetivo no ha sido establecer un tono alarmista y deshonesto sobre la institución. Sin embargo, tal como lo expresan el docente y la coordinación pedagógica, son actividades que se proyectan poco factibles, exponiendo las deudas acumuladas por parte del liceo con respecto al reconocimiento de la realidad que implica ser un joven estudiante migrante en un contexto periférico. También señalan la necesidad de relacionar la experiencia de estos jóvenes con prácticas concretas y cotidianas, con políticas intra y extracurriculares constantes que colaboren con la noción de que los migrantes no son un problema, simplemente presentan cuestiones propias de la supervivencia de un determinado fenómeno y, debido al descuido de estas agendas, siempre se les ve como algo a superar y resolver.

Consideramos necesario abordar que las prácticas universalistas basadas en criterios de racionalidad y homogeneización, con el fin de adaptar y domesticar los cuerpos inmigrantes, tampoco pueden estar en el horizonte de las agendas de inclusión y articulación antidiscriminación en las comunidades educativas. De esta manera, en diálogo con Tijoux (2013), es importante reflexionar sobre el papel de la escuela en la resolución de contradicciones respecto a la inexequibilidad del discurso de socialización e integración en detrimento de la ausencia de políticas educativas dirigidas a la propia comunidad en cuestión. Esto es para evitar que los mecanismos de impulsión de prejuicios como la xenofobia, el racismo y el clasismo continúen produciéndose diariamente.

Considerações finais

Nos parece de suma importancia la construcción de políticas institucionales permanentes para el seguimiento de los procesos de aprendizaje y la inclusión de los



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

estudiantes inmigrantes. Esto no solo con el propósito oficialista de evaluar el rendimiento académico, sino de reconocer las implicaciones socio emocionales derivadas de los contextos que los rodean, de las trayectorias que los limitan y los califican de manera unitaria sólo como migrantes y no como jóvenes. Esto desconsidera los impactos que los espacios hostiles a la diferencia tienen en las experiencias cotidianas de estos jóvenes en la escuela, en los territorios urbanos y en los procesos de socialización propios de la vivencia juvenil. En nuestra opinión, estos factores que se presentan como obstáculos en la condición juvenil de los estudiantes inmigrantes no se resuelven solo con el aprendizaje de idiomas. El dominio del español no es suficiente para la efectivización de prácticas inclusivas, anti-xenófobas y antirracistas.

Creemos, por lo tanto, que la inclusión y la construcción de agendas interculturales en las escuelas van más allá de la enseñanza del español y de la historia y geografía chilenas. Van más allá de simples mecanismos de adaptación y de la construcción de tipos ideales de inmigrantes (aquellos que siguen una cierta "cartilla" de comportamientos y prácticas). Por lo tanto, defendemos el desarrollo de currículos que incluyan perspectivas y contribuciones de diferentes culturas, la interdisciplinariedad como posibilidad para abordar cuestiones relacionadas con la xenofobia y el racismo en diversas áreas de conocimiento, así como una formación docente (inicial y continua) capaz de reflexionar sobre las estrategias didácticas y pedagógicas alineadas con la escucha de las juventudes y la implementación de enfoques que consideren las diversas orígenes y experiencias culturales.

Referências bibliográficas

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MERCADO-ÓRDENES, M.; FIGUEIREDO, A. Racismo e Resistências em Migrantes Haitianos em Santiago de Chile desde uma Perspectiva Interseccional. **Psyche**, Santiago, v. 32, n. 1, p. 00102, 2023.

TIJOUX, M. E. Las escuelas de la inmigración en la ciudad de Santiago: Elementos para una educación contra el racismo. **Polis**, v. 12, n. 35, p. 287–307, 2013.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

DINÂMICA DA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE JUVENTUDES E EDUCAÇÃO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Felipe Eduardo Melo dos Santos
Licenciatura em Geografia- Universidade Estadual de Ponta Grossa
geo.femds@gmail.com

Adir Fellipe Silva Santos
Mestre- Universidade Estadual de Ponta Grossa
adirfellipe@gmail.com

Joseli Maria Silva
Doutora- Universidade Estadual de Ponta Grossa
joseli.genero@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa visa entender a dinâmica da produção científica geográfica sobre as juventudes e as relações estabelecidas com a educação. Para isso utilizamos o conjunto documental de artigos do Observatório da Geografia Brasileira e, para efetuar o levantamento, foram utilizadas as palavras de busca “juventude”, “jovem”, “juvenil”, “adolescente” e “criança” que podem estar presentes nos campos título, resumo ou palavras-chave. Posterior a esse levantamento, os dados foram sistematizados e obtivemos um conjunto de 492 artigos, dos quais foram analisados em sua temporalidade e temática. Nossos resultados mostram que as juventudes foram retratadas majoritariamente a partir da educação.

Produção Científica; Juventudes; Educação.

Introdução

A partir desse trabalho, buscaremos evidenciar a maneira com que a geografia brasileira abordou as temáticas juvenis, assim como apontar o modo com que discussão de educação fez parte dessa temática. Para dar conta disso, utilizaremos a produção científica da geografia brasileira a partir de artigos publicados em periódicos científicos da área e organizados no Observatório da Geografia Brasileira (OGB).

Construímos a justificativa desse trabalho compreendendo que a geografia brasileira enquanto ciência teve em sua base uma forte influência da modernidade, conforme aponta Joseli Maria Silva (2009). Essa compreensão científica na geografia, fez com que se procurasse construir um conhecimento neutro, objetivo e universal, assim, foi sendo



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

consolidado um sujeito masculino, cristão, cisgênero, branco e adulto, sendo esse hegemônico na ciência geográfica (Silva, Ornat e Chimin Junior, 2017). Foi com esse sujeito hegemônico que fenômenos e temáticas foram silenciadas na geografia brasileira.

É fundamental, a partir desses apontamentos, perceber que a ciência não é algo pronto e acabado, construído em um vazio teórico e social, ao contrário, conforme nos aponta Silva (2009), a ciência é humanamente construída:

O saber científico é uma criação humana, marcado por um espaço/ tempo, a Europa do período moderno, que promoveu a acumulação da riqueza material e uma forma particular de concepção do mundo que se tornou universal e hegemônica, anulando a emergência de saberes plurais e de sujeitos que não se enquadraram no protagonismo do conhecimento eurocentrado e masculino. (SILVA, 2009, p. 55 – 56).

A geografia brasileira foi sendo construída em movimentos epistemológicos, nos quais, conforme nos aponta Roberto Lobato Correa (2020), privilegiou em determinados momentos certos conceitos. Atrélado a discussão desse autor, Paulo César da Costa Gomes (2009) aponta que existiram ausências na geografia, em determinados momentos, certos temas e autores foram mais utilizados que outros.

Ao passo em que colocamos a ciência geográfica enquanto uma construção humana, sofrendo alterações em momentos na sua construção, precisamos voltar nosso olhar para compreender que são os agentes que produzem esse saber e a maneira com que se relacionam, haja visto que, para Joseli Maria Silva, “conceber a ciência como um conhecimento posicionado e situacional, e, portanto, embebido em relações de poder”. (SILVA, 2009, p.57). Para compreender as relações de poder propostas por Joseli Maria Silva, podemos fazer uso das discussões do autor Pierre Bourdieu.

Para Pierre Bourdieu (2004), existe uma organização dos agentes e da produção científica, que se faz no campo científico. Para o referido autor, campo científico seria um universo próprio, dotado com suas leis, mas que está também inserido nas regras do mundo social, assim, ele está inserido dentro da sociedade, mas existem acordos dentro desse campo que o caracterizam. Podemos, ainda destacar que existem relações de poder que orientam e estruturam a forma com que as relações são estabelecidas, para o autor “Um campo não se



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

orienta totalmente ao acaso. Nem tudo nele é igualmente possível e impossível em cada momento” (Bourdieu, 2004, p.27).

A partir dessa compreensão de campo, podemos evidenciar as relações que orientam esse campo. Se pensamos então o campo, segundo Bourdieu (2004), como esse universo dotado de relações e campo de forças, precisamos entender que ele dotado de agentes, ou seja, os produtores da ciência. Esses agentes, ao apresentar os produtos de suas pesquisas, recebem uma chancela de seus pares, dizendo então quanto essa produção agrega ao campo, reconhecendo ou até mesmo, segregando.

A geografia brasileira, sendo um campo científico, não se coloca a parte das discussões de Pierre Bourdieu, assim como as mudanças nos movimentos epistemológicos. Para o autor Vagner André Morais Pinto (2022), fica evidente as mudanças ocorridas nos últimos vinte anos a partir da criação e interiorização dos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Geografia. Para o autor, houve um rompimento com a concentração desses PPG somente no eixo Rio-São Paulo e foi com influência desse processo que temos uma abertura epistemológica para novas discussões e temas.

Concomitante ao processo de criação e interiorização dos PPG, Dirce Maria Antunes Suertegaray (2007) chama a atenção para as mudanças que ocorreram na difusão do conhecimento geográfico. A partir das Revistas Eletrônicas, temos uma possibilidade de canalização e difusão do conhecimento, assim, o acesso ao que se está sendo produzido foi facilitado.

É então a partir dessas mudanças que a geografia aprofunda suas discussões nas temáticas juvenis. Diogo da Silva Cardoso e Nécio Turra Neto (2011), apontam que as discussões entre geografia e juventudes estavam em fase de incubação, ou seja, não conseguíamos perceber sistematizações desse conhecimento ou diálogos interdisciplinares. Essa ausência e silenciamento das juventudes na geografia brasileira se deram em consequência do desenvolvimento desse campo com base na modernidade. A partir dessas discussões, podemos compreender que as juventudes são:

La juventude está socialmente construída y no es un concepto universal ya que hay importantes diferencias culturales, de clase y de género y las fronteras entre la



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

juventude, la infancia y la etapa adulta son ambíguas y cambiantes em el tempo y el lugar. (GUITART E RODÓ-DE-ZÁRATE, 2007, p. 130).

Fica evidente a partir das autoras que as juventudes não podem ser compreendidas enquanto um conceito universal, existindo então diferenças culturais, de classe e de gênero, assim, ser jovem em diferentes culturas e vivenciar a juventude a partir de diferenças de classe e de gênero podem marcar a construção dessa etapa da vida. Ademais, as autoras supracitadas destacam que as fronteiras entre infância, vida adulta são ambíguas, sofrendo alterações no tempo e no espaço.

Metodologia

Para dar conta de compreender a maneira com que a geografia brasileira desenvolveu sua produção de artigos envolvendo a temática das juventudes, utilizamos o Observatório da Geografia Brasileira (OGB), que consiste um banco de artigos científico mantido e organizado pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). No momento da consulta, esse banco contava com um conjunto de 28.838 artigos, oriundos de 98 revistas online cadastradas na área de geografia pelo Sistema Qualis-Capes, referente ao quadriênio de avaliação 2013-2016, que cobre um período temporal de artigos publicados entre 1939 a 2020. Para acessar os artigos que discutiam as temáticas juvenis, foram utilizadas as palavras de busca “juventude”, “jovem”, “juvenil”, “adolescente” e “criança”, que podem estar presentes nos campos título, resumo ou palavras-chave. Obtivemos como resultado um conjunto de 492 artigos, que representa 1,7% do total. Posterior a esse momento de coleta, foi realizada a sistematização dos artigos em planilhas, buscando a compreensão da temporalidade e das temáticas que envolveram a discussão da temática das juventudes na geografia brasileira.

Resultados e discussões

A partir da aplicação da metodologia, foi possível compreender a maneira com que a geografia brasileira abordou as juventudes. Evidenciamos que a produção dessa temática iniciou de forma tímida, uma vez que entre os anos de 1939 ao ano de 1980, não foram encontrados artigos publicados relacionados a essa temática. Fica evidente que, por 41 anos a

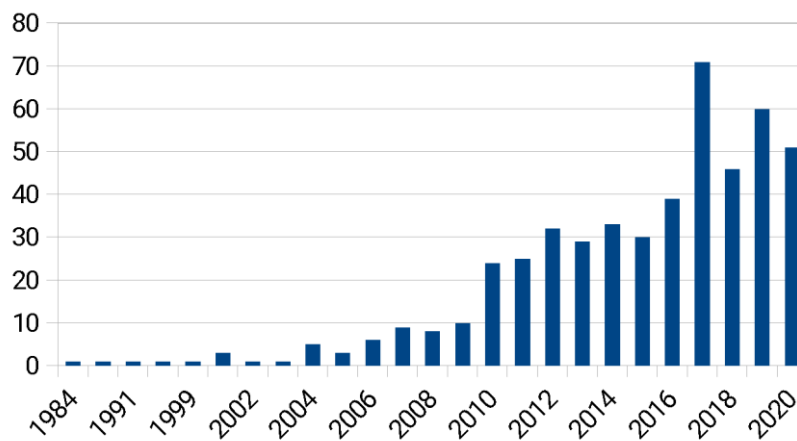


I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

geografia brasileira produziu ausências nessa discussão. A geografia brasileira tem então, a partir de 1980, aos poucos, desenvolvido o campo de saber que envolve as crianças, adolescentes e jovens. É desde os anos 80, com o artigo inaugural intitulado ‘Como adolescentes percebem geograficamente o espaço através de mapas e pré-mapas’, de autoria de Lucy C. Marion Philadelpho Machado e Lívia de Oliveira, que essa produção começa a ganhar força . O Gráfico 1 evidencia esse crescimento.

Gráfico 1 – Artigos científicos publicados na geografia brasileira sobre crianças, adolescentes e jovens



Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Fica demonstrado, a partir desse gráfico, a maneira com que esse campo vai surgindo paulatinamente na geografia brasileira. Há de se destacar os apontamentos propostos pelo autor Vagner André Moraes Pintos (2022), quanto ao processo de interiorização e criação dos PPG, esse momento em que temos o crescimento das publicações relacionadas a essa temática. Na mesma medida em que percebemos esse crescimento, a tabela 1, indica os primeiros artigos e os temas por eles discutidos.

Tabela 1- Primeiros artigos encontrados na geografia brasileira sobre crianças, adolescentes e jovens.

TÍTULO ARTIGO	AUTORIA	TEMA	ANO
---------------	---------	------	-----



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

COMO ADOLESCENTES PERCEBEM GEOGRAFICAMENTE O ESPAÇO ATRAVÉS DE PRÉ-MAPAS E MAPAS	MACHADO, LUCY MARION C. PHILADELPHO; OLIVEIRA, LÍVIA DE	EDUCAÇÃO	1980
TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS	CASTROGIOVANNI, ANTONIO CARLOS	EDUCAÇÃO	1984
PARA A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA CRIANÇA	PAGANELLI, TOMOKO IYDA	EDUCAÇÃO	1987
A CIDADE DE SÃO PAULO NO IMAGINÁRIO INFANTIL PIEDADENSE	SOARES, MARIA LÚCIA DE AMORIM	SOCIABILIDADE	1991
SEPARATISMO: AUTONOMIA X AUTORITARISMO OU ATRAVÉS DA FALA DOS ADOLESCENTES QUESTIONAMOS O SENSO COMUM	KAERCHER, NESTOR ANDRÉ	POLÍTICA	1992
ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O USO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA SALA DE AULA, POR PROFESSORES DE GEOGRAFIA	FERREIRA, CÁSSIA DE CASTRO MARTINS	EDUCAÇÃO	1999

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

A partir da tabela anterior, percebemos um padrão que irá se repetir na temática aqui em tela. Os artigos que visavam discutir educação tiveram predominância, assim, a preocupação inicial foi compreender os aspectos educacionais em que esses jovens estavam inseridos, mas principalmente como os jovens produziam seus conhecimentos na geografia. Por sua vez, quando olhamos a tabela dois, que carrega os temas dos 492 artigos encontrados, podemos perceber essa continuidade.

Tabela 2– Relação de temas e quantidade de artigos publicados



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

TEMA	Nº ARTIGOS
EDUCAÇÃO	233
SOCIABILIDADE	62
CAMPO	35
VIOLÊNCIA URBANA	31
SAÚDE	21
AMBIENTE	20
GÊNERO	18
TRABALHO	17
DIREITOS	14
POLÍTICA	9
RAÇA	9
SEXUALIDADE	8
DEMOGRAFIA	6
METODOLOGIA	6
RELIGIÃO	3

Fonte: 492 artigos levantados no Observatório da Geografia Brasileira em julho de 2022 a partir das palavras: criança, adolescente, jovens e juventudes.

Fica evidente, com auxílio da tabela dois, a proporção que a discussão de educação ocupa nas temáticas juvenis. Dos 492 artigos encontrados, 233 deles se voltam a discutir a educação para as juventudes. A segunda principal discussão diz respeito a construção das sociabilidades juvenis. Por sua vez, religião, ocupa a menor proporção desse universo, tendo somente 3 artigos encontrados.

Considerações Finais

A partir desse trabalho, conseguimos evidenciar a maneira com que a produção científica geográfica brasileira a partir de artigos científicos criou ausências e silenciamento das temáticas juvenis. Conforme os apontamentos de Joseli Maria Silva (2009), ao construir



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

um conhecimento com base na modernidade, visou a objetividade, neutralidade e universalidade, que, para ser colocado em prática, criou um sujeito hegemônico. Nesse sujeito, as discussões juvenis não tiveram força, isso foi demonstrado uma vez que somente depois de 41 anos temos a primeira publicação de um artigo que pretendesse entender as juventudes.

Para dar conta de entender essas ausências, utilizamos o OGB. Com a sistematização dos dados, foram encontrados 492 artigos, publicados entre 1939 ao ano de 2020. Evidenciamos como nos primeiros 20 anos a discussão se voltou para educação e que, mesmo seu significativo aumento a partir dos anos 2000, é ainda a temática educacional a principal responsável por orientar os trabalhos da temática aqui em tela, tendo 233 artigos.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARDOSO, D. S.; NETO, N. T. Juventude, cidade e território: esboços de uma geografia das juventudes. In: Seminário de Pesquisa: juventudes e cidade, 1., 2011, Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora, 2011. p. 1-19. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2019/09/JUVENTUDECIDADE-E-TERRIT%C3%93RI; O-ESBO%C3%87OS-DE-UMA-GEOGRAFIA-DASJUVENTUDES.pdf>. Acesso em: 10 de jan. de 2023.

CORREA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

GOMES, P. C. C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco de Assis, LOWEN-SHAR, Cicilian Luiza, SILVA, Marcia da (Orgs.) Espaço e tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

GUITART, A. O.; RODÓ-DE-ZÁRATE, M. Etapa vital, classe social y estratégias de mujeres jóvenes universitarias frente a la crisis em Cataluña. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). Diálogos IberoLatino-Americanos: sobre geografias feministas e das sexualidades. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2017.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

PINTO, V. A. M. Geometrias do poder e as espacialidades da produção científica da geografia brasileira de 1998 a 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

SILVA, J. M. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, Joseli Maria(Org.). Geografias Subversivas: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, J.M.; ORNAT, M.J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Geografias feministas e pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In: SILVA, Joseli Maria, ORNAT, Marcio Jose, CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2017.

SUERTEGARAY, M. D. RUMOS E RUMORES DA PÓSGRADUAÇÃO E DA PESQUISA EM GEOGRAFIA NO BRASIL. Revista da ANPEGE, [s. l.], v. 3, p. 11- 19, 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6603/3603>. Acesso em: 6 abr. 2022



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

GEO(GRAFIAS) DA JUVENTUDE EM FORMOSA-GO A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Mauricio Barbosa Carneiro
Doutorando em Educação/PPGE/FE/UnB
mauriciouaifsa@gmail.com

Maria Lídia Bueno Fernandes
Doutora em Geografia/ USP
lidia_f@uol.com.br

Resumo

Este texto aborda os jovens e seus espaços cotidianos, mais especificamente o espaço de suas vidas nas cidades. Dialogando com autores que abordam a interface jovens, juventudes e cidades, busca trazer contribuições da Geografia das juventudes para o tema, reconhecendo o espaço público como indissociável da vida. A concepção de espaço geográfico como expressão construída na vida e de onde a vida se origina, abarca o universo dos jovens e o coloca dentro desse processo dialético. Assim, falar em Geografia das Juventudes, ler os jovens e suas geo(grafias), tendo como viés de entrada esse encontro que o espaço geográfico permite, é, para além de um significativo encontro geracional, assumir os jovens com suas potenciais presenças e como sujeitos explícitos de enunciações no espaço e no tempo, inseridas nas dimensões política, simbólica e material das sociedades.

Palavras-chave: Jovens. Espaço público. Cidades

Introdução

Por onde transitam os jovens na cidade? Os espaços da cidade tem atraído as juventudes e todas as suas manifestações? Como a cidade chega aos jovens e como eles se apropriam desses espaços? Queremos indagar sobre essa cidade que é fonte de moradia, sobrevivência, mas também que se manifesta na identidade de jovens que sobre ela transitam, trabalham e constroem cotidianamente o ir e vir sobre os espaços e territórios. Esse texto parte da observação do pesquisador sobre a cidade e seus jovens e a maneira como estes vão construindo outras apropriações do espaço. O estudo se realizou considerando o movimentar-se jovem na cidade de Formosa-Go de modo a acompanhar esse trajeto anonimamente para só depois estabelecer um diálogo aberto sobre os espaços onde estavam e o que vivenciavam nele. Para isso foram observados o movimentar-se tanto em grupo como individual de alguns jovens. Considerou-se também na análise desse texto as fotogeo(grafias) desses jovens pelos



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

espaços públicos da cidade de onde se reverbera as reflexões sobre os jovens e o espaço público.

Jovens e o espaço público

Os jovens experimentam a cidade por meio de relações sociais complexas, de acordo com espaços, tempos e contextos em que vivem. Reiteram a importância de se agregar em tribos que diferenciadas pelo contexto social onde se inserem, usam e definem o espaço público como palco das suas manifestações. Cassab (2009) aponta que eles são sujeitos sociais marcados pela historicidade, e, que habitam um espaço que é relacional e político, é uma construção social (Pais, 1993). Quando se trata das grafias desses jovens pela cidade, concordamos que seja ela definidora de quem são eles, o que querem e como querem serem vistos pois há um contexto de formação desses jovens até chegar aos espaços públicos da cidade, que se produz e reproduz na própria realidade.

Particularmente não se pode falar de público se muitos não se colocam como pertencentes a esses espaços ou se esses espaços construídos não se manifestam na forma de ser jovem na/com a cidade (Cassab; Mendes, 2010). Por mais que exista a apropriação, o correto seria dizer que ela esbarra na construção histórica e social desses jovens na cidade.

Rolnik (1989) aponta a cidade como espaço social, construído, produzido e projetado. Ela está para os sujeitos assim como os sujeitos estão para ela. Existem imbricamentos sociais, políticos e econômicos que fazem com que o apropriar-se dos espaço ocorra de forma desigual, transformando assim a cidade em palco também das injustiças e das desigualdades (Santos, 1993). Quando os jovens desfrutam a cidade e seus espaços públicos, ele se apropria e constrói coletivamente cidadanias capazes de refletir sobre esse espaço, torná-lo mais acessível, menos excludentes, inserindo socialmente os jovens na experiência de se constituir na cidade (Martins; Monteiro; Santos, 2013)

Os jovens são marcados por experiências que são vivenciadas no espaço. Este espaço é segregacional como já apontamos, pois existe uma funcionalidade dessa segregação que atende interesses capitalistas. O espaço transforma-se em mercadoria (Santos, 1996), naturalizando assim os conflitos existentes sobre ele, inclusive essa discussão apontada por essa pesquisa sobre *os jovens e os espaços públicos*, encobrindo-se assim as desigualdades e maquiando a pobreza. Neste espaço desigual, que é a cidade, os jovens constroem, criam



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

estratégias, conhecem/ convivem com diferentes realidades e têm a possibilidade de perceber as contradições e, quando possível, projetar suas ações (Capuchino; Rosa, 2013).

Expressões das juventudes pelos espaços públicos: o deck da mata da bica

Os jovens ao movimentar-se pelos espaços, e nesse caso os espaços públicos da cidade de Formosa-Go, tem direcionado suas expressões como forma de demonstrar que faz parte daquele local. Nesses locais, muito mais que a demonstração das suas identidades ocorre expressões da diversificadas maneiras de ser jovem, estabelecendo suas marcas nos espaços que frequentam. Essas apropriações que estabelecem novas funcionalidades aos lugares é um conceito que Leite(2007) irá definir como “contrausos” da cidade.

Isso quer dizer que quando os jovens estão nos espaços públicos por mais que ali tenham uma funcionalidade originalmente criada ele irá ressignificá-lo com o objetivo de “não apenas subverter os usos esperados de um espaço regulado, como de possibilitar que o espaço que resulta das ‘estratégias’ se cinda, para dar origem a diferentes lugares” (Leite, 2007, p. 215) de sentido para os usuários que intervêm sobre ele mobilizando agências de expressão estética.

Ou seja, sobre os espaços que frequentam, tornam-se mobilizadores das expressões identitária. O que nos leva a inferir que há uma relação entre os jovens e a cidade mediada por apropriações simbólicas dos espaços urbanos, que os tornam parte da linguagem e das suas agências. Mobilizam novas espacialidades fugindo do escape aos rótulos (Diógenes (2020, p. 43). Nesse sentido, as fotogeo (grafias) tornam-se elementos potentes de descrição da cidade considerando as espacialidades manifestadas pelos sujeitos. Elas são expressões dos contrausos dos espaços públicos, atribuindo a estes, movimento, reflexão e vida.

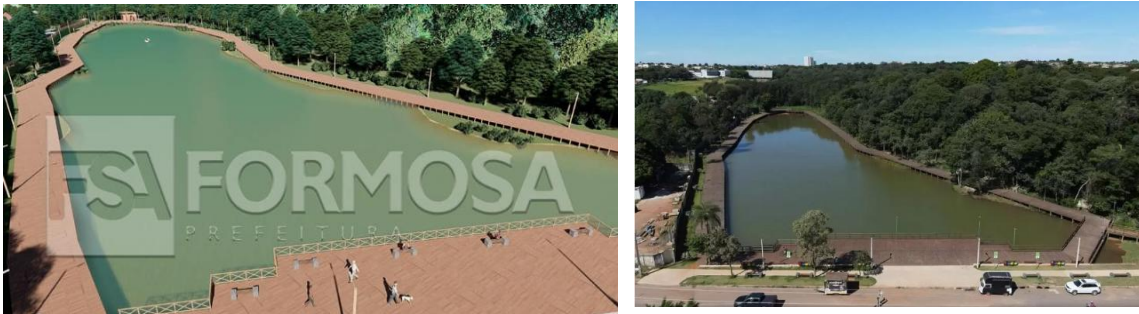
Compreendemos que as grafias escritas na cidade não se tornam assim porque foram pensadas pelo poder público, por mais que se idealize nos projetos de construção dos lugares públicos, são os sujeitos que irão movimentá-lo, estabelecendo com eles suas identidades e características. Ao retratarmos nas imagens abaixo as grafias do deck da Mata da Bica em Formosa, desde a concepção do projeto idealizado pela Prefeitura até a concepção final, observamos que são os sujeitos que circulam sobre o local que dá sentido ao espaço.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Figura 1- Projeto e produto final da Prefeitura municipal de Formosa para o Deck da Mata da



Fonte: Prefeitura Municipal de Formosa-GO, 2023

Figura 02- Uso e apropriação do espaço público pelos sujeitos sociais



Fonte: Carneiro, 2024.

E poderíamos pensar essas mesmas características para outros espaços públicos: há um coletivo social, constituído também pelos jovens que movimentam os lugares da cidade. E esse movimento não é aleatório, é consciente de que suas expressões são livres e podem sim ser parte mais importante quando se analisa a função desses locais. Dito de outra forma: as geo(grafias) urbanas dos jovens são potencializadoras para criar possibilidades de outros espaços e identidades.

Concordamos nesse sentido, com os apontamentos feitos pelo arquiteto Jan Gehl(2013) de que qualquer projeto a ser pensado para o planejamento dos municípios deve abarcar a importância da escala humana muito mais que a importante estética apenas. É nesse sentido



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

que Ghel (2013) define que as cidades são as pessoas. Ele não está excluindo nesse sentido todas as outras formas de ser cidade, mas é preciso antes de olhar as outras escalas atender primeiro a escala humana.

Considerações Finais

Menos do que uma etapa cronológica da vida, menos do que uma potencialidade rebelde e inconformada, a juventude sintetiza uma forma possível de pronunciar-se diante do processo histórico e de constituir-lo.
FORACCHI, 2018, p. 303

No contexto dos apontamentos trazidos por Foracchi(2018) entendemos que as múltiplas formas de entender as juventudes se estabelece pelos contextos históricos, sociais, políticos e econômicos que as constitui. Assim, não podemos pensar no estudo das juventudes dissociados do tempo/espaço, deslocado do contexto de onde se movimentam, transitam, expressam.

Ao acionarmos o espaço público como expositor das geo(grafias) das juventudes na cidade de Formosa-Go, vamos um pouco ao encontro dessas expressões diversas, múltiplas de se constituir jovens. O ir e vir sobre os espaços fazem com que não somente demarquem territorialmente os seus lugares, como também expressem suas pluralidades, diversidades, se sentem pertencente a ela.

Pensando nesse processo histórico, relacional que são as várias maneiras de compreender as juventudes nos espaços públicos, é preciso pensar a cidade e seus espaços de forma crítica, ou seja como sujeitos sociais é preciso refletir criticamente sobre o modo de viver, habitar e criar cidade e urbanidade na contemporaneidade (Harvey, 2014, p 59). Eles se manifestam de forma crítica, esteticamente na forma de se vestir, mas também de se constituir nos seus grupos e tribos.

As geo(grafias) das juventudes dos espaços públicos é uma constatação de que como jovens esses sujeitos recriam novas formas de elaboração, cultural, social e política dos lugares onde estão, permitem pensar como os diferentes atores sociais se apresentam no espaço urbano, circulam por ele, usufruem seus equipamentos e, nesse processo, estabelecem padrões de troca e encontro no domínio público (Magnani, 2005).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Referências bibliográficas

CASSAB, Clarice. (Re) **Construir utopias: jovem, cidade e política**. Tese de Doutorado. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

CASSAB, Clarice, MENDES, Juliana T. **Jovem e cidade: um estudo em Campos dos Goytacazes**. (Projeto de Pesquisa). Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal de Juiz de Fora. 2010.

CAPUCHINHO, Michelle Neves; DA ROSA, Letícia Barros Palma. JUVENTUDE E EXPERIMENTAÇÃO DO TECIDO URBANO. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 3, 2013.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, ANPED Nº 24, set-dez, 2003

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MARTINS, Carolina de Sá Pereira; DE SOUZA MONTEIRO, Mariana; DOS SANTOS, Mariângela Nicolau Ângelo. Ser Jovem na Cidade: uma experiência marcada pela inserção social. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 3, 2013.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.

ROLNIK, R. **O que é a cidade**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 2ed. São Paulo: Nobel, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FORACCHI, Marialice. **A juventude na sociedade moderna**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. Martins Fontes, 2014.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 173–205, 2005.
DOI : [10.1590/S0103-20702005000200008](https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200008)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

GEOGRAFIA DAS JUVENTUDES E IDENTIDADES INTERSECCIONAIS

Laís Lopes Neves

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP)
neves.lopes@unesp.br

Ana Carolina dos Santos Marques

Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP)
ana-carolina.marques@unesp.br

Resumo

O presente texto apresenta discussões acerca da contribuição da perspectiva interseccional nos estudos da Geografia das Juventudes. Através do debate teórico que justifica a defesa da pluralização das experiências juvenis, somamos a análise interseccional como forma de contemplar as multiplicidades, para tal, trazemos trechos de entrevistas produzidas na pesquisa “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades, na Cidade e na Escola”, com recorte espacial em Presidente Prudente (SP), na intenção de pensar como os contextos geográficos e os campos de possibilidades projetados pelos jovens estão amplamente conectados aos eixos de identidades que se cruzam em suas práticas socioespaciais.

Palavras-chave: Geografia das Juventudes; interseccionalidades; contexto geográfico.

Introdução

Nos últimos anos, os estudos sobre interseccionalidades cresceram na ciência geográfica e continuam sendo realizados, dadas as potencialidades do conceito no entendimento das relações entre sujeitos e espaço geográfico. Na mesma direção, as pesquisas sobre juventudes também têm crescido, cenário que avançou para a consolidação de uma Geografia das Juventudes. Entretanto, essas duas abordagens nem sempre caminham juntas e ainda há uma homogeneização do sujeito “jovem”. Nesse sentido, o objetivo do texto é discutir a importância do debate interseccional nas pesquisas das Geografias das Juventudes.

A partir dos conceitos de contexto geográfico e campo de possibilidades, destacamos como as identidades influenciam nas práticas espaciais das juventudes, tendo em vista que o Brasil é um país marcado por desigualdades estruturais que condicionam a vida das pessoas. A intersecção entre eixos identitários como idade, raça, gênero, classe e sexualidade pode tornar os sujeitos jovens, que possuem identidades marginalizadas, mais vulneráveis e com menos possibilidades de instituir espacialidades. Nosso intuito é destacar esse cenário.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Como realidade empírica, apresentaremos aqui resultados provenientes da pesquisa intitulada “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola”¹. Executada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a pesquisa teve por objetivo investigar o processo de fragmentação socioespacial na cidade de Presidente Prudente (SP), a partir das experiências de jovens estudantes de baixa renda, integrantes de coletivos e culturas juvenis, no intuito de compreender a mútua interação entre espaço urbano, escola e saberes presentes nos agrupamentos juvenis, que constituem e se expressam dialeticamente nas práticas socioespaciais dos sujeitos².

Realizado nos anos de 2020 e 2021, o estudo se deu inteiramente dentro da conjuntura da pandemia da Covid-19, de modo que as metodologias estiveram todas adaptadas ao cenário de isolamento social. Como forma de chegar até os jovens estudantes, passamos inicialmente pelo intermédio da instituição escolar, uma escola central da cidade de Presidente Prudente que nos deu abertura para a pesquisa e contato com os alunos e professores, a partir dos meios virtuais. Portanto, lançando mão da aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas, entrevistas semiestruturadas e netnografia, fomos capazes de responder questionamentos previamente feitos, bem como abrimos indagações novas, valiosas para a continuação da temática.

Serão apresentados brevemente, nesse texto, recortes específicos frutos das entrevistas realizadas com quatro jovens participantes da pesquisa, escolha que se justifica pela interessante contribuição que os relatos falados deram para refletirmos sobre as intersecções das opressões e como as diferenciações podem se expressar em desigualdades, cerceando experiências socioespaciais e pesando para que esses jovens encontrem ou mesmo criem frestas para escapar dos sistêmicos impedimentos por eles enfrentados.

O desenvolvimento do texto está estruturado em três partes. Inicialmente discutimos brevemente sobre juventudes, destacando a diversidade das formas de ser jovem. Posteriormente, apresentamos o conceito de interseccionalidade e as relações possíveis de

¹ Projeto vinculado ao Projeto Temático – Processo 2018/07701-8; e ao Projeto “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles” - Chamada MCTIC/CNPq n.28/2018. Aprovado no comitê de ética local sob o número: 41089520.0.0000.5402.

² Os resultados completos da pesquisa realizada no âmbito do Projeto são apresentados em NEVES, Laís Lopes. Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola. 2023. (Monografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, p. 73. 2023.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

serem estabelecidas com as juventudes e o espaço geográfico. Por fim, interpretamos as falas dos entrevistados, que demonstram como a intersecção de distintos marcadores identitários influencia nas experiências juvenis de espaço.

1. Geografias das Juventudes

Pensar em jovens, identidades e espaço geográfico nos direciona para o subcampo das “Geografias das Juventudes”, que vêm crescendo na ciência geográfica sobretudo a partir dos anos 2000. Segundo Oliveira (2023), o subcampo entende que as interações juvenis estão vinculadas ao espaço geográfico e produzem relações diversas de produção e reprodução desse espaço, implicando também em relações desiguais entre os jovens.

As juventudes estão em constante processo de constituição e transformações. Reflexões que eram pertinentes para compreender os jovens do século passado, já não são suficientes para explicar as dinâmicas juvenis contemporâneas, sendo inclusive esse um desafio dos estudos das juventudes. A ideia de geração e das diferentes formas de ser jovem (Turra Neto, 2008) nos oferece direcionamentos para pensar os distintos contextos espaciais e temporais.

As “grafias juvenis” no espaço são complexas e múltiplas, conforme a idade determinadas ações e processos são acionados. Por exemplo, uma pessoa adulta ou idosa possui práticas espaciais distintas das de jovens. Turra Neto (2015) ressalta que os jovens se movimentam pela cidade e suas práticas geralmente ocorrem em grupos. Além disso, conforme Carrano (1999) tais práticas espaciais possuem símbolos específicos e dialogam multiculturalmente com referências de diferentes escalas geográficas. Esse cenário destaca os sujeitos jovens como agentes ativos no espaço geográfico.

Em consonância com Carrano (1999), Dayrell (2003), Pais (2003) e Turra Neto (2015), entendemos a juventude como uma condição social, em que as/os sujeitas/os jovens que estão nessa fase de vida podem acessar de acordo com seu campo de possibilidades. O debate de Turra Neto (2023) sobre campo de possibilidades e sobre contexto geográfico são pertinentes para nossos objetivos. Segundo o autor, o contexto possui variação no tempo e no espaço, assim uma geração dispõe de determinado contexto para realização de sua juventude, que por sua vez é influenciado pelos arranjos e combinações espaciais do lugar em que vive. Assim, os campos de possibilidade enquanto espaço para formação e implementação de projetos, se



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

alteram nos diferentes contextos geográficos, que também possuem dimensão social, cultural, política e econômica.

Essa discussão também pode ser vinculada a ideia de moratória social. Tommasi (2017) entende a moratória social como o período em que as/os jovens podem aproveitar a suspensão de suas responsabilidades, antes de ingressar na vida adulta. Margulis e Urresti (1996) associam a moratória social aos tempos de lazer da juventude.

Quando pensamos no contexto geográfico brasileiro, a moratória social se torna um privilégio para uma minoria da parcela das juventudes. Em meio a desigualdades e dificuldades estruturais, a maior parte das/os jovens tem que procurar meios para realizar ações “típicas” da juventude, como a adesão a coletivos juvenis, formação de redes de sociabilidade e tempos de lazer entre amigas/os. Daí que o contexto pesa sobre esses jovens, influencia em seus campos de possibilidades e diversidade as formas de ser jovem.

Outro elemento que interfere nas juventudes e em seu próprio campo de possibilidades é a identidade. Os jovens possuem múltiplas identidades e que nessa fase de vida passam por modificações mais intensas. Para compreender como os jovens estão posicionados no espaço geográfico, pensar na intersecção de eixos identidades se faz imprescindível.

2. Interseccionalidades

A idade ainda é uma dimensão pouco discutida nas pesquisas que abordam as interseccionalidades tanto na Geografia como nas ciências sociais em geral, porém nos concentraremos na discussão geográfica. A tríade raça, gênero e classe é a base dos estudos interseccionais, mas outros eixos passaram a ser incorporados nos estudos após a percepção da diversidade identitária dos sujeitos e de como afetam a vida cotidiana, tais como sexualidade, etnia, nacionalidade, e o que defendemos: idade.

Segundo Crenshaw (2002), se referindo a mulheres negras, a interseccionalidade significa entender como as discriminações operam juntas e limitam as chances de sucesso das/os sujeitos. Pensar interseccionalmente diz respeito a complexificar as análises e buscar compreender como os eixos identitários se cruzam e atuam na vida das pessoas.

Tendo em vista as desigualdades brasileiras estruturadas no capitalismo, racismo, sexismo, heteronormatividade e outros, quando um sujeito possui marcadores considerados dissonantes do padrão hegemônico, é perversamente vulnerabilizado. Nesse sentido, uma mulher por



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

exemplo, não é somente mulher, mas pode ser também negra, lésbica, empobrecida e periférica, tal entrecruzamento interfere diretamente em suas vivências. As vivências não podem ser interpretadas por somente um viés, as identidades são múltiplas e tal diversidade precisa ser foco de atenção.

No debate geográfico, de acordo com Silva e Silva (2011), as interseccionalidades posicionam de forma relacional os sujeitos no espaço, permitindo entender as implicações do cruzamento de identidades na vivência espacial. Considerando o espaço como multiplicidade, conforme os contextos geográficos determinadas dimensões identitárias serão ressaltadas (McCall, 2005).

Quando pensamos nas juventudes, é comum encontrar pesquisas que utilizam o termo “jovens”, mas não caracterizam contextualmente que jovem é esse para além do espaço que ocupa, situando-o identitariamente. Conforme Abramo (1997), as juventudes são frequentemente associadas a problemas sociais como irresponsabilidade, rebeldia e instabilidade. Assim já existem estigmas relacionados à idade, porém os contextos pesam mais sobre vivências de jovens específicos, como por exemplo, jovens negros empobrecidos que convivem diariamente com as necropolíticas das periferias urbanas. Há ainda a questão geracional, desigualdades estruturais são intergeracionais, mas se faz importante ter em mente que jovens com identidades marginalizadas atualmente, seriam mais invisibilizados em décadas anteriores, quando muitas discussões sociais menos avançadas na sociedade. Ou seja, há uma multiplicidade de contextos geográficos, que são também temporais, que interferem nas interseccionalidades e nas formas de ser jovem.

Nas discussões sobre coletivos juvenis, a multiplicidade de identidades também aparece. A cultura Hip Hop por exemplo, não é constituída somente por jovens homens negros, mas também jovens mulheres negras e não-negras, e pessoas LGBTQIA+ que tem constituído agrupamentos *queer*. Tal debate pode ser ampliado para outras culturas juvenis como o Punk e o Funk. Conforme mais identidades marginalizadas os coletivos reúnem, maiores são as barreiras espaciais que enfrentam.

Portanto, o espaço geográfico é esfera da existência da multiplicidade e de possibilidades (Massey, 2008), mas conforme as interseccionalidades ele tende a limitar as experiências de juventude das pessoas, que nos leva a corroborar com as discussões de contexto geográfico e campo de possibilidades de Turra Neto (2023), entretanto, alertando para a importância de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

considerar as identidades interseccionais dos jovens que estão inseridos em determinados espaços e sociais. É esse esforço que procuramos realizar no próximo tópico.

3. Identidades juvenis interseccionais

Das quatro pessoas jovens entrevistadas na pesquisa “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola”, três eram meninas e um menino, estudantes do ensino médio da mesma escola e moradores de áreas mais empobrecidas de Presidente Prudente, exceto uma participante que residia em um bairro de baixa renda de Álvares Machado (SP), cidade vizinha em processo de conurbação com Presidente Prudente, o que faz com que muitas das atividades desenvolvidas por seus habitantes se deem em solo prudentino, em um movimento pendular de deslocamento casa/trabalho/casa.

Nas entrevistas, as jovens Maria, Gabi e Estela e o jovem Fernando, se apresentaram. Estavam no 2º ano do ensino médio, com 16 anos de idade, com exceção de Estela que, na época, tinha 15 anos e cursava o 1º ano. Fernando era rapper e frequentava batalhas de rima, se identificando com o Hip Hop. Maria era *E-Girl*, parte da comunidade LGBTQIAPN+, assim como Gabi, que era *cosplayer* e partilhava da cultura *Geek*, enquanto Estela trazia a vertente do Funk consciente como cultura que se identificava, e com profunda presença também da religião evangélica em suas redes sociais.

Nas análises das entrevistas, a partir de uma ótica interseccional que nos permite entender como as discriminações se diversificam e são transversais nas experiências dos sujeitos, três dimensões específicas vieram à superfície dos relatos, sendo elas a questão da classe, do gênero e da idade. Maria, Fernando e Estela já trabalhavam, e Gabi estava no processo de entrega de currículo, portanto, o cotidiano deles era atravessado pelo tempo dedicado ao emprego, por vezes, em detrimento dos estudos. Estela estudava, trabalhava e fazia curso de aprimoramento, dedicava-se toda a tarde nessas atividades. Fernando, sem as aulas presenciais na pandemia, dedicava apenas 1 hora de seu dia para as atividades escolares:

Fernando: “Agora, com a pandemia, eu acordo de manhã, tipo 9hrs da manhã, faço lição até 10hrs, depois almoço, tomo banho, e vou pegar o busão 12hrs. Aí eu trabalho até as 18hrs, pego o busão de volta...”



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Maria também viu o tempo de estudos ser reduzido na pandemia de modo radical, por conta do emprego que estava, de cuidado integral dos sobrinhos, um de seis anos e outro de seis meses de idade. Antes da pandemia, já trabalhava, no entanto, em horário reduzido:

Maria: “*Eu antes trabalhava na... tipo, minha irmã tem uma empresa, uma empresa de empréstimos, eu trabalhava lá. Aí, a minha sobrinha nasceu e não tinha ninguém pra cuidar dela. Tipo assim, ninguém me perguntou nada, no outro dia eu já tava lá... e agora eu trabalho o dia inteiro [risos]. Eu sou uma quase mãe [risos]*”.

O relato de Fernando nos concede a inevitabilidade de pensar a relação de classe nos estudos das juventudes, com a redução da moratória social ocasionada pela necessidade de trabalhar, bem como o cenário de Maria, que une a classe ao gênero, sendo posicionada no trabalho do cuidado, na condição de uma “quase mãe”. Conforme as dualidades elencadas por McDowell (1999, p. 28), os papéis tradicionais de gênero condicionam Maria, enquanto uma mulher, a ficar restrita ao espaço privado e à tarefa do cuidado, enquanto que Fernando vive a esfera pública, porém condicionado pela questão de raça classe, ambos jovens não tem a oportunidade de vivenciar suas juventudes na plenitude.

Associando ainda a condição de classe ao gênero, foi perceptível a interrelação entre tais dimensões com a experiência de cidade constituída pelos jovens, através da análise da circulação, seja pelos meios de transporte utilizados, como pela ausência ou presença da sensação de segurança nos itinerários feitos pelos jovens. Episódio de assédio relatado por Gabi que a fez, por escolha própria, alterar seu trajeto no deslocamento escola/casa, que fazia por transporte público, oferecido apenas por uma linha de ônibus e, conseqüentemente, aumentando o tempo de trajeto rotineiro.

Gabi: “*Eu tinha onze... é, dos 11 até os 14 anos. Eu tinha muito medo, porque uma vez um homem mexeu comigo no ponto [de ônibus], eu tinha muito medo, porque era escuro, era muito... e nenhum aluno pegava o ônibus lá, porque lá, naquele ponto, só passava Jandaia, que é o ônibus que eu pego, e os alunos não iam pra lá. Então eu fazia questão de ir até o Formosinho, que é uma escola longe, para poder pegar o ônibus no mesmo lugar que os alunos do Formosinho pegava, pra eu não ficar sozinha, eu tinha muito medo de ficar lá no ponto...”.*

O gênero pareceu atribuir um outro significado ao movimento nos relatos de Gabi, em que a pausa transforma a experiência na escala do corpo, alterando os espaços de conforto e



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

desconforto, impondo indiretamente a necessidade da movimentação física perante a pausa, sinônimo de insegurança.

Gabi: *“Eu ia mesmo por vontade própria, porque eu não tinha coragem de ficar lá, eu falava assim ‘não, eu prefiro andar do que ficar aqui’”.*

As falas sobre o deslocamento e circulação foram reflexivas no sentido das constituições simbólicas, seja da construção de um imaginário estigmatizado, seja por experiências vividas na carne, que não se dão exclusivamente a partir de memórias recentes, mas de vivências pretéritas acumuladas, que são ressignificadas e reatualizadas constantemente. O cruzamento de idade, gênero e classe, obrigaram Gabi a realizar maiores deslocamentos para se sentir mais segura. Há uma ideia equivocada de que o corpo da jovem mulher é vulnerável e, assim como os corpos de mulheres no geral, é sexualizado e deve estar disponível ao prazer do outro, isso implicou no assédio sofrido.

Fernando, quando indagado sobre a sensação de segurança ao transitar pela cidade, responde que não se sente inseguro:

Fernando: *“Não... Acho que não, porque como eu cresci, tipo, no meio de bandido, de traficante, de tudo isso, eu não tenho tanto esse receio não”.*

No entanto, o mesmo jovem é quem revela episódios de repressão policial nas batalhas de rima que participava, em uma praça pública da cidade, fato que ele atribuía ao preconceito e ao racismo. Desse modo, no cruzamento de idade, gênero e classe, enquanto um homem periférico Fernando não possui medo de assédio, entretanto sua identidade implica em ser classificado pela polícia como um “bandido”, o que foi aprofundado por estar em uma batalha de rima, que também é estigmatizada como local de desordem.

A ausência do automóvel particular nos relatos, tanto pela idade dos entrevistados, quanto pela situação de renda familiar, trouxe nas falas o transporte público, os aplicativos de transporte, a carona e o caminhar a pé como os principais meios de circulação, o que confere a experiência de cidade diferenciação em termos de tempo de locomoção e interação com o espaço público. Mesmo com as especificidades que sustentaram as justificativas das seguranças e inseguranças, e exprimiram as interseccionalidades nos discursos, foi possível inferir um padrão para além das formas de locomoção, uma unanimidade no que diz respeito a importância dos agrupamentos na fala de todos os colaboradores, a exemplo da fala abaixo.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Estela: Normalmente é quando, tipo assim, eu saía com meus amigos e eu ainda não tinha encontrado eles no lugar, por exemplo tipo fora do shopping, a gente marcava de se encontrar em tal lugar aí todo mundo ia pra lá, e às vezes quando eu ficava sozinha eu não me sentia segura de estar ali sozinha, porque eu não sabia o que poderia acontecer comigo.

Nesse sentido, o “estar junto” dos amigos era indicativo de segurança. Oferece à atmosfera do espaço o poder de se alterar de acordo com a presença ou ausência de seus pares, em um movimento de autoproteção, seja durante os momentos de pausa, de deslocamento de um ponto a outro, ou o simples flunar pela cidade, crucial para a prática juvenil. Portanto, a relevância do “como” as experiências dos jovens se dá pela cidade se soma, por vezes, contraditoriamente, ao “onde” e ao “quando”, sempre correlacionadas aos marcadores sociais, que são sentidos de maneira diferencial, mas em eixos que se esbarram constantemente.

Considerações finais

Diante do exposto, salientamos a rica contribuição da perspectiva interseccional para o desenvolvimento dos estudos preocupados com as juventudes, na defesa da premissa das juventudes sempre pluralizadas, tanto em seus aspectos culturais, quanto geográficos, a partir das distintas formas de se viver e construir-se no e pelo espaço.

Com base no recorte feito no texto, os relatos expostos pelos colaboradores nos colocam a pensar como a condição de jovens empobrecidos confere locais de residência que vão interferir não apenas no tempo e no tipo de transporte, mas especialmente na qualidade de suas práticas cotidianas, espaço-tempo em que a suposta banalidade rotineira se torna campo frutífero na análise das impossibilidades e potencialidades vividas pelas juventudes.

Junto ao local de moradia, se inter cruzam todos os outros eixos de identidade que constroem transversalmente a experiência de ser jovem, e nos ajuda a pensar quais dessas dimensões estruturais saltam mais à superfície em determinados espaços e momentos, a depender dos contextos geográficos que são também plurais e vão, portanto, exercer força sobre os campos de possibilidades que esses sujeitos traçam ao decorrer dessa fase da vida.

Uma interpretação sobre as realidades apresentadas que homogeneizasse as entrevistadas e o entrevistado somente enquanto “jovens”, reduziria a complexidade de suas vivências e não contemplaria a forma desigual como todas as pessoas estão posicionadas no espaço geográfico conforme suas identidades. Todos os jovens da pesquisa possuem campos de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

possibilidades restritos pela sua condição de classe, conforme demonstrado. Porém, quando pensamos nas jovens mulheres, os papéis de gênero pesam sobre suas vidas e elas convivem com a insegurança nas ruas e com a imposição de exercer as tarefas do cuidado no espaço privado. Tratam-se de diferentes identidades, atravessadas por padrões sociais que interferem nas trajetórias de vida e nas práticas socioespaciais dos jovens. Portanto, a partir dessa complexidade de vivências, defendemos uma Geografia das Juventudes que contemple as interseccionalidades em seus estudos.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, 1997.
- CARRANO, P. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade**. 1999. 460 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Florianópolis, 1999.
- CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: RIBEIRO, M. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, 2003.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, M. (org.). **La juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MCCALL, L. The Complexity of Intersectionality. **Signs**, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1771- 1800, 2005.
- MCDOWELL, L. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- NEVES, Laís Lopes. **Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola**. 2023. (Monografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, p. 73. 2023.
- OLIVEIRA, V. H. N. Geografia das Juventudes – Apresentação. In: _____ (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 9-12.
- PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.
- SILVA, J. M.; SILVA, M. G. S. N. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. In: _____



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

(org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Todapalavra, P. 17-35, 2011.

TOMMASI, L. **Juventude e cultura**. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/36865436/JUVENTUDE_E_CULTURA>. Acesso em: 17 abr. 2024.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015. p. 119-135.

TURRA NETO, Nécio. Contextos geográficos e campos de possibilidades para diferentes gerações. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 61-76.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA ARTE EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Matheus de Paoli Henriques
Acadêmico do Curso de Geografia da UFRGS e Bolsista CNPq de Iniciação Científica
matheusphenriques@hotmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Doutor em Educação, Professor do Departamento de Geografia da UFRGS
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

Nos últimos anos, a Geografia das Juventudes vem crescendo nas pesquisas brasileiras, analisando temas variados dos jovens. Levantamentos em revistas de Geografia na plataforma Sucupira revelam um aumento significativo desde 2009, principalmente na região sudeste. Embora muitos estudos foquem em realidades escolares, há também pesquisas sobre juventude rural, ampliando o escopo de investigação. Esses estudos, ao desvelarem as múltiplas facetas das experiências juvenis, tornam-se decisivas para compreender a complexidade do mundo contemporâneo. Além disso, fornecem subsídios importantes para a formulação e implementação de políticas públicas direcionadas aos jovens.

Juventudes. Estado da arte. Geografia das Juventudes

1. Introdução

O campo de estudos e pesquisas das Geografias das Juventudes vem crescendo ao longo dos últimos anos na Geografia brasileira (Oliveira, 2023). Comparando com outras áreas mais tradicionais da pesquisa na Geografia esta é relativamente nova. Os trabalhos produzidos com juventudes buscam, entre outros aspectos, analisar diversas perspectivas vividas por esta parcela da população, cuja faixa etária que se dá dos 15 aos 29 anos (Brasil, 2013), sejam elas: espaciais, culturais, sociais, religiosas, por exemplo. Pela juventude ter essa diversidade, são múltiplos os temas abordados e suas complexidades.

Devido a esta constante crescente de publicações, buscamos examinar o que já foi escrito e publicado nas revistas científicas vinculadas à Geografia presentes na plataforma Sucupira – Qualis Periódicos. O intuito é compreendermos quais são as temáticas que estão tendo maior interesse de pesquisa, quais instituições e regiões que mais produzem trabalhos e quem são esses sujeitos que escrevem sobre juventudes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Sendo a juventude um período de descobertas, os sujeitos experienciam uma imensa variedade de mudanças culturais, sociais e geográficas. Faz parte do trabalho da Geografia compreender essas dinâmicas espaciais que os jovens percorrem, entendendo como interagem com o espaço, moldando e sendo moldados por ele (Oliveira, 2021). Estudos nessa área são fundamentais para entendermos a complexidade do mundo contemporâneo.

2. Caminhos metodológicos

A investigação teve o papel de construir uma revisão bibliográfica de todos trabalhos ao que entendemos ser pesquisas com o tema central “juventudes”, em periódicos do campo da Geografia, selecionados na Plataforma Qualis – CAPES por possuírem expressões relacionadas à Geografia em seus títulos.

Podemos considerar que foi usada uma abordagem de cunho qualitativo-quantitativo, visto que foi feita uma catalogação de todos os trabalhos achados, coletando os seguintes dados: 1) Revista publicada e sua Qualis; 2) Título da obra; 3) Autores; 4) Ano de publicação; 5) Titulação do primeiro autor; 6) Região do Brasil em que o 1º autor atua; 7) Palavras chaves da pesquisa.

3. Resultados e discussões

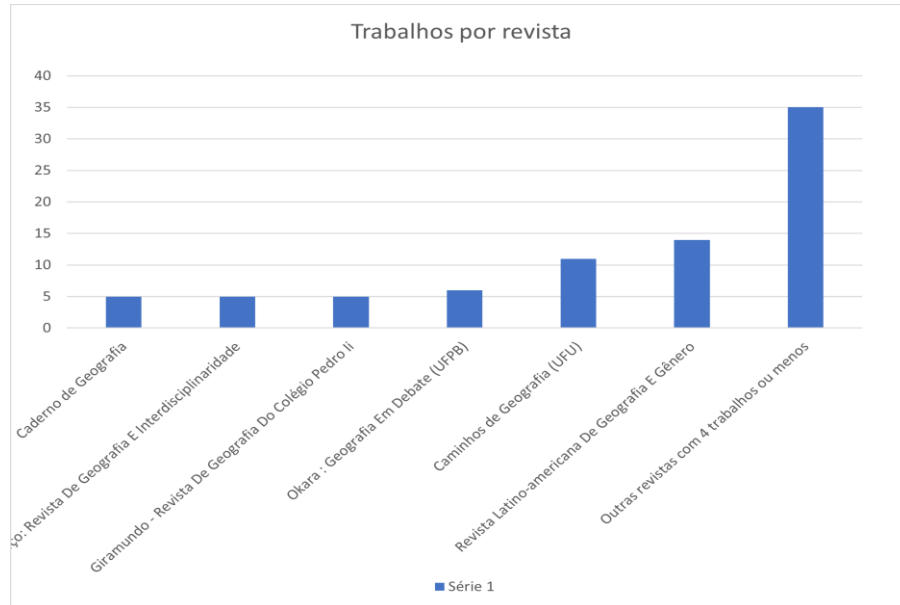
Inicialmente, é válido ressaltar o número de revistas e trabalhos que foram catalogados. Foram pesquisadas 51 revistas com algum tipo expressão vinculada a 'geografia', dessas, em 27 foram encontrados pelo menos 1(um) trabalho em que a juventude era o elemento central da pesquisa. Destacamos as revistas “Revista Latino-americana de Geografia e Gênero”, “Caminhos de Geografia (UFU)” e “Okara: Geografia Em Debate (UFPB)”, com 14, 11 e 6 trabalhos, respectivamente. Nas outras revistas, representadas no gráfico 1, o número de publicações não passou de 5, contabilizando um total de 88 artigos.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

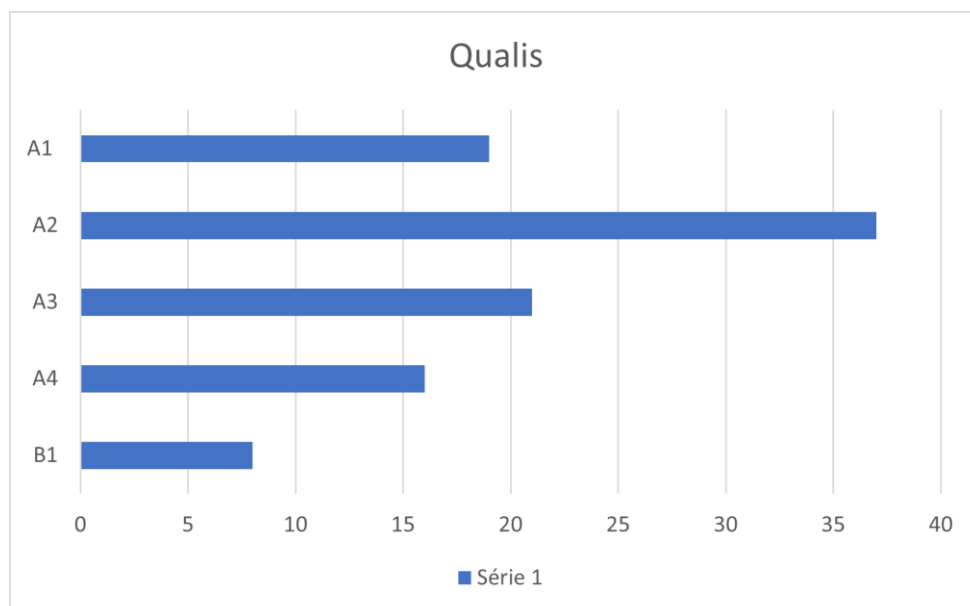
Gráfico 1 – números de trabalhos publicados por revista



Fonte: banco de dados da pesquisa (2024)

Já o gráfico 2 nos mostra a relevância acadêmica atribuída a essas revistas de acordo com o sistema Qualis da CAPES.

Gráfico 2 – Qualis das revistas selecionadas, de acordo com a Plataforma Sucupira



Fonte: banco de dados da pesquisa (2024)



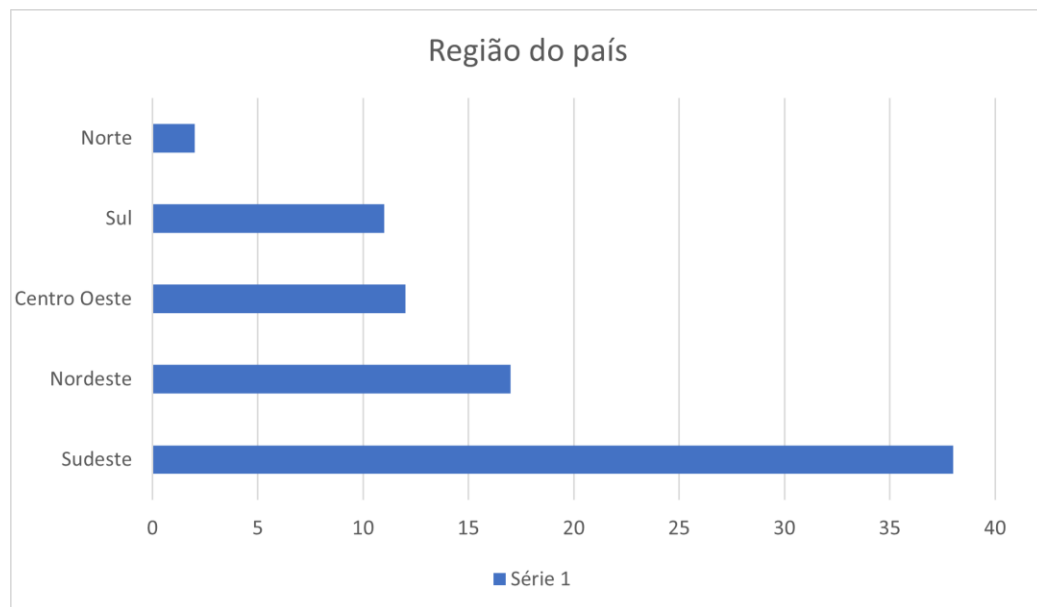
I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

É possível visualizar grande relevância das revistas onde estes trabalhos estão sendo publicados. Segundo a própria CAPES, da A1 a A4 são consideradas de grande impacto, B1 a B4 classifica-se como médio impacto e a Qualis C baixo impacto. Foram achados 88 artigos, desses 80 estão em revistas Qualis A (90,9%), enquanto 9,1% estão na Qualis B.

O gráfico 3, representado na sequência, mostra a distribuição dos trabalhos selecionados por região do país atuante do 1º autor.

Gráfico 3 – região de atuação do 1º autor



Fonte – banco de dados da pesquisa (2024)

Verificou-se que a região Sudeste foi a mais atuante entre os autores, com 47,5%, seguida da região Nordeste, com 21,25%. As regiões Centro Oeste e Sul tiveram a diferença em apenas 1(uma) publicação, estando com 15% e 13,75%, respectivamente. A região Norte teve apenas 2 autores com algum tipo de publicação sobre juventudes, com 2,5%.

Os números acabam refletindo tendências geográficas, fatores como população dessas regiões, tão como o número de universidades nelas presente podem ser bons indicativos acerca do número de trabalhos produzidos.

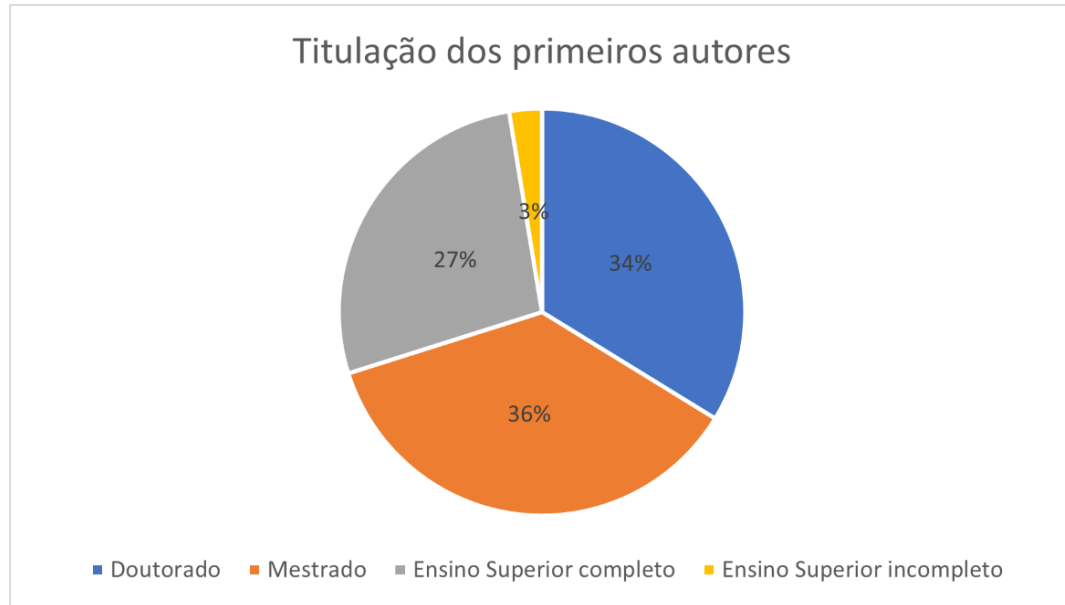
Seguindo a linha de análise baseando-se nos autores, o gráfico 4 nos mostra a titulação desses.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Gráfico 4 – Titulação do 1º autor



Fonte – banco de dados da pesquisa (2024)

Alguns dados chamam a atenção sobre os números das titulações. O primeiro é o certo equilíbrio entre doutores, mestres e graduados nas publicações. Também é válido ressaltar que grande parte dos graduados e mestres estavam na etapa de requalificar-se, cursando o mestrado e doutorado.

Como já foi mencionada, a área de pesquisa relacionada à juventude na geografia é relativamente recente. Conseguimos observar uma crescente, não tão regular, nas publicações a partir do ano de 2009. De 1995 a 2008 tivemos 6 apenas trabalhos, se pegarmos novamente um período de 14 anos (2009 a 2022), vemos essa quantidade aumentar para 76 artigos publicados. Os números mostrados de ano a ano seguem no gráfico 5.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Gráfico 5 – ano de publicação dos trabalhos catalogados



Fonte – banco de dados da pesquisa (2024)

Após análise quantitativa, partiremos para maior reflexão qualitativa desses artigos, usaremos nuvens de palavras elaboradas pela ferramenta Voyant Tools a partir dos títulos (imagem 1) e palavras-chave (imagem 2) presentes nas publicações.

Imagem 1 – nuvem de palavras dos títulos dos trabalhos analisados



Fonte – banco de dados da pesquisa (2024)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

4. Considerações finais

Essa breve análise permitiu mostrar a relevância que as produções sobre Juventudes estão alcançando no ensino superior brasileiro nos últimos anos. A pesquisa teve o objetivo de fornecer um panorama geral do que e como estão sendo as produções sobre o tema no nosso país.

Conseguimos mostrar de onde estão vindo os autores com essa grande contribuição para a ciência geográfica brasileira e como está em ascensão a produção de pesquisas sobre os nossos jovens. Por mais que os números absolutos possam não parecer tão altos, mostramos que em relação a nós mesmos, o crescimento tem de ser levado em consideração.

Apesar da ampla maioria das pesquisas tenham sido de cunho qualitativo e no ambiente escolar, outras linhas de pesquisa voltadas para o meio rural, de gênero e político, por exemplo, estão ganhando campo no meio. Isso mostra a constante evolução do nosso campo de investigação. Além desses outros temas, novas abordagens serão desenvolvidas ao longo da construção do nosso campo: a Geografia das Juventudes.

Que tenhamos conseguido ajudar nessa caminhada, dando reconhecimento ao que já foi feito e tentando garantir uma maior visibilidade ao que virá a seguir. Esse trabalho é fundamental para nossos jovens, a fim de mostrarmos as diferenças dinâmicas sociais, auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas e garantir a inclusão e equidade de qualquer jovem.

Referências

BRASIL. **Lei 12.852**, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acesso em: 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das juventudes: a construção do estado da arte na pós-graduação brasileira. **Para Onde!?**, v. 17, n. 2, p. 59–78, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Os jovens de Porto Alegre**: da escola para a cidade. Caxias do Sul: Educs, 2021. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/os-jovens-de-porto-alegre-da-escola-para-a-cidade/>. Acesso em: 22 abr. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: ESTADO DA ARTE DE TRABALHOS NOS ENCONTROS NACIONAIS DE GEÓGRAFAS E GEÓGRAFOS (ENG)

Marina de Assumpção Bello
Graduanda em Geografia na UFRGS, Bolsista BIC/UFRGS de Iniciação Científica
marinabello04@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Doutor em Educação, Professor do Departamento de Geografia da UFRGS
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

Nas últimas décadas, tem se moldado o debate acadêmico sobre as juventudes na geografia, considerando as vivências e práticas espaciais dos sujeitos no recorte etário de 15 a 29 anos. O presente trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa do estado da arte de anais do Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos a partir de 2010, relacionando características dos trabalhos sobre juventudes. Foram localizados 16 trabalhos, tratando principalmente das perspectivas de futuro dos sujeitos e divisão espacial das juventudes rurais e urbanas. De modo geral, o estudo das geografias das juventudes pauta práticas espaciais e campo de possibilidades desses sujeitos.

Geografias das Juventudes; Estado da Arte; Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos.

1. Introdução

O debate acadêmico sobre juventudes é recente na Geografia brasileira, ganhando espaço nas últimas décadas (Oliveira, 2023a). As realidades das juventudes no Brasil são mais ainda diversas quando espacializadas, considerando os lugares que criam, participam e, principalmente, esses sujeitos vivenciam. Para fins metodológicos, consideramos como jovens indivíduos de 15 a 29 anos, em acordo ao Estatuto da Juventude de 2013 (Brasil, 2013).

Fenômenos sociais das juventudes não podem ser dissociados do espaço-tempo. As vivências e experiências das diversas juventudes são moldadas pelos arranjos sociais e econômicos aos quais estão inseridas. Assim, se faz pertinente uma abordagem materialista histórica, que considera as relações entre condições materiais de existência e produção e transformações históricas. Os fenômenos sociais estão intrinsecamente vinculados ao espaço – mesmo que seja o virtual – e, tais espacialidades – diferentes/desiguais como as juventudes – produzem relações igualmente diversas. (Oliveira, 2023b).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

2. Estratégias Metodológicas

Devido ao caráter recente das produções e discussões do campo das juventudes, a presente pesquisa realiza o levantamento e sistematização das produções a respeito do tema. A metodologia adotada, o Estado da Arte ou Estado do Conhecimento (Morosini; Fernandes, 2014), leva em consideração diversos aspectos sobre os estudos do tema, permitindo melhor compreensão sobre o cenário dos estudos em juventudes na geografia no país.

Neste trabalho, há os resultados parciais de análise do estado da arte dos bienais Encontros Nacionais de Geógrafos (ENG), organizados pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Cada edição do evento acontece em diferentes universidades do país e possui diferentes temáticas e eixos, propondo reunir acadêmicos, propor debates e contribuir à construção do pensamento geográfico brasileiro.

Foi adotado o recorte temporal dos eventos a partir do ano de 2010, afim de delimitar as produções mais recentes sobre o tema. Contudo, os anais do XVI ENG, de 2010 em Porto Alegre, e do XVII ENG, de 2012 em Belo Horizonte não foram localizados. Como nem todas as edições aconteceram na frequência bienal, os trabalhos encontrados se iniciam na XVIII edição do Encontro Nacional de Geógrafas e Geógrafos, em 2016.

Foram utilizados os seguintes descritores para o levantamento dos trabalhos: Juventudes; Jovens; Adolescências; e Adolescentes. Da baixa quantidade de trabalhos em formato de anais de evento encontrados, foram selecionados os que coubessem na temática de estudo das juventudes e suas relações espaciais.

Os dados recortados para análise foram: ano de publicação, instituição, titulação do autor e região do Brasil, que foram considerados para os resultados parciais.

A presente pesquisa é dispensada de análise ética. É realizada somente com textos científicos para revisão da literatura científica e, por isso, não necessita ser avaliada pelo sistema de Comitês de Ética em Pesquisa e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. (Brasil, 2016)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

3. Resultados

Dentre os 23 trabalhos encontrados através dos descritores no recorte de 2010 a 2023, foram selecionados 16. A maior parte dos trabalhos que não foram selecionados tratava da Educação de Jovens e Adultos. O quadro 1, na sequência, relaciona os trabalhos publicados no ENG, explicitando ano do evento do evento em que foi apresentado, instituição, titulação do primeiro autor e região do Brasil em que foi produzido.

Quadro 1: Trabalhos publicados em ENG por ano, instituição, titulação do autor e região do Brasil.

	Título	Ano	Instituição	Titulação do 1º autor	Região do Brasil
1	REFLEXOS SOCIAIS E ECONÔMICOS SOBRE A JUVENTUDE DA CIDADE DE OEIRAS DO PARÁ: O CASO DO BAIRRO “NOVA OEIRAS”	2016	UFPA	Não localizado	Norte
2	PERSPECTIVAS SOBRE OS JOVENS RURAIS: MARCELINO RAMOS/RS	2016	UFFS	Graduado	Sul
3	A JUVENTUDE NO MEIO RURAL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOVENS ASSENTADOS EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA.	2016	UNESP	Não localizado	Sudeste
4	OS DESAFIOS DA JUVENTUDE RURAL DO AGRESTE DE ITABAIANA	2016	UFS	Graduando	Nordeste
5	OS SENTIDOS URBANOS E A JUVENTUDE: UMA EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA A PARTIR DA CRIAÇÃO DE UM LABORATÓRIO DE PESQUISA NO COLÉGIO PEDRO II – RIO DE JANEIRO/RJ	2016	Colégio Pedro II	Não localizado	Sudeste
6	JOVENS DE CIDADES PEQUENAS NO INTERIOR PAULISTA: PRÁTICAS ESPACIAIS E TEMPO LIVRE.	2018	UNESP	Graduado	Sudeste



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

7	JUVENTUDES SOTEROPOLITANAS E AS PRÁTICAS SÓCIO-ESPACIAIS INSURGENTES	2018	Não localizado	Não localizado	Não localizado
8	DA CIDADE À ESCOLA: JUVENTUDES TERRITORIALIZADAS EM JUIZ DE FORA - MG	2018	Não localizado	Não localizado	Não localizado
9	UMA DISCUSSÃO ACERCA DAS PERSPECTIVAS DA JUVENTUDE RURAL NO ASSENTAMENTO SÃO PAULO EM SANTA INÊS – BAHIA	2018	IF Baiano Campus Santa Inês	Não localizado	Nordeste
10	QUEBRADA MAPS MOBILIZANDO MAPAS CRÍTICOS E PARTICIPATIVOS – RELATO DE EXPERIÊNCIA	2018	Não localizado	Mestre	Não localizado
11	COMUNIDADE DE PEDRA PRETA: A IMPORTÂNCIA DA PERMANÊNCIA DO JOVEM NO MEIO RURAL	2018	UNIMONTES	Graduando	Sudeste
12	A NEGLIGÊNCIA DO ESTADO PARA COM O CAMPESINATO BRASILEIRO E O ÊXODO RURAL: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO A PARTIR DA REALIDADE DE JOVENS RURAIS EM ANTÔNIO CARLOS - MINAS GERAIS	2018	UFJF	Não localizado	Sudeste
13	AS “NOVAS” CONFIGURAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS: APROPRIAÇÃO E DOMINAÇÃO POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO.	2018	UFPE	Mestre	Nordeste
14	JUVENTUDES, CIDADE E HIP HOP: A CONSTRUÇÃO EDUCATIVA DO COLETIVO BATALHA DO VALE	2022	UNESP	Não localizado	Sudeste
15	CULTURA DIGITAL: NETNOGRAFIA EM PESQUISAS SOBRE SUJEITOS JOVENS	2022	SEDUC/MS	Não localizado	Centro-oeste



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

16	A SOCIABILIDADE E AS CULTURAS JUVENIS EM UMA CIDADE PEQUENA: AS PRÁTICAS ESPACIAIS DAS JUVENTUDES EM ORIENTE/SP	2022	ETEC – Dr. Antônio Eufrásio Toledo	de Não localizado	Sudeste
----	---	------	------------------------------------	-------------------	---------

Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: os autores (2024).

Em análise mais detalhada, os resultados parciais demonstram variação no número de publicações por ano de evento, sendo 5 em 2016, 8 em 2018 e 3 em 2022, dois trabalhos de 2018 não foram localizados. Destes, 44% foram produzidos na região Sudeste do país; 19% no Nordeste; 6% no Norte; 6% no Centro-Oeste; 6% no Sul. 19% dos trabalhos não possuíam essa informação disponível. Da titulação dos autores, 61% (n = 10) dos trabalhos não foi localizada, 13% foram produzidos por pessoas graduadas, 13% por estudantes da graduação e 13% por mestres. Todos os 13 trabalhos que informam a instituição foram realizados por instituições públicas.

A composição da análise encaminha a primeira questão: o número reduzido de trabalhos publicados sobre o tema. Apesar de indisponíveis os anais do ENG que aconteceu em 2010, no XVII ENG, de 2012 já não apresentava nenhuma publicação sobre juventudes, demonstrando como é recente a produção acadêmica no tópico.

A nuvem de palavras da Figura 1 apresenta os termos mais utilizados nos títulos dos trabalhos selecionados, organizados em tamanho por relação de frequência.

Figura 1: Nuvem de Palavras



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: os autores (2024).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A figura, relaciona visualmente as palavras mais presentes nos títulos dos trabalhos considerados no resultado parcial da pesquisa. Assim, podemos levantar as seguintes questões: divisão dos espaços de pesquisa entre juventudes urbanas e rurais; Os enfoques nas vivências e uso do espaço pelas juventudes; E a perspectivas de vida e de futuro dos sujeitos jovens estudados.

4. Considerações finais

O debate sobre juventudes está longe de se esgotar no Brasil, a sistematização dos estudos publicados e os resultados parciais permitem inferir que aos poucos se molda uma discussão interessante a respeito do ser jovem e os sujeitos jovens enquanto agentes do espaço. Os trabalhos demonstram as preocupações e interesses da Geografia neste campo de pesquisa: da utilização, vivência e pertencimento das juventudes em diferentes espaços; e das perspectivas de vida e futuro sobre jovens nas suas comunidades.

De forma geral, os trabalhos selecionados reconhecem jovens como agentes formadores do espaço, mas não centralizam a busca na compreensão de como se formam enquanto sujeitos. Os estudos sobre juventudes no recorte temporal da pesquisa pautam práticas espaciais e o campo de possibilidades (Turra Neto, 2023) das presentes gerações diante de suas condições materiais de existência nos diferentes espaços.

5. Referências

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso: 17 abr. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso: 17 abr. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

MOROSINI, Marília; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875> . Acesso em: 11 abr. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes: A Construção do Estado da Arte na Pós-Graduação Brasileira. **ParaOnde!?** Porto Alegre, v.17, n.2, p.59-78, 2023a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242/88309> Acesso: 11 abr. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes – Apresentação. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2023b, p. 9-12. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855> Acesso em: 13 de abr. 2024

TURRA NETO, Nécio. Contextos Geográficos e Campos de Possibilidades para Diferentes Gerações. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2023, p. 61-76. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855> Acesso em: 13 de abr. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

GEOGRAFIAS DAS JUVENTUDES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA DISCIPLINA NA PRIMEIRA TURMA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Bernardo Poloni Pavan
Graduando em Geografia - UFRGS
be.bernardo7@gmail.com

Cecília Ramos Reuillard
Graduanda em Geografia - UFRGS
ceci1906rr@gmail.com

Ruan Henrique Santos Dos Santos
Graduando em Geografia - UFRGS
ruanshenrique@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Professor doutor em Educação
victor.nedel@ufrgs.com

Resumo

Apresenta-se, neste resumo, um relato da experiência da primeira turma da disciplina eletiva de Geografias das Juventudes, do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Busca-se apresentar o propósito da atividade de ensino e sua importância para a formação de estudantes da licenciatura e bacharelado em Geografia. Além disso, aponta-se de forma subjetiva a impressão dos estudantes-autores sobre a disciplina ao longo do semestre, na qual se aprendeu e também se ensinou aos colegas.

Palavras-chave: Geografias das Juventudes; Disciplina eletiva; Ensino de graduação.

Introdução

O surgimento de uma nova disciplina no currículo de Geografia nos despertou interesse: Geografias das Juventudes? Do que se trata? Por que o nome no plural? A partir disso, resolvemos nos matricular e sanar essas dúvidas. A disciplina nos causou curiosidade pelo caráter ousado apresentado em sua súmula: poder enxergar e projetar nas/nos jovens, que trazem consigo suas inquietações e narrativas. As nuances que permeiam o cotidiano em consonância com a sociabilização (Pais, 2010), de forma crítica, refletem-se no espaço, levando em consideração a condição e a situação juvenil (Abramo, 1997) de existir e conviver, o que contribui para experiências diversas em diferentes realidades socioespaciais.

O nome dado à disciplina diz respeito à pluralidade das juventudes, às diferentes realidades e recortes socioeconômicos, de gênero e cor. Estudar as Geografias das Juventudes



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

é buscar entender o espaço que essas juventudes ocupam e as especificidades que cada lugar traz consigo, produz e preserva. Tais lugares seguem imbuídos de suas subjetividades para a construção de uma identidade ética e autêntica a fim de comunicar suas filosofias.

Ao longo da disciplina, trabalhamos a partir do livro “Geografias das Juventudes” (Oliveira, 2023), organizado pelo professor Nedel e composto por textos de renomados pesquisadores da área de juventudes, cada um abordando uma temática diferente, como as juventudes periféricas, com o texto de Gamalho (2023), ou as juventudes e suas relações geracionais, de Turra Neto (2023). A partir desses temas, tecemos amplas discussões em sala de aula, tocando as diferentes escalas e epistemologias produzidas em determinado contexto.

O artigo apresenta os três momentos centrais da disciplina, que se organizaram igualmente no formato avaliativo da proposta.

1.1 Perfil da turma

No semestre de 2023/2, tivemos a oportunidade de compor uma turma bastante heterogênea e empolgada. Ao longo dessa etapa, cada aluno veio inteiro, contribuindo muito para o enriquecimento da disciplina. Estudantes carregados de si mesmo, com posicionamentos críticos, vivências e diferentes cosmovisões, partiam de suas agências (lugares) enquanto indivíduos políticos de grande “utilidade” e influência social; que pensam com articulação suas ideias, transmitindo-as e tornando-se propagadores de “novas” narrativas. Durante a disciplina, as tardes permitiram grandes momentos de diálogos, interações e escuta. Construimos juntos uma turma bastante diversa e plural, um notável encontro de gerações. Esses momentos de partilha foram extremamente enriquecedores, e a cada encontro brotavam novas perspectivas sobre Juventudes e atravessamentos sociais que, em confluência com a memória do passado, nos possibilitam pensar “jovens rumos”.

A turma foi constituída por colegas que estavam no início da Graduação (como é o nosso caso) e por alunos em processo de conclusão de curso, expressando-se pela diferença de idades, etnias, identidades de gênero, recortes sociais e de classe. Acreditamos que a percepção dessa estratificação e as diferentes realidades têm proporcionado espaços de escuta sobre outras Juventudes além da nossa. O contexto temporal de cada geração seguirá deixando marcas no espaço, conflitando e coexistindo com outras experiências juvenis.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Somos indivíduos “plurais-singulares”, que se reúnem, congregam, debatem, discordam, propõem caminhos e, acima de tudo, o exercício da escuta reconhecendo suas divergências, limitações e incompletudes. Trata-se de uma espécie de êxodo, de saída de si ao encontro, para o “problema” do outro. Um otimismo que nos faz pensar a juventude como a expressão genuína da novidade.

A pluralidade apresentada entre os alunos enriqueceu de forma impressionante as aulas: diferenças geracionais, sociais e de gênero possibilitaram um arcabouço teórico e prático que os constituía como pessoas articuladoras e produtoras de boas ideias, possui uma arma incontrolável nas mãos: a sabedoria.

É necessário desmistificar a ideia de que as juventudes brasileiras, de todo o país, funcionam da mesma forma, como um bloco homogêneo com os mesmos interesses, costumes, prazeres e sonhos. O conceito da existência de diversas vertentes de Juventudes é abordado por Turra Neto, em seu texto “Contextos Geográficos e Campos de Possibilidades para Diferentes Gerações”, presente no livro *Geografias das Juventudes* (2023). São completamente distintos os perfis de jovens que habitam uma grande metrópole urbana, os que residem no interior ou em cidades pequenas ou médias, por exemplo. Falamos de lugares completamente diferentes, noções geográficas distintas. Carregamos práticas sociais de uma geração influenciada e moldada pelo contexto em que viveu, retroalimentando processos, os quais frequentemente repetimos de forma hereditária, sem nem perceber.

1.2 Estudo sobre o Estatuto da Juventude

Na disciplina de *Geografias das Juventudes*, tivemos contato com o Estatuto da Juventude, Brasil (2013), que diz respeito diretamente a nós, jovens, e aos direitos que deveriam nos ser garantidos, como o Direito ao Território e o Direito ao Lazer e à Cultura, por exemplo. Quando estudamos o Estatuto, a turma foi organizada em duplas e cada uma delas ficou responsável por uma seção dos Direitos, com o intuito de apresentar para os colegas um recorte específico de cada seção. Durante as apresentações, discutimos nossos direitos através de exemplos trazidos pelas duplas, aqueles que são garantidos, e também a partir de exemplos de violação desses direitos.

Durante o semestre, debatemos o conteúdo do EJUVE e como é pouco conhecido, no geral, pela população. Deparamo-nos com muitos desses direitos garantidos por Lei apenas no



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

momento em que começamos a estudá-los mais a fundo, e isso nos fez perceber o quanto nossos direitos são invisibilizados e, quando solicitados, negados. Um exemplo disso é a meia passagem de transporte público para estudantes em Porto Alegre (Tri Escolar), que vem tendo seu acesso dificultado¹. Com isso, o Direito ao Território também é violado, pois jovens de regiões afastadas ficam impedidos de chegar às áreas onde estão localizados os ambientes de cultura e lazer. Como afirmado pelo antropólogo Magnani em seu livro “Do mito de origem aos arranjos desestabilizadores: Notas Introdutórias” (2018), o lazer é um direito da classe trabalhadora. Um outro exemplo são as repressões policiais em espaços de lazer e encontro de jovens nas áreas centrais de Porto Alegre, forçando os mesmos à busca por entretenimento em regiões mais afastadas, o que, novamente, impede os jovens de classes menos abastadas de ter acesso a esses ambientes. Debates muito sobre o que vem ocorrendo em Porto Alegre, em lugares como a Orla do Guaíba e a Cidade Baixa, e principalmente como esse tipo de repressão tende a ocorrer mais em lugares a que jovens periféricos, pretos e de baixa renda têm acesso. Por essas razões, é essencial analisar esses recortes.

A ideia errônea que associa a juventude a rebeldia, comentada no texto “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil” (Abramo, 1997), afeta o que diz respeito aos direitos juvenis, pois os jovens são vistos como “rebeldes sem causa”, não sendo dignos de terem seus direitos assegurados.

Ao comentar de forma subjetiva, estamos reduzindo esse fato à escala regional da nossa realidade; porém, se analisarmos essa questão em âmbito nacional, observamos que isso acontece em grande parte do território brasileiro. Um exemplo disso são os jovens ribeirinhos que ficam sem acesso à escola em períodos de seca, pois os barcos responsáveis pelo transporte não conseguem chegar até eles, sendo o Direito à Educação impedido. Esse tema é aprofundado no livro “Políticas Públicas, Educação Básica e Desafios Amazônicos”, de Falcão (2016).

O “adultocentrismo”, conceito muito trabalhado nas aulas dentro do tópico das Juventudes, tem como objetivo único nos desautorizar, enfraquecer a presença jovem e a coragem de transformar nesse ambiente tão carente e sedento de novos olhares, grafias,

¹ Em 2022, Sebastião Melo, atual prefeito da cidade de Porto Alegre, aprovou uma Lei que foi responsável pela extinção das isenções e restrição da quantidade de pessoas com acesso ao meio passe, entre elas os estudantes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

respostas e ousadia. Um mundo que não permite novos arranjos, na ótica de quem domina. Trata-se basicamente de uma ideologia preconceituosa, que tende a privilegiar os interesses dos adultos em detrimento das crianças ou dos jovens, desvalorizando opiniões e experiências subjetivas.

O adulto é considerado como o “norteador”, detentor de valores e normas a serem projetadas no outro, banalizando perspectivas, sendo entendido como o único produtor de saberes e respostas. Essa visão contribui para configurar comportamentos e padrões (estruturais e estruturantes) em diferentes realidades, tanto nas cidades como no campo. Essa restrição vaidosa, vazia e conservadora proposta pelos adultos, mesmo que de forma indireta, neutraliza a ação dos jovens nos espaços de sociabilização, desmerecendo suas marcas, visões, posicionamentos. Logo, o mundo adultocêntrico fere a democracia que, conseqüentemente, deslegitima os apontamentos trazidos pela juventude.

1.3 Atividade de deambulação sociológico-geográfica

Na nossa primeira aula da cadeira de Geografias das Juventudes, fomos introduzidos ao conceito de “deambulações sociológicas”, da obra “Nos rastros da solidão” (Pais, 2016). Ainda sem termos muita ideia do que se trataria, o professor informou que futuramente teríamos um trabalho em que o intuito seria “flanar sobre um espaço e analisar as juventudes ali presentes”. A partir dali já se plantava uma sementinha para nos interessarmos e pensarmos em ideias – flanar? De onde vem esse termo? O que significa deambular? –, entre várias outras dúvidas que se instalaram naquele momento.

No texto “Um Dia Sou Turista na minha própria cidade” (Pais, 2009), tivemos nosso primeiro contato com um relato de experiência de uma deambulação sociológica. O autor relata sua experiência, analisando as particularidades mundanas que acabamos por não perceber por causa do modo automático em que vivemos.

Fizemos também um estudo de campo na Casa de Cultura Mário Quintana². Ali, nos dividimos em duplas e tivemos nossa primeira experiência de deambulação sociológico-geográfica. No local, nosso exercício era escolher algum espaço e observar seus detalhes, se havia jovens presentes e suas características específicas. Pela época do ano (janeiro de 2024),

² A CCMQ fica localizada no centro de Porto Alegre e é um espaço cultural que abrange cinemas, restaurantes e exposições de arte.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

notamos que a presença dessa faixa etária era menor, provavelmente pelo fato de que muitos estariam em férias. Porém, algo muito observado por nós foi a quantidade de jovens trabalhadores (muitos deles negros) em espaços como cafeterias e restaurantes da região. Daí se nota a importância dos diferentes recortes de classe, e quais espaços determinados grupos jovens ocupam.

Como encerramento da disciplina, nossa tarefa era escolher um lugar e fazer uma deambulação sócio-geográfica, ou seja, observar um espaço como se não estivesse ali presente.

A atividade gerou discussões interessantes, pois debatemos detalhes minuciosamente observados e a homo ou heterogeneidade de alguns espaços, como parques, praças e bares da cidade. Exemplos de espaços escolhidos pelos colegas para deambulação sociológica foram o Parque Farroupilha (Redenção), a Orla do Guaíba (SkatePark, Cais Embarcadouro), bares/empreendimentos dos bairros Cidade Baixa e Bom Fim. Em um dos espaços explorados, como a Orla do Guaíba, notou-se um diferente fluxo de pessoas nos dias de semana comparado aos finais de semana (considerando também o anoitecer – pois o espaço configurava um outro público, tomava outra forma), o que contribuiu para pensar nas modificações e estratos que vão compondo o espaço.

Portanto, deambulações feitas em momentos diferentes permitiram leituras completamente distintas.

Considerações finais

A partir desse relato de experiência da primeira turma de Geografias das Juventudes do curso de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entendemos a importância do estudo das juventudes. Por ser uma área ainda em consolidação³, especialmente no Brasil, tínhamos pouca ideia do que seria abordado durante nosso período de aulas. Nesse sentido, foi uma surpresa ainda maior o fato de termos saído de lá com tantos aprendizados e, mais importante ainda, muitas dúvidas.

³ No texto “A construção do estado da arte na pós graduação brasileira” (Oliveira, 2023) o autor aborda “Os primeiros levantamentos sobre estudo de estado da arte das pesquisas sobre Juventudes, no âmbito da Geografia”.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Por sermos três estudantes vindos de realidades completamente distintas, é interessante analisar o caminho que fizemos para chegar onde estamos, a partir de depoimentos pessoais dos mesmos.

Para Ruan, morador do bairro Santa Teresa em Porto Alegre,

O ingresso no curso de Geografia foi, para mim, Ruan Henrique Santos dos Santos, uma vitória conquistada, algo inominável; uma escolha que não foi construída apenas por mim; pois envolve a participação de tantos outros agentes. Quero salientar e afirmo aqui a importância do elemento da “oportunidade” na minha caminhada, enquanto minoria, entender que a partir de mãos que me foram estendidas, tempo investido da melhor forma e o momento oportuno executado, descobri a potência na obtenção da clareza ao transitar em espaços que não nos são concedidos – Geografias das Juventudes, é um itinerário que enquanto jovem serve como um luzeiro a se pensar a juventude brasileira enquanto potência, não apenas como vítima de violências e crimes sociais. O que também é posto em xeque, para se pensar a organização das juventudes no espaço, onde estão localizadas.

Já para Bernardo, de Bento Gonçalves, região serrana do Rio Grande do Sul,

Para mim, Bernardo, o ingresso no curso de Geografia veio como uma forma de tentar me encontrar, já que eu entrei no curso através de transferência interna da Universidade, onde estava cursando algo que não via perspectiva. Quando entrei no curso me apaixonei por o que estava estudando, e quando decidi fazer a disciplina de Geografias das Juventudes fui surpreendido, esperava que seria uma disciplina muito boa por se tratar de algo tão “nosso” e presente no nosso dia a dia, mas quando fomos, de certa forma, desafiados a analisar os nossos entornos como pesquisadores deambuladores, foi uma experiência marcante e que desde então não consigo frequentar espaços sem pensar nesses arredores e nas pessoas que compõem esses lugares, ainda mais do contexto que venho, de uma cidade da Serra Gaúcha e assim sendo desafiado sempre mais a sair de bolhas que pudesse estar inserido.

Na opinião de Cecília, moradora do bairro Bom Fim,

A disciplina de Geografia das juventudes foi uma oportunidade de entrar em contato com realidades diferentes da minha. Venho de um contexto privilegiado, tendo estudado apenas em escolas particulares e não conhecendo de perto a realidade de muitos jovens. Como citado anteriormente, essa ainda é uma área em consolidação e não tão reconhecida por toda a comunidade geográfica, e por isso a cadeira me fomentou um interesse em fazer parte das pesquisas sobre as Juventudes.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A experiência da cadeira eletiva de Geografias das Juventudes foi muito positiva para nós, por termos saído dela com uma ampla visão sobre os diferentes recortes que fazem parte do nosso dia a dia, o que contribui para uma análise holística mais crítica sobre as sociedades e contextos e exercita nosso olhar para realidades que frequentemente são invisibilizadas, evidenciando juventudes e “Brasis” totalmente distintos num só território. Que a juventude brasileira nunca se canse de dizer algo novo, que tenha sempre no olhar o brilho, a motivação, a ousadia e a inquietação que a move para a produção de pertinentes grafias (ou epistemologias) que a afetam, alterando sua participação política. Portanto, não sejamos seduzidos pelos falsos horizontes de realização que nos são apresentados, estruturados, condicionalmente oferecidos como “o caminho” (por vezes perverso, alienador) que tem como objetivo atacar a consciência e nos desmobilizar.

E que nós, enquanto jovens estudantes de Geografia, sigamos resolutos neste constante movimento de vir a ser.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n. 05, 1997.

BRASIL. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

GAMALHO, Nola. Juventudes e a periferia. *In*: OLIVEIRA, Victor. **Geografia das Juventudes**. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2023.p.39-59.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Do mito de origem aos arranjos desestabilizadores: notas introdutórias**. Tradução. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018. Acesso em: 12 abr. 2024.

NETO, Turra. Contextos Geográficos e campos de possibilidades para diferentes gerações. *In*: OLIVEIRA, Victor. **Geografia das Juventudes**. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2023.p.60-76.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes: **A construção do estado da arte na pós graduação brasileira**. Para onde!?, v. 17, n. 2, p. 59–78, 9 abr. 2023.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. 1. ed. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>

PINHEIRO, M. G. S. P. (Org.) FALCÃO, N. M. (Org.). **Políticas Públicas, Educação Básica e Desafios Amazônicos**. 1. ed. Manaus: EDUA, 2016. v. 1. 224p.

PAIS, José Machado. **O “corre-corre” cotidiano no modo de vida urbano**. Revista Tomo, n. 16, 2010, disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6019>

PAIS, José Machado. **Lufa-lufa Quotidiana: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: ICS, 2015.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

INVENTÁRIO DOS GRAFITES: UMA PROPOSTA PARA O RECONHECIMENTO DAS GRAFIAS DAS JUVENTUDES EM JUIZ DE FORA – MG

Vitória Maria Hipólito Pires
Graduanda em Geografia - UFJF
vitoriahipolito20@gmail.com

Juliane Nogueira Rodrigues
Graduanda em Geografia - UFJF
juli78yu@gmail.com

Monaliza Alves Vasconcelos
Mestranda em Geografia - UFJF
monalizaalvesvasconcelos@gmail.com

Clarice Cassab
Doutora em Geografia - UFJF
clarice.cassab@ufjf.br

Resumo

O presente trabalho apresenta-se como um desdobramento da pesquisa “Dos ‘espaços mortos’ à produção do lugar? Juventudes, planejamento urbano e outros usos da cidade”¹. A partir da participação no “Espaço Hip Hop” em Juiz de Fora, observou-se a forte presença do grafite na paisagem no entorno do Viaduto Hélio Fadel. O objetivo deste trabalho é apresentar alguns apontamentos iniciais acerca da elaboração do inventário das grafias das juventudes na cidade de Juiz de Fora através do registro, organização e sistematização dos grafites localizados no “Espaço Hip Hop”. As considerações apresentadas partem da afirmação da presença da juventude e dos jovens como sujeitos ativos nos processos de produção da cidade e cujas práticas grafam o espaço e se revelam na paisagem da cidade, sendo o grafite uma delas.

Palavras-chave: *Grafite, Juventudes, Hip-Hop.*

Introdução

Este trabalho é um recorte de pesquisa mais ampla. O que apresentaremos é uma discussão a respeito de como o grafite, importante intervenção artística que compõe a cultura hip hop, anuncia, comunica e publiciza a presença das juventudes e dos jovens como sujeitos produtores do espaço. Com suas cores, formas e texturas o grafite constitui-se como

¹ A pesquisa é coordenada pela profa. Clarice Cassab, conta com financiamento da FAPEMIG e é realizada no Núcleo de Geografia Espaço e Ação - NuGea/UFJF.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

verdadeiras grafias das juventudes na paisagem da cidade. Olharemos os grafites presentes nos muros e paredes do “Espaço Hip Hop”, criado por jovens da cidade através da apropriação do vão de um viaduto central de Juiz de Fora – MG. Inaugurado em 2021, seu vão foi imediatamente ocupado por jovens vindos de diversas periferias da cidade, que reivindicavam aquele lugar para a realização de suas intervenções, manifestações e práticas culturais. Rapidamente, aquele que tinha o potencial de se tornar um “espaço-morto” da cidade, foi ganhando vida pela presença e ação de jovens do hip hop. Com suas danças, músicas, poemas, e grafites, subvertem lógicas de apagamento e invisibilidade das juventudes periféricas na cidade e demonstra a presença ativa das juventudes no espaço urbano.

Assim, analisar os grafites do Espaço Hip Hop é compreender a experiência da juventude na cidade de Juiz de Fora e suas marcas urbanas. Para tanto, realizamos um levantamento temporal dos grafites existentes, tendo como marco o período de 2022 a 2024. A proposta é a construção de um inventário, ainda em elaboração, da disposição dos grafites no espaço, de seus temas e significados, autoria e representações, para entender como eles constituem a própria organização espacial do “Espaço Hip Hop”. Neste trabalho, apresentaremos alguns apontamentos iniciais deste esforço, organizado em dois momentos. No primeiro uma rápida consideração a respeito da importância do grafite e de como ele se configura na cidade de Juiz de Fora para em seguida apresentar a proposta do inventário e de como ele pode contribuir para revelar as grafias das juventudes na cidade.

2. O grafite como grafia das juventudes na paisagem

O Hip Hop chega ao Brasil por volta de 1980, sendo apropriado por grupos majoritariamente negros, racializados e periféricos, inseridos principalmente nas favelas e periferias brasileiras. Rapidamente torna-se um canal potencializador de práticas ligadas às juventudes, representando um instrumento da luta antirracista e meio de propagação das expressões de grupos subalternizados e marginalizados na sociedade (Oliveira, 2023). O autor também destaca como o hip hop configura-se como uma cultura constituída pela multiplicidade de sofisticadas práticas como a música, a dança e o grafite. Em nosso trabalho, o foco está no grafite, presente no movimento Hip Hop desde suas origens entre os anos



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

1960/1970 na cidade de Nova York, especialmente nos bairros Bronx e Brooklyn, através da organização de competições de grafite (Oliveira, 2023).

Oliveira e Tartaglia (2009) ainda destacam a importância do grafite na demarcação feita por gangues que grafitavam seus códigos e simbologias para estabelecerem seus territórios, tornando-se em seguida uma estética de conciliação entre estes mesmos grupos. Ainda sobre a gênese do grafite no movimento hip hop, os autores afirmam que:

[...] o graffiti de hip-hop surge como uma das estratégias territoriais de uma cultura política, que expressa uma forma de (r)existência (PORTO-GONÇALVES, 2002; OLIVEIRA, 2004) dos negros e imigrantes “latino-americanos”, os quais sempre foram altamente discriminados perante a elite de sociedades como a dos EUA, e que, através da arte visual, rompem com o anonimato nas cidades. Por ocupar inicialmente as ruas dos guetos de Nova York pela música, a dança e a arte plástica (o graffiti), a cultura hip-hop potencializou outras formas de existir dessas populações para além dos bairros em que habitavam, imprimindo, inclusive, marcas como os graffitis nas paisagens dessa e de outras cidades.

Para Mondardo e Goettert (2008, p. 299) o grafite manifesta-se “como expressão da produção de territórios, a partir da fixação simbólica e material de grafias em pontos fixos ou móveis da cidade”. Ao fazer isso, interfere na construção e significação do espaço urbano, pois comunica, denuncia e educa o olhar para a cidade, seus sujeitos e conteúdos.

O grafite se relaciona diretamente com o espaço urbano, definindo assim, uma territorialidade intrínseca aos grafiteiros, que vão marcar as cidades a partir de suas vivências e subjetividades, formando o que denominamos no presente trabalho como grafias das juventudes. Deste modo, ao expressarem em sua arte suas vivências, experiências e visões da cidade e do mundo, os jovens grafiteiros refletem sobre suas práticas cotidianas, sua condição juvenil na cidade, sobre como seus corpos a habitam e como são regulados, normatizados e até interditados. É assim que “ao resgatar os muros, ao reivindicar espaços de fala e de afirmação enquanto sujeitos que também habitam e vivenciam os espaços da cidade, estes sujeitos grafiteiros produzem novos sentidos do e no urbano, bem como ressignificam a si mesmos como sujeitos possíveis na cidade, sujeitos possíveis no graffiti” (Furtado e Zanella, 2009, p. 1295).

Essas grafias, assim como as juventudes, são diversas e dinâmicas. Enquanto desenho urbano, o grafite tem um tempo de existência na paisagem que pode ser efêmero estando sujeito às intempéries, as mudanças da gestão e das políticas urbanas, a ação de proprietários



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ou mesmo dos próprios artistas. Contudo, a despeito disso, os grafites comunicam a presença da juventude como sujeitos produtores e transformadores do espaço, colocando-os em lugares de visibilidade e anunciando como jovens vivenciam as cidades. Deste modo, ao evidenciarem “suas resistências, seus dramas, transformando espaços em território através do grafite, a arte (de)monstra de outra forma uma expressão político-simbólica da sociedade urbana” (Mondardo e Goettert, 2008, p. 303), sendo essas grafias, uma forma de resistência e/ou contornamento à ordem hegemônica adultocêntrica produtora da cidade.

Podemos considerar que o grafite é uma intervenção artística mais comumente feita por jovens, especialmente de periferias, que encontram através dele formas de expressarem seus traços de identidade e pertencimento. Ao grafarem a paisagem com suas cores e formas, os jovens reivindicam seus espaços e exercem seu direito à cidade.

No entanto, o grafite, apesar da sua potencialidade de expressão e formação, com frequência é visto como um ato de vandalismo e que pode acarretar embates e tensões com autoridades locais. Essas autoridades seguindo uma lógica adultocêntrica, classista e branca, assumem tais práticas como atos ilegais e de depredação ou, ainda, como poluição da paisagem. Sendo assim, também é preciso compreender o grafite como um ato político e social, além da dimensão cultural, que agrega e organiza os jovens em torno de coletivos.

1. Inventário de grafites do Espaço Hip Hop: registro e memória das juventudes na cidade

Registrar os grafites existentes no Espaço Hip Hop tem como objetivo inventariar, temporal e espacialmente, a grafia e a presença das juventudes na cidade, identificando, suas intervenções na cidade a partir de suas trajetórias e marcadores sociais. Para tanto, compreendemos, que

Inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local (IPHAN, 2016, p.7).

O primeiro passo na construção de nosso inventário foi o registro fotográfico dos grafites presentes no vão do Viaduto Hélio Fádel. A partir de inúmeros campos realizados



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

durante os eventos ocorridos no “Espaço Hip Hop”, reuniu-se um conjunto de fotografias que nos permitem consolidar um registro dos grafites existentes. Além disso, foram utilizadas como fontes secundárias, a rede social do “Espaço” (@space_hiphop) e imagens do Google Map. A proposta é construir um registro espaço temporal que indique não apenas o caráter transitório dos desenhos como também que seja capaz de situá-los na organização espacial do próprio “Espaço Hip Hop”.

Neste sentido, foi elaborado um croqui esquemático capaz de distribuir espacialmente onde cada intervenção estava localizada na área delimitada pelo vão do viaduto, onde ocorrem os eventos organizados pelo coletivo “Espaço Hip Hop”. Para isso, o palco central foi tomado como referência na construção do croqui, a partir dele foram dispostos os demais objetos fixos que compõem a organização espacial do local estudado: pilastras, muros, canteiros, linha férrea, palcos secundários, lixeiras e outros objetos foram dispostos, sendo todos telas para grafites.

Feita essa primeira organização os próximos passos será a construção de um banco de dados com os seguintes atributos: 1) autoria, 2) localização no espaço, 3) tema retratado, 4) descrição do desenho, 5) data do registro e 6) foto do grafite.

O esforço de inventariar e registrar os grafites também tem a intenção de contribuir para a memória e história da presença das juventudes e desta arte urbana na paisagem da cidade. Juiz de Fora se insere na cena do grafite abrigando um conjunto importante de artistas e coletivos que apresentam sua arte pelas paredes, pilastras e muros da cidade. Alguns dos quais podem ser reconhecidos nos desenhos que ocupam as paredes e pilastras no vão do viaduto Hélio Fadel, como sintetizado no **quadro 1**.

Grafiteiros/Coletivos				
Sophletta	Tia	Big Didi	Aneg	Pekena
Sábio	Dorin Graffiti	Jéssica	Conduta	Claudimmelo
SBO	Toy	Velloso	KTN	UGC
Carol	Renaya Dorea	703 Crew	Leon	Cadu Marques
Fractal Crew	Graffiti Queens	Stain	Mago	Bula Temporária



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Quadro 1: Grafiteiros e coletivos presentes no Espaço Hip Hop

Nota-se a presença de inúmeros coletivos da cidade que atuam periodicamente no Espaço Hip Hop como o grupo Underground Graffiti Crew criado em 2009 em Juiz de Fora que reúne importantes artistas da cena juizforana, alguns dos quais idealizadores do Espaço Hip Hop. Destacamos também o coletivo Graffiti Queens, grupo composto apenas por mulheres que propõem uma maior visibilidade para a cena do grafite feminino no Brasil.

Interessante também é notar o caráter dinâmico e às vezes efêmero dos grafites. Usadas como telas, muros, paredes e canteiros, são constantemente reutilizados para novos desenhos (Figura 1). Isso pode ocorrer pela sobreposição de grafites, tag e pichos ou pelo apagamento de desenhos para a elaboração de novos. Essa transitoriedade do grafite na paisagem do Espaço Hip Hop acompanha a própria dinâmica dos eventos em que os grafites são elementos ativos na celebração e manifestação da presença dos jovens que são convidados a fazerem suas intervenções quando do acontecimento dos eventos (Figura 2).

Figura 1: Mudanças dos grafites no espaço

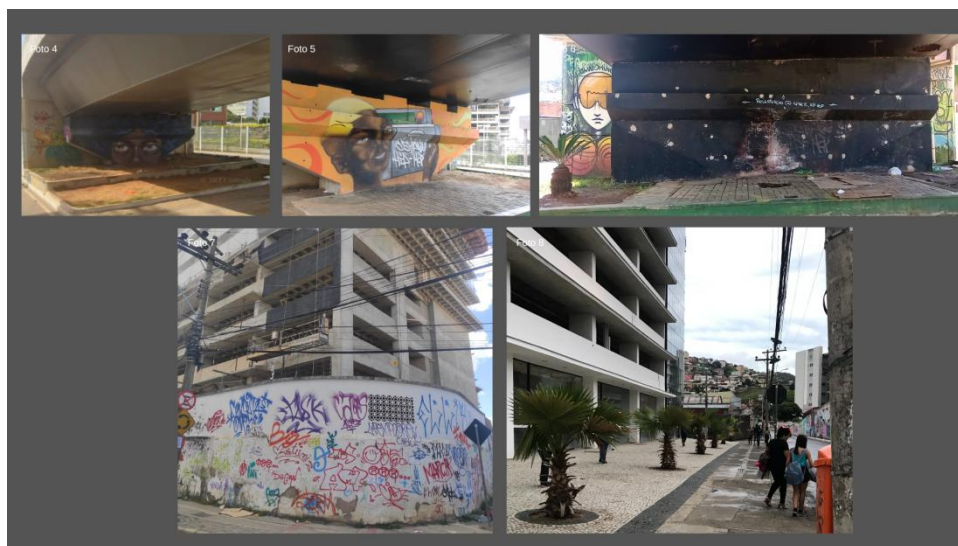


Foto 5, 6 e 7: Mudança dos grafites presentes no palco do Espaço Hip Hop

Foto 7 e 8: Alteração dos grafites a partir da finalização do prédio ao entorno do viaduto

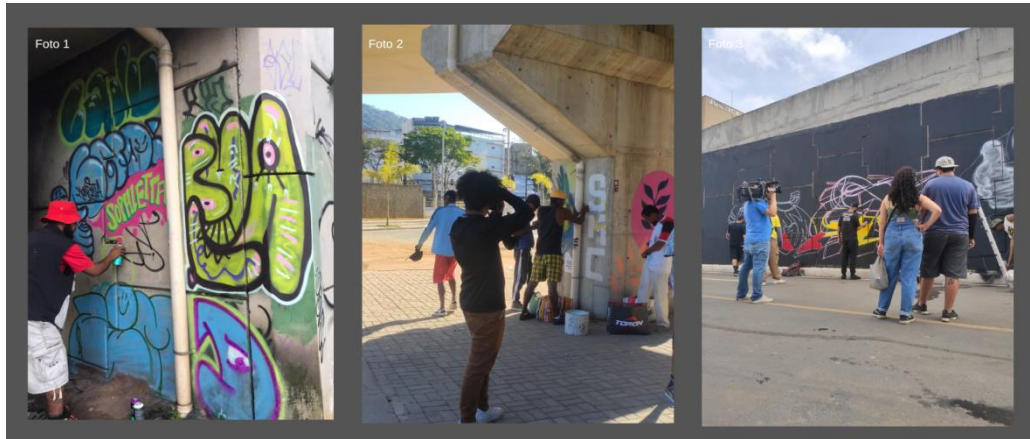
Fonte: Google Maps e fotografias em campo



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Figura 2: Jovens grafitando durante evento do Espaço Hip Hop



Fonte: Instagram (@space_hiphop)

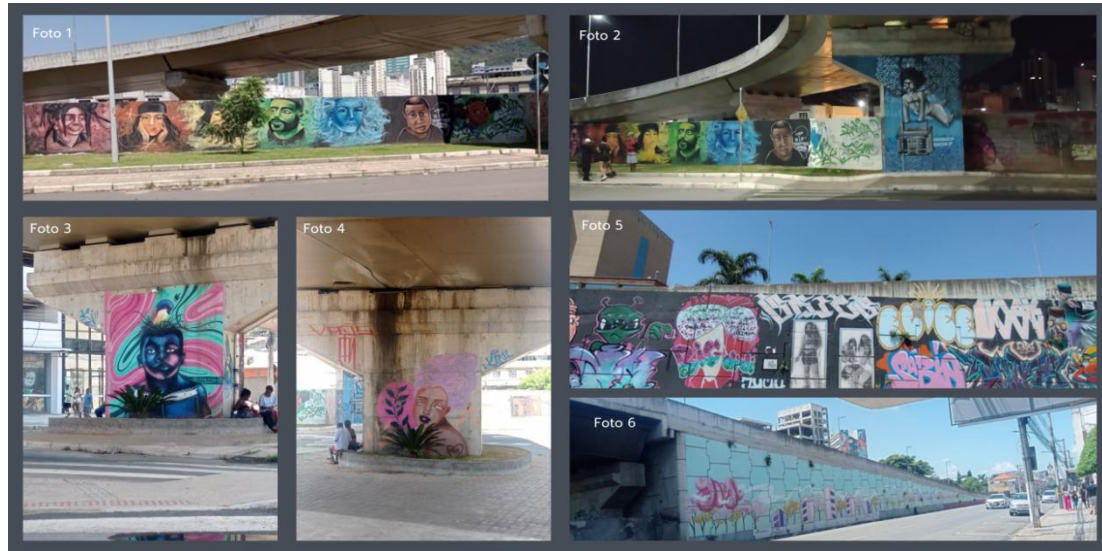
O processo de construção do inventário nos possibilita perceber como o grafite é potencializador para a apropriação e ressignificação de um fragmento da cidade produzido pela lógica da circulação que privilegia a escala fragmentada da cidade. Através do hip hop e da sua expressão artística do grafite, os jovens tornaram aquele em um lugar de encontro, vivências, manifestações, comunicação, trocas, existências e visibilidades. Mesmo em dias ordinários, nos quais não há a ocorrência de eventos relacionados ao Hip Hop, o local ainda sim, anuncia a presença de jovens que através do grafite transformam e atribuem sentido ao lugar, como se observar no mosaico de imagens da Figura 3.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Figura 3: Grafites do Espaço Hip Hop (2024)



Fotos 1 e 2: Pannel de grandes artistas da cena Hip Hop em Juiz de Fora

Foto 3: Grafite de jovem negro na pilastra do viaduto

Foto 4: Grafite de jovem mulher negra na pilastra do viaduto

Foto 5: Mural com registros diversos de grafite.

Foto 6: Mural em parceria com a Prefeitura de Juiz de Fora através do projeto Boniteza²

Fonte: Fotografias em campo

A figura também indica a pluralidade dos grafites existentes no Espaço e a diversidade de temas abordados: a valorização dos sujeitos locais, sobretudo jovens, que conformam a cena Hip Hop na cidade e as temáticas racial e de gênero são alguns deles. Neste sentido, o grafite é uma linguagem estética e artística que expressa as vivências dos jovens e que “além de se relacionarem ao cotidiano à vida daqueles e daquelas que habitam esse território podem ser permeadas também a partir da reprodução de expressões/inquietações das suas vidas, que estão na maioria das vezes à margem da sociedade oficial” (Mondardo e Goettert, 2008, p. 303).

Considerações finais

Este trabalho é o primeiro registro de um esforço ainda em andamento de produzir o inventário de grafias das juventudes na cidade de Juiz de Fora, pela a reunião, organização e sistematização dos grafites presentes no “Espaço Hip Hop”. Através de sua construção notou-

²O programa Boniteza, promovido pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, consiste em uma iniciativa de ação e diálogo comunitário coordenada pela Secretaria de Governo (SG).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

se que os grafites na cidade de Juiz de Fora são um importante indicador da presença das juventudes e anunciam outras possibilidades de se conceber o espaço urbano através do reconhecimento das práticas juvenis como produtoras da cidade.

O produto deste esforço será disponibilizado de forma gratuita aos artistas e coletivos de juventudes que compõem o Espaço Hip Hop, bem como a todos os interessados na história e memória do próprio Espaço e do grafite na cidade.

Referências bibliográficas

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, dez. 2009.

IPHAN. **Educação patrimonial**: inventários participativos. Brasília, 2016.

MONDARDO, M. L.; GOETTERT, J. D. Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 293–308, 2009.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Trajetórias do Hip Hop e da questão racial brasileira: alguns apontamentos. **Laje**, v. 2, n. 2, p. 378-419, 2023.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de; TARTAGLIA, Leandro. Ensaio sobre uma geo-grafia dos graffitis. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 59-88, 2009.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JOVENS ESTUDANTES E O MUNDO DO TRABALHO: CONTRADIÇÕES E DESAFIOS PARA A ESCOLARIZAÇÃO

Marcelo Pessoa da Silva
Licenciando em Geografia – FFP/UERJ
marcelopgeo@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar possíveis relações entre a geografia, jovens de origem popular e suas práticas socioespaciais sob o prisma das mudanças recentes no mundo do trabalho de modo a tentar entender como a reorganização do capital costura novas realidades para a juventude. A pesquisa, em andamento, é concebida a partir de reflexões promovidas no projeto intitulado “Juventudes, educação e periferias urbanas: espaços de conflitos e mediação” sediado no Departamento de Geografia – da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: juventudes, trabalho, periferia

Introdução

Este resumo expandido busca traçar que relações existem entre as escalas de transformação macro, isto é, reorganização do modelo de produção capitalista, e como tais mudanças são percebidas e incorporadas pela juventude, sobretudo os jovens de origem popular. Nesse caso o recorte espacial em questão é o município de São Gonçalo-RJ, localizado na Região Metropolitana da Cidade do Rio de Janeiro. Local onde há o Campus da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além do projeto “Juventudes, educação e periferias urbanas: espaços de conflitos e mediação”, também há um importante diálogo com o projeto intitulado “Laboratório de Relações Étnico-Raciais e de Gênero”, ambos fomentados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e também sediados no Curso de Licenciatura em Geografia da já referida instituição.

O projeto inicial possui múltiplos objetivos no que concerne a questão da juventude e suas práticas socioespaciais. De forma breve, a pesquisa tinha como foco investigar, conceituar e caracterizar os modos como a violência pode se manifestar e de como isso incide sobre a sociabilidade juvenil no ambiente escolar. Nesse sentido, nos debruçamos sobre três



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

níveis de violência baseadas nas classificações elaboradas por Abramovay (2002, p. 69) acerca desse fenômeno no espaço escolar: violência expressa em golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos; a incivildades (entendidas em sua dimensão verbal) que se expressa em humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito e por fim temos a violência simbólica ou institucional que pode ser traduzida como o esvaziamento do sentido de permanecer na escola que afeta tanto alunos como professores, há um caráter hierárquico nesse tipo de violência, tal situação geralmente desemboca em diversas tensões que interferem no cotidiano escolar.

Também vale mencionar que se levou em conta a diferenciação entre o conflito e a violência, causas e seus efeitos. A pesquisa foi realizada por meio da coleta de dados via aplicação de um questionário para o corpo docente das instituições (escolas de ensino médio da Rede Estadual do Rio de Janeiro). Tal instrumento foi composto por diversas questões que tratam do espaço escolar e também para além dos muros, com temas que estão em voga na sociedade brasileira. Um dos eixos era a mediação de conflitos, pautada na sua dimensão cultural. Entendemos como mediação a construção de espaços de diálogo com os estudantes de modo a compreender suas percepções sobre episódios de conflito e violência na escola para que pudessem intervir quando necessário. Por vezes o espaço de mediação ocorreu na forma de oficinas realizadas ao fim do turno das aulas, para não comprometer a grade regular escolar. É nesse momento que surge o questionamento: por que razão determinados estudantes não conseguem ficar para a oficina no contraturno? Verificou-se por alto em conversas informais que esses estudantes trabalhavam ou realizavam algum curso extracurricular.

Dentro do debate sobre a juventude há a necessidade de compreender como esses jovens estão pensando e planejando seus projetos de vida sob a perspectiva do trabalho: Quais as condições materiais jovens de origem popular possuem dentro de um sistema produtivo mais flexível? Quais as demandas? Quais os objetivos? O que se propõe aqui é uma breve reflexão acerca da juventude e do trabalho e a geografia disso tudo.

Objetivos

A pesquisa que se propõe aqui tem como pontapé inicial o projeto de iniciação científica mencionado anteriormente. Tem como objetivo levantar as percepções de jovens estudantes de origem popular no que tange seus projetos de vida relacionado ao uso do tempo



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

livre e a preparação para a inserção no mercado de trabalho, considerando também seu cotidiano na escola bem como seus fluxos diários. Para tal, o instrumento elaborado possui perguntas que visam traçar um perfil desse estudante. O instrumento possui perguntas como: você precisa trabalhar nesse momento? Sua renda é fundamental para a sua família? Sua ocupação é no setor formal ou informal? você considera a escola como caminho para alcançar seus objetivos?

Além disso, vale mencionar, que o ponto de inflexão gira em torno da percepção acerca do ingresso no mercado de trabalho, logo temos como horizonte neste trabalho: qualificar os agentes que promovem tal percepção, instituições de qualificação profissional, o papel desempenhado pelas famílias desses estudantes e como esses fatores se relacionam no recorte espacial que é São Gonçalo. Nesse sentido do ponto de vista espacial, pretende-se compreender e mensurar a escala de tal fenômeno, isto é, como as mudanças em curso na reestruturação do sistema capitalista a luz do neoliberalismo é capaz de impactar a vida de jovens e sua inserção no mercado de trabalho, considerando a realidade brasileira e os recursos disponíveis no município de recorte espacial em questão. Vale mencionar o caráter interseccional desta pesquisa que se traduz em uma tentativa de cruzar questões de gênero, raça e classe social.

Metodologia

A pesquisa possui um caráter qualitativo e exploratório acerca da questão juvenil e o mundo do trabalho. A princípio os dados serão extraídos de um questionário elaborado que possui perguntas como: que atividades você realiza no tempo livre? Realiza algum curso de cunho extracurricular ou de qualificação profissional? No que investe sua renda? Também levantamos os dados pessoais, sobre arranjo familiar e condições de moradia. Essas as respostas atribuídas serão essenciais para traçar o perfil dos jovens pesquisados. É preciso enfatizar que não se trata de uma pesquisa quantitativa visto o percentual que será alcançado de participantes, inclusive, é desejo também realizar entrevistas, onde seja possível usar de recurso de gravação para análise subjetiva, visto que o instrumento inicial acaba por delimitar o campo de possíveis respostas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Arcabouço Teórico

É comum tratar de jovens como um receptáculo a receber massas de experiências, conhecimentos, técnicas e outras formas de aprendizado que vão refletir em seu futuro. É o “vir a ser”, fase projetada para uma completude a ser alcançada. Representação essa que se torna ainda mais estigmatizada quando falamos de jovens pobres, do sexo masculino e negros, há uma vinculação com a ideia da violência o que os conferem uma “classe perigosa” como salienta Dayrell (2007, p. 7).

Abramo (2005) resgata a afirmação do sociólogo Pierre Bourdieu de que a juventude é apenas uma palavra que não abarca toda a complexidade e multiplicidade de diferentes elementos modos de inserção dos componentes de tal categoria etária na estrutura social. Em outras palavras, não dá conta de reduzir a um conceito imutável.

No cerne da disputa da categoria da juventude, temos a quase que total influência da concepção de *cronobiologia* que compartimenta a vida em ciclos na construção da ideia de juventude. Como desenvolve Simão (2013, p. 89), essa juventude se traduz em: recorte cronológico fundamentada no tempo para explicar o que faz e o que se é, a descrição biológica que sugere uma etapa de vida em transição que se sustenta numa racionalidade científica mensurável e por fim num recorte cultural direcionado para a juventude, temos a “caixinha” da juventude sendo preparada.

Em mesmo texto, Simão (2013) também salienta que a juventude requer estudos mais refinados no que tange as estruturas e símbolos que são produzidos e alterados no decorrer do tempo. E para concordar com tal pensamento, podemos recorrer a Abramo (2005, p. 42) que resgata Margulis quando diz que é fundamental levantar os diferentes planos de análise para os estudos da juventude, entendendo-a como uma categoria social constituída, marcada por fenômenos existentes, dotada de símbolos que também se cruzam com outras dimensões de ordem material, histórico, fático e políticos, onde o desenrolar produção social se faz.

À vista disso concordamos com a perspectiva relacional e dinâmica que adquire os estudos acerca da juventude que é constituída de novos significados sociais na representação da identidade juvenil. É buscar referenciais a questão espacial a luz da diferença, que nos permite visualizar juventudes, essas entendidas no plural que extrapolam categorias analíticas clássicas (Simão, 2013).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O percurso que se estabelece no bojo do discurso hegemônico acerca da juventude se expressa como um momento que também se traduz no galgar do acesso ao mercado de trabalho. No sentido das condições de inserção no mercado de trabalho, os jovens precisam lidar com um contexto de amplas transformações na engrenagem do sistema capitalista, uma realidade movediça se apresenta.

A partir dos anos 1970, ganha nova roupagem o modelo de gestão da economia que levou a crise mencionada anteriormente. A transição no regime de acumulação reflete diretamente no modo de regulamentação social e política para com os sujeitos a ele associados. Harvey (2008, p. 141) sinaliza que o trabalho até então estruturado de forma organizada e sólida é esfacelado pela reconstrução de focos de acumulação flexível. Esse novo tipo de modelo é tem como traço seu confronto direto à rigidez que ordenava o fordismo. Em linhas gerais, ela se apoia na flexibilização dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, da produção e também dos padrões de consumo, o que traz consigo novos setores de fornecimento de serviços financeiros, mercados, geridos pela inovação comercial promovida pelas novas tecnologias.

O avanços tecnológico, principalmente na área da comunicação, permite ao capital ampliar sua zona de influencia a nível global de modo mais fluido e intenso, tal movimento é chamado de *compressão do espaço-tempo*, que segundo Harvey (2008, p. 142) indica que os horizontes temporais da tomada de decisões e da gestão privada e pública são estreitadas, visto que o rompimento das barreiras físicas (graças a comunicação via satélite) permite a difusão imediata de fluxos de informações, capitais, hábitos e decisões num espaço cada vez mais amplo. O mercado passa a ser ordenado com base na volatilidade, aumento da competição e do estreitamento das margens de lucro.

O que sobra para o trabalhador em meio a tanta inovação? A esse sujeito também é imposto uma reestruturação no que tange ao regime de contratação e garantia de direitos trabalhistas. empresas adotam regimes e contratos de trabalho mais flexíveis, representados por um trabalho em tempo parcial, temporário ou até em subcontrato. A redução do emprego regular, e conseqüentemente do contingente de trabalhadores visto a forte inovação na produção, se torna uma tendência, em que a força de trabalho assume uma forma instável. Além disso temos também o paulatino enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente. Logo, sem as garantias trabalhistas e os contratos de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

trabalho frágeis, essa mão de obra pode ser contratada e demitida facilmente e sem custos quando o cenário se mostra negativo, ou seja, em tempos de crise por exemplo (Harvey, 2008. p. 144). E para o jovem a situação é ainda mais agravante. Pensemos que nesse momento o jovem que em muitos dos casos possui certa pressão para com o trabalho, seja por conta da família ou outra razão, terá de buscar qualificação profissional para adentrar ao âmbito do mundo de processos seletivos mediado mais recentemente pela informática o que torna o processo ainda mais mecanizado. Em experiência, posso situar que no decorrer do projeto mencionado alguns estudantes realizavam cursos profissionalizantes no contraturno, entretanto, foi possível perceber que a qualidade do curso X oferecido por determinado estabelecimento fosse questionável. A corrida por qualificar-se face a volatilidade das novas tecnologias surge como um mercado para esses estabelecimentos em específicos, o discurso vendido promete munir o estudante e capacita-lo para lidar com as mudanças quase que diárias do mundo do trabalho. É preciso mencionar também que esses mesmos estudantes acabam por não perceber a Universidade como fonte de qualificação, seja pelo tempo de duração de um curso de graduação, seja pela distância física, seja por não acreditar que é possível, mas o fato é que existe um vácuo entre a esses jovens para com a Universidade, sobretudo a pública. O quão sintomático tal situação pode ser nos demanda maior tempo e espaço para análise.

Marcada como força criadora (e criativa) que faz o intermédio entre a infância e a dita vida adulta, as juventudes alargam as estreitas faixas etárias e indicadores biológicos do qual o discurso hegemônico faz uso quando se referem a esse grupo e mostram sua potência de transformação para consigo e com o espaço do qual fazem parte. Espaços de sociabilidade em especial. De acordo com Cassab (2009, p. 144), acerca dos usos da cidade é na juventude que se tem a primeira experiência do exercício no que tange o direito a cidade. É na apropriação da cidade que são produzidos diferentes tipos de sociabilidade, o que para os jovens, configura o espaço urbano como primeira experiência política na vida pública seja por via de experiências variadas de sociabilidade ou seja por via do ingresso no mercado de trabalho.

Aqui precisamos nos valer do que indica a interpretações de dados extraídas da pesquisa “Perfil da juventude brasileira” realizada em 2003. De acordo com Guimarães



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

(2008) o trabalho ganha corpo no imaginário juvenil sob três dimensões: do valor, da necessidade e do direito.

Para aqueles que têm ou tiveram trabalho regular, no caso o trabalho formal, a dedicação ao trabalho aparece como ponto interesse para jovens, em específico homens, na faixa dos 18 a 20 anos. Com ênfase nos mais escolarizados. Entretanto, quando verificada a hierarquia de valores o trabalho, ganha espaço quando visto como preocupação dos jovens. Logo, a centralidade do trabalho par aos jovens aqui é caracterizada mais como uma demanda, uma necessidade, a se satisfazer do que um valor a ser cultivado.

Sob o prisma da necessidade. Aqui o trabalho pode assumir a forma de um problema a ser resolvido, ilustrado pela situação do desemprego ou a falta de empregos. A centralidade do trabalho aqui ganha peso quando entendida como uma necessidade para o curso próprio da vida, o desemprego desponta como uma das principais expectativas dos jovens. E como aparece tal questão para diferentes sujeitos? Todos os jovens, isto é, estejam ocupados ou não e independente da ocupação, esse tema não é fado apenas dos desempregados.

O ultimo sentido e a centralidade acerca do trabalho identificado pela autora o sugere como um direito. Aqui temos a dimensão da cidadania quando falamos em trabalho. No dever do exercício da cidadania, o trabalho aparece como direito, inclusive quando indagados os entrevistados sobre criar novos direitos para os jovens 50% é a favor de criar novos direitos sociais com destaque par ao trabalho. Tal resposta foi significativa entre os jovens: desempregados (33%), que tiverem experiência no trabalho informal ou estão à procura de trabalho (30%).

O desenho da pesquisa e o que se espera

Levando em conta que o esboço da pesquisa aqui apresentada surge a partir de reflexões realizadas durante a execução de outro projeto é preciso situar sua forma inicial de desenvolvimento. O projeto anterior permitiu acessar os estudantes de duas escolas estaduais localizadas em bairros diferentes do município de São Gonçalo/RJ, logo, temos os primeiros sujeitos a compor esse involucro de participantes.

Mesmo em estado inicial foi possível captar entre conversas informais e nas próprias oficinas realizadas que estes estudantes já possuem alguma relação com o trabalho, seja na forma de programas de Jovem Aprendiz (mediados por empresas como CIEE - Centro de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Integração Empresa Escola), seja em ocupações formais em cargos iniciais, seja pela ocupação em áreas informais, seja pela busca por emprego ou pelo desemprego. Recentemente me tornei professor de geografia em um dos polos da Rede Emancipa – SG, grupo formado por educadores populares que promove atividades de cunho político e formativo no município voltadas para a população jovem, dentre os projetos temos o pré-vestibular social oferecido gratuitamente, onde atuarei no Polo do Bairro Neves, no turno noturno. Desejo agregar esses novos sujeitos na pesquisa.

À guisa de conclusão, o ponto central deste trabalho é a juventude de origem popular, é uma tentativa de desvendar como mudanças em escala macro somadas as políticas públicas vão minar ou não os anseios desses sujeitos. A geografia, área das ciências que engloba atributos físicos-naturais e de ordem humana, na sua concepção mais clássica possível, adentra ao bojo da disputa desse fenômeno, estudos sobre a juventude, para agregar ao debate. E este é nosso desafio.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. Violência nas escolas/Miriam Abramovay et alli - Brasília - UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002

ABRAMO, H. W. & BRANCO, P. P. M. (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

CASSAB, Ma. A. T & REIS, J. Juventude e Cidade: um debate sobre regulação do território. Revista Praia Vermelha. Rio de Janeiro. V. 19 no. 2. p. 143-154. Jul-dez 2009.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 -Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

HARVEY, D. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultura. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2008

GUIMARÃES, N. A.. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: Helena Wendel Abramo; Pedro Paulo Martoni Branco. (Org.). Retratos da Juventude Brasileira. 1a.ed.São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, v. , p. 149-174.

SIMÃO, Mário P. Cartografias de jovens como sujeitos políticos: dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade / Mário Pires Simão - Niterói: [s.n.], 2013



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JUVENTUDE E MODO DE VIDA NO CONTEXTO DO PEA PESCARTE

Mateus de Lemos Pinto Castro
Discente da Universidade Estadual Norte Fluminense
mateusdelemospcastro@gmail.com

Wania Amélia Belchior Mesquita
Docente da Universidade Estadual Norte Fluminense
mesquita@uenf.br

Resumo

Esta pesquisa é baseada no Plano de Trabalho da terceira fase do PEA Pescarte, sobre a Juventude e o modo de vida no contexto do projeto PEA Pescarte, atuando nos municípios de São João da Barra, Búzios, e Arraial do Cabo, localizados no estado do Rio de Janeiro. O Projeto Pescarte é um projeto de educação ambiental, sendo uma medida de mitigação, conduzido pelo IBAMA.

Juventude, Pescarte, pesca artesanal

Introdução

De acordo com o Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN¹, a terminologia de *bem cultural* pode variar de acordo com o contexto ao qual está inserido, matizado desde objetos físicos como obras arquitetônicas e de arte até esferas abstratas como o saber e o modo de ser. Desse modo, o conceito de bem cultural faz referência ao que é valorizado como expressão da identidade de uma sociedade e por isso são construídos mecanismos para a proteção desses bens por meio da patrimonialização dos mesmos.

Na Constituição Federal de 1988, no artigo 216, constituem patrimônio cultural brasileiro:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

¹ <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural#:~:text=Artigo%201.º%20Definição%20de%20bens%20culturais.&text=Nesse%20sentido%20dado%20pelas%20Convenções,sua%20representatividade%20para%20a%20determinada%20sociedade..> Acessado em: 22/04/2021



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Nesse contexto, a pesca artesanal enquanto modo de vida, que é responsável por quase 70%² de toda produção de pescado brasileiro, também é compreendida como um atividade representativa da identidade nacional, em que as comunidades pesqueiras são reconhecidas como comunidade tradicional, tendo garantido em lei a proteção do seu modo de vida.

A juventude é pensada como uma categoria social não estática em relação ao contexto temporal, cultural e social. Assim, há a necessidade da socialização desse grupo para dar continuidade às expressões culturais compartilhadas por uma sociedade, face às novas formas de sociabilidade que se apresentam em um mundo globalizado. Desse modo, “A combinação de elementos aparentemente inconciliáveis de mudança e permanência faz parte das experiências de vida das diferentes gerações” (BARROS, 2006, 17-18).

Desse modo, com base no conceito de bem e patrimônio cultural como elementos importantes para a formação e coesão de uma sociedade, é necessário investigar qual a relação da juventude das comunidades pesqueiras, que são inseridas em um contexto de sociabilidade globalizado por meio do uso das mídias digitais e consumo de conteúdos audiovisuais de escalas mundiais como o cinema, a televisão e as plataformas mainstream, frente a um modo de vida orientado para pesca artesanal, especificamente em São João da Barra, Armação dos Búzios e Arraial do Cabo, cidades litorâneas do Rio de Janeiro.

Objetivos

Os objetivos desta pesquisa são: compreender os modos de vida, as relações sociais e escolares dos jovens filhos de pescadores; Analisar o quanto os jovens se sentem pertencendo à categoria de “pescador artesanal”; identificar como diferentes gerações se articulam diante

² Cartilha para Trabalho de Base da Campanha pelo Território Pesqueiro, UFBA. <https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/cartilhaterritoriopesqueiro.pdf>. Acessado em: 22/04/2021



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

do projeto PEA Pescarte; compreender as potencialidades e limitações dos jovens das comunidades de pesca artesanal para a preservação deste modo de vida.

Metodologia

Foram realizadas durante a pandemia de COVID-19 12 entrevistas semi estruturadas pela plataforma do *Google Meet* com os jovens dos 3 municípios deferidos. Iniciamos um trabalho de campo em 2022 com observações de algumas atividades no campo com notas em um diário que possibilitam informações contínuas da pesquisa e documentando as minhas percepções de pesquisador nas situações. Foi possível ser feito até o momento três visitas presenciais.

Também foram estabelecidos contatos com jovens para as entrevistas. As entrevistas são transcritas e categorizadas com base no tipo de análise qualitativa empregada na análise de dados e relacionada com o foco da pesquisa.

A partir da pesquisa bibliográfica também dimensionamos a interpretação de uma possível descontinuidade da pesca artesanal pela juventude como resultado da falta de perspectiva futura em relação a escassez do pescado, visto que é reconhecido um campo de atuação mais favorecido a pesca predatória industrial

Fundamentação teórica:

Para esse trabalho é essencial ter um conceito de identidade, que Renato Ortiz (1985) identifica como ligado à dimensão interna de uma pessoa ou de um grupo, mas que só é possível de definição mediante ao que é exterior, sendo fruto de uma construção simbólica. Ortiz retoma o conceito de Peter Berger para explicar a idéia de que o universo simbólico ordena a história dos homens através da memória que solidifica o passado e faz unir os indivíduos de um determinado coletivo, influenciando nas projeções do futuro particular, a partir das memórias coletiva:

A pluralidade da memória coletiva deriva justamente do fato de ela se encarnar no grupo que a representa. Sua fragmentação não decorre de uma pretensa debilidade imanente ao popular, mas sim da diversidade dos



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

grupos sociais que são portadores de memórias diferenciadas (ORTIZ, 1985, p.138).

Pensando em comunidades tradicionais que compartilham uma trajetória, portanto uma memória em comum, a idéia de coletividade está intrinsecamente ligada ao conceito de comunidade, explicitada por Chauí (2006), como sendo percebida por seus indivíduos de forma natural, tendo como característica a indivisão interna e a idéia de bem comum; os comunitários estão sempre numa relação direta sem mediações institucionais. A tradição pode ser encarada como a via pela qual os fatos, ou dogmas, são transmitidos de geração em geração, através dos símbolos, memórias, recordações, hábitos.

A legislação brasileira através do decreto nº 6.040³ reconhece a existência de todas as chamadas populações "tradicionais" do Brasil. Ao longo dos seis artigos do decreto, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), o governo estende o reconhecimento feito parcialmente, na Constituição de 1988, apenas aos indígenas e aos quilombolas para as comunidades de pesca artesanal. Segundo o artigo 3º do decreto, no item primeiro, são povos e comunidades tradicionais:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição.

Resultados e conclusão:

Os dados ainda estão em análise, porém é perceptível que para a grande parte dos jovens a pesca é constitutiva da forma de sociabilidade desde a infância, sendo para alguns uma atividade de lazer, mas não se configura como possibilidade de renda, o que coloca o desafio da compreensão destes aspectos para a continuidade da pesca artesanal pela juventude. Sendo assim, os jovens de hoje em dia procuram outros métodos de trabalho para buscar sua estabilidade financeira, a pesca se torna só um lazer para eles.

³ De 7 de fevereiro de 2007, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, publicado na edição de quarta-feira do Diário Oficial da União,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Referências bibliográficas

BARROS, M. L. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania Cultural, o Direito à Cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JUVENTUDES E UNIVERSIDADE: CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL

Luiz Davi Fagundes de Alcântara
Graduando em Geografia (FCT-UNESP)
luiz.davi@unesp.br

Raul Borges Guimarães
Prof. Titular em Geografia (FCT-UNESP)
raul.guimaraes@unesp.br

Resumo

Procuramos neste trabalho abordar sobre as juventudes inseridas na Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, campus da FCT/UNESP. A partir das trajetórias e experiências de diferentes estudantes, procura-se problematizar acerca da importância da promoção da saúde no ambiente universitário. Com base nessas discussões, as atividades extensionistas e culturais presentes na FCT/UNESP tornam-se centro de debate deste trabalho. Segundo os relatos de estudantes entrevistadas/dos, identificamos que as atividades de cultura, esporte e lazer na FCT/UNESP têm contribuído de forma significativa. Essas atividades, na concepção das/des/dos estudantes são interpretadas como instrumentos de promoção de saúde mental.

Palavras-chave: Juventudes; Universidade; Saúde Mental

1. Introdução

O presente trabalho faz parte de um esforço maior do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BioGeoS\UNESP) que, por mais de vinte anos, vem se dedicando a compreender as dinâmicas e os processos de saúde-doença, especialmente, a partir do raciocínio geográfico. Cabe destacar, também, que o mesmo trabalho foi financiado pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UNESP (PROEC). Logo, esse trabalho, está diretamente relacionado com às bases do realismo crítico (GUIMARÃES, 2019, p.122), permitindo-nos explorar as diversas questões que envolvem os contextos geográficos (PEDROSO, 2022).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

A saúde mental foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um “[...] estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade”. Em detrimento à definição saúde mental elaboradas pela OMS, torna-se indispensável refletir sobre a saúde mental no contexto brasileiro.

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), em 2023, apontou que o Brasil é o país com o maior número de pessoas ansiosas, sendo 9,3% da população. Essa problemática, tem-se tornado um alerta de expressivo impacto, tendo em vista que uma a cada quatro pessoas no país, sofrerá com algum transtorno mental ao longo da vida. Além disso, a OMS também registrou que 37% das pessoas estão com estresse extremamente severo, enquanto 59% se encontram em estado máximo de depressão e ansiedade, atingindo níveis mais altos (OPAS, 2023).

Entretanto, quando pensamos diretamente em grupos que vêm sofrendo com os transtornos mentais, seja por depressão, ansiedade e/ou estresse, as juventudes acabam se tornando parte desse debate, principalmente as que estão inseridas dentro das universidades. E para compreendermos como essa problemática se dá nesse lugar - universidade -, a Associação dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), em 2019, publicou uma pesquisa mostrando que 80% dos estudantes já apresentaram ou ainda apresentam alguma alteração na saúde mental (Andifes, 2019).

Um estudo mais recente, chamado Global Student Survey, realizado pela Chegg.org, analisou os reflexos que a Pandemia da Covid-19 gerou nas universidades, apurou-se que 76% dos alunos, afirmaram ter sofrido impacto em sua saúde mental, e 87% disseram piora nos quadros de ansiedade e depressão (NEVES, 2021). A Universidade Estadual Paulista (UNESP) não se ausentou acerca desses impasses, pois o Primeiro Seminário Temático da UNESP, em 2023, com o intuito de analisar as experiências e desafios em decorrência da pandemia, levantou debates do período pandêmico em relação à UNESP.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O Seminário Temático registrou alguns problemas que se deram na pandemia, como a suspensão das atividades presenciais e o seu retorno, ressaltando, primordialmente, as dificuldades e impactos no ensino e aprendizagem. Logo, conseqüentemente a isso, desencadeando o impacto na saúde com base nos relatos de estudantes, dizendo que passaram por ansiedade, depressão, angústia crônica e desmotivação devido a dificuldades ou incapacidades de lidar com as tecnologias adotadas, dificuldades econômicas das famílias, com o distanciamento social, com os instrumentos de permanência estudantil prejudicados e a falta de empatia generalizada.

A Pandemia foi um fenômeno marcante em todo o mundo, tamanho impacto que ficará em nossas memórias para sempre, o que, infelizmente, não podemos ignorar a sua influência na saúde mental das juventudes inseridas nas universidades. Segundo Neves (2021), sete a cada dez universitários brasileiros (76%) declararam que a pandemia trouxe impacto na sua saúde mental. Para a maioria (87%) houve aumento de ansiedade e de estresse, mas apenas 21% buscaram ajuda e 17% declararam ter pensamentos suicidas.

Dentre os jovens brasileiros com problemas de saúde mental, tem crescido o interesse nos estudos que envolvem a juventude universitária, sendo diversas as áreas que se debruçam a estudar esse tema: SANTOS, 2016; FRANÇA, 2019; BERNARDES, 2019; BELOVATO, GUIMARÃES, 2017; ALCÂNTARA, SIMON, GUIMARÃES, 2024. A Geografia não fica de fora desses estudos, dado que a preocupação central referente a “universidade”, é fazer uma Geografia para as pessoas, para as juventudes, para a saúde das juventudes no contexto universitário. E é esse o compromisso que o presente trabalho se vincula. Procuramos ouvir as juventudes que estão dentro da universidade para entender como se dão suas trajetórias em busca de promoção da saúde mental. Assim, considerando a experiência do corpo e mente saudável/doente dentro do lugar-universidade.

Tuan vai dizer que o Lugar está diretamente relacionado ao modo como experimentamos o mundo segundo os nossos sentidos, seja pela simbolização, seja pelas cores que mexem com as nossas emoções e, também, através da nossa intersubjetividade (TUAN, 2013, p.17). Tendo, no entanto, uma perspectiva aliada à sensação, percepção, emoção, concepção e pensamento à experiência humana, sendo, então, o Lugar, centro de significado construído pela experiência humana (TUAN, 1975). E quando partimos desse pressuposto, fica evidente o raciocínio da relação entre a Universidade e o Lugar (como categoria



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

geográfica), olhando para a Universidade não apenas como um lugar de formação vinculado a essa lógica academicista, mas um lugar de ressignificação que compete ao viés promocional de saúde mental e a pluralidade de jovens nesse lugar.

Pois, é nesse lugar que se encontram estudantes com facetas identitárias diferentes (CRENSHAW, 2002), como gênero, sexualidade, cor, etnia, raça etc., cada um/uma contendo sua singularidade a partir de seu contexto de vida e construindo o seu modo de “ser” jovem (DAYRELL, 2003). E essa construção em ser jovem, decorrente das trajetórias individuais de cada estudante, configura-se com base no “inventário e compreensão de valores, condutas e práticas sociais que os mobilizam ao rumo de seus projetos pessoais e arranjos coletivos” (CARRANO, 2008, p.68). Entretanto, essa trajetória não ocorre de forma linear, muito menos abarcando um total privilégio, desencadeando o sofrimento psíquico em estudantes não privilegiados. No entanto, um grande passo vem sendo dado a partir de atividades extensionistas e culturais, como as que foram analisadas na FCT/UNESP.

2. Procedimentos Metodológicos

Ressalta-se que neste trabalho o percurso metodológico está baseado na pesquisa qualitativa (TURRA NETO, 2012), compreendendo que a vida de cada pessoa é travada pela luta de vencer o sofrer para se manter viva (SIMON, 2020). E, por isso, ouvir as vozes das pessoas. Para isso, foram feitas entrevistas semiestruturadas com estudantes da graduação que estão participam de atividades extensionistas e culturais na FCT-UNESP. As perguntas que conduziram a entrevistas foram: Em sua concepção, o que é saúde mental? O que te levou a fazer parte dessa atividade/projeto? O que você entende sobre as práticas dessas atividades dentro da universidade? Qual a relação que você faz entre saúde mental e universidade?

O levantamento de atividades de cultura, esporte e lazer que ocorrem na FCT/UNESP, foram: Bateria Furiosa - grupo musical; Comitê Central de Ação Cultural (CAC) - organização de eventos artísticos e culturais; Pegasus - grupo de cheerleader; Atlético UNESP Prudente - modalidades esportivas para cunho competitivo; Saúde Integral do Trabalhador da FCT-UNESP (SITRA) - modalidades de esporte e lazer sem intuito competitivo.

Somando-se a isso, participaram estudantes do curso de Geografia, Engenharia Ambiental e Ciência da Computação:



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Tabela 1. Relação demográfica das/dos estudantes entrevistadas/os conforme o gênero, cor, sexualidade, idade, curso, se faz parte da Permanência Estudantil e ano de ingresso:

Nome	Gênero	Cor	Sexualidade	Idade	Curso	Permanência Estudantil	Ano Ingresso
Ana	Cisgênero	Branca	Heterossexual	22	Eng. Ambiental	Não	2020
Alex	Cisgênero	Amarelo	Heterossexual	21	Geografia	Sim	2020
Bruno	Cisgênero	Branco	Homossexual	19	Ciência da Computação	Não	2022
Cauã	Cisgênero	Preto	Homossexual	29	Geografia	Não	2021

Fonte: Feito pelos autores. **Elaboração:** (removido para avaliação às cegas: os nomes apresentados são codinomes).

3. Promoção de saúde mental na FCT-UNESP: um olhar para as atividades extensionistas e culturais

Na Faculdade de Ciências e Tecnologia, algumas atividades são realizadas, desse modo, contribuindo para além da perspectiva de integração, propiciando o caráter à luz de saúde mental na universidade. Essas atividades articuladas aos projetos de extensão e cultura vêm cumprindo um papel fundamental no que concerne ao viés promocional de saúde. E é a partir dessas atividades que diversos estudantes vêm trazendo, segundo seus relatos, pontos positivos desses projetos. Mas antes de entrarmos nos relatos sobre a importância dessas atividades dentro da universidade, trouxemos aqui a definição de saúde mental de Cauã, estudante de Geografia e praticante de basquete pelo SITRA:

“Olha, saúde mental é não desistir, não largar tudo e procurar uma outra coisa. É continuar, assim, mesmo que bambeando não acabar desistindo, porque uma das coisas que eu sempre priorizei quando eu não tô bem de saúde mental, acabava, no caso, desistindo. Então, eu acho que saúde mental é você tá instável e continuar no seu caminho”. (ENTREVISTADO: CAUÃ, 22/05/2023)



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

“[...] Mesmo que bambeado não acabar desistindo”. As palavras de Cauã, refletem que nem sempre estaremos bem, e mesmo estando em uma situação crítica, ainda assim, continuar. No entanto, continuar não é uma tarefa fácil, encontrar saídas, “válvulas de escape”, exige suporte. Ana, estudante do curso de Engenharia Ambiental, vai contar um pouco de sua trajetória e motivos que a levaram participar do yoga (organizado pelo CAC) e o vôlei de praia (organizado pelo SITRA):

“O yoga eu já tinha contato, então, só mantive, né, aqui na UNESP. E o vôlei de areia, foi mais algum esporte que me fizesse liberar mais energia, tipo, que me movimentasse mais, pra poder buscar qualidade de vida no que diz respeito à saúde mental. Então, pra não ficar só na graduação, peguei a parte do vôlei de areia pra me movimentar e poder liberar um pouco mais de energias que tava presa por causa da graduação”. (ENTREVISTADA: ANA, 16/05/2023).

A importância do movimento, da liberação de energia ligada ao estresse cotidiano, resulta uma contribuição de extrema relevância, ou seja, o sentir-se bem, e é em detrimento desse bem-estar que os primeiros passos em benefício da nossa saúde mental começam a ser incorporados.

Bruno, estudante da Ciência da Computação, participante da natação pela atlética e integrante cheerleader do Pegasus, falou-nos um pouco sobre o que ele entende da relação entre essas atividades e a universidade:

“[...] Além de ser acessível pras pessoas né, pros estudantes, apesar dos horários que às vezes nunca agrada todo mundo, mas é um excelente, uma excelente oportunidade pra pessoa poder praticar um esporte e se sentir bem consigo mesmo. E aí superar os seus limites e levar a faculdade, porque pra muitos atletas, as modalidades que eles praticam é uma **válvula de escape** da universidade, e eu acho isso muito importante”. (ENTREVISTADO: BRUNO, 23/05/2023).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

As modalidades sendo ressignificadas como “válvulas de escape”, permite-nos pensar: escape do quê? Dessa forma, coube à pesquisa investigar a relação entre saúde mental e universidade. Trouxemos aqui, respectivamente, dois relatos, o de Alex, estudante da Geografia e integrante da Bateria Furiosa da FCT/UNESP, e o de Cauã, o qual, no trabalho, já mencionado:

“Meu entendimento, ao mesmo tempo que a universidade acaba afetando, negativamente, à saúde mental dos estudantes, ela, também, promove à saúde mental pros estudantes. Nesse primeiro caso, que eu falei, eu acho que, afetar a saúde mental de uma maneira negativa, está muito ligada à exaustão”. (ENTREVISTADO: ALEX, 24/07/2023)

“É aonde você se sente abalado, se você não tiver alguma **válvula de escape**, é onde você mais adocece, principalmente, por ser pessoas pretas dentro da universidade, porque a universidade, a gente sabe, que ela não foi feita por pessoas pretas e pardas e... a todo momento eles estão ali te questionando o porquê você está ali dentro.”. (ENTREVISTADO: CAUÃ, 22/05/2023)

Essa dualidade de reflexão que se dá na universidade, dela ser um lugar que pode adoecer a/e/o estudante, mas, que também pode gerar saúde a essa/esse, revela um contexto crítico que precisa ser evidenciado cada vez mais. Dado que, o raciocínio sobre saúde mental, vinculado à concepção da doença, ou seja, do adoecimento psíquico, é baseado em vários episódios que geram o tal, como Alex e Cauã relatam, seja na sobrecarga acadêmica, seja na luta por sobrevivência de corpos negros, lgbtqia+, PCD's, indígenas, da classe trabalhadora etc., dentro da universidade.

4. Conclusão

Diversas são as trajetórias e experiências que as juventudes vivenciam na universidade, em especial, na FCT/UNESP. A universidade, para elas, é um lugar que pode adoecer, mas que também promove saúde mental. Esse diálogo promocional à saúde mental advém de atividades que são realizadas no campus da FCT/UNESP: atividades de cultura, esporte e lazer. E o que ressalta nesse debate é como essas atividades podem se tornar “válvula de escape” em um contexto acadêmico que exige intensamente a produção,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

ocasionando a exaustão e, conseqüentemente, ao sofrimento psíquico. Portanto, não somente relacionado ao aspecto de sobrecarga acadêmica, o debate sobre saúde mental, torna-se mais delicado, quando estudantes negros são perseguidos dentro desse lugar, o que reflete a preocupação de corpos que vem lutando por séculos para ter direito e qualidade de vida. No entanto, a implantação de atividades extensionistas e culturais dentro da universidade, com base nos relatos das/dos estudantes entrevistadas/entrevistados, têm contribuído de forma significativa, não apenas no sentido de acolhimento, de integração entre estudantes e de aprendizado, mas no sentido de compreensão de uma dimensão que abarca todos esses benefícios, ou seja, a promoção de saúde mental.

5. Referências

ALCÂNTARA. L.D.F.; SIMON. C.R.; GUIMARÃES. R.B. Saúde mental e o contexto universitário: uma leitura interseccional das juventudes na FCT-UNESP. *Geoconexões online*, v.4, n.1, p.03-21, 2024.

ANDIFES, Conexão PUC Minas, 2019. A importância da saúde mental dentro e fora da universidade. Disponível em: [universidade/#:~:text=Sa%C3%BAde%20mental%20dos%20estudantes%20universit%C3%A1rios%3A%20cen%C3%A1rio%20atual&text=Em%202019%2C%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20dos,alguma%20altera%C3%A7%C3%A3o%20na%20sa%C3%BAde%20mental.](#)

BERNARDES, M. P. Saúde mental na universidade: transtornos mentais e comportamentais entre os estudantes de graduação da UNESP de Presidente Prudente/SP. 2018. Monografia (Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Presidente Prudente.

BOVOLATO, M. B. D.; GUIMARÃES, R. B.; GUIMARÃES, R. B. Implantação do projeto Terrapia na UNESP de Presidente Prudente e a Promoção de Saúde Mental. *Geografia em Atos (Online)*, Presidente Prudente, v. 1, n. 4, p. 12, 2017.

CARRANO, P. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, v. 30, n. 2, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/7477142/revista%20uffrj_carrano.pdf.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40-52, 2003.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

FRANÇA, Gabriel Vicente. Juventude e Universidade em “As meninas”, de Lygia Fagundes Telles. 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11122019-171029/publico/GABRIEL_VICENTE_FRANCA.pdf

GUIMARÃES, R. B. Saúde Coletiva e o fazer Geográfico. Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, p. 119-132, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6299>.

GUIMARÃES, R. B. Saúde: fundamentos da Geografia humana. São Paulo- SP: Editora UNESP, 2014. <https://doi.org/10.7476/9788568334386>

NEVES, Ursula. “Saúde mental e Covid-19: universitários brasileiros são os mais afetados pela pandemia.” PEBMED, 2021. Disponível em: <https://pebmed.com.br/saude-mental-ecovid-19-universitarios-brasileiros-sao-os-mais-afetados-pela-pandemia/>. Acesso em: 12 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946.

OPAS, Conselho Nacional de Saúde, 2023. CNS promoverá live sobre a saúde mental dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2971-27-04-live-transtornos-mentais-e-adoecimento-no-ambiente-de-trabalho-como-enfrentar>

PEDROSO, M. F. Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP. 2022. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2022.

RELATORIO FINAL - SEMINÁRIO TEMÁTICO DOS CURSOS DE GRADUACAO – I Seminário Temático da UNESP. 2023.pdf.

SANTOS, José Raimundo de Jesus. **Juventude, universidade e conhecimento**: o agir prático das juventudes nos fazeres da universidade / José Raimundo de Jesus Santos – 2016. 274 f.: il.

SIMON, Carolina Russo. **A Promoção da Saúde, Feminismo e Contraespaço**: mulheres camponesas e suas lutas para se manterem vivas!. Dissertação (Mestrado) –Mestrado em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-SP.2020.400 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar** - a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical review**, p. 151-165, 1975.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2012, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2012, p. 01-10.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JUVENTUDES EM CIDADES PEQUENAS: PANORAMA DAS PESQUISAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PRODUZIDAS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS NO BRASIL

Gabrielle Bezerra da Silva
Mestranda em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
gabrielle.bezerra@ufrgs.br

Victor Hugo Nedel Oliveira
Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

O objetivo deste resumo é apresentar os resultados de um Estado da Arte no qual analisou-se pesquisas de pós-graduação *strictu sensu*, produzidas entre 2014 e 2023, que retratam as juventudes das/nas pequenas cidades brasileiras. A análise debruça-se sobre os aspectos quantitativos dos estudos, como os anos das publicações, tipos de trabalhos, cenários investigados, PPGs e Universidades nos quais foram desenvolvidos. Os resultados demonstram, no geral, uma escassez de estudos no campo investigado, especialmente na Geografia, e a necessidade de expandir as pesquisas acadêmicas sobre juventudes em cidades pequenas, considerando o espaço geográfico como categoria fundamental para compreensão das experiências juvenis.

Juventudes; Cidades Pequenas; Estado da Arte.

Introdução

Pela perspectiva da Geografia, entende-se que a essência do espaço é social porque o que atribui *vida* aos objetos geográficos são todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um determinado momento (Santos, 2023). Assim, tem-se que, na verdade, não há espaço sem sociedade. É partindo desse pressuposto – de inseparabilidade entre espaço e sociedade – que vem observando-se, mais recentemente, nas pesquisas *com* as juventudes, crescentes esforços relacionados à análise da dimensão espacial desses sujeitos. Trata-se de considerar que os modos pelos quais as e os jovens se relacionam/podem relacionar-se com as mais distintas espacialidades (produzindo-as, lugarizando-as, territorializando-as, etc.) são capazes de criar, a todo momento, em uma teia infinita de combinações, vivências únicas e



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

singulares¹. Nesse sentido, com base em Cassab (2023), assume-se o espaço como uma dimensão constitutiva das experiências das juventudes, ou, em outras palavras:

[...] o espaço configura-se também como uma dimensão da própria experiência juvenil. Isso significa que a organização do espaço, os lugares interditados ou não e as representações e disposição dos códigos ordenadores da sociedade e do espaço potencializam, limitam ou inviabilizam o direito à experiência da juventude (Cassab, 2023, p.79).

Direcionando nosso olhar particularmente às cidades, Paula (2015) esclarece que dentre os sujeitos que produzem esses espaços, os jovens emergem como um grupo bastante ativo, por inscrevem espacialidades diversas através de suas ações cotidianas e das relações com seus pares. Mas, para além dos grandes centros e/ou das metrópoles, é preciso lembrar que a categoria *cidade* abarca também aquelas que constituem hoje a maior parte da realidade urbana brasileira: as *cidades pequenas*². Por serem ainda pouco documentadas e, por conseguinte, desconhecidas em comparação às grandes cidades (Lacerda, 2016), é possível afirmar que os silenciamentos referentes a essas localidades impactam não somente a compreensão do fenômeno urbano em sua totalidade, mas o próprio reconhecimento dos seus sujeitos, representados aqui, especificamente, pelas juventudes.

Argumenta-se, desta forma, que as investigações vinculadas à condição juvenil em pequenas cidades tendem a contribuir com a construção de conhecimentos mais amplos acerca da complexidade das experiências juvenis em diferentes contextos espaciais. Com isso, o objetivo deste resumo é apresentar os resultados de um Estado da Arte no qual analisou-se pesquisas de pós-graduação *strictu sensu*, produzidas nos últimos dez anos (2014 a 2023) e que retratam as juventudes das/nas pequenas cidades brasileiras.

Metodologia

O presente resumo integra uma pesquisa bibliográfica e, mais precisamente, um Estado da Arte, tendo em vista que estudos desse tipo têm como propósito realizar um balanço sobre um conhecimento específico, produzido durante um determinado período e área de

¹ Aponta-se que tais relações estão condicionadas também às múltiplas *situações juvenis* (Abramo, 2008), delimitadas por recortes como classe, etnia, gênero, orientação sexual, escolaridade, entre outros.

² Ao considerar o patamar de até 50.000 habitantes, por exemplo, constata-se que aproximadamente 88% dos municípios brasileiros estão incluídos nessa faixa demográfica (IBGE, 2023).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

abrangência (Silva, Souza e Vasconcellos, 2020). Nesse caso, foram consultadas dissertações e teses já publicadas, que possuem como tema central as juventudes nas/das pequenas cidades brasileiras sob a ótica das Ciências Humanas e Sociais. A busca por esses trabalhos foi conduzida na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir dos descritores “jovens”, “juventudes” e “cidades pequenas”. O recorte temporal compreendeu os anos de 2014 a 2023.

Apesar de filtrar a expressão “cidades pequenas”, surgiram trabalhos cujos cenários investigados não condiziam com essas localidades, como foram os casos de Alvorada/RS, Nova Iguaçu/RJ e até mesmo São Paulo/SP. Por isso, foi necessário elencar um limite máximo de habitantes para essas localidades, não com a intenção de reduzir suas análises a dados demográficos, mas sim de organizar a seleção dos estudos, excluindo cenários investigativos não alinhados com os desejados. Deste modo, optou-se por adotar o limite de 50.000 habitantes³, o que permitiu a seleção de um maior número de pesquisas. Após essa definição, ainda na etapa inicial da busca, foram encontrados 39 trabalhos, dos quais leu-se os resumos para avaliar se, de fato, contemplavam os recortes requeridos. Finalizando esse procedimento, chegou-se ao total de 14 pesquisas.

Com a seleção concluída, as análises foram concentradas nos dados quantitativos que puderam ser extraídos dos trabalhos. Portanto, a seguir, serão discutidos aspectos como os anos das publicações, tipos de trabalhos (dissertações ou teses), cenários investigados, Programas de Pós-Graduação (PPGs) e Universidades vinculados às pesquisas. Convém ressaltar que, em acordo com as diretrizes éticas instituídas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), o estudo não precisou ser avaliado por Comitê de Ética por tratar-se de texto científico realizado exclusivamente para fins de revisão de literatura (Art. 1º, inciso VI).

Resultados e discussões

A distribuição das pesquisas entre 2014 e 2023 demonstra uma oscilação notável, havendo anos como 2014, 2019 e 2023, que não apresentam produções dentro dos parâmetros

³Apesar dos problemas associados ao estabelecimento de parâmetros desse tipo, utiliza-se no texto a faixa demográfica de 50.000 habitantes como um *ponto de partida* para ordenar a seleção dos trabalhos. Reforça-se que as pesquisas com foco nas cidades pequenas não limitam suas investigações e análises aos contingentes populacionais dessas localidades.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

estabelecidos. Em 2015 e 2016, apenas um trabalho foi encontrado em cada ano. Em 2017, onde se deu o ápice de produções, observou-se quatro estudos, os quais não aparentam compartilhar relações diretas, dadas as diferenças nas subtemáticas exploradas, nas instituições e nos estados em que foram desenvolvidos. Em 2018, o número caiu novamente para uma pesquisa, enquanto em 2020 subiu para três, das quais duas eram dissertações vinculadas ao PPG em Educação Agrícola da UFRRJ e com orientação do mesmo docente. Por fim, em 2022 também foram identificadas três pesquisas.

No geral, revela-se uma escassez de estudos durante o período abrangido, e, como forma de melhor interpretar essa questão, recorre-se à Lacerda (2016, p.81), ao explicar que “embora a maioria dos municípios brasileiros sejam cidades pequenas, a pesquisa científica costuma ser desenvolvida em grandes centros que, até bem recentemente, concentravam a oferta de ensino superior”. Mas, se é preciso avançar nos estudos sobre as cidades pequenas no Brasil, ao tratarmos das e dos jovens presentes nessas localidades, tal necessidade parece fazer-se ainda mais evidente. E longe de configurar-se como um grande e único tema, os próprios enfoques analíticos dos trabalhos examinados (incluindo práticas de lazer, gênero e sexualidades, mundo digital, práticas espaciais e de tempo livre, etc.), permitem verificar uma diversidade de subtemáticas possíveis de serem exploradas.

Quanto aos tipos de trabalhos, 78,6% (n = 11) correspondem a dissertações e 21,4% (n = 3) a teses – proporção condizente com o total de pesquisas encontradas na BDTD. Nesses 14 trabalhos, foram localizados 16 cenários investigativos, em decorrência daqueles que pesquisaram mais de um local ao mesmo tempo. Tais cenários possuem uma média populacional de 19.305 habitantes e distribuem-se por apenas oito das 27 unidades federativas brasileiras: MG (n = 5), GO (n = 3), PR (n = 2), SP (n = 2), AM (n = 1), BH (n = 1), RS (n = 1) e RO (n = 1). A justificativa para Minas Gerais liderar a quantidade de cenários, possivelmente ocorre pelo fato de ser o estado com o maior número de municípios⁴ e, igualmente, de Universidades Federais no país.

Observando os estados nos quais situam-se os municípios investigados, tem-se que a maioria pertence à Região Sudeste (n = 7), seguido pelo Centro-Oeste (n = 3), Sul (n = 3), Norte (n = 2) e Nordeste (n = 1). Apesar do Sudeste aparecer em primeiro lugar, as pesquisas

⁴ Destaca-se que dos 853 municípios mineiros, 781 possuem uma população de até 50.000 habitantes (IBGE, 2023).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

concentram-se em Minas Gerais e São Paulo, não sendo identificadas em outros estados dessa Região. Já as Regiões Norte e Nordeste ocupam o último lugar da lista, com o menor número de cenários investigados, chamando atenção o fato de que as duas únicas pesquisas produzidas em municípios nortistas estão vinculadas a instituições de outras regiões.

Os PPGs nos quais as pesquisas foram desenvolvidas são bastante diversificados, havendo Geografia, Educação Agrícola, Agrossistemas, Antropologia Social, Ciências Sociais, Economia Doméstica, Educação, História, Sociedade, Ambiente e Território e Sociologia. Com base no Sistema de Avaliação Capes, para o quadriênio 2017-2020, verificase que os PPGs identificados possuem notas que variam de 3 a 7. A maior parte, no entanto, possui nota 5, sendo considerados Programas *muito bons*. Os PPGs em Geografia abrangem o maior número de estudos produzidos, o que pode estar associado, como anteriormente mencionado, ao crescimento de esforços direcionados à análise da dimensão espacial das juventudes. Assim, conforme explicado por Oliveira (2023):

diversos estudos em nível de pós-graduação no âmbito da Geografia vêm debruçando seus esforços em entender as relações de jovens com diferentes elementos da análise geográfica, como, por exemplo, a cidade, o campo, as disputas de poder sobre o espaço, a escola, o ensino de Geografia, entre outros (p.59).

No total, foram 11 as Instituições envolvidas na elaboração das dissertações e teses analisadas, sendo elas: UFG, UFJF, UFRGS, UFRRJ, Unioeste, Unesp, UFBA, UFMG, Unimontes, UFSC e UFV. Nota-se que todas são públicas, das quais oito federais e três estaduais. Esse dado traduz a significativa contribuição das Instituições Públicas de Ensino Superior para a produção de conhecimento científico no país, sendo fundamental reconhecer e valorizar o papel desempenhado por suas e seus pesquisadores, sobretudo, em um contexto marcado, muitas vezes, pela falta de financiamento e apoio às pesquisas e pelo descrédito e ataques constantes à ciência, à educação e aos profissionais dessas áreas.

As Universidades mencionadas distribuem-se por quatro das cinco Regiões brasileiras, estando seis no Sudeste, três no Sul, uma no Centro-Oeste e uma no Nordeste. De modo semelhante ao ocorrido com os cenários investigativos, percebe-se uma concentração dessas Instituições na Região Sudeste, situação que converge com o conceito de *Região Concentrada* formulado por Santos e Silveira (2001). Formada pelos estados do Sudeste e do Sul, de acordo com Santos e Silveira (2001), seria justamente uma Região privilegiada no



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

contexto do meio técnico-científico-informacional, quando comparada ao “restante do território”.

Notas para seguir pensando...

Neste trabalho, buscou-se evidenciar o tema das juventudes em cidades pequenas, como parte de uma discussão emergente acerca da dimensão espacial desses sujeitos, que, por sua vez, reconhece o espaço geográfico como categoria fundamental para compreensão das experiências juvenis. De um ponto de vista teórico, parte-se do entendimento de *juventude* como uma etapa da vida atravessada por distintos recortes sociais e vivenciada, conseqüentemente, de múltiplas maneiras. Da mesma forma, as *cidades pequenas* são concebidas como localidades que carregam especificidades próprias, ao mesmo tempo que integradas a estruturas (sociais, políticas, econômicas, etc.) em outras escalas.

O principal objetivo foi apresentar os resultados de um Estado da Arte no qual foram analisadas pesquisas de pós-graduação *strictu sensu*, produzidas entre 2014 e 2023, que possuem como foco as juventudes e/ou práticas juvenis nas pequenas cidades brasileiras pelo olhar das Ciências Humanas e Sociais. A busca pelos materiais que foram consultados, no caso, dissertações e teses, ocorreu por meio da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a partir do uso dos descritores “jovens”, “juventudes” e “cidades pequenas”. Apesar de utilizar o filtro “cidades pequenas”, foi necessário estipular o limite de 50.000 habitantes para essas localidades, de modo que a seleção dos trabalhos pudesse ser realizada de modo mais ordenado possível.

No total, foram selecionadas 14 pesquisas, das quais 11 eram dissertações e 3 eram teses. Verificou-se que os anos das publicações dos trabalhos oscilam e que, pelo panorama obtido, prevalece uma lacuna de estudos referentes ao campo investigado. Tal achado corrobora com o afirmado por Kuhn (2015), ao explicar que as pesquisas acadêmicas sobre juventudes, geralmente, retratam condição juvenil urbana, muitas vezes, em grandes centros urbanos, negligenciando as condições de vida desse grupo em pequenas e médias cidades, bem como em áreas rurais.

Dos 16 cenários investigativos encontrados, a maior parte está concentrada na Região Sudeste, sobretudo, em municípios mineiros. Os PPGs vinculados aos trabalhos possuem, em média, nota 5 no Sistema de Avaliação Capes, sendo considerados *muito bons*.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

São PPGs diversificados, mas sobressaem-se em maior quantidade os de Geografia. Todos são Programas de Universidades Públicas, federais ou estaduais, o que demonstra indiscutivelmente o importantíssimo papel desempenhado por essas Instituições no que tange à construção de conhecimentos científicos no Brasil. Assim como os municípios onde as pesquisas foram realizadas, tais Instituições também apresentam uma concentração na Região Sudeste.

Observa-se, por fim, que a análise resultou em descobertas significativas, incluindo a constatação de ausência de dados em certos períodos e estados brasileiros. Nesse sentido, ressalta-se a importância dos estudos do tipo Estado da Arte, visto que permitem organizar e sistematizar materiais que exploram temáticas ainda em fase de consolidação. A partir dos resultados apresentados, espera-se reforçar a necessidade de expandir as pesquisas acadêmicas sobre juventudes em cidades pequenas, especialmente, ao considerar as múltiplas combinações resultantes das relações estabelecidas entre jovens e espaço geográfico, isto é, das diversas experiências juvenis nos mais distintos contextos espaciais... Discutiu-se, portanto, sobre um campo investigativo que apresenta possibilidades de ser aprofundado dentro dos seus variáveis enfoques, como apontado pelas próprias pesquisas que compuseram o presente trabalho.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.37-72.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CASSAB, Clarice. Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **Geografia das Juventudes**. 1. ed. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023, v. 1, p.77-107.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Prévia da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022 coletados até 25/12/2022**. 2023. Disponível em:



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censodemografico2022.html?edicao=35938&t=resultados>. Acesso em: 24 mar. 2024.

KUHN, Claudete. Práticas Sócio-espaciais da Juventude Rural: Lazer, Territorialidades e Projetos de Futuro. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **A Cidade e Seus Jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.205-222.

LACERDA, Mitsi Pinheiro de. A pesquisa em cidades pequenas. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 1, p.78-98, 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/lacerda.htm>. Acesso em: 24 mar. 2024.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes: a Construção do Estado da Arte na Pós-graduação Brasileira. **Para Onde!?**, v. 17, n. 2, p. 59-78, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 24 mar. 2024.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, v. 43, n. 3, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/37452>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PAULA, Flávia Maria de Assis. (Re)territorializações e territorialidades juvenis na metrópole de Goiânia: das práticas espaciais às redes de sociabilidade. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **A Cidade e Seus Jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015, p.185-204.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JUVENTUDES VIAMONENSES: DEAMBULAÇÃO SOCIOLÓGICO- GEOGRÁFICA NA PRAÇA CENTRAL DA CIDADE DE VIAMÃO (RS)

Raquel Amaro da Silveira Torres
Estudante do Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia – UFRGS
raqtorres.78@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Doutor em Educação, Professor do Departamento de Geografia da UFRGS
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

Este artigo busca apresentar a atividade prática de deambulação sociológico-geográfica proposta na disciplina de Geografias das Juventudes, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O espaço escolhido para a observação das Juventudes foi a praça central da cidade de Viamão (RS) e pretendeu analisar os comportamentos dos/as jovens nos espaços públicos no período de férias escolares. A atividade trouxe a oportunidade de colocar em prática a teoria desenvolvida na disciplina e foi útil para uma aproximação inicial do perfil das Juventudes Viamonenses.

Palavras-chave: Juventudes; Viamão; Deambulações.

Introdução

A disciplina eletiva de Geografias das Juventudes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul teve sua primeira edição no semestre 2023/02 e promoveu discussões sobre as relações das juventudes e seus espaços de vida, através do embasamento teórico selecionado pelo docente ministrante Victor Hugo Nedel Oliveira. Como bibliografia base da disciplina foi utilizado o Livro Geografias das Juventudes (Oliveira, 2023), que foi concebido como resultado do curso de extensão “Geografias das Juventudes”¹, realizado no ano de 2023. A obra contempla diversas nuances da temática jovem, através das experiências de diversos autores, com textos que trouxeram temas que vão desde o protagonismo jovem na escola, juventudes e periferias, jovens na política, corpo como potencialidade na geografia brasileira, a atuação cidadã. Em uma leitura como discente, a disciplina é indispensável ao licenciando, na busca da compreensão acerca do principal público de um professor de séries finais do

¹ O curso de extensão “Geografias das Juventudes” foi realizado no segundo semestre de 2023, pelo GEPJUVE/UFRGS vinculado ao POSGEA e ao Departamento de Geografia da UFRGS. Reuniu reconhecidos pesquisadores da Geografia brasileira na temática das Juventudes. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLR-NgiMG-cm5G-h4t8Qiq6AjDwCtsD6IT>.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Ensino Fundamental e Ensino Médio. Se os caminhos da educação devem sempre iniciar pelos alunos, o que é mais importante do que conhecê-los?

Deambulação sociológica

Para o autor José Machado Pais as deambulações cotidianas são movimentações e percursos realizados na cidade, que permitem que as ciências sociais observem a sociedade em nível dos indivíduos e compreendam como ela se traduz em suas vidas. Esse método desafia os pesquisadores a observar atentamente os aspectos sociais mais profundos, de forma presente na cena. Esse olhar “intrometido e comprometido” é “tanto mais objetivo quanto mais tocado por uma subjetividade cúmplice do observador” (Pais, 2015). Ainda de acordo com Pais (2015) o ato de refletir sobre o que se observa, permite romper com imagens estereotipadas e cristalizadas do que se vê sem olhar. Deste modo, ele propõe a recuperação da vista como suporte sociológico.

Deambulação Sociológico-geográfica

Ao propor esta atividade na disciplina de Geografias das Juventudes, verificou-se que, munidos do embasamento teórico amalhado durante o semestre, se pudesse construir a capacidade de saber o que observar e como interpretar as situações analisadas.

O espaço escolhido para realizar a deambulação sociológico-geográfica foi a praça central da cidade de Viamão, pelo fato da discente ser residente no município de Viamão e entender este como um ponto de maior movimentação da cidade. A data em que foi realizada a atividade foi no dia 26 de janeiro de 2023, das 13h30min às 15h30min. Nesta praça fica localizada a Prefeitura Municipal de Viamão e é a maior área de comércio da região central da cidade. A escolha da sexta-feira deveu-se ao fato de ser o dia da semana em que ocorre uma feira de artesanato na praça e costuma ter maior movimentação, porém neste dia que escolhi não estava acontecendo a feira.

Encontrei pequenos grupos de jovens nesta região central, alguns com suas mães, fazendo compras de materiais escolares, roupas e demais artigos. Alguns jovens resolvendo pendências em bancos e na própria prefeitura e poucos apenas aproveitando a praça e os arredores. Nos comércios locais encontrei poucos jovens trabalhando, a maioria dos trabalhadores eram do sexo feminino e adultas. Não tirei fotos no interior das lojas, pois



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

fiquei constrangida e com receio de ser interpelada quanto ao ato. Este foi um ponto que achei importante destacar, o de haver poucos jovens trabalhadores nesta região. Talvez se deva ao fato de a cidade não oferecer muitas oportunidades e os/as jovens buscarem oportunidades em Porto Alegre. Não existem, nesta região central, espaços pensados para a utilização das juventudes.

Há uma pracinha ao lado da prefeitura, que só tem brinquedos infantis, alguns bancos e mesas de cimento que comumente são utilizados por pessoas que descansam ou esperam o ônibus. Ficou evidente que os/as jovens estão só de passagem por estes espaços e só frequentam a região para fazerem compras ou resolver burocracias.

Análise das informações com discussão a partir da literatura acadêmica do campo das juventudes

A partir da deambulação realizada na praça central de Viamão foi possível observar que a cidade não identificou a necessidade de criar espaços de convivência juvenil e que os jovens também não se identificam com estes espaços. Costumam frequentar a região central somente para resolver necessidades da vida cotidiana e não permanecem nestes locais. As práticas sociais têm grande importância no desenvolvimento destes sujeitos, como vemos em Paula (2019, p. 6): “O jovem, na condição de sujeito social, ao participar ativamente da produção do espaço urbano, está envolvido nesse processo, tendo a possibilidade de contribuir com sua transformação por meio de suas ações cotidianas (coletivas ou individuais)”.

Acerca dessa relação entre o jovem e seu poder de mudar o espaço no qual está inserido, Martins (2007) destaca que

os jovens são sujeitos constituídos e constituintes da realidade histórica e social a que estão inseridos, capazes, portanto, de compreender a realidade em que vivem e de contribuir para a sua transformação, ou seja, são sujeitos sociais (p. 206).

Diante desta reflexão fica o questionamento se a cidade de Viamão deseja ou não a participação juvenil na construção social da cidade. Afinal onde estão os jovens da cidade, em um dia ensolarado e de férias escolares. Acredito ser importante atentar para a classe social das juventudes, quando tentamos associar quais seriam os locais que frequentam, como destaca Paula (2019):



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Assim, os jovens das classes sociais mais abastadas, por exemplo, possuem melhores condições de usufruir de uma gama maior de espaços da cidade do que os jovens das classes populares. Suas redes de sociabilidade, construídas cotidianamente por meio de relações entre seus pares, têm a possibilidade de extrapolar o território de seu bairro e, até mesmo, de sua cidade ou país (p. 6).

Nessa perspectiva, provavelmente estes jovens devem estar nos seus condomínios fechados, já que Viamão possui vários, nas suas casas de praia ou em viagens de férias. Os jovens viamonenses de classes menos favorecidas, provavelmente estão trabalhando ou usufruindo de espaços em seus bairros ou vilas, porém a grande maioria deve estar fechada nas suas casas, vivendo o mundo virtual, por medo da violência nas vilas. O fato de a cidade não dispor de espaços de lazer, pensados para agregar os sujeitos jovens, causa uma segregação, fragmentando as juventudes e impondo diferentes formas de viver a cidade.

Analisar geograficamente a cidade, pela perspectiva de espaços voltados para a prática social das juventudes, é pensar em maneiras de estabelecer nos jovens a identificação com a cidade permitir que eles construam suas espacialidades, empreendendo territorialidades e demarcando territórios (Paula, 2019). Cabe também analisar se existe uma intencionalidade na falta de atrativos para as juventudes nestes espaços, como forma de afastar os sujeitos jovens, partindo do senso comum do jovem como problema social. Abramo (1997) observa o quanto é prejudicial este ponto de vista

ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos (p. 11).

A incapacidade ou falta de interesse em entender os sujeitos jovens, acaba por perpetuar a ideia pré-concebida de que as juventudes são causadoras de problemas e afastando essa classe social dos espaços da cidade. Uma longa discussão pode ser iniciada a partir do olhar geográfico de como a cidade de Viamão não dispõe de espaços de lazer para a sociedade de forma geral. Nos últimos anos com a instalação da loja da Havan na RS 040, foi possível notar que devido a loja dispor de um amplo estacionamento, este espaço começou a ser utilizado como pista de skate, patins, bicicleta e aglomeração de famílias aos finais de semana. As famílias levam cadeiras de praia e os filhos ficam brincando no estacionamento.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Fica clara a falta de espaços de lazer e a necessidade dele principalmente pelas classes menos favorecidas. As classes mais altas costumam ir para Porto Alegre nos finais de semana. Configurando o título de cidade dormitório pela qual Viamão é conhecida.

Porém, o objetivo do trabalho foi de analisar a participação juvenil na produção dos espaços das cidades, mas ela acaba sendo atravessada por estas características hostis da cidade. A juventude viamonense é produzida a partir de uma cidade que os exclui dos espaços públicos, gerando uma vergonha bem evidente nas conversas, quanto a ser de Viamão!

Considerações gerais sobre a disciplina “Geografias das Juventudes”

Observando a caminhada nesta temática, que passou pela aproximação do assunto Juventudes nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Geografia I e II e culminando na disciplina de Geografias das Juventudes é importante notar o quanto evoluímos no entendimento quanto a condição juvenil e suas especificidades. A disciplina inicia desconstruindo as ideias anteriormente concebidas, de jovens como problemas sociais e mostra as diversas faces de ser jovem.

Tendemos a repetir as falas que definem as juventudes, sem pensar no que estamos dizendo e apenas reproduzindo o que não é um fato. Através das bibliografias, das discussões e dos trabalhos que desenvolvemos durante o semestre foi possível iniciar a compreender a diversidade juvenil, seus direitos e o quanto ela é influenciada pelos espaços que as produzem. Considero a disciplina de Geografias das Juventudes indispensável nas Licenciaturas, visto que os sujeitos jovens são grande parte do público dos futuros professores. Entender estes sujeitos é de extrema relevância para pensar a educação a partir do aluno. E enquanto sociedade, este entendimento auxiliaria a transformar essa relação social, deixando de ver o jovem como um problema social, para um jovem produtor da sociedade, através de uma atuação cidadã.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n. 05, 1997. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowen del.pdf Brasil, 2013

MARTINS, W. de M. A juventude urbana e sua relação com o espaço. In: PAULA, F. M. de A.; CAVALCANTI, L. de S. (Org.). A cidade e seus lugares. Goiânia: Vieira, 2007.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. 1. ed. Porto Alegre: Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/256855>

PAIS, José Machado. **Deambulações cotidianas: a emergência de um método na observação dos sem-teto**. Estudos de Sociologia. Recife. 2015.

PAULA, Flavia Maria de Assis. **Geografia, cidade e juventude(s): uma análise da espacialidade do lazer juvenil na metrópole de Goiânia**. Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana - XVI SIMPURB, 2019. Disponível: <https://periodicos.ufes.br/simpurb2019/article/view/26819>



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

OS JOVENS, A POESIA E A CIDADE: UM DIA DE SLAM EM JUIZ DE FORA - MG

Lilian Aparecida de Souza

Doutora em Geografia pela UFF e professora da educação básica

liliansouzageo@gmail.com

Resumo

O trabalho apresenta um dia de slam ocorrido em Juiz de Fora – MG, trazendo para o diálogo os jovens periféricos que participam da competição poética. Utilizando a pesquisa bibliográfica e o relato de inspiração etnográfica, a vivência da autora no slam mostrou a indissociabilidade da relação corpo e espaço, apontando possibilidades de tessituras teórico-conceituais para a leitura das geo-grafias da vida dos jovens poetas.

Palavras-chave: jovens, espaço público, slam.

Introdução

Slam é uma competição global de poesia falada que articula sujeitos de distintas escalas espaciais. No Brasil, encontrou a terra fértil por outras manifestações da cultura periférica e reverberou socioespacialmente através da ação de jovens poetas¹ periféricos nas ruas e nas redes sociais, chegando à Juiz de Fora - MG. Na cidade mineira o slam de forma rápida e intensa reverberou, despertando o interesse em discutir sobre como isso aconteceu, pesquisa realizada para o doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

Este trabalho é parte da tese e relata um dia de slam ocorrido na cidade de Juiz de Fora. Nele, busco apresentar a competição poética e trazer para o diálogo os jovens poetas, colocando questões e começando a compor as tessituras teórico-conceituais que orientaram a elaboração da pesquisa. Partindo dos afetos, a escolha metodológica adotada foi o relato de inspiração etnográfica e a pesquisa bibliográfica.

¹ Utiliza-se o substantivo poeta para se referir a todas as pessoas que batalham no slam, porque em conversa com algumas delas, relataram que é deste modo que preferem ser chamadas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Poesia marginal na/da quebrada

Parecia um sábado igual aos outros para os frequentadores da Praça Padre Geraldo Felzepe, no bairro Santa Luzia, em Juiz de Fora. Crianças brincando, futebol na quadra, vendedores ambulantes, pessoas sentadas jogando conversa fora ou apenas de passagem. Nos arredores o ritmo era outro, tão rápido quanto deveria rodar o relógio de quem espera o ônibus ou quanto se pode acelerar o carro em uma das ruas que recebe o fluxo de veículos dos bairros do entorno, ligando-os à região central da cidade.

Poderia ser um dia comum, mas não era. Naquela tarde nublada de 20 de fevereiro de 2022, a normalidade cotidiana da praça temporariamente se rompeu porque ali foram *brotando* pessoas vindas de diferentes locais de Juiz de Fora, com suas artes, cores e amores. Era dia de Sararau Griot, evento de cultura Hip Hop organizado pelo coletivo Sararau Crioulos e pelo Slam Griot, que tinha em sua programação apresentação de danças urbanas, *pocket* show de rap, *mic* aberto e slam.

Depois de quase dois anos sem eventos culturais presenciais devido às necessárias medidas para conter a disseminação do novo coronavírus, esta era a primeira edição da competição poética da cidade que acontecia na rua. Contando com os cuidados que o momento exigia, o encontro organizado e frequentado por jovens negros e periféricos foi uma festa. Momento de celebração e afirmação corajosa da vida, diante de uma política hegemônica que, no contexto pandêmico, não agiu para garantir as condições mínimas de sobrevivência dos brasileiros, principalmente dos mais pobres, que em sua maioria são pessoas negras moradoras de diferentes territórios populares (IBGE, 2022).

É a “arte em seu habitat natural, a quebrada”, *deu o papo* DaLagoa na abertura do evento. Afirmando a potência e a inventividade das periferias e chamando atenção para o reconhecimento das expressões estéticas nelas produzidas, o jovem poeta e MC, que é morador da zona norte² e participa do coletivo Sararau Crioulos, explica que o grupo “tá sempre levando a poesia marginal até onde a gente acha necessário (...) pra poder deixar a arte mais perto de onde que ela foi criada”. A quebrada da vez era o Santa Luzia, bairro localizado na zona sul de Juiz de Fora.

² Zona norte é forma como popularmente é conhecida a Região de Planejamento Norte, que concentra o maior número de ocupações, conjuntos habitacionais e bairros populares.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Situado no fundo do vale do ribeirão Ipiranga, o bairro passa por um processo de valorização imobiliária e atração de investimentos por sua proximidade à região central e a bairros elitizados. Todavia, basta sair da *baixada* para ver que a tal prosperidade não se estende a todos os moradores da região. A adensada Unidade de Planejamento homônima ao bairro abrange 23 territórios residenciais habitados por 36 mil trabalhadores negros e empobrecidos, com infraestruturas e equipamentos sociais precários ou ausentes (Juiz de Fora, 2019).

O Santa Luzia tem uma praça ampla, diferente dos outros bairros da cidade, com quadra, academia popular, mesas e bancos, areia para as crianças brincarem e um mosaico que de um lado tem a bandeira de Juiz de Fora e do outro uma réplica do quadro *Abaporu* da pintora modernista Tarsila do Amaral, compondo a paisagem em meio a pixos e grafites espalhados pelos muros. Intencionalmente vizinha aos *bota*³, numa sociedade que estimula a espetacularização e o esvaziamento dos espaços públicos, o empobrecimento das experiências e o controle dos corpos, sobretudo os jovens pobres e negros, a praça Padre Geraldo Felzeps é a principal área de lazer da região. Ela foi o lugar escolhido para a primeira edição do Sararau Griot, evento em que os corpos e as referências que os jovens carregavam em seus bailados, *beats* e rajadas verbais eram negros.

Cria da quebrada, PretoVivo foi o *slammaster*⁴ do evento. Com o microfone na mão o “poeta marginal, artista independente, jovem, preto e vivo” deu um *salve pra geral* e chamou todo mundo para se aproximar. Eram aproximadamente 15 horas e enquanto *rola* a apresentação de dança *all style*, PretoVivo passa entre as pessoas que estão na praça perguntando se querem participar da competição poética. Ao fim da sua apresentação, o jovem é agraciado com *muito barulho*.

Logo depois, DaLagoa pega o *mic* e segue chamando poetas: “o pessoal que *tá* com a caneta escondida no bolso, que nunca mostrou pra ninguém, vem mostrar um sentimento pra rapaziada. Essa é a hora, *tá* todo mundo em casa”. Nesse momento, eu e meu colega Marcos fomos surpreendidos com o convite para compor o júri do slam que logo começaria. Aceitamos a missão ao mesmo tempo em que ouvíamos o jovem apresentar o Sararau

³ A praça fica ao lado da 32ª Companhia da Polícia Militar de Minas Gerais.

⁴ *Slammaster* é uma pessoa que faz parte do coletivo de organização do slam e é o mestre de cerimônia do evento, conduzindo a competição poética.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Crioulos. Ele dizia que o coletivo é um “grupo de poetas que vive o que escreve”, emendando a fala com uma “poesia marginal” de sua autoria, na qual versa: “dizem que eu sou um criminoso em potencial (...), mas eu vim pro Sararau Crioulos tentar mudar o jogo todo”.

Diferente do que alguns querem fazer parecer, o jogo não está ganho pelos adversários. Isso porque uma *pá* de gente de quebradas de várias as regiões da cidade reunidas numa praça em um sábado à tarde para ouvir e declamar poesia, dançar, rir e celebrar a cultura Hip Hop não é pouco numa sociedade na qual *todos estão surdos*⁵ e que normatiza, cerceia e mata espaços públicos e jovens, especialmente os de pele negra e não cis-heteronormativos⁶ dos territórios periféricos.

Depois de “cuspir tudo, pois antes *tava engasgado*”, o jovem negro DaLagoa é aplaudido aos gritos de *pow pow pow* e o *slammaster* avisa que o Slam Griot vai começar. Esta foi a terceira edição do slam, que teve sua batalha inaugural de forma virtual em junho de 2021. PretoVivo começa a competição poética apresentando o grito do Slam Griot. Ele versa em jogral com o público:

Carrego os gritos e as histórias do meu povo por amor: *Slam Griot*
Griot: *gritou!*

O grito é estratégico porque estimula o poeta a *entregar tudo* em sua performance e, por isso, deve ser *literalmente um grito*, dizia Vitu Marcs, poeta do coletivo Vozes da Rua, nos primórdios do slam na cidade, em 2017. Além disso, ele interrompe as conversas paralelas e chama atenção para a apresentação que vai se iniciar. Nessa hora, lembro do Zangão, também artista do Vozes, repetindo quase como um mantra que *o silêncio é o melhor amigo dos poetas*. Essa máxima é um consenso, provavelmente sendo dita em quase todos os saraus e slams pelo Brasil.

Já energizados pelo grito, o *slammaster* explica que o slam é uma competição de poesia falada e que os poetas devem apresentar poemas autorais de no máximo três minutos, não podendo usar adereços ou figurinos. Caso errem ou se percam, é permitido recomeçar e o tempo é zerado. Se estourá-lo, quem está com o cronômetro levanta o braço e este movimento deve ser repetido pelos presentes para indicar ao poeta que ele deve concluir sua apresentação.

⁵ Título da canção composta por Erasmo Carlos e Roberto Carlos, gravada em 1971, por Roberto Carlos.

⁶ O termo cis-heteronormatividade expressa o padrão social hegemônico de gênero e sexualidade e todo o discurso normativo que isso envolve.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Ao final serão avaliados pelos jurados escolhidos entre o público, que dão notas de zero a 10, sendo *10 aquele poema que é 10!* Essas notas podem ser quebradas e são lidas ou repetidas em voz alta pelo mestre de cerimônias e contabilizadas pelo *counter*, que nesse dia foi a jovem Júlia. PretoVivo aproveita para lembrar que “não existe poesia melhor ou poesia pior”. Na hora me veio novamente à memória o poeta Vitu numa das edições do Slam de Perifa, falando que *é a força do poema em performance que faz, ou não, a pele arrepiar e o coração vibrar, sendo este o mais valioso dos critérios da nota.*

Para prosseguir com “esse movimento lindo”, como bem definiu o poeta Braz, PretoVivo apresentou o poema sacrificial para calibragem do júri. Com a força do grito do Slam Griot entoado por DaLagoa, o MC começou cantando a guerra contra favelados e favelas disfarçada de guerra às drogas, e seguiu declamando versos que denunciavam crimes ambientais, a cultura do estupro, o patriarcado e o racismo, convocando artistas independentes a questionarem as formas de se pensar e fazer arte na atualidade.

Durante o Slam Griot, numa *fusão de Malcon e King* e incorporados do *espírito de Elza*, os jovens poetas ocuparam a praça *contrariando as estatísticas*. Entoavam *gritos de justiça*⁷ em narrativas performáticas artesanalmente trabalhadas que foram avaliadas pelo júri, sendo as notas referendadas pelo público com exclamações de *credo* ou *pow pow pow*. Havia classificação, vencedores, mas não hierarquia, e a cada poema declamado, todos ganhavam, porque a poesia que transbordava de um corpo atravessava muitos outros. Tocando, arrepiando, alegrando, indignando, convidando e se transformando numa voz coletiva que preencheu espaços e tomou as ruas.

“Se meus versos te tocam, saiba que é de propósito”, afirmou Igor Braz, poeta que representou a cidade em edições do Slam MG e do Slam BR: Campeonato Brasileiro de poesia falada, ao expor o intuito de sua poesia. Cheios de autoestima e de referência ao amor, às personalidades negras, à luta antirracista, à cultura Hip Hop, à situação política do Brasil, às opressões sofridas, à Juiz de Fora, seus bairros de moradia e aos artistas locais, como RT Mallone⁸, os poetas explodiam na praça expondo suas vivências e posicionamentos diante das

⁷ Os grifos referem-se a versos dos poemas apresentados no slam Griot por Igor Braz, Dona Chapa e Tay, respectivamente.

⁸ RT Mallone é um jovem rapper *cria* do bairro periférico São Benedito, situado na zona leste de Juiz de Fora. Começou a cantar aos 13 anos no programa social Curumim e vem ganhando espaço na cena do Hip Hop nacional com músicas que define como “uma exposição de vivências” (Black, 2018).



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

contradições da realidade. Era um grito coletivo que poderia ser canalizado pela *punch line* do poema declamado por DaLagoa, no qual ele diz: “Parece que não, mas existo”.

No Slam Griot e em outros slams pelo Brasil, os poetas criam espaços próprios de visibilidade e reivindicam sua existência: poder ser, amar e mostrar quem é, sem precisar temer, embranquecer, performar um gênero ou esconder seus orixás. Existências que desde o advento da modernidade são sistematicamente desfiguradas e apagadas, mas também reafirmadas com toda força por sujeitos que trazem em seus corpos marcas históricas que os impelem a enfrentamentos cotidianos e redescobertas (Fanon, 2008). Corpos que unem memórias ancestrais com as vivências atuais, carregando um potente repertório de experiências que são compartilhadas no slam.

Sem o uso de qualquer objeto cênico, os poetas *jogam na roda* suas vidas e raízes, utilizando apenas o corpo implicado de um estilo de existência inventado para comunicar experiências sensíveis e aparecer (Barbosa; Damasceno, 2019). Suas vozes ecoam acompanhadas de posturas e gestos ritmados, ora lentos, ora acelerados, que preenchem o espaço circular durante sua apresentação. Esbanjando vitalidade, bailam cientes da sutileza de sua mandinga, cheios de malícias, encantamentos e feitiçarias. Sorriem, fitam os olhos, seduzem o público com o que expõem, mas também com os silêncios e segredos que guardam. Assim, se revelam através do verso livre da poesia falada, que repercute de corpos tão discursivos quanto os poemas, indicando que as evidências corpóreas estão no centro das experiências estéticas vividas.

Tais corpos são dotados de marcas, camadas interseccionais e vivências, que ao ganharem as praças e ruas para fruírem momentos de alegria, bem-estar e lazer, provocam pequenas e sensíveis rupturas na ordem social e urbana. Deste modo, chamam atenção para si em uma posição que não é a que comumente está nos discursos do senso comum de uma sociedade hierarquicamente estabelecida (Pereira, 2015). Neste ato, mesmo que momentaneamente, o fragmento espacial ocupado muda tão logo os novos sujeitos entram em cena e sua presença naquela espacialidade reverbera, produzindo afetos em quem parou para escutar, nos que estão passando e nos poetas que, num *shot*, compartilham *a dor e a delícia de ser o que é*⁹.

⁹ Trecho da música “Dom de Iludir”, de 1977, composta e interpretada por Caetano Veloso.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

As experiências do slam afetam. Atam os corpos uns aos outros por identificação, solidariedade, ódio ou rejeição, produzindo sensações, gerando curiosidades, bloqueios, ampliando horizontes ou sutilmente deslocando o olhar, apresentando outros modos de ver. Assim, reconfiguram sentidos e nos abrem para o mundo das relações, deixando marcas no espaço e no corpo, traços que embora distintos, estão entrelaçados, pois é pelo corpo que percebemos e interagimos com o espaço e a forma como ele é produzido muda também a nós. Dia após dia, o espaço vai sendo incorporado e imbricado às nossas vivências, passando a nos pertencer. Neste processo, a percepção do espaço e do corpo se torna cada vez mais indissociável, compondo o mosaico de experiências de cada sujeito (Lima, 2007). No slam, essas vivências se tornam públicas quando os poetas expõem sua arte e falam de si, dos seus ancestrais e da sociedade em que vivem, através de poemas fortemente a(r)mados e com uma estética própria, escritos a partir dos concretos e pedras da cidade.

Ao transformarem suas vivências em narrativas e colocá-los em debate na praça, como fez Tay ao relatar em versos a hiper-sexualização das mulheres negras e os medos de sua mãe quando ela sai de casa com determinadas roupas, ou o poeta Braz no poema em que fala do racismo sofrido quando foi se apresentar em um slam na cidade de Três Rios – RJ, ambos na rodada de desempate que definiria o campeão do Slam Griot, os jovens mostram que corpo e espaço estão num constante ressignificar-se a partir da experiência, como indicou Merleu-Ponty (1999).

Os resultados nefastos do racismo e da criminalização da pobreza permeiam suas narrativas e, no caso da poeta Tay, o machismo e a misoginia alteram suas vivências no espaço urbano, não sendo possível pensá-lo sem o corpo e os marcadores da diferença que o atravessam, como gênero, raça, classe, sexualidade, território e idade. Essa leitura nos leva a reconhecer que os jovens são diversos e as juventudes são muitas, a depender das mediações que atravessam suas experiências interseccionadas (Cassab, 2016).

As vivências relatadas e desencadeadas no/pelo slam impactam diretamente o ser jovem de cada um dos poetas. Tay, que em versos se afirma “profeta dessa geração”, gabarita as notas do Slam Griot com um poema oração clamando por justiça para seu povo. Na rodada em que se sagrou vencedora, a poeta faz sua profecia: que “*o conhecimento seja arma da nossa guerra, que a nossa juventude não se limite às celas, que nosso grito de resistência chegue a cada beco e viela e que a tão pregada paz, chegue aos quatro cantos da favela*”.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

Considerações finais

A revelação pública das juventudes negras, periféricas e não cis-heteronormativas no slam, aqui brevemente relatada, mostra que o corpo está encarnado ao espaço e com todos os sentidos experimenta cotidianamente seus ordenamentos, contradições e desigualdades. Também indica que o espaço não existe sem o corpo, que em sua diversidade o habita com ações, afetos, sonhos, temores, deixando nele vestígios e colocando em movimento toda a realização da vida, abrindo-o ao devir. Nesta perspectiva, o corpo é centro do nosso fazer-se como sujeitos e o modo como o vivemos e o concebemos é inseparável da forma como o espaço é social e historicamente produzido. É essa relação, em sua complexidade, que conforma a realidade social (Carlos, 2014). Logo, compreender como esse entrelaçamento vital se dá foi fundamental para ler as geo-grafias tecidas pelos jovens poetas do slam de Juiz de Fora.

Referências bibliográficas

BARBOSA, J. L.; DAMASCENO, I. Reinventando espaços públicos: políticas de si e políticas com muitos outros. In: CAPANEMA, L. A.; BARBOSA, J. L. (Orgs.) **Espaços Públicos Urbanos: das políticas planejadas à política do cotidiano**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

BLACK, C. Os sonhos de RT Mallone, rapper do São Benedito que lança trabalho na internet. **Tribuna de Minas**, 03 abr. 2018. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/03-04-2018/os-sonhos-de-rt-mallone-rapper-do-sao-benedito-que-lanca-trabalho-na-internet.html#goog_rewarded>. Acesso em: 20 mai 2022.

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 18, n. 3, p. 472-486, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/89588>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

CASSAB, C. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, L. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (Orgs.) **A cidade e seus jovens**. Goiânia: PUC Goiás, 2016, p.137-158.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2.ed. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

JUIZ DE FORA, Prefeitura Municipal. Desenvolvimento Territorial. Sistema Municipal de Planejamento do Território. **Região de Planejamento Sudeste**. PJF – site oficial, 2019. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/desenvolvimentodoterritorio/arquivos/2019/mapas_rp_up/tab_rp_sul.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LIMA, E. L. **A reinvenção da corporeidade**: o cotejo entre a tradição moderna e a tradição indígena. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEREIRA, I. D. **Performances estilísticas da umbanda na apropriação do espaço público em Fortaleza-CE**. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

PRÁTICAS ESPACIAIS DE LAZER DE JOVENS NO BAIRRO NAVEGANTES: UMA ANÁLISE QUALITATIVA NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE – RS

Leonardo da Silva Greque Junior
Mestrando em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
leogreque@gmail.com

Juliana Cristina Franz
Professora doutora em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
julianafranz@gmail.com

Victor Hugo Nedel Oliveira
Professor doutor em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
victor.nedel@ufrgs.br

Resumo

Este estudo investigou as práticas espaciais de lazer dos jovens no bairro Navegantes, Rio Grande – RS, a partir de uma abordagem qualitativa baseada na Cartografia Social. O bairro emergiu nas narrativas como central para as atividades de lazer, incluindo socialização, expressões culturais e práticas religiosas. Além do bairro, as orlas da costa rio-grandina e outros bairros também são espaços de lazer para as juventudes do Navegantes. As práticas são influenciadas por condições materiais, vivências urbanas, e desigualdades regionais e de gênero. O estudo destaca a importância de entender as práticas de lazer dos jovens para compreender como os jovens percebem, vivenciam e se apropriam dos espaços urbanos em suas atividades de lazer.

Palavras Chave: Jovens; Práticas espaciais de lazer; Cartografia Social.

1 Introdução

No cenário urbano contemporâneo, as práticas de lazer das juventudes ganham destaque como expressões vivas das dinâmicas sociais, culturais e espaciais das cidades. Em municípios como Rio Grande – RS, a juventude representa uma parcela significativa da população, exigindo uma compreensão qualificada de suas vivências espaciais. O presente estudo propõe-se a investigar as práticas espaciais de lazer dos jovens residentes no bairro Navegantes, explorando as vivências e as interações dos jovens com os espaços da cidade. Partindo de uma abordagem qualitativa, associada a técnica da Cartografia Social (FARIA, 2020), busca-se compreender como os jovens percebem, vivenciam e se apropriam dos espaços urbanos em suas atividades de lazer, identificando os fatores que influenciam suas experiências.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

O bairro Navegantes apresenta características espaciais próprias, embora situado limítrofe da centralidade urbana, contém elementos que o aproxima de uma periferia social, distinguindo-se das periferias espaciais situadas as margens de outras porções do território brasileiro. Conforme é possível observar na Figura 1, o município do Rio Grande – RS possui profunda relação com os ecossistemas aquáticos, em uma zona de confluência entre a Lagoa dos Patos e o oceano Atlântico, assim, estes espaços costeiros constituem as experiências destes jovens, destacando-se a orla da laguna e o Balneário Cassino.

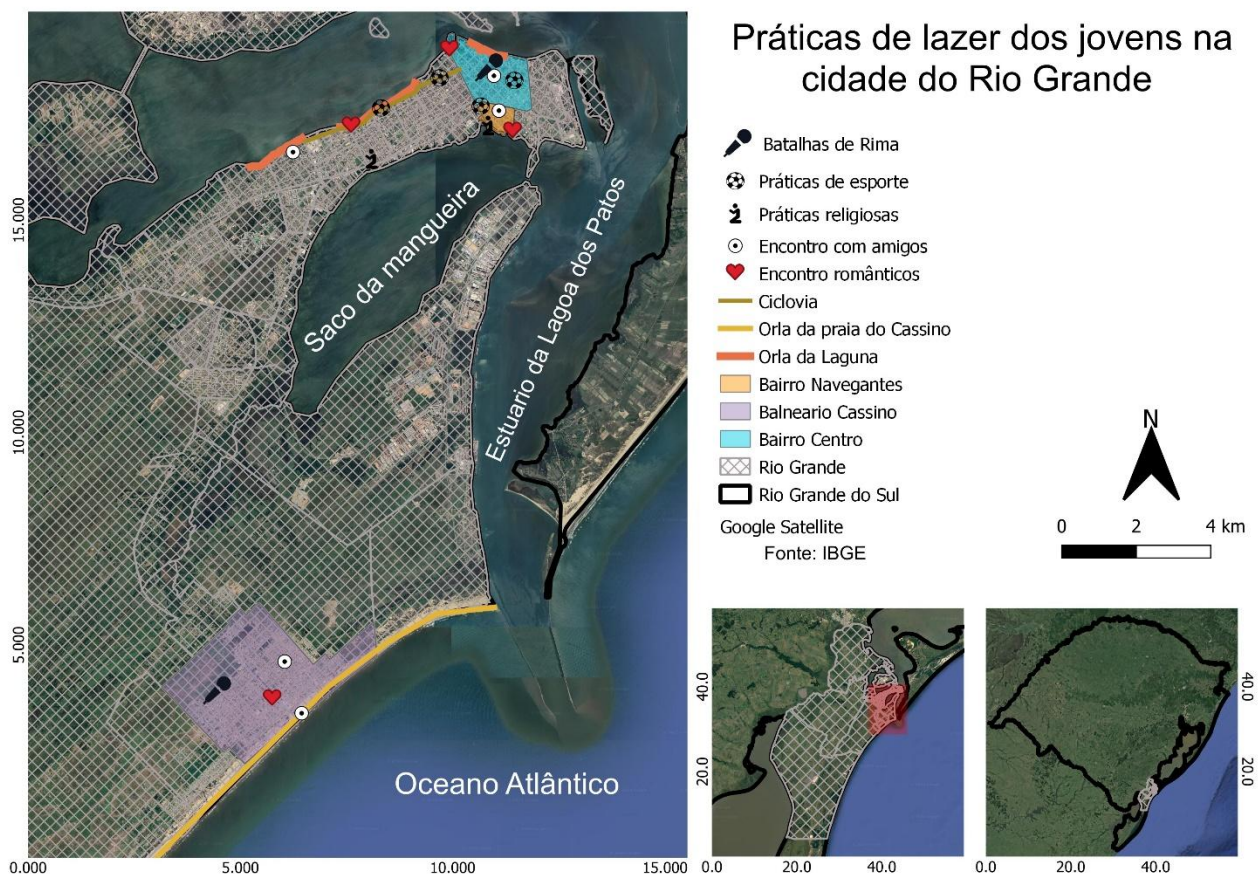


Figura 1 – Práticas de lazer dos/das jovens na cidade do Rio Grande.

Fonte: elaborado pelo autor.

O estudo visa contribuir para o entendimento das complexas relações entre juventude, espaço urbano e práticas de lazer, autores como Benner et al. (2008) compreendem que é “[...] nos tempos livres e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser”, experienciando a liberdade por não estarem sobre a supervisão dos adultos e se encontrarem entre seus pares,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

possibilitando assim a constituição de suas subjetividades coletivas. Mas diversos fatores influenciam na forma como os jovens realizam suas práticas espaciais, promovendo culturas de lazer e do tempo livre desiguais entre os sujeitos.

2 Metodologia

Empreenderemos análises em uma perspectiva qualitativa, para Moreira e Lima (2015) a abordagem qualitativa permite compreender de forma complexa e aprofundada questões subjetivas da vida humana, desvendando, a partir de técnicas apropriadas, os significados e características dos fenômenos investigados.

No intuito de nos aproximar do escopo desta investigação realizamos estudos a priori, estes, realizados a partir da revisão bibliográfica. Para tanto, partiu-se de autores que discutem e investigam os conceitos e temas de interesse da pesquisa. Além disto, realizou-se consulta de fontes secundárias como os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda, buscando ouvir os jovens para compreender as espacialidades das suas práticas de lazer, realizamos uma pesquisa de campo, em que utilizamos da técnica de Cartografia Social. Desta forma, foi possível valorizar os entendimentos dos sujeitos consultados, permitindo entender quais atividades de lazer realizam no seu cotidiano nos espaços da cidade.

Para Faria (2020, p.266) a cartografia social é “[...] um processo de construção de representações. Representação da visão dos sujeitos, na forma como eles enxergam o espaço apropriado e vivido, assim por meio dos diversos materiais cartográficos possíveis, coletivamente os sujeitos representam o território”. Logo, a utilização desta técnica permitiu que os jovens fossem participantes ativos da construção dos mapas que os representavam, refletindo de forma coletiva sobre suas espacialidades cotidianas.

3 Resultados e Discussões

No município do Rio Grande – RS, de acordo com os dados do Censo de 2022 do IBGE (IBGE, 2023), residem 191.900 pessoas sendo a população jovem entre 15 e 29 anos de idade 21,02% do total, destes 50,29% são mulheres e 49,71% homens. Assim, a significativa participação juvenil na população rio-grandina estabelece a iminência de ouvir essas



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

juventudes, para a partir de suas próprias reflexões indicar e pensar outras possibilidades de experiências em especial para as juventudes periferizadas.

Dessa forma, a utilização da técnica de Cartografia Social possibilitou a promoção da escuta e do protagonismo dos jovens quanto a elaboração de mapas que representassem suas espacialidades. Buscamos entender as suas práticas espaciais de lazer dentre as diversas esferas da vida social, nesta direção, as reflexões sobre as práticas dos agentes se cristalizam na dimensão do vivido, nas práticas cotidianas das pessoas. Assim, nas sociedades capitalistas as cidades e o urbano surgem mediados pelos meios de produção, nos mobilizando a pensar as formas como os sujeitos experienciam as cidades, quais suas vivências e práticas espaciais (CARLOS, 2004). Desta forma, ao discutir a cidade Carlos (2004, p.7) aponta as práticas socioespaciais como o “[...] modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação”, estas práticas estão relacionadas com as possibilidades materiais e, conseqüentemente, espaciais as quais os jovens estão inseridos.

Assim, as diferentes realidades dos jovens sujeitos irão promover relações desiguais com os espaços da cidade. Contudo, precisamos entender as juventudes que vivem em periferias urbanas como sujeitos plurais, com diferentes modos de ser e de existir. Estes jovens sujeitos que herdaram as materialidades da desigualdade que constitui as sociedades capitalistas, encontram dentro de seus contextos e realidades formas de (re)existir às ações capitalistas que tentam homogeneizá-los e criminalizá-los por possuírem características culturais diferente daqueles que vivem nas centralidades urbanas, ou seja por não viverem dentro do padrão cultural das classes dominantes.

Autores como Benner et al. (2008) indicam que tais desigualdades irão refletir nas formas como os sujeitos realizam as atividades de lazer e empreendem seu tempo livre. Ao analisar uma pesquisa a nível nacional sobre o lazer de jovens, os autores apontam que existem diversas intersecções estruturais que influenciam, condicionam e tornam desigual o exercício do lazer. As questões ligadas as espacialidades nas quais os jovens estão inseridos são concebidas como centrais para pensar as culturas de lazer e do tempo livre destes sujeitos, dentre estas questões estão os elementos como as condições materiais, a vivência em espaços urbanos ou rurais, a desigualdade regional e de gênero (BENNER et al., 2008).

Nesse sentido, as atividades de lazer apresentam um caráter lúdico, possibilitam que os jovens tenham felicidade ao vivencia-las. Dessa forma, estas práticas permitem que os jovens



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

passem a se compreender como indivíduos autônomos e ainda elaborem suas subjetividades e representações dentro de um grupo. Nesse contexto, Abramo (1994) compreende o lazer como uma dimensão significativa para as/os jovens, pois trata-se de um momento importante para o desenvolvimento da sociabilidade, da constituição identitária individual e coletiva, frequentemente entre seus pares e afastados da tutela dos adultos.

No desenvolvimento da técnica de cartografia social no recorte territorial do bairro Navegantes - Rio Grande, foi possível compreender em quais espaços da cidade os jovens transitam e onde realizam as atividades de lazer conforme a Figura 1, possibilitando construir, dessa forma, o repertório espacial de suas práticas de lazer a partir do bairro Navegantes, mas que muitas vezes extrapolam estes limites. No emprego da técnica compreendemos que para todos os participantes da pesquisa o bairro onde moram, o Navegantes, mostrou-se como uma dimensão significativa de suas experiências juvenis. Estes jovens destacam que as práticas de lazer são frequentemente realizadas no Navegantes, assim como em outras espacialidades. Na Figura 2 observamos as atividades entendidas como de lazer pelos jovens que frequentemente ocorrem no bairro, sendo os momentos de socialização com seus amigos e parceiros românticos, eventos como batalhas de rimas, sair para comer, práticas de esporte e a prática religiosa – dentre os participantes da pesquisa, apenas as religiões de matriz africana foram apontadas.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

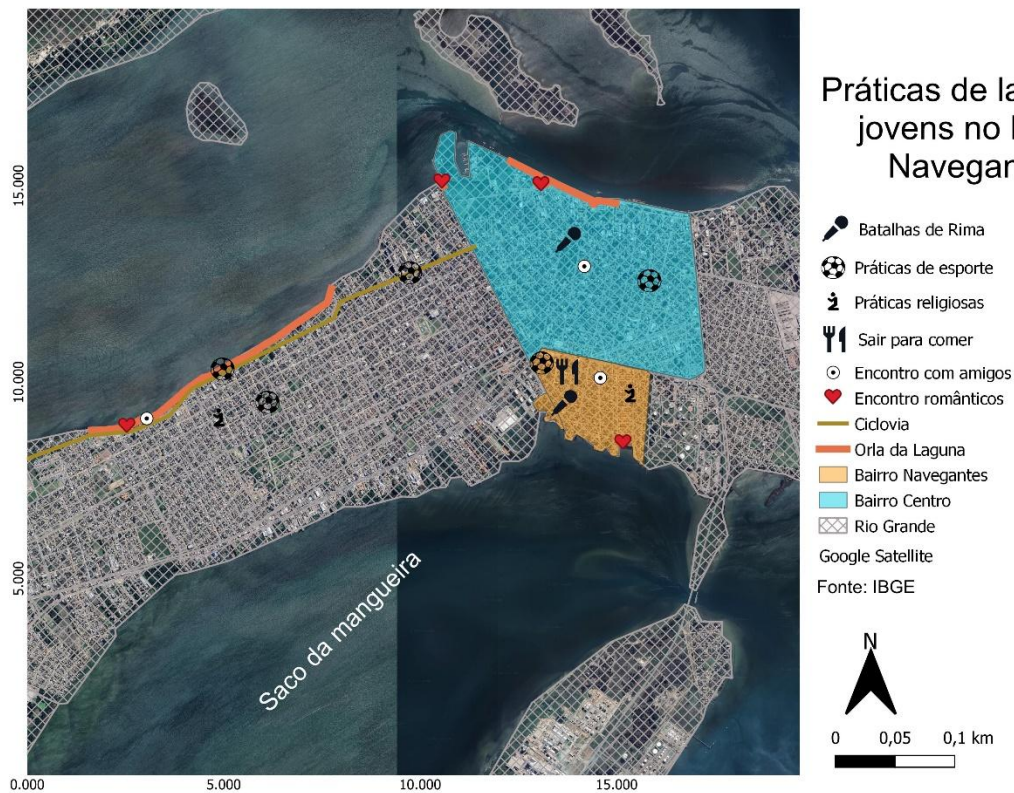


Figura 2 – Práticas de lazer dos jovens no bairro Navegantes.

Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto as práticas de lazer realizadas em outros espaços da cidade, representadas na Figura 1, destaca-se a relação dos jovens com as orlas da costa rio-grandina, tanto da laguna quanto na orla da praia. Os eventos artísticos como as batalhas de rima também são realizados em outros bairros da cidade como no Centro e no Cassino. Assim, percebemos que não existe uma homogeneidade na forma como eles realizam suas práticas de lazer e experiências espaciais, tão pouco suas vivências de juventudes serão as mesmas haja visto que existem diferenças significativas na configuração da própria periferia onde residem.

4 Considerações finais

O estudo realizado buscou compreender as práticas espaciais de lazer de jovens residentes no bairro Navegantes, no município do Rio Grande – RS. Através da abordagem qualitativa e da técnica de Cartografia Social, foi possível não apenas mapear as atividades de lazer desses jovens, mas também entender os elementos que influenciam em suas experiências cotidianas. Os resultados indicaram o bairro Navegantes como central para as experiências de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

lazer dos jovens pesquisados, servindo como um espaço de socialização, práticas de esportes e práticas religiosas. No entanto, as práticas de lazer não se limitam apenas ao bairro, estendendo-se também às orlas da costa rio-grandina e outros bairros da cidade, como o Centro e o Cassino.

Desta forma, ressalta-se que as práticas de lazer dos jovens são influenciadas por diversos fatores, incluindo as condições ambientais, materiais, a presença de espaços públicos pensados para o lazer, além das desigualdades regionais e de gênero. Essas práticas proporcionam momentos de felicidade e autonomia entre seus pares, contribuindo para o desenvolvimento da sociabilidade, da constituição identitária individual e coletiva dos jovens.

Portanto, compreender as práticas espaciais de lazer dos jovens é fundamental para identificar as necessidades, interesses e potencialidades dessa população, permitindo assim a formulação de políticas públicas e ações voltadas para o fortalecimento e valorização das experiências de lazer dos jovens, especialmente aqueles que vivem em contextos periféricos e enfrentam maiores desafios e desigualdades.

Referências

ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**. São Paulo, SP: Scritta, 1994.

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. **Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre**. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil/Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 29-44. 218 p.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

FARIA, A. P. **Reflexões sobre cartografia social: comunidades tradicionais na luta por direitos e valorização**. Fórum nacional Nepeg, X, Brasil, 10 ed., p. 261-269, 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 29 mar. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

LIMA, M. D. S. B.; MOREIRA, É. V. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.37, v.2, p.27-55, ago./dez. 2015.

Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva. **Tempo social**: Rev. sociol., São Paulo, SP, p. 161-178, 1994. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ts/a/xLgFHwygFgGSQ8HG9d_bpwp/abstract/?lang=pt. Acesso em: 29 abr. 2024.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

REFLEXÕES GEOGRÁFICAS SOBRE O PROGRAMA JOVEM APRENDIZ

Diomario da Silva Junior
Doutorando em Educação – UFRRJ
diomariosilvajunior@gmail.com

Vinícius de Luna Chagas Costa
Doutor em Educação – UFF
viniciusgeografo@gmail.com

Resumo

Este artigo se propõe a uma análise das questões que envolvem as políticas de trabalho e renda no âmbito das juventudes, buscando estabelecer uma conexão entre o mercado de trabalho e as relações raciais. Num primeiro momento, faremos um resgate histórico dessa política que se sedimentou ao longo do séculos XX e XXI, identificando suas premissas e relevância. Num segundo momento, identificaremos a potencialidade da questão racial no mercado de trabalho e a análise de dados sobre esta camada da população. Procuramos desta forma desvelar o Programa Jovem Aprendiz sob perspectiva geográfica, ao reconhecer a atualidade das questões referentes as juventudes.

Palavras-chave: Programa Jovem Aprendiz, Juventudes, Trabalho.

Introdução

O Programa Jovem Aprendiz (PJA) foi regulamentado pela Lei Nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, tem como premissa a “formação técnico-profissional” (art. 428 §4º) de jovens com faixa etária a partir de 14 até 24 anos. Esta investigação partiu da observação do cotidiano das escolas públicas na cidade do Rio e Janeiro e observamos que jovens matriculados nesse contexto são formados e instrumentalizados a participarem do Programa Jovem Aprendiz. O processo de seleção, assim como as origens da legislação até chegar à Lei de Aprendizagem, assim como quais jovens são selecionados para participar do Programa e em quais atividades são preparados para a futura entrada como profissionais no mercado de trabalho são cerne dessa investigação. Vale ressaltar que a pesquisa apontou para a existência da diferenciação racial em relação a efetivação dos jovens no programa, indicando a necessidade de uma discussão de uma política específica para a juventude negra e o trabalho.

Nossa intenção, como professores que atuam com juventudes e devido ao compromisso com essa pauta, foi descrever através da pesquisa os caminhos históricos da legislação e decretos governamentais que regulam educação, juventude e mercado de trabalho no Brasil, assim como demonstrar como as organizações internacionais fazedoras de reflexões



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

e pesquisas sobre juventude e trabalho, pensam o melhor caminho para a vida das juventudes e propõem medidas a serem tomadas pelos seus associados. Descortinamos o Programa Jovem Aprendiz buscando o entendimento do processo de implementação, seleção e as garantias dadas aos seus participantes e o interrogatório para analisar se existe uma reprodução das condições em relação a inserção ao mercado de trabalho dos processos comuns, onde ser cego a cor se faz presente. Por ser o programa uma política pública de amplitude nacional, a questão racial deve ser presente em função da quantidade de negras/os no país. É necessário salientar que o Programa Jovem Aprendiz merece um estudo por ser uma primeira oportunidade de entrada no mundo do trabalho formal/profissional para seus participantes, contribuindo, em teoria, na qualificação da mão de obra a ser utilizada no país.

A partir da exposição, entendemos que as investigações deste trabalho são uma ação teórica e militante pelo reconhecimento das questões raciais no Brasil, onde a luta deve e é constante na prática de desvelar, apontar e problematizar a desigualdade e a discriminação racial existente em nossa sociedade.

O entendimento passa sempre pela violência e cultura com pouca ou quase nenhuma discussão sobre a relação da centralidade do trabalho para esse grupo social. Apesar da discussão de MARGULIS e URRESTI (1996) sobre a juventude e a sua moratória vital, representada pela condição de energia física e a moratória social, condição de preparação para uma vida adulta, onde o tempo para a formação escolar é relevante na sua inserção no mundo do trabalho.

Compreendemos que a grande parcela da juventude negra não é possuidora da condição de aproveitar a moratória social, pois trabalha na sua grande maioria desde cedo para reduzir a vulnerabilidade econômica, o que acaba interferindo na sua formação escolar, contribuindo para a sua entrada de forma precária no mundo do trabalho.

Ao longo deste artigo, investigaremos os caminhos que estruturam a relação educação e trabalho, tendo como objeto principal a inserção dos jovens no mundo do trabalho até chegar ao Programa Jovem Aprendiz. Pesquisaremos ainda os caminhos constitucionais, assim como os decretos presidenciais que servem como suporte para a lei de aprendizagem, base para existência do programa.

Considerando o processo social no Brasil que marginaliza as pessoas negras, daremos enfoque sobre as correntes teóricas que estudam juventude, de maneira a definir problematizar



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

as visões sobre a juventude brasileira a partir das produções existentes, que desconsideram as diferenças – no caso, referentes à questão racial.

O que se percebe é que fazer uma política antirracista é pensar de forma estrutural. Por isso, pretendemos analisar as invisibilidades dos jovens negros no mercado de trabalho, tendo como referência os cientistas sociais que produzem pesquisas na tentativa de demonstrar o processo explícito de desigualdade e discriminação racial na relação emprego e renda, sem que a sociedade repense essa realidade cruel atingindo cotidianamente a população negra, por isso a questão racial é central neste trabalho. Existe a necessidade de compreender o território ocupado por estas juventudes.

1. Políticas para trabalho e renda para a juventude

Nossa intenção aqui foi o de descrever os caminhos da legislação e decretos governamentais que regulam educação, juventude e mercado de trabalho no Brasil, assim como demonstrar como as organizações internacionais fazedoras de reflexões e pesquisas sobre juventude e trabalho, pensam o melhor caminho para a vida das juventudes e propõem medidas a serem tomadas pelos seus associados. Descortinamos o Programa Jovem Aprendiz buscando o entendimento do processo de implementação, seleção e as garantias dadas aos seus participantes. Por ser o programa uma política pública de amplitude nacional, a questão racial deve ser presente em função da quantidade de negras/os no país.

Salientamos que o Programa Jovem Aprendiz merece um estudo por ser uma primeira oportunidade de entrada no mundo do trabalho formal/profissional para seus participantes, contribuindo, em teoria, na qualificação da mão de obra a ser utilizada no país. Estar vinculado ao programa, regulamentado pela Lei 10.097/2000, garante todas as condições previstas nas leis trabalhistas em vigor no país, tais como: registro na carteira de trabalho, férias, depósito de Fundo de Garantia, auxílio transporte, tratamento médico, salário proporcional às horas de trabalho, além de garantir ao jovem aprendiz principalmente o respeito ao horário escolar. É capital que não haja sobreposição entre o período de atividade de trabalho com o horário escolar, sendo a escola formal uma prioridade para os membros do projeto.

Para pensarmos o encontro entre juventude, educação e trabalho com o objetivo de



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

entender a construção do Programa Jovem Aprendiz, resgatamos a linha que a história oferece, não de forma linear como ela se apresenta em determinadas análises, mas com a finalidade de apontar as condições que proporcionaram a construção e efetivação do programa. Dentro dessa perspectiva busco entender como na História brasileira a relação do saber com o poder e do poder com o saber infere na legislação as ideias de juventude, educação e trabalho.

A trajetória do que estudo, onde juventude, educação e trabalho dialogam, e na condição de educador que entende a educação como um dos fatores centrais para o desenvolvimento de um país, parto esta investigação de como a temática juventude vai sendo inserida na estruturação do sistema educacional brasileiro. Tal análise conduz a Constituição Federal de 1934, que foi outorgada durante o governo provisório, pós revolução de 1930, que consta pela primeira vez um capítulo específico sobre educação, inserido no título que tratava da família, da educação e da cultura.

Destacamos que o período dos anos 30 do século XX, marca o desenvolvimento do processo da industrialização brasileira, havendo a necessidade de maior qualificação de trabalhadores pela demanda crescente de mão de obra para produzir e atender as necessidades do Brasil, como nos aponta os trabalhos de Dean (1985), Mendonça (2004), Mamigonian (2000) e Cunha (2000). Neste sentido as escolas de aprendizes se encaixam na condição de carência de trabalhadores do setor de bens de consumo imposta pelo prenúncio da Segunda Guerra Mundial, a produção interna deverá se desenvolver.

No governo do presidente Eurico Gaspar Dutra a aprendizagem teve uma ampliação que se mostra através do Decreto-lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Assim como o SENAI, essa instituição tem a função de qualificar profissionalmente os brasileiros para serviços ligados ao comércio e afins, tendo como responsável pela sua manutenção financeira, fundos oriundos da Confederação Nacional do Comércio (CNC).

A Constituição Federal continuou deixando a elaboração das questões envolvendo juventude e trabalho, sobre os cuidados do Ministério da Educação e não como na atualidade, onde o Ministério do Trabalho e Emprego apresenta a centralidade sobre a questão, sem realizar um diálogo com o Ministério da Educação. Esta questão é central para promover as responsabilidades sociais, das políticas públicas capazes de atender os anseios de trabalho e



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

educação da juventude, que segundo pesquisas da Secretaria Nacional de Juventude⁹ são os mais importantes. No Brasil, o processo de qualificação do jovem, é construído pelo Estado através do modelo da escola de aprendizagem ligada ao comércio e a indústria, e com padrões etários flutuantes para a sua inserção no mundo do trabalho.

1.1 Ser jovem aprendiz no século XXI

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população jovem brasileira no ano de 2000 era de aproximadamente 37.658.227 milhões de habitantes na faixa entre 14 a 24 anos. Esses dados demonstram a necessidade de políticas públicas voltadas para jovens.

Desta forma, agindo em consonância com as propostas dos organismos mundiais, onde políticas voltadas para atender as demandas da juventude tornaram-se pautas relevantes, o governo do presidente da República Fernando Henrique Cardoso, sanciona a Lei 10.097 de 19 de dezembro de 2000. Esta lei que altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, vai ter várias denominações: Lei do Aprendiz, Lei do Menor Aprendiz, Lei do Jovem Aprendiz ou Lei do Aprendiz Legal. A responsabilidade de execução e fiscalização desse regime jurídico fica ao encargo do Ministério do Trabalho e Emprego.

Em relação ao exposto pela lei 10.097/2000 e a sua aplicação prática, caberia ao Ministério de Trabalho e Emprego fiscalizar o cumprimento dessa normativa jurídica federal, a partir da sua inspetoria do trabalho, sendo também parte dos seus atributos encaminhar relatórios ao Ministério Público do Trabalho – MPT, afim de realizar providências legais cabíveis as empresas descumpridoras das normativas percentuais, assim como a não afetiva qualificação e quaisquer procedimento discriminatório no processo de seleção para a condição de aprendizagem, em função da lei explicitar o direito de todos, sem discriminação de raça, cor, gênero ou condição socioeconômica.

Diante do exposto, em relação ao programa, e tendo o fator equidade nas escolhas, e as burlas dos que são cegos a cor, destaco o decreto número 9.427 da presidência da República, do dia 28 de junho de 2018, que estabelecia a reserva de 30% de vagas de estágios e aprendizes para negros na administração pública, nas sociedades de economia mista controladas pela União, tais como: Caixa Econômica Federal, Petrobras e Banco do Brasil,



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

assim como em suas autarquias e fundações públicas. A necessidade deste decreto presidencial teve a ver com a questão em relação a isonomia nas contratações onde a questão racial não é relevante, por acreditarem no universalismo das oportunidades. Os parâmetros são dados: isonomia. Infelizmente a pesquisa não conseguiu dados conclusivos sobre burlas, desvios que firmam a isonomia nas seleções desses jovens aprendizes.

O decreto presidencial é um ato administrativo que tem como função complementar uma lei, só sendo utilizado em função específica, logo, ao reservar vagas para negros na administração pública de âmbito federal, buscou-se dar o que a prática não vinha conseguindo, segundo o poder executivo, garantir isonomia nos seus quadros de vaga para aprendizes e estagiários. Negros/as merecerem tratamento diferenciados.

Assim como o Governo Federal, e em convênio a Coordenadoria de Infância e Juventude da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro com o Departamento Geral de Ações Socioeducativas – DEGASE, no seu quadro de vagas para jovem aprendiz, priorizou jovens cumpridores de medidas socioeducativas, na tentativa de compor uma nova possibilidade para os jovens infratores. Na sua efetivação conseguiu que 150 jovens em medidas socioeducativas fossem inseridos no programa de qualificação profissional na condição de jovem aprendiz. Pois bem, de uma população de aproximadamente de 2.075 jovens, apenas 7% conseguiram estar vinculado ao programa, condição que pode servir como orientação a um novo caminho para sua vida, não só na perspectiva profissional, mais também na busca de uma melhor escolarização formal, condição que fundamenta a participação no PJA, a relação formação profissional/escola formal.

A partir das informações coletadas e seguindo padrões numéricos estabelecidos pela legislação de aprendizagem, entre 5% e 15% dos empregados da empresa deveriam estar na condição de jovens aprendizes. Teríamos entre 2.596.962 a 5.193.925 milhões de vagas a serem ocupadas na condição de jovem aprendiz, representando um quantitativo maior se comparado com a quantidade apresentada na tabela do Ministério da Economia. Porém no ano em que a pesquisa foi realizada (2017) foram contratados 386.212 mil jovens na condição de aprendizagem. Concluímos que as empresas não estão cumprindo o estabelecido por lei, onde a desinformação do programa em função da sua pouca divulgação, e a oferta de vagas depreciadas reduzem a amplitude numérica do programa.



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

2. A questão racial na estruturação do mercado de trabalho

Queremos discutir questões que relacionem trabalho, classe e raça na estruturação do mercado de trabalho no Brasil. Aborda a importância da questão racial na estruturação das relações sociais e do mercado de trabalho, e como, as correntes teóricas mais influentes menosprezaram esse fator.

O enfoque tem como prerrogativa a relação do mercado de trabalho e a questão racial, como um aporte importante para entender estruturação das desigualdades sócio raciais presentes nesta sociedade.

Na busca de compreender e analisar o impacto do preconceito, da discriminação e das desigualdades raciais, tão arraigados no senso comum da vida social em nosso país, sobre o PJA, é importante discutir algumas correntes da Teoria Social. Porque é comum no Brasil se esforçarem em analisar os processos histórico-geográficos, políticos, econômicos e culturais, desconsiderando quase totalmente a questão racial, deixando lacunas sobre os vantagens e desvantagens conforme as graduações de cor e outras características físicas.

Nesta linha reflexiva está o trabalho de Octávio Ianni, intitulado Raças e Classes Sociais no Brasil, um dos trabalhos que assume dentro do debate da Teoria Social que o conceito de raça é fundamental para se analisar as desigualdades estruturais da sociedade brasileira. Evidencia que a questão racial é a premissa do entendimento de o que é o Brasil:

Para conhecer a história política do Brasil, é indispensável conhecer também a história social do povo brasileiro. A maneira pela qual se relacionam os grupos e as classes sociais é uma dimensão fundamental da realidade política. (IANNI,2010, p.1)

Após a abolição a inserção do negro na sociedade de classe será lenta. As novas condições socioeconômicas favorecem a valorização do trabalho do imigrante branco, condição fortalecida por uma ideologia de classe que vai além da relação entre proprietário dos meios e instrumentos de trabalho e dos detentores da força de trabalho. A linha de cor vai tipificando as escolhas dos trabalhadores. Na escolha de incrementar a imigração branca no pós abolição se consolida a tendência histórica da desigualdade racial na estruturação do mercado de trabalho brasileiro.

Analisar o desenvolvimento do mercado de trabalho e da sociedade brasileira considerando apenas a questão das classes sociais é pensar a questão sem a profundidade



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

necessária, pegando apenas uma variável, mesmo complexa, porém não capaz de ampliar a visão das raízes e da perpetuação das desigualdades sociais e raciais. Quando os pobres brancos apresentam um rendimento superior aos pobres negros, fica evidente ser a questão racial uma variável importante para entender a atual condição dessa população negra que segundo o IBGE, é a maioria no Brasil, passando de 53% - isso contabilizando apenas os auto declarados, sem considerar a imensa “massa” afrodescendente pressionada a esconder suas origens, devido ao racismo.

Nas últimas décadas do século XX a educação básica, no Brasil, vem sendo universalizada, porém o acesso ao sistema educacional da juventude negra ainda não está estudado através dos dados de forma consistente. Entretanto a sua produção cultural é problematizada e reconhecida. Com a Lei 10.639/03 o ser negro nas instituições educacionais foi fortalecido. Acreditamos ser necessário pensar os desiguais como desiguais, num profundo trabalho de sensibilização.

Considerações Finais

Ainda que seja importante para o maior segmento social do país a política pública construída a partir da promulgação da Lei de Aprendizagem, a aplicação do PJA pode ser vista como uma maneira de controlar aquele segmento das juventudes, pois reproduz condição da empregabilidade para jovens pobres, a educação técnico/profissional – jovens de classe média e alta ficam livres para a emancipação cultural via educação. A juventude pobre fica com o seu horizonte limitado, reproduzindo a condição comum de filho de operário, para ser operário.

Por representar o programa a possibilidade de trabalho e renda, pautas levantadas em todos os movimentos de juventudes, porém a possibilidade de emancipação via educação fica comprometida. Entendemos que jovens devem ter o tempo de escolarização para transcorrer sem atropelos e mudanças de foco, o PJA coloca a juventude na condição de uma dupla jornada, onde conciliar trabalho/escola é uma realidade complexa para a sua formação mais ampla, pensando no futuro profissional. A força da sociedade do capital absorve as atenções dos que buscam formação técnico/profissional, mas não fortalece a busca por uma formação escolar capaz de abrir horizontes.

Ao determinar uma faixa etária na inserção ao programa, o sistema busca seguir aos



I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

21 a 23 de maio de 2024

padrões estabelecidos pelos organismos internacionais, que problematizam a questão do trabalho infantil, e garante também as condições legais registrada na CLT. É importante refletir que a função do Estado de garantir a formação dos seus jovens é transferida ao setor profissional, na condição de Jovem Aprendiz, responsabilizando-os pelo trabalho. E vale reafirmar: essa condição atinge apenas as juventudes pobres, em sua maioria negra. Porém o programa não alcança nem reduz a informalidade dos trabalhos da juventude.

Pensar nessas juventudes atendidas pelo programa nos conduziu a refletir sobre as condições de inserção dos jovens negros. Como política pública poderia ter na sua execução a questão da ação afirmativa, tendo em vista a quantidade de jovens negros na busca por trabalho, segundo o IBGE, são os que apresentam os maiores indicadores de desemprego no país. A insuficiência de dados foram impeditivos para quantificar precisamente a presença negra na condição de aprendizagem, em função da falta de informação pelos organismos estatais responsáveis por fiscalizar a execução do programa.

A partir desse trabalho afirmamos que ampliação da divulgação da lei de aprendizagem, assim como mais atenção e valorização dos estudos sobre educação-trabalho nos meios acadêmicos ligados à educação representaria contribuição inestimável para melhor formação e para melhores escolhas das juventudes brasileiras. Certamente não resolveria os problemas do seguimento social majoritário do país, mas representaria um caminho.

Referências bibliográficas

CUNHA, L. A. O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização. São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

DEAN, W. A Industrialização de São Paulo: Editora Difel, 1985.

IANNI, O. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. Florianópolis: Editora UFSC, 2000.

MARGULLIS, M. y URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura [at al.]. La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996, pág. 13-30.

MENDONÇA, S. R. A Industrialização Brasileira. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

ANAIS DO I SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PESQUISA COM JUVENTUDES NA GEOGRAFIA

Organização

Victor Hugo Nedel Oliveira

Clarice Cassab

Mário Pires Simão

Nécio Turra Neto

Jorge Luiz Barbosa

2024

Descubra as perspectivas inovadoras e as análises que emergem das pesquisas mais recentes sobre juventudes e suas espacialidades contemporâneas!

O I Seminário Brasileiro de Pesquisa com Juventudes na Geografia reuniu acadêmicos, estudantes e pesquisadores de todo o Brasil para debater e compartilhar conhecimentos sobre as complexas dinâmicas que moldam as vidas das juventudes no contexto geográfico atual.

Neste volume dos anais, você encontrará uma coleção diversificada de resumos expandidos, apresentados por estudantes de graduação e pós-graduação, que refletem a vitalidade e a inovação das investigações acadêmicas na área. As discussões promovidas pelos grupos de trabalho e as mesas-redondas oferecem contribuições sobre as trajetórias juvenis e as desigualdades espaciais, culturais e sociais que permeiam suas experiências.

Este seminário é um testemunho do compromisso contínuo com a construção coletiva de saberes e a promoção de debates que ultrapassam fronteiras acadêmicas.

Aprofunde-se nas Geografias das Juventudes e contribua para a compreensão das realidades juvenis no Brasil. Esta obra é uma leitura essencial para todos os interessados em explorar as intersecções entre juventude, espaço e Geografia.

